PROJETO INTEGRADO DE GERENCIAMENTO DAS RODOVIAS ESTADUAIS DA BAHIA

ACORDO DE EMPRÉSTIMO Nº: IBRD 7411-BR

PROGRAMA DE RESTAURAÇÃO E MANUTENÇÃO DE RODOVIAS - PREMAR

Bahia
TERRA DE TODOS NÓS
GOVERNO DO ESTADO

Deracs

PLANO DIRETOR DE LOGÍSTICA DE TRANSPORTES DO ESTADO DA BAHIA

PDLT - BA



3º Relatório
Estudos Econômicos – Tomo I

WORLD BANK

transplan
planejamento e projetos s.a

CONCREMAT
engenharia

APPE
ASSESSORIA PARA PROJETOS ESPECIAIS

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

Jaques Wagner
Governador

Otto Roberto Mendonça de Alencar
Vice-Governador

SECRETARIA DE INFRAESTRUTURA DO ESTADO DA BAHIA

Otto Roberto Mendonça de Alencar
Secretário

Marcus Benício Foltz Cavalcanti
Chefe de Gabinete

SUPET - SUPERINTENDÊNCIA DE TRANSPORTE

Ivan Carlos Alves Barbosa
Superintendente

Maria Amélia Pompeu do Amaral
Diretora de Intermodalismo

Mateus da Cunha Dias
Coordenador de Logística

DERBA - DEPARTAMENTO DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES DA BAHIA

Saulo Filinto Pontes de Souza
Diretor Geral

Luiz Sergio Cordeiro de Oliveira Martins
Diretor Adjunto

Siglas

AALP - Área de Apoio Logístico Portuário

ABRAF - Associação Brasileira de Produtores de Florestas Plantadas

ADAB - Agência Estadual de Defesa Agropecuária da Bahia

AIBA - Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia

ANP - Agência Nacional de Petróleo

BAHIAGÁS - Companhia de Gás da Bahia

BAMIN - Bahia Mineração

CCI - Carros Contraincêndio

CDCAN - Centro de Distribuição de Candeias

CEPEDI - Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico em Informática e Eletroeletrônica de Ilhéus

Chesf - Companhia Hidro Elétrica do São Francisco

CIF - Cost, Insurance and Freight (Custo, Seguro e Frete)

CODEBA - Companhia das Docas do Estado da Bahia

COELBA - Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento

COPEC - Complexo Petroquímico de Camaçari

Copene - Companhia Petroquímica do Nordeste

DENATRAN - Departamento Nacional de Trânsito

DNPM - Departamento Nacional de Pesquisa Mineral

EADI - Estações Aduaneiras Interiores

EBDA - Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S.A.

EPE - Empresa de Pesquisas Energéticas

ETBE - Etil Térsio Butil Éter

FECOMERCIO-BA - Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado da Bahia

FIEB - Federação das Indústrias do Estado da Bahia

FIESP - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo

FIOL - Ferrovia de Integração Oeste-Leste

FPSO - Floating Production Storage and Offloading (Unidade Flutuante de Produção, Armazenamento e Transferência)

Fundeagro - Fundo para o Desenvolvimento do Agronegócio do Algodão

GASCAC - Gasoduto Cacimbas-Catu

GASENE - Gasoduto de Integração Sudeste Nordeste

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMS - Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IEA - Instituto de Economia Agrícola

INETI - Incubadora de Empresas de Base Tecnológica de Ilhéus

INFRAERO - Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária

IPCA - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo

OIE - Oferta Interna de Energia

PAC - Programa de Aceleração do Crescimento

PELT - Programa Estadual de Logística e Transportes

PETROBRAS - Petróleo Brasileiro S.A.

PIB - Produto Interno Bruto

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNLT - Plano Nacional de Logística e Transportes

PPA - Plano Plurianual

PPP - Parcerias Público-Privadas

PRGAP - Programa Federal de Apoio à Regularização e Gestão Ambiental Portuária

Proalba - Programa de Incentivo à Cultura do Algodão na Região Oeste da Bahia

PRODETUR - Programa de Desenvolvimento do Turismo

RA - Regiões Administrativas

RDC - Regime Diferenciado de Contratação

RENAVAN - Registro Nacional de Veículos Automotores

RevPar - Revenue per Available Room (Receita por Apartamento Disponível)

RLAM - Refinaria Landulpho Alves

SAM - Sul Americana de Metais

SEAGRI - Secretaria de Agricultura e Desenvolvimento Rural

SEI - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

SEINFRA - Secretaria de Infraestrutura

SEPLAN - Secretaria do Planejamento

SETUR - Secretaria do Turismo do Estado da Bahia

SICAF - Sistema de Cadastramento Unificado de Fornecedores

SICARM - Sistema de Cadastro Nacional de Unidades Armazenadoras

SICM - Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração

SINET - Sistema Nacional de Estatísticas de Trânsito

SNIC - Sindicato Nacional das Indústrias de Cimento

Sudene - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

SUDIC - Superintendência de Desenvolvimento Industrial e Comercial

TECA - Terminais de Logística de Carga

TECON - Terminal de Contêiner

TEMADRE - Terminal Aquaviário de Madre de Deus

TERCAM - Terminal Intermodal de Camaçari

TGL - Terminal de Granéis Líquidos

TIBA - Teminal Intermodal da Bahia - Simões Filho

TPC - Terminal Portuário Cotegipe

ZPE - Zona de Processamento de Exportação

Quadros

Quadro 1 - Polos Industriais da Bahia 21
Quadro 2 - Crescimento Real do PIB Estadual (base 100 = 2002) 22
Quadro 3 - Crescimento Real do PIB Per Capita Estadual (base 100 = 2002) 23
Quadro 4 - Indicadores Sociais 27
Quadro 5 - Evolução do Número de Municípios na Bahia 32
Quadro 6 - Regiões de Influência Urbana - Bahia, 1991 34
Quadro 7 - Regiões Econômicas - Bahia 35
Quadro 8 - Territórios de Identidade - Bahia 39
Quadro 9 - População Residente, Por Domicílio e Sexo, Segundo o Brasil, Região Nordeste e Bahia - 1991/2000/2010 50
Quadro 10 - População Residente nos Territórios de Identidade da Bahia - 1991/2000/2010 52
Quadro 11 - Urbanização nos Territórios de Identidade 54
Quadro 12 - Densidade Demográfica nos Territórios de Identidade - 2010 55
Quadro 13 - Composição da População Residente, Por Grupos de Idade, no Brasil, Nordeste e Bahia - 1991/2000/2010 (%) 56
Quadro 14 - População por Grupos de Idade nos Territórios de Identidade - 2010 (%) 57
Quadro 15 - PIB e Crescimento do Brasil e Regiões 61
Quadro 16 - PIB Per Capita e Crescimento do Brasil e Regiões 62
Quadro 17 - PIB e Crescimento do Brasil, Nordeste e Bahia 62
Quadro 18 - PIB Per Capita e Crescimento do Brasil, Nordeste e Bahia 63
Quadro 19 - PIB e PIB Per Capita Brasil e Bahia - 2012 63
Quadro 20 - PIB e Crescimento Nominal - Unidades da Federação 64
Quadro 21 - PIB Per Capita e Crescimento Nominal - Unidades da Federação 65
Quadro 22 - Taxa Acumulada de Crescimento Real e Média do PIB 65
Quadro 23 - Taxa Acumulada de Crescimento Real e Média Anual do PIB - Unidades da Federação 66
Quadro 24 - Evolução do PIB Baiano 2000-2012 67
Quadro 25 - Evolução do PIB Per Capita Baiano 2000-2012 68
Quadro 26 - Estrutura do PIB por Grandes Setores a Preços Básicos 2002-2012 68

Quadro 27 - Estrutura do PIB por Grandes Setores e Atividades a Preços Básicos 2002-2012 ... 69
Quadro 28 - Taxa de Crescimento Médio Anual das Atividades a Preços Básicos ... 70
Quadro 29 - Evolução do PIB a Preços de Mercado - Por Territórios de Identidade ... 71
Quadro 30 - Evolução da Participação do PIB dos Territórios de Identidade na Economia Baiana ... 72
Quadro 31 - PIB Per Capita dos Territórios de Identidade ... 73
Quadro 32 - Estrutura Setorial do Valor Adicionado a Preços Básicos ... 74
Quadro 33 - Estrutura Setorial do Valor Adicionado a Preços Básicos ... 75
Quadro 34 - PIB Municipal - 10 Maiores e Menores Municípios ... 78
Quadro 35 - PIB Per Capita Municipal - 10 Maiores e Menores Municípios ... 78
Quadro 36 - VAB da Agropecuária Municipal - 10 Maiores e Menores Municípios ... 79
Quadro 37 - VAB da Indústria Municipal - 10 Maiores e Menores Municípios ... 79
Quadro 38 - VAB dos Serviços Municipais - 10 Maiores e Menores Municípios ... 80
Quadro 39 - Domicílios Particulares Permanentes ... 83
Quadro 40 - Rendimento Nominal Médio Mensal do Trabalho ... 84
Quadro 41 - Indicadores de Rendimento nos Territórios ... 85
Quadro 42 - Estabelecimentos Agropecuários da Bahia ... 86
Quadro 43 - Utilização das Terras na Bahia (hectare) ... 87
Quadro 44 - Lavoura Temporária ... 87
Quadro 45 - Lavoura Permanente ... 88
Quadro 46 - Extração Vegetal ... 88
Quadro 47 - Silvicultura ... 89
Quadro 48 - Plantios Florestais na Bahia ... 112
Quadro 49 - Lavoura Temporária ... 118
Quadro 50 - Lavoura Permanente ... 119
Quadro 51 - Extração Vegetal ... 120
Quadro 52 - Silvicultura ... 120
Quadro 53 - Efetivo dos Rebanhos e Aves ... 121
Quadro 54 - Produção de Origem Animal - Quantidade Produzida ... 124
Quadro 55 - Produção de Origem Animal ... 124
Quadro 56 - Evolução da Estrutura do PIB na 2ª Metade do Século XX ... 127

Quadro 57 - Composição do Setor Industrial 2000-2010 127
Quadro 58 - Taxas de Crescimento na Indústria, Acumulado no Ano 129
Quadro 59 - Taxas de Crescimento da Produção Física Industrial, Acumulado no Ano 129
Quadro 60 - Extração de Petróleo e Gás 131
Quadro 61 - Produção de Derivados do Petróleo 132
Quadro 62 - Venda de Derivados do Petróleo e Álcool 132
Quadro 63 - Usinas de Etanol em 2011 133
Quadro 64 - Reservas Minerais da Bahia - 2009 141
Quadro 65 - Produção Bruta de Minérios da Bahia - 2009 142
Quadro 66 - Produção Beneficiada de Minérios da Bahia - 2009 143
Quadro 67 - Principais Empresas Produtoras de Minérios da Bahia - 2009 144
Quadro 68 - Mercado Consumidor - Produtos Brutos da Bahia - 2009 145
Quadro 69 - Mercado Consumidor - Produtos Beneficiados da Bahia - 2009 145
Quadro 70 - Exportações de Papel e Celulose da Bahia 148
Quadro 71 - Fábricas de Cimento no Nordeste em 2011 149
Quadro 72 - Produção e Despacho de Cimento na Região Nordeste - 2011 150
Quadro 73 - Evolução da Produção de Cimento Portland na Região Nordeste (mil t) 151
Quadro 74 - Evolução do Despacho de Cimento Portland na Região Nordeste (mil t) 151
Quadro 75 - Evolução do Consumo Aparente de Cimento Portland na Região Nordeste (mil t) 152
Quadro 76 - Empreendimentos em Operação na Bahia - Em 2011 162
Quadro 77 - Expansão Prevista para a Geração de Energia Elétrica na Bahia 162
Quadro 78 - Acréscimo de Geração - 2012/2016 162
Quadro 79 - Importações de Trigo no Brasil (mil t) 163
Quadro 80 - Importações de Trigo por Estado - Em 2012 (mil t) 164
Quadro 81 - Moagem de Trigo 2010 e 2011 164
Quadro 82 - Projeção de Crescimento Acumulado e Participação Regional na Produção de Grãos (%) 168
Quadro 83 - Projeção de Crescimento Acumulado e Participação Regional na Produção de Carne de Frango (%) 171
Quadro 84 - Projeção de Crescimento Acumulado e Participação Regional na Produção de Carne Suína (%) 173

Quadro 85 - Projeção da Demanda de Fertilizante por Região 176

Quadro 86 - Projeção de Crescimento Acumulado e Participação Regional na Demanda de Fertilizantes (%) 176

Quadro 87 - Evolução das Entregas de Fertilizantes - Bahia 177

Quadro 88 - Dados Consolidados do Setor Industrial da Bahia - 2011 178

Quadro 89 - Número de Empreendimentos no Setor Industrial da Bahia - 2009 a 2012 179

Quadro 90 - Empregos e Investimentos nos Novos Empreendimentos no Setor Industrial da Bahia - 2009 a 2012 180

Quadro 91 - Quantitativo de Empresas e Organizações do Setor de Serviços da Bahia - 2011 . 183

Quadro 92 - Pessoal Ocupado nas Empresas e Organizações do Setor de Serviços da Bahia - 2011 184

Quadro 93 - Salário Médio nas Empresas e Organizações do Setor de Serviços da Bahia - 2011 185

Quadro 94 - Crescimento dos Grupos do Comércio Varejista Baiano - Ano 2010 186

Quadro 95 - Número de Empresas por Grupo de Atividades Características do Turismo na Região da Baía de Todos-os-Santos - 2012 187

Quadro 96 - Estoque Formal de Emprego nas Atividades Características do Turismo na Região da Baía de Todos-os-Santos - 2011 e 2012 187

Quadro 97 - Estoque Formal de Emprego nas Atividades Características do Turismo - Estado da Bahia - 2011 e 2012 188

Quadro 98 - RevPar Médio Mensal da Hotelaria de Salvador - Janeiro a Novembro - 2011/2012 189

Quadro 99 - Fluxo de Turistas Estrangeiros, Segundo Origem e Via de Acesso - 2009/2010 ... 190

Quadro 100 - Capacidade de Armazenagem Apta por Região (Avaliação CONAB) - 2012 192

Quadro 101 - Distribuição Regional da Capacidade Estática Cadastrada de Armazenagem - 2012 192

Quadro 102 - Capacidade Estática Média Cadastrada de Armazenagem por Região - 2012 193

Quadro 103 - Situação Atual dos Armazéns da Bahia no Cadastro CONAB - 2013 194

Quadro 104 - Capacidade Estática dos Armazéns Cadastrados da Bahia na CONAB - 2013 195

Quadro 105 - Armazéns na Bahia Credenciados e Habilitados no SICARM da CONAB - 2013 196

Quadro 106 - Armazéns na Bahia Certificados no SICARM da CONAB - 2013 197

Quadro 107 - Instalações de Armazenagem no Porto de Salvador 197

Quadro 108 - Instalações de Armazenagem Arrendadas no Porto de Aratu 198

Quadro 109 - Terminais de Carga e Descarga da FCA 199
Quadro 110 - Classificação dos Tipos de Veículos Segundo DENATRAN 204
Quadro 111 - Participação dos Tipos de Veículos na Frota Estadual (%) 205
Quadro 112 - Frota Total de Veículos da Bahia 207
Quadro 113 - Frota de Automóveis da Bahia 207
Quadro 114 - Frota de Caminhões da Bahia 208
Quadro 115 - Frota de Caminhões Tratores da Bahia 208
Quadro 116 - Frota de Caminhonetes e Camionetas da Bahia 209
Quadro 117 - Frota de Ônibus e Micro-Ônibus da Bahia 209
Quadro 118 - Frota de Motocicletas e Motonetas da Bahia 210
Quadro 119 - Frota de Reboques e Semirreboques da Bahia 210
Quadro 120 - Frota de Outros Veículos da Bahia (Inclui Chassi Plataforma, Ciclomotor, Sidecar, Trator com rodas, Triciclo, Utilitário e Outros) 211
Quadro 121 - Exportações e Importações do Brasil 213
Quadro 122 - Exportações dos Principais Estados Brasileiros 214
Quadro 123 - Importações dos Principais Estados Brasileiros 214
Quadro 124 - Exportações Brasileiras por Região 215
Quadro 125 - Importações Brasileiras por Região 215
Quadro 126 - Exportações da Região Nordeste por Estado 216
Quadro 127 - Importações da Região Nordeste por Estado 216
Quadro 128 - Municípios Exportadores 217
Quadro 129 - Produtos dos Cinco Principais Municípios Exportadores 218
Quadro 130 - Municípios Importadores 219
Quadro 131 - Produtos dos Cinco Principais Municípios Importadores 220
Quadro 132 - Exportações por Fator Agregado 221
Quadro 133 - Exportações por Principais Segmentos 221
Quadro 134 - Importações por Categorias de Uso 222
Quadro 135 - Importações por Produto - Volume e Valor 223
Quadro 136 - Origens das Importações - Volume e Valor 224
Quadro 137 - Principais Empresas Exportadoras 225
Quadro 138 - Principais Empresas Importadoras 226

Quadro 139 - Indicadores de Saúde - Em 2012 227
Quadro 140 - Indicadores de Educação (%) - Em 2010 229
Quadro 141 - Indicadores de Saneamento - Em 2010 231
Quadro 142 - Abastecimento de Água no Estado 232
Quadro 143 - Abastecimento de Água no Estado, Segundo o Meio 232
Quadro 144 - Indicadores de Moradia - Em 2010 233
Quadro 145 - Indicadores de Energia Elétrica 234
Quadro 146 - Evolução do Consumo de Energia Elétrica no Estado 235
Quadro 147 - Número de Consumidores de Energia Elétrica no Estado 235
Quadro 148 - Índice de Desenvolvimento Humano - IDHM - 2010 237
Quadro 149 - Plano Plurianual Estadual - PPA 2012-2015 239
Quadro 150 - Plano Nacional de Logística e Transporte - PNLT - Setembro/2012 248
Quadro 151 - Taxas de Crescimento Acumuladas da População (%) 257
Quadro 152 - Projeção da População Residente nos Territórios de Identidade da Bahia 258
Quadro 153 - Taxas de Crescimento Acumuladas da Frota Total de Veículos (%) 259
Quadro 154 - Projeção da Frota Total de Veículos 260
Quadro 155 - Taxas de Crescimento Acumuladas da Frota de Automóveis (%) 261
Quadro 156 - Projeção da Frota de Automóveis 262
Quadro 157 - Taxas de Crescimento Acumuladas da Frota de Caminhões (%) 263
Quadro 158 - Projeção da Frota de Caminhões 264
Quadro 159 - Taxas de Crescimento Acumuladas da Frota de Caminhões Tratores (%) 265
Quadro 160 - Projeção da Frota de Caminhões Tratores 266
Quadro 161 - Taxas de Crescimento Acumuladas da Frota de Caminhonetes Camionetas (%) 267
Quadro 162 - Projeção da Frota de Caminhonetes Camionetas 268
Quadro 163 - Taxas de Crescimento Acumuladas da Frota de Ônibus e Micro-ônibus (%) 269
Quadro 164 - Projeção da Frota de Ônibus e Microônibus 270
Quadro 165 - Taxas de Crescimento Acumuladas da Frota de Motocicletas e Motonetas (%) .. 271
Quadro 166 - Projeção da Frota de Motocicletas e Motonetas 272
Quadro 167 - Taxas de Crescimento Acumuladas da Frota de Reboque e Semirreboque (%) ... 273
Quadro 168 - Projeção da Frota de Reboque e Semirreboque 274

Quadro 169 - Taxas de Crescimento Acumuladas da Frota de Outros Veículos (%) 275
Quadro 170 - Projeção da Frota de Outros Veículos 276
Quadro 171 - Taxas de Crescimento Acumuladas do PIB a Preços de 2012 (%) 277
Quadro 172 - Taxas de Crescimento Anual do PIB a Preços de 2012 (%) 278
Quadro 173 - Projeções do PIB a Preços de Mil de Reais de 2012 279

Ilustrações

Ilustração 1 - Estrutura do Valor Adicionado por Grandes Setores em 2002 23
Ilustração 2 - Estrutura do Valor Adicionado por Grandes Setores em 2012 24
Ilustração 3 - Estrutura do Setor de Serviços em 2012 25
Ilustração 4 - Mesorregiões Geográficas da Bahia, Segundo IBGE 31
Ilustração 5 - Microrregiões Geográficas da Bahia, Segundo IBGE 31
Ilustração 6 - Macrorregiões, Microrregiões e Municípios, Segundo IBGE 32
Ilustração 7 - Eixos de Desenvolvimento e Regiões Econômicas 38
Ilustração 8 - Territórios de Identidade - Bahia 41
Ilustração 9 - Participação da População Baiana nas Populações do Nordeste e do País (%) 51
Ilustração 10 - Participação da População dos Principais Territórios na População do Estado (%) 53
Ilustração 11 - Pirâmides Etárias da Bahia - 1991, 2010 e Projetada para 2020 57
Ilustração 12 - Distribuição Espacial da População (Estimada) em 2001 59
Ilustração 13 - Distribuição Espacial da População (Estimada) em 2011 60
Ilustração 14 - Perfil Produtivo dos Territórios de Identidade 77
Ilustração 15 - Principais Municípios e Respectivas Atividades Econômicas da Região 80
Ilustração 16 - Distribuição Espacial do PIB a Preços de Mercado em 2010 81
Ilustração 17 - Distribuição Espacial do PIB Per Capita a Preços de Mercado em 2010 82
Ilustração 18 - Polos Agropecuários 89
Ilustração 19 - Região Semiárida do Estado da Bahia 90
Ilustração 20 - Região de Produção de Soja na Bahia 92
Ilustração 21 - Região de Produção de Algodão na Bahia 94
Ilustração 22 - Região de Produção de Milho na Bahia 95
Ilustração 23 - Região de Produção de Café na Bahia 96
Ilustração 24 - Região de Produção de Arroz na Bahia 97
Ilustração 25 - Região de Produção de Feijão na Bahia 98
Ilustração 26 - Região de Produção de Cana-de-Açúcar na Bahia 99

Ilustração 27 - Região de Produção de Mandioca na Bahia 100
Ilustração 28 - Região de Produção de Cacau na Bahia 102
Ilustração 29 - Região de Produção de Banana na Bahia 104
Ilustração 30 - Região de Produção de Coco na Bahia 105
Ilustração 31 - Região de Produção de Manga na Bahia 106
Ilustração 32 - Região de Produção de Laranja na Bahia 107
Ilustração 33 - Região de Produção de Mamão na Bahia 108
Ilustração 34 - Região de Produção de Maracujá na Bahia 109
Ilustração 35 - Região de Produção de Uva na Bahia 110
Ilustração 36 - Distribuição do Plantio de Florestas das Principais Empresas Brasileiras 111
Ilustração 37 - Distribuição da Área de Plantio de Eucalyptus e Pinus no Brasil em 2012 112
Ilustração 38 - Produção de Madeira em Tora para Papel e Celulose 113
Ilustração 39 - Produção de Madeira em Tora para Outras Finalidades 114
Ilustração 40 - Produção de Lenha 115
Ilustração 41 - Produção de Madeira em Tora na Extração Vegetal 116
Ilustração 42 - Produção de Lenha na Extração Vegetal 117
Ilustração 43 - Efetivo do Rebanho de Galinhas, Galos, Frangos e Pintos 122
Ilustração 44 - Efetivo do Rebanho de Bovinos 123
Ilustração 45 - Distribuição Espacial da Produção de Leite 125
Ilustração 46 - Distribuição Espacial da Produção de Ovos de Galinha 126
Ilustração 47 - Desempenho do Setor Industrial entre 2002 (base 100) e 2010 128
Ilustração 48 - Fluxograma de Produção Petroquímica do Polo de Camaçari 138
Ilustração 49 - Oferta Interna de Energia por Fonte 160
Ilustração 50 - Consumo Final de Energia por Setor 161
Ilustração 51 - Consumo Final de Energia do Segmento Industrial 161
Ilustração 52 - Taxa de Desfrute e Rebanho Bovino por Região 169
Ilustração 53 - Área de Pastagem e Rebanho Bovino por Região 170
Ilustração 54 - Produção de Carne de Frango por Região (%) 171
Ilustração 55 - Produção de Carne Suína por Região (em t) 172
Ilustração 56 - Matadouros Frigoríficos 174

Ilustração 57 - Matadouros Avícolas 175
Ilustração 58 - Desempenho do Comércio entre 2002 (base 100) e 2010..... 185
Ilustração 59 - Produção de Grãos e Capacidade Estática de Armazenamento no Brasil 2000-2011* 191
Ilustração 60 - Características do Terminal de Carga do Aeroporto Internacional de Salvador. 201
Ilustração 61 - Distribuição Espacial da Frota Total de Veículos da Bahia em 2012..... 212
Ilustração 62 - Distribuição Espacial do Número de Leitos Hospitalares da Bahia 228
Ilustração 63 - Distribuição Espacial do Número de Matrículas no Ensino Médio da Bahia..... 230
Ilustração 64 - Consumo de Energia Residencial na Bahia em 2012..... 236
Ilustração 65 - Vetores Logísticos do PNLT - Setembro/2012..... 247

Sumário

1. APRESENTAÇÃO 17

2. CONTEXTUALIZAÇÃO 18

2. DIVISÃO REGIONAL DO ESTADO 28

2.1. A Evolução da Regionalização no País 28

2.2. A Divisão Regional do IBGE em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas 29

2.3. A Divisão Regional de Planejamento Estadual 33

3. O PROCESSO DE OCUPAÇÃO ECONÔMICA DO SOLO BAIANO 42

4. EVOLUÇÃO DOS INDICADORES POPULACIONAIS DO ESTADO 49

4.1. Metodologia Adotada pelo IBGE nas Estimativas Populacionais 49

4.2. Dados Populacionais 50

5. DADOS ECONÔMICOS E CARACTERIZAÇÃO DOS SETORES DA ECONOMIA 61

5.1. Evolução do Produto Interno Bruto - PIB 61

5.1.1. PIB Estadual Vis-à-vis o PIB Regional e o PIB Brasil 61

5.1.2. Evolução Anual do PIB Baiano nos Últimos Anos 67

5.1.3. Participação dos Setores de Atividades no PIB Baiano 68

5.1.4. Evolução Comparativa do PIB dos Territórios de Identidade 70

5.1.5. Evolução do PIB Municipal 77

5.2. Valores Apurados para a Renda Domiciliar 82

5.3. Caracterização dos Setores da Economia 86

5.3.1. O Setor Agropecuário 86

5.3.2. O Setor Industrial 126

5.3.3. O Setor de Serviços 180

6. ESTRUTURAS DE ARMAZENAGEM NO ESTADO 191

6.1. Armazenagem da Produção Agrícola 191

6.2. Instalações de Armazenagem nos Portos da Bahia 197

6.3. Instalações Ferroviárias de Movimentação de Cargas na Bahia 199

6.3. Instalações Aeroviárias de Movimentação de Cargas na Bahia 200

6.4. Instalações de Armazenagem nas Instalações Aduaneiras Interiores 201

6.5. Distritos Industriais - Áreas de Potencial Armazenagem Própria 202

6.6. Condomínios Industriais 202
6.7. ZPE Ilhéus - Área de Potencial Armazenagem Própria 203

7. NÍVEL DE MOTORIZAÇÃO 204

8. MOVIMENTOS DE EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO 213

9. INDICADORES SOCIAIS DE DESENVOLVIMENTO 227

10. OS INVESTIMENTOS PÚBLICOS EM INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTE 238

11. PROJETOS PROPOSTOS NO PNLT - 2012 PARA A BAHIA 247

12. PROJEÇÕES DAS VARIÁVEIS POPULAÇÃO, FROTA DE VEÍCULOS E PIB 256

1. APRESENTAÇÃO

Os estudos socioeconômicos realizados compreenderam a avaliação das principais variáveis que influenciam o crescimento da demanda por transporte no Estado, bem como, a análise dos fluxos de produção existentes e potenciais. Verifica-se que estes estudos permitiram determinar como são geradas as viagens para o transporte de cargas das regiões de produção para os centros de consumo ou exportação.

Observa-se que a sua evolução correlaciona-se, principalmente, com as transformações demográficas, com a evolução da renda e com o aumento da motorização na região, sendo que estas variáveis podem determinar um maior ou menor uso dos veículos.

Dessa forma, os estudos permitiram uma compreensão abrangente da estrutura produtiva do Estado da Bahia e das regiões adjacentes que impactam a sua economia e a sua infraestrutura de transportes. Também foram identificadas, complementarmente, as características de ocupação do território estadual e suas características geomorfológicas, que se constituem como elementos essenciais para o entendimento do funcionamento da infraestrutura de transportes existente.

Os dados relativos às variáveis socioeconômicas também foram analisados, quando apropriado, no nível de municípios e de territórios de identidade, estes últimos entendidos como zonas de tráfego. Além disso, foram identificadas as áreas externas relevantes, responsáveis pelo intercâmbio de cargas com o Estado.

Os estudos compreenderam, ainda, a análise dos principais segmentos, arranjos produtivos e conglomerados econômicos. Nesta fase, buscou-se o entendimento da forma como se configura a estrutura produtiva local, como ela se distribui no espaço geográfico estadual, sua área de influência e suas demandas específicas por logística, atual e futura.

Para estudar em detalhe estes arranjos e suas demandas por logística, foram realizadas pesquisas junto aos agentes de produção e de consumo, além de levantamentos convencionais de dados em órgãos e entidades que disponibilizam estatísticas.

O objetivo final destes estudos foi o de, a partir do conhecimento das variáveis socioeconômicas, e tendo como base os cenários macroeconômicos possíveis, projetar, utilizando-se de modelos de previsão, o crescimento esperado para as variáveis população, PIB e frota, para cada uma das zonas de tráfego consideradas no horizonte de análise.

Finalmente, cabe mencionar que além da caracterização das variáveis socioeconômicas, em termos atuais e de suas perspectivas no médio e longo prazos, os estudos possibilitaram a avaliação do comportamento dos principais fluxos de carga no horizonte considerado.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

Inicialmente, é apresentada uma breve descrição de alguns aspectos e variáveis selecionados relativos à área em estudo, com o objetivo de realizar uma contextualização sumária da região objeto dessa avaliação.

O Estado da Bahia, atualmente constituído por 417 unidades municipais, está localizado na Região Nordeste do país, tendo como limites Minas Gerais ao Sul, Sudoeste e Sudeste, Goiás a Oeste e Sudoeste, Tocantins a Oeste e Noroeste, Piauí a Norte e Noroeste, Pernambuco a Norte, Alagoas a Nordeste, Sergipe a Nordeste, Espírito Santo a Sudeste e o Oceano Atlântico a Leste, com cerca de 1.180 km de costa.

Possui uma área total de 564.733,2 km² segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, representando uma participação de cerca de 36% da área da Região Nordeste e da ordem de 7% da área total brasileira. Com esta dimensão, apresenta-se como o quinto estado em extensão.

O censo demográfico de 2010 realizado pelo IBGE apurou uma população residente de 14.016.906 habitantes, indicando uma participação na população total do país equivalente a 7,3% e de 26,4% na população da Região Nordeste.

Esta população registrava, também em 2010, uma densidade média de 24,7 habitantes/km², sendo que a sua distribuição pelo Estado registrava elevada heterogeneidade, concentrando-se basicamente no litoral, principalmente na Região Metropolitana de Salvador, que participava, naquele ano, com cerca de 25% da população estadual, com destaque para a capital, que reunia 2.675.656 habitantes, aproximadamente 19% da população total da Bahia.

Em termos ambientais, pode-se destacar que o Estado possui cerca de 70% de seu território inserido na região do semiárido nordestino, que se caracteriza principalmente pela baixa pluviometria.

No território baiano predomina o clima tropical. Em razão disso, as temperaturas são elevadas praticamente o ano todo, acima dos 26°C, com exceção para a Serra do Espinhaço, na qual as temperaturas são razoavelmente amenas. O clima semiárido se apresenta no sertão do Estado com pouca precipitação, ocasionando longos períodos de estiagem. Na região de Ilhéus os índices pluviométricos podem superar os 1.500 mm e no sertão não ultrapassa 500 mm ao ano. As chuvas são irregulares, em alguns anos não ocorre, o que provoca a seca.

Existem três tipos básicos de cobertura vegetal no território baiano, a caatinga que ocupa maior parte do Estado, a floresta tropical úmida e o cerrado. A caatinga se localiza em toda a região norte, na área da depressão do São Francisco e na serra do Espinhaço, o cerrado ocupa a parte ocidental do Estado, enquanto que a floresta tropical úmida, o sudeste. Perto de 64% do território baiano constituem-se de caatingas, 16% de cerrados, 18% de florestas e 2% de campos.

Grande parte do território baiano possui áreas que estão acima dos 200 m de altitude, estando presente grande variedade de relevos, onde se destacam, principalmente, as dunas,

planícies e manguezais no litoral, ao sudeste ocorre a presença do planalto e no vale do Rio São Francisco registram-se depressões, locais onde se desenvolve o clima semiárido.

Na Bahia, os pontos mais elevados são o Pico do Barbado, que apresenta altitude de 2.033 m, localizado na Serra dos Barbados, e o Pico das Almas, com 1.836 m, localizado entre os municípios de Érico Cardoso, Livramento de Nossa Senhora e Rio de Contas, na Serra das Almas.

Relativamente à composição de suas treze bacias hidrográficas, pode-se destacar que a maior delas é a Bacia do Rio São Francisco, com extensão superior a 304 mil km² e com grande potencial hidrelétrico, na qual estão instaladas usinas de grande porte, como as de Sobradinho, Paulo Afonso e Itaparica.

As Bacias dos Rios Itapicuru, Contas e Paraguaçu destacam-se por ser exclusivamente baianas. Na Bacia do Rio Paraguaçu localiza-se a Barragem de Pedra do Cavalo, onde o curso d'água tem múltipla utilização. As demais bacias que integram a rede hidrográfica do Estado são as seguintes: Rio Vaza-Barris, Rio Real, Rio Inhambupe, Recôncavo Norte, Recôncavo Sul, Rio Pardo, Rio Jequitinhonha e Extremo Sul.

Na Bahia existem 196 unidades de conservação. De proteção integral são 50 unidades, que incluem as estações ecológicas, reservas biológicas, parques, monumentos naturais e refúgio de vida silvestre, além de 137 unidades de uso sustentável, onde se inserem Áreas de Proteção Ambiental, Áreas de Relevante Interesse Ecológico, Reservas Particulares do Patrimônio Natural, Reservas Extrativistas e Florestas Nacionais. Outras 9 unidades, ainda sem classificação definida, completam o quadro.

Quanto à infraestrutura estadual, cabe destacar que a Companhia Hidrelétrica de São Francisco - Chesf é a responsável pela geração e transmissão da energia elétrica do Estado, mantendo na Bahia sete hidroelétricas e uma termoelétrica, que juntas geram 7.175 MVA de energia, num sistema de transmissão cuja extensão é de 18.428 km, distribuídos em linhas de transmissão de 500, 230, 138 e 69 kV.

A Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia - COELBA detém a concessão para distribuição de energia na maior parte dos municípios do Estado. Registre-se que o consumo de energia elétrica, em 2012, totalizou, excluindo-se o consumo público, 12.519.218.690 kWh, contemplando um total de 5.133.534 consumidores.

Deste total, 44,0% referiu-se ao consumo da classe residencial, enquanto que as classes industrial, comercial, rural e outras, tiveram participações no consumo total do Estado de 22,5%, 22,6%, 10,8% e 0,1%, respectivamente. Verifica-se que o consumo público alcançou, no mesmo ano, 2.231.000.040 kWh.

Os serviços de distribuição de gás natural no Estado são executados pela Companhia de Gás da Bahia - BAHIAGÁS, concessionária deste serviço no Estado. Atualmente conta com cerca de 570 km de tubulações e vem ampliando a sua malha de gasodutos.

Os dados disponíveis para a habitação, que retratam a situação apurada pelo IBGE no Censo de 2010, indicam que naquele ano a Bahia possuía 4.093.619 domicílios particulares permanentes, sendo 3.034.097 urbanos e 1.059.522 rurais.

Observa-se que, segundo a PNAD/IBGE de 2009, dentre os domicílios urbanos cerca de 95% eram abastecidos com água por rede geral.

A PNAD/IBGE de 2009 também indicou a existência de algum tipo de sistema de esgotamento sanitário em 98% dos domicílios. Entretanto, apenas 60% dos domicílios estavam conectados à rede coletora de esgoto, naquele ano. A mesma pesquisa apurou uma cobertura dos serviços de coleta de lixo em 98% dos domicílios urbanos.

Quanto à infraestrutura de transporte e logística, deve-se destacar que o Estado possui 5.914 km de estradas federais pavimentadas em seu território. Conta, ainda, com 20.000 km de estradas estaduais, que cobrem todas as regiões do Estado. Possui também uma malha de 101.621 km de estradas vicinais interligando seus 417 municípios.

Esta rede está basicamente estruturada sobre 4 eixos principais, que permitem a integração com as demais regiões do país:

- BR-116: realiza a ligação com o Sul e Sudeste, atravessando o Estado desde Minas Gerais até alcançar Pernambuco;
- BR-101: atravessa a Bahia pelo litoral, fazendo a ligação com o Estado de Sergipe e demais Estados do Nordeste e com o Sudeste, no Espírito Santo;
- BR-324: aparece como a principal ligação entre a capital Salvador e o interior do Estado. Este eixo interliga-se, também, com a BR-407, para alcançar a região do Rio São Francisco, em Juazeiro, onde estão presentes o modal rodoviário, ferroviário e hidroviário;
- BR-242: cruza a região da Chapada Diamantina e do oeste baiano, realizando a ligação entre a Bahia e o Centro-Oeste do país.

A rede ferroviária do Estado é parte integrante da antiga Rede Ferroviária Federal. Atualmente privatizada, é explorada pela Ferrovia Centro-Atlântica. Sua extensão é de 1.582 km, sendo constituída por 3 linhas-tronco, a saber, a Linha Norte: Salvador-Propriá (SE), com 551 km; a Linha Centro: Alagoinhas-Petrolina (PE), com 457 km, e a Linha Sul: Monte Azul (MG), com 846 km.

Acrescente-se, ainda, a construção da Ferrovia de Integração Oeste-Leste, conhecida como FIOL, que é um projeto que faz parte do Plano Nacional de Viação, cujas obras encontram-se em andamento, e que vai permitir o escoamento da produção de grãos do oeste do Estado e de minério da região de Caetité.

A Bahia conta também com a Hidrovia do São Francisco, com uma extensão de 1.371 km, ligando Juazeiro (BA) a Pirapora (MG), sendo a principal via fluvial do Estado. São também navegáveis os seus afluentes: Rio Grande em 370 km e o Rio Corrente em cerca de110 km.

O Estado possui quatro portos, sendo três marítimos, Salvador, Aratu e de Ilhéus, e um fluvial, o Porto de Juazeiro. Os três portos marítimos são organizados e administrados pela Companhia das Docas do Estado da Bahia - CODEBA, empresa pertencente ao Governo Federal. O Estado possui ainda sete portos privados, a saber: Copene, Usiba, Dow Química Ponta da Lage, GDK, Terminal de Cotegipe, um terminal privado de uso público, e o Moinho Dias Branco.

Destaca-se, ainda, o Porto Sul, iniciativa do governo da Bahia, localizado no sul do Estado, que atualmente está em fase de implantação e que deverá operar de forma conjugada com a FIOL, para o escoamento da produção mineral e de grãos.

A infraestrutura aeroportuária do Estado é constituída, principalmente, pelos aeroportos das cidades de Salvador, Porto Seguro, Ilhéus, Vitória da Conquista, Lençóis, Barreiras, Teixeira de Freitas e Valença.

Verifica-se que o Aeroporto Internacional Deputado Luís Eduardo Magalhães, em Salvador, responde, atualmente, por mais de 30% da movimentação de passageiros do Nordeste. Já o Aeroporto Internacional de Porto Seguro posiciona-se como o quinto maior do Nordeste.

Merece destaque, também, a existência de um conjunto importante de Distritos Industriais no Estado, com infraestrutura própria, conforme indicado no Quadro 1.

Quadro 1 - Polos Industriais da Bahia

POLOS INDUSTRIAIS	ÁREA (m²)	EMPRESAS INSTALADAS
PIC - Camaçari	304.789.537	120
CIA - Aratu	250.433.947	147
Alagoinhas	1.224.160	24
Barreiras	1.174.953	8
Eunápolis	499.968	14
Ilhéus	3.674.174	76
Itapetinga	445.010	9
Jequié	2.489.262	31
Juazeiro	3.626.012	36
Luís Eduardo Magalhães	3.120.000	29
Santo Antônio de Jesus	201.504	13
Teixeira de Freitas	1.000.820	18
Vitória da Conquista	6.075.000	58
TOTAL	**578.754.347**	**583**

Fonte: SICM

Cabe, ainda, registrar alguns aspectos relevantes relacionados à economia estadual, de forma a complementar a contextualização da região em estudo, conforme proposto.

As principais atividades econômicas estão distribuídas em diferentes áreas do Estado. Na Região Metropolitana de Salvador prevalecem os setores de serviços, assim como, as indústrias petroquímica e automotiva.

A região oeste do Estado, onde se localiza a região do cerrado, é responsável pela maior parte da produção estadual de grãos, especialmente a soja, o milho e o algodão.

Ao norte, na região do São Francisco, destaca-se a produção de fruticultura irrigada, e nos municípios do seu entorno, encontra-se a maior parcela do rebanho caprino do país.

Na região sul concentram-se a maior produção pecuária bovina, nos municípios de Itambé e Itapetinga, a produção de café, no Planalto de Conquista, a cultura do cacau, a silvicultura e a produção industrial de celulose, ao longo do litoral. Finalmente, na região central do Estado e no sudoeste, podem ser observadas importantes atividades de mineração.

O Produto Interno Bruto - PIB do Estado da Bahia, a valores correntes, no ano de 2011, segundos dados preliminares da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia - SEI, alcançou um montante de R$ 168,2 bilhões, registrando um incremento de, aproximadamente, 9% em relação ao montante apurado em 2010, de R$ 154,3 bilhões.

Deve-se observar que o PIB de 2010 já havia experimentado um quadro de crescimento em relação ao ano de 2009, quando o PIB estadual havia alcançado um valor de R$ 137,1 bilhões.

Importante destacar que as avaliações iniciais para o PIB estadual de 2012, a preços correntes, resultaram em um montante de R$ 186,4 bilhões, o que estaria representando um acréscimo de cerca de 10,8% em relação ao ano anterior.

A trajetória de crescimento real do PIB estadual está apresentada no Quadro 2, no qual é possível verificar os ganhos obtidos em todos os períodos entre 2002 e 2012, a exceção do ano de 2009. Considerando-se a base 100 em 2002, ter-se-ia a seguinte progressão:

Quadro 2 - Crescimento Real do PIB Estadual (base 100 = 2002)

ANO	ÍNDICE DO PIB REAL	TAXA DE CRESCIMENTO (%)
2002	100,0	-
2003	102,2	2,2
2004	112,0	9,6
2005	117,4	4,8
2006	120,5	2,6
2007	126,9	5,3
2008	133,5	5,2
2009	132,7	-0,6
2010	141,4	6,6
2011*	144,2	2,0
2012*	148,7	3,1

Fonte: SEI/IBGE
*Dados sujeitos a retificação

O PIB per capita da Bahia, a valores correntes, teria registrado um valor de R$ 13.150 em 2012, conforme indicam as avaliações iniciais, valor que estaria superando, em cerca de 11%, o PIB per capita do ano de 2011, de R$ 11.844. Importante destacar que o valor do PIB per capita da Bahia já havia superado o valor de R$ 11.000, em 2010.

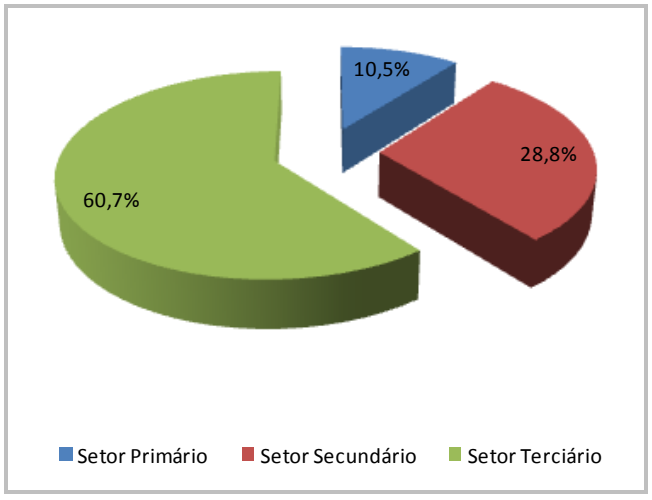
Da mesma forma, apresenta-se a trajetória de crescimento real do PIB per capita estadual também para o período compreendido entre 2002 e 2011.

Quadro 3 - Crescimento Real do PIB Per Capita Estadual (base 100 = 2002)

ANO	ÍNDICE DO PIB REAL PER CAPITA	TAXA DE CRESCIMENTO (%)
2002	100,0	-
2003	101,1	1,1
2004	109,9	8,7
2005	114,1	3,8
2006	116,0	1,7
2007	121,1	4,4
2008	123,7	2,1
2009	121,8	-1,5
2010	135,0	10,8
2011*	135,9	0,7
2012*	139,4	2,6

Fonte: SEI/IBGE
*Dados sujeitos a retificação

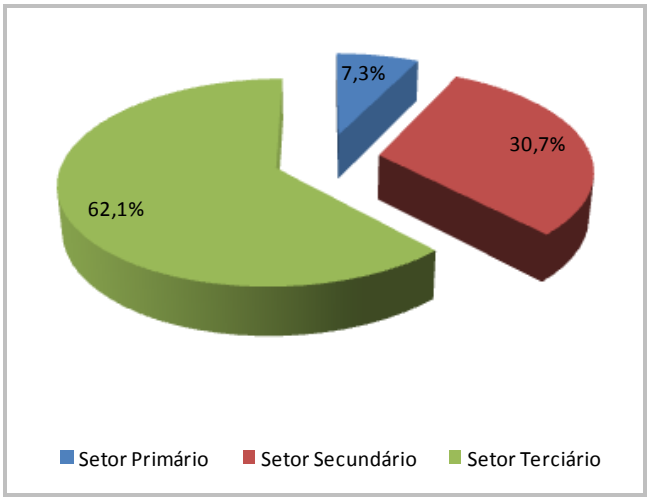
Cabe apresentar a composição do Valor Adicionado da Bahia pelos grandes setores da economia. Como podem ser verificados nas Ilustrações 1 e 2, os setores terciário e secundário registraram incrementos em sua participação em 2012 em relação àquela registrada em 2002, enquanto que o setor primário teve reduzida a sua contribuição na formação do valor adicionado estadual.



Fonte: SEI/IBGE

Ilustração 1 - Estrutura do Valor Adicionado por Grandes Setores em 2002

Note-se que em 2002 a participação do setor terciário foi de 60,7% contra participações de 28,8% e 10,5% dos setores secundário e terciário, respectivamente. Já em 2012, as participações dos setores terciário e secundário tinham crescido para 62,1% e 30,7%, enquanto que a participação do setor terciário havia sido reduzida para 7,3%.



Fonte: SEI/IBGE
*Dados sujeitos a retificação

Ilustração 2 - Estrutura do Valor Adicionado por Grandes Setores em 2012*

Pode-se destacar que a estrutura do setor industrial da Bahia está mais concentrada na indústria de transformação. No ano de 2012, este segmento representou 49,4% do setor industrial. Por sua vez, a indústria de construção e a produção e distribuição de eletricidade, gás e água representaram 30,5% e 14,0%, respectivamente do setor. No mesmo período, a indústria extrativa mineral apresentou uma participação de 6,1% na composição do setor industrial do Estado.

Importante observar que, conforme dados da SEI, a produção física da indústria da Bahia, cresceu 4,2% em 2012 quando comparada ao ano anterior. Em particular, a produção de petróleo registrou um pequeno decréscimo de 0,1% em relação ao ano de 2011, conforme indicam os dados da Agência Nacional de Petróleo - ANP. Com trajetória distinta, a produção de gás registrou um acréscimo de 30,2% em relação ao ano de 2011. O mesmo aconteceu com a produção de derivados do petróleo, que acusou um incremento de 5,9% em 2012.

Cabe, ainda, registrar o alto potencial mineral do Estado, que se apresenta como um dos principais produtores de bens minerais do Brasil. A Bahia registra relevância na produção de urânio, barita, cromo, magnesita, talco e salgema. É também importante produtor de bentonita, níquel, gemas, cobre e ouro, manganês, calcário dolomita, petróleo, rochas ornamentais, fosfato, manganês e calcário dolomítico.

Destaca-se, ainda, as recentes descobertas de concentrações de minérios de zinco, níquel, ouro, fosfato, titânio, vanádio, nefelinassienito, calcário calcítico, argilas cerâmicas.

A agropecuária estadual tinha a seguinte composição em 2010: 75,7% de participação da agricultura, silvicultura e extração vegetal e 34,3% de participação da pecuária e pesca.

Quanto à produção total de grãos no Estado, pode-se afirmar que foram registradas expressivas taxas de crescimento ao longo dos últimos anos. Se no ano de 2002 a produção total alcançava aproximadamente 3,0 milhões de toneladas, em 2010 e 2011, os volumes já atingiam 6,9 e 7,5 milhões de toneladas, respectivamente.

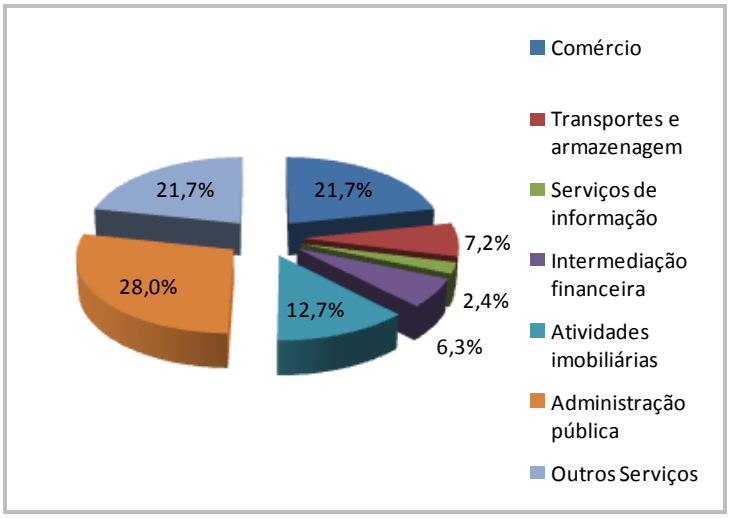
Verifica-se, entretanto, que as estimativas para a produção de grãos de 2012 apontam para um volume total de 6,5 milhões de toneladas, indicando perdas de 13,3% em relação ao ano anterior, principalmente, como resultado da seca. Por outro lado, em razão das boas condições climáticas no sul do Estado, as culturas de cacau e cana-de-açúcar obtiveram desempenho positivo e registraram acréscimos na produção, que passaram de 156 mil toneladas e 7,0 milhões de toneladas, para 160 mil toneladas e 8,4 milhões de toneladas, respectivamente, acusando incrementos de 2,5% no cacau e 17,0%, na cana-de-açúcar, entre 2012 e 2011.

Para a safra nacional de 2013, o IBGE estima um crescimento na produção de cereais, leguminosas e oleaginosas de 5,1% em relação ao ano de 2012. O destaque na Bahia deverá ser a expansão da soja que, em razão dos bons preços, poderá atingir um aumento de 9,2% na área plantada e 18% na produção.

As expectativas para a primeira safra de milho também são positivas, para a qual se estima um acréscimo de 10% na produção. Por outro lado, deverá ocorrer um recuo na produção de algodão, da ordem de 15,3% na área plantada.

A soja vem mantendo-se como o principal produto do setor. Em 2010, o seu valor bruto de produção representou 15,6% do valor bruto da produção agrícola estadual. Na segunda e terceira posições, no mesmo ano, destacavam-se o algodão e o mamão, com 9,0% e 7,8%, respectivamente, do valor bruto da produção agrícola. Merece destaque, ainda, o cacau e o milho, ambos com participação de 7,4% do valor bruto da produção agrícola estadual.

O setor de serviços, conforme assinalado, vem se destacando como aquele que mais tem contribuído para a formação do PIB estadual. A sua composição, em 2012, considerando-se os seus diversos segmentos, está apresentada na Ilustração 3.



Fonte: SEI/IBGE
*Dados sujeitos a retificação

Ilustração 3 - Estrutura do Setor de Serviços em 2012*

Vale observar, também, a configuração do comércio exterior. Nesse sentido, deve-se destacar que os segmentos mais relevantes dos movimentos de exportação em 2012 foram, em ordem decrescente: petróleo e derivados, químico e petroquímico, papel e

celulose, soja e derivados, algodão, metalúrgico, metais preciosos, automotivo, embarcações e estruturas flutuantes.

Em 2012, conforme dados da SEI, mesmo com a queda nos preços médios dos produtos exportados, a retração de mercados e o aumento das medidas protecionistas, a Bahia expandiu em 2,3% suas exportações, alcançando um montante de US$ 11,3 bilhões.

Com este montante, o Estado aumentou a sua participação nas exportações do Nordeste, de 58,5% em 2011 para 60% em 2012, consolidando sua liderança na região. Em termos nacionais, também houve aumento para 4,64% de participação contra 4,28% do ano anterior.

As importações, por sua vez, ficaram praticamente no mesmo patamar de 2011, com crescimento de apenas 0,2%, totalizando US$ 7,8 bilhões. Com esses resultados, o saldo da balança comercial do Estado foi de US$ 3,5 bilhões, 7,2% acima do ano anterior.

O pequeno movimento de queda ocorrido nas importações foi resultado da redução de 3,8% nas compras de matérias-primas, principalmente insumos industriais. Por conta do câmbio e do comportamento do comércio, foram incrementadas as compras de bens de consumo em 16,7%, como bebidas, alimentos, brinquedos e automóveis. Já as compras de máquinas e equipamentos registraram queda de 7%, refletindo a pouca disposição do segmento em investir em um cenário marcado por incertezas sobre o comportamento da economia mundial.

Tendo sido apresentados, resumidamente, alguns aspectos físicos, as infraestruturas disponíveis e os dados econômicos do Estado, cabe ainda registrar alguns indicadores sociais da Bahia, de forma a complementar esta breve contextualização inicial, conforme o Quadro 4, apresentado a seguir.

Quadro 4 - Indicadores Sociais

POPULAÇÃO, TRABALHO E RENDA			
INDICADOR	**PERÍODO**	**VALOR**	**FONTE**
Taxa de fecundidade total	2009	2,12	IBGE
Mortalidade infantil - óbitos para 1.000 nascidos vivos	2011	16,78	SESAB
Esperança de vida ao nascer	2009	72,60 anos	IBGE
PEA na Região Metropolitana de Salvador	2013	1.788.000	SEPLAN/SEI
Taxa de desemprego em relação à PEA na Região Metropolitana	mar/13	19,70%	SEPLAN/SEI
Jovens de 18 a 24 anos de idade que só trabalham	2011	42,70%	IBGE/PNAD
Acidentes de trabalho	2011	23.934	IBGE/PNAD
População de 60 anos ou mais com rendimentos	2011	1.592.000	IBGE/PNAD
Renda mensal per capita das famílias com rendimento - 20% + pobres	2011	R$ 95,95	IBGE/PNAD
Renda mensal per capita das famílias com rendimento - 20% + ricos	2011	R$ 1.842,59	IBGE/PNAD
Índice de Gini	2010	0,55	IBGE
SAÚDE, EDUCAÇÃO E IDH			
INDICADOR	**PERÍODO**	**VALOR**	**FONTE**
Número de estabelecimentos de saúde	2011	13.151	DATASUS
Leitos por mil habitantes	2009	1,99	DATASUS
Médicos por mil habitantes	2009	1,1	DATASUS
Média de anos de estudo - pessoas de 25 anos ou mais	2009	5,9	PNAD/IBGE
Taxa de analfabetismo 2010 - pessoas de 15 anos ou mais	2010	16,60%	IBGE/CENSO
Frequência ao ensino - 6 a 14 anos, no ensino fundamental	2011	90,60%	IBGE/PNAD
Frequência ao ensino - 15 a 17 anos, no ensino médio	2011	39,20%	IBGE/PNAD
Estudantes de 18 a 24 anos de idade	2011	487.000	IBGE/PNAD
Jovens de 18 a 24 anos de idade que só estudam	2011	16,40%	IBGE/PNAD
Matrícula Escolar Ensino Fundamental	2009	2.537.064	SEC
Matrícula Escolar Ensino Médio	2009	639.208	SEC
Índice de Desenvolvimento Humano - IDH	2000	0,715	PNUD
Índice de Desenvolvimento Humano - IDH	2007	0,767	ÍPNUD

2. DIVISÃO REGIONAL DO ESTADO

2.1. A Evolução da Regionalização no País

A regionalização, definida como a divisão de um determinado espaço ou território em áreas com características comuns, pode ser criada com base em critérios físicos, socioeconômicos ou políticos. A escolha de uma dessas alternativas depende das finalidades com que se pretende utilizá-la. Ela pode, por exemplo, servir a objetivos estatísticos ou administrativos.

Verifica-se que no Brasil, a primeira divisão regional foi realizada em 1938, decorrente da preocupação do governo, naquela época, com a integração econômica do espaço físico brasileiro.

A Revolução de 30 havia inaugurado um novo período na história brasileira, marcado pela centralização do poder político em torno do governo federal. Nesse contexto, o conhecimento estatístico do território e da população se transformou em prioridade nacional. Para traçar os rumos do desenvolvimento brasileiro, o governo precisava conhecer o Brasil.

Essa divisão, no entanto, recebeu séria crítica por parte do IBGE, pelo fato dela ter priorizado o conceito de localização em detrimento de outros conceitos igualmente relevantes, tais como: as características físicas, humanas e econômicas das áreas que estavam sendo agrupadas.

Por essa razão, o IBGE propôs, em 1941, uma nova divisão regional do território brasileiro, cujo objetivo foi o de facilitar os estudos estatísticos elaborados pelo governo e de servir de suporte para o ensino de geografia do Brasil nas escolas.

A divisão regional de 1941 já delimitava cinco grandes regiões, a saber: Norte, Nordeste, Leste, Sul e Centro-Oeste.

Destaca-se que essa divisão foi feita com base no conceito de região natural, levando em conta, sobretudo, a uniformidade dos elementos da natureza.

Neste caso, as unidades regionais foram identificadas por meio do estudo das influências recíprocas entre diferentes fatores naturais, principalmente, clima, vegetação e relevo. Mas essa proposta logo foi substituída, pois agrupava todos os Estados inteiros nas grandes regiões, mesmo aqueles que apresentavam paisagens naturais muito distintas dentro de suas fronteiras.

A divisão regional seguinte, realizada em 1945, manteve as grandes regiões da divisão anterior, mas acrescentava critérios hierárquicos, tais como: grandes regiões, regiões, sub-regiões e zonas fisiográficas.

Acrescentou, também, os novos Territórios Federais, sendo Fernando de Noronha, criado em 1942 e o Amapá, Rio Branco, Guaporé, Ponta Porã e Iguaçu, territórios estes que foram fundados no ano de 1943.

Essa divisão regional perdurou até 1969, quando os novos conhecimentos adquiridos sobre o território brasileiro e as transformações nele ocorridas em razão do desenvolvimento industrial e urbano obrigaram o IBGE a estabelecer uma nova divisão regional.

Dessa vez, entretanto, o conceito-base que prevaleceu para a consecução da nova divisão regional foi o das regiões homogêneas, definidas pela combinação de aspectos naturais, sociais e econômicos.

Assim, a Região Leste desapareceu, com a Bahia e o Sergipe migrando para a Região Nordeste. A Região Sul passou a existir sem a presença de São Paulo que, juntamente com Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, passou a formar a Região Sudeste.

De qualquer forma, verificou-se que, também nesta nova divisão, as linhas que separavam as regiões continuavam coincidindo com os limites estaduais.

Observa-se que a divisão regional proposta em 1969 ainda permanece como sendo oficial, com apenas uma modificação, a saber: o Estado de Tocantins, criado em 1988 e desmembrado do Estado de Goiás, foi incluído na Região Norte.

Destaca-se que a justificativa apresentada na oportunidade para tanto foi o fato de esse Estado ter maior articulação e relacionamento econômico com o Estado do Pará e com o sul do Maranhão.

Como o tema é considerado controverso, já na década de 60, propunha-se uma divisão não oficial, que representaria o encadeamento do processo socioeconômico sem se ater às delimitações das fronteiras políticas interestaduais.

Mais recentemente, especialistas apresentaram nova proposta de divisão regional que considerou a tendência de Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal se associarem mais intimamente ao Sudeste, enquanto Maranhão e Mato Grosso se alinhariam com o Norte, como é o caso do Estado de Tocantins. Nessa condição proposta ter-se-ia, portanto, apenas três regiões, que seriam a Amazônica, o Nordeste e o Centro-Sul.

2.2. A Divisão Regional do IBGE em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas

Preliminarmente deve ser destacada a metodologia utilizada pelo IBGE para a divisão do espaço geográfico brasileiro.

Conforme informa aquele Instituto, a divisão regional do Brasil em mesorregiões buscou identificar áreas individualizadas em cada uma das unidades da federação, tendo como base alguns aspectos próprios a cada uma, como por exemplo, o processo social predominante, o quadro natural existente e, também, a forma como se opera a articulação espacial local.

Na Bahia foram definidas 7 mesorregiões geográficas, que reúnem 32 microrregiões geográficas, para um total, como já assinalado, de 417 unidades municipais, conforme a seguir apresentado.

Mesorregião Centro-Norte Baiano

Formada pelas seguintes microrregiões: Feira de Santana, Irecê, Itaberaba, Jacobina e Senhor do Bonfim.

Mesorregião Centro-Sul Baiano

Formada pelas seguintes microrregiões: Boquira, Brumado, Guanambi, Itapetinga, Jequié, Livramento de Nossa Senhora, Seabra e Vitória da Conquista.

Mesorregião Extremo Oeste Baiano

Formada pelas seguintes microrregiões: Barreiras, Cotegipe e Santa Maria da Vitoria.

Mesorregião Metropolitana de Salvador

Formada pelas seguintes microrregiões: Catu, Salvador e Santo Antônio de Jesus.

Mesorregião Nordeste Baiano

Formada pelas seguintes microrregiões: Alagoinhas, Entre Rios, Euclides da Cunha, Jeremoabo, Ribeira do Pombal e Serrinha.

Mesorregião Sul Baiano

Formada pelas seguintes microrregiões: Itabuna/Ilhéus, Porto Seguro e Valença.

Mesorregião Vale São-Franciscano da Bahia

Formada pelas seguintes microrregiões: Barra, Bom Jesus da Lapa, Juazeiro e Paulo Afonso.

A seguir estão apresentados, a título ilustrativo, os mapas disponibilizados pelo IBGE para a divisão regional do Estado da Bahia, considerando-se as mesorregiões geográficas, as microrregiões geográficas anteriormente assinaladas, incorporando-se, também, os 417 municípios do Estado.

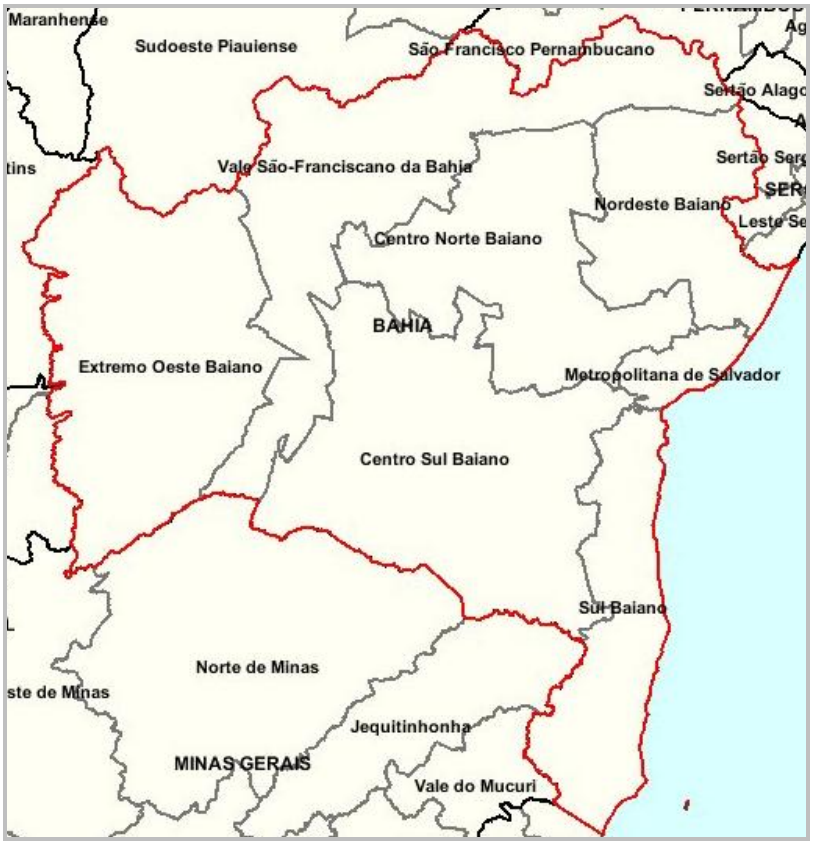


Ilustração 4 - Mesorregiões Geográficas da Bahia, Segundo IBGE



Ilustração 5 - Microrregiões Geográficas da Bahia, Segundo IBGE

Adicionalmente, apresenta-se a Ilustração 6, que reúne todas as mesorregiões e microrregiões geográficas do Estado em conjunto com as 417 unidades municipais atualmente existentes.

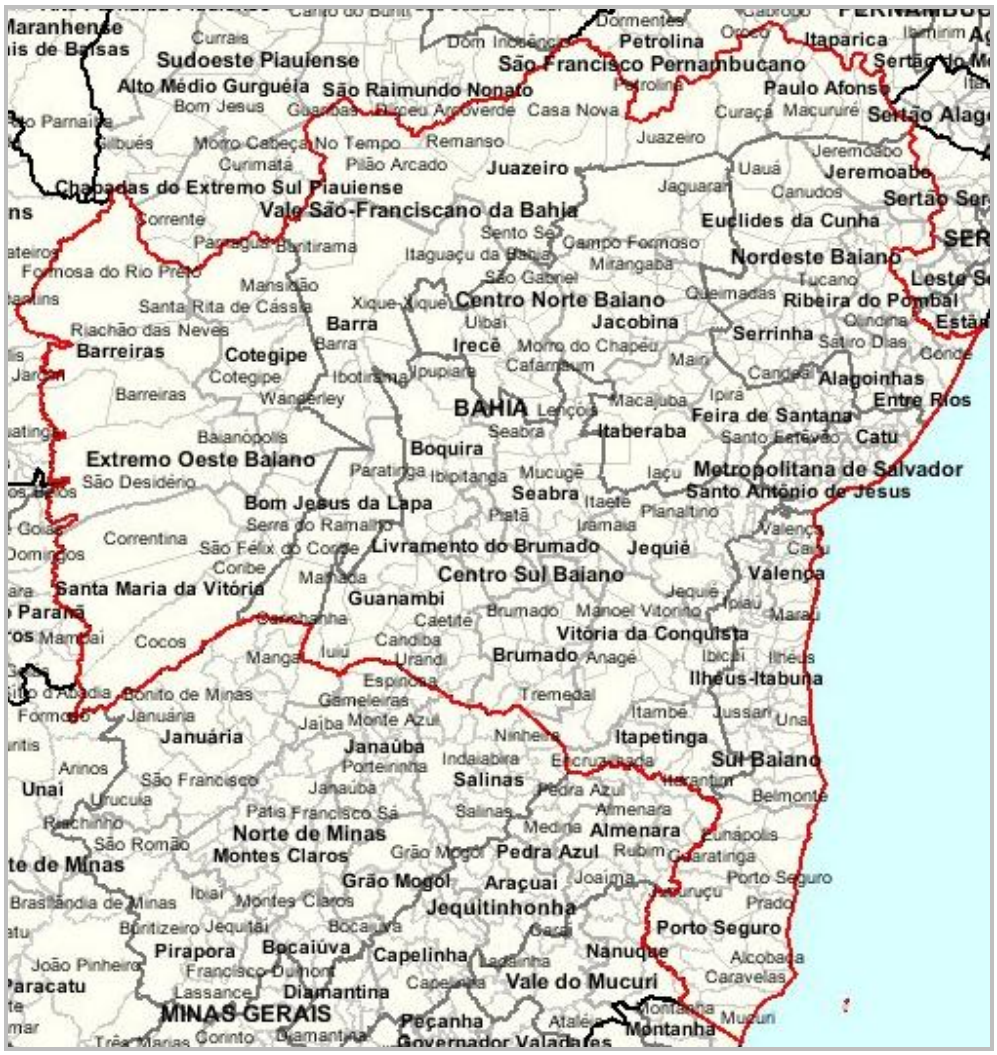


Ilustração 6 - Macrorregiões, Microrregiões e Municípios, Segundo IBGE

Finalmente, no Quadro 5 está apresentada a evolução do quantitativo de municípios baianos.

Quadro 5 - Evolução do Número de Municípios na Bahia

ANO	MUNICÍPIOS
1940/50	150
1960	194
1970/1980	336
1990	415
2000	417

Fonte: IBGE

2.3. A Divisão Regional de Planejamento Estadual

Feito o registro da divisão regional estabelecida pelo IBGE para o Estado da Bahia, faz-se importante destacar como se efetivou a evolução do processo de divisão regional de planejamento estadual, conduzida pelos órgãos da administração, a partir da década de 60.

Conforme descrito no documento Políticas Territoriais do Estado da Bahia: regionalização e planejamento, elaborado por Éder J. Cruz de Souza, em 2008, através da Lei nº 232, de 1966, estabeleceu-se a divisão do Estado em 21 Regiões Administrativas - RA, conceituadas como um espaço contínuo definido em função da cobertura da atuação do governo, tendo como centro uma sede urbana que concentraria os órgãos de atendimento nas diversas áreas.

As sedes das referidas RAs foram definidas como: Salvador, Feira de Santana, Ilhéus/Itabuna, Conquista, Jequié, Alagoinhas, Juazeiro, Jacobina, Valença, Serrinha, Brumado, Senhor do Bonfim, Xique-xique, Itaberaba, Santo Antônio de Jesus, Santa Maria da Vitória, Barreiras, Caetité, Medeiros Neto, Seabra e Ribeira do Pombal.

Porém, apesar de terem servido de base para algumas atividades setoriais, notadamente na educação e na saúde, essa ação não conseguiu dar origem a um projeto integrado de planejamento regional. O mesmo aconteceu com a proposta de divisão do Estado da Bahia em 16 microrregiões programas, de 1968, que possuía alguns inconvenientes devido a não delimitação clara das metodologias utilizadas, assim como, a ausência de aspectos funcionais.

Neste contexto, é importante ressaltar que a elevação da atividade de planejamento ao primeiro escalão do governo da Bahia somente ocorreu em 1971, através da criação da Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia.

Em 1973, o Projeto de Regionalização Administrativa para o Estado utilizando-se de metodologia pioneira na época, acabou por indicar 17 regiões administrativas, com 17 centros e 25 subcentros.

As RAs foram: Barreiras, Santa Maria da Vitória, Irecê, Caetité, Juazeiro, Jacobina, Itaberaba, Vitória da Conquista, Paulo Afonso, Serrinha, Feira de Santana, Jequié, Itapetinga, Alagoinhas, Salvador, Itabuna/Ilhéus e Itamaraju.

Em 1991, nova proposta de revisão administrativa foi apresentada, desta vez com um maior enfoque nos estudos da geografia urbana e regional. Na ocasião foram definidas 26 Regiões de Influência Urbana, conforme apresentado no Quadro 6, na sequência.

Como destacado no referido documento, deve-se considerar que essa nova abordagem possuía uma lógica bem mais dinâmica, uma vez que, ao considerar a influência urbana como elemento para realizar uma regionalização, aceitou-se também a possibilidade de que essa regionalização sofresse mudanças devido à própria dinâmica da rede urbana.

De acordo com os critérios traçados pelo projeto foram selecionadas 28 cidades, o que levou ao estabelecimento do critério da distância máxima de 100 km de raio em torno de cada sede, o que facilitou a demarcação das 26 regiões de influência urbana.

Quadro 6 - Regiões de Influência Urbana - Bahia, 1991

REGIÕES	CENTRO URBANO MAIS INFLUENTE	MUNICÍPIOS INTEGRANTES	% DO ESTADO
Salvador	Salvador	12	2,9
Alagoinhas	Alagoinhas	19	4,6
Feira de Santana	Feira de Santana	33	8,0
Santo Antônio de Jesus	Santo Antônio de Jesus	27	6,5
Valença	Valença	10	2,4
Ipiaú	Ipiaú	18	4,3
Itabuna/Ilheús	Itabuna/Ilhéus	23	5,5
Eunápolis	Eunápolis	8	1,9
Teixeira de Freitas	Teixeira de Freitas	13	3,1
Itapetinga	Itapetinga	12	2,9
Vitória da Conquista	Vitória da Conquista	20	4,8
Jequié	Jequié	16	3,9
Itaberaba	Itaberaba	16	3,9
Serrinha	Serrinha	14	3,4
Ribeira do Pombal	Ribeira do Pombal	19	4,6
Paulo Afonso	Paulo Afonso	10	2,4
Juazeiro	Juazeiro	8	1,9
Senhor do Bonfim	Senhor do Bomfim	10	2,4
Jacobina	Jacobina	20	4,8
Irecê	Irecê	21	5,1
Seabra	Seabra	11	2,7
Brumado	Brumado	18	4,3
Ibotirama	Ibotirama	9	2,2
Guanambi/Caetité	Guanambi/Caetité	22	5,3
Barreiras	Barreiras	12	2,8
Santa Maria da Vitória	Santa Maria da Vitória	14	3,4
TOTAL		**415**	**100,0**

Fonte: BAHIA, 1991

Em seguida, ainda nos anos 90, foi recuperado o conceito de regiões econômicas, definidas como sendo um espaço contínuo polarizado por uma cidade de maior porte, tendo por suporte uma ou mais atividades produtivas que caracterizam e determinam o potencial da região.

Este conceito aliado com o de área de influência urbana buscava dar um caráter mais abrangente ao planejamento governamental, privilegiando as distintas realidades econômicas estabelecidas pela dinâmica dos investimentos públicos e da iniciativa privada no território baiano.

Para tanto, oficialmente, levou-se em conta as repercussões espaciais do processo de modernização da base produtiva e as áreas de expansão da fronteira agropecuária.

Quadro 7 - Regiões Econômicas - Bahia

REGIÕES	CIDADES POLOS E SUBPOLOS
Região Metropolitana de Salvador	Salvador/Camaçari
Litoral Norte	Alagoinhas
Recôncavo Sul	Santo Antônio de Jesus/Santo Amaro
Litoral Sul	Ilhéus/Itabuna/Valença
Extremo Sul	Teixeira de Freitas/Eunápolis/Porto Seguro
Nordeste	Paulo Afonso/Serrinha/Ribeira do Pombal
Paraguaçu	Feira de Santana/Itaberaba
Sudoeste	Vitória da Conquista/Jequié/Itapetinga
Baixo Médio São Francisco	Juazeiro
Piemonte da Diamantina	Jacobina/Senhor do Bonfim
Irecê	Irecê/Xique-Xique
Chapada Diamantina	Seabra/Lençóis
Serra Geral	Brumado/Guanambi/Caetité
Médio São Francisco	Bom Jesus da Lapa/Ibotirama/Boquira
Oeste	Barreiras/Maria da Vitória

Fonte: SEI

Posteriormente, baseado na concepção de que o Estado precisaria articular-se com o contexto global para elaborar suas políticas regionais, potencializando seus recursos técnicos, de forma que pudesse inserir-se competitivamente no contexto mundial, o governo da Bahia definiu os eixos estaduais de desenvolvimento e os inseriu no plano plurianual 2000/2003. O referido documento os descreveu da forma apresentada a seguir.

Eixo São Francisco

Corresponderia ao conjunto de quatro regiões econômicas, a saber: Região Baixo Médio São Francisco, Região de Irecê, Região Médio São Francisco e Região Oeste; e se caracterizaria pela grande heterogeneidade entre seus municípios e pela concentração de 12% do total da população do Estado.

Estariam nesse eixo importantes cidades produtoras de grãos, como Barreiras e São Desidério, e áreas tradicionais de produção agrícola como a região de Irecê, além de parte do polo produtor de fruticultura irrigada em Juazeiro. Admitia-se que, em 1999, esse eixo teria sido responsável pela geração de cerca de 6% da renda estadual.

Teria também como característica a existência de diversos corredores de escoamento na sua área de abrangência, como a BR-242, que realizava a interligação entre o Oeste e o Centro-Oeste do país e com a Região Metropolitana de Salvador e seus portos e a BR-349 que ligava alguns municípios de produção agropecuária ao porto do Malhado, em Ilhéus.

Eixo Chapada

Corresponderia à reunião das regiões econômicas de Piemonte da Diamantina, Paraguaçu (exceto o entorno de Feira de Santana) e Chapada Diamantina.

Teria como característica inicial a pobreza e a estagnação financeira. Embora concentrasse 13% da população estadual, produzia, em 1999, apenas 2,6% da renda.

Apesar de concentrar diversas atividades econômicas como a criação de bovinos e caprinos, exploração de diversos minerais, a exemplo do ouro e do cobre mineral, e potencialidades para o desenvolvimento do turismo – notadamente na Chapada Diamantina, tais atividades não conseguiam ser dinamizadas.

Eixo Extremo Sul

Compreenderia os municípios que pertenciam à região econômica do sul. Esse eixo teria um relativo crescimento econômico na época, potencializado, principalmente, pela expansão das atividades relacionadas à produção de papel e celulose e também do turismo.

Mesmo concentrando apenas 5% da população total do Estado, esse eixo concentrava, aproximadamente, 4% da produção.

O fato da BR-101 passar por esse eixo lhe dava uma condição privilegiada, pois tal via de transporte se configurava como um importante corredor de escoamento da produção para o Centro-Sul.

Eixo Mata Atlântica

Compreenderia a região do Litoral Sul, excluindo-se a parte territorial denominada de baixo sul, e tinha como principal característica a variedade de atividades produtivas, o que acabava deixando esse eixo como responsável por aproximadamente 7% da produção estadual, principalmente através do cacau, da pecuária bovina e do turismo.

Essa diversidade produtiva fazia com que existisse na região uma tendência de ampliação do percentual de produção desse eixo, conjugada com uma tendência de crise, devido aos problemas enfrentados pela cultura do cacau.

Quanto à logística, o porto de Malhado e a BR-101 seriam os principais corredores.

Eixo Metropolitano

Compreenderia os municípios que compõem a Região Metropolitana de Salvador - RM. Esse eixo historicamente teria concentrado a maior parte da produção estadual, sendo que, no momento da confecção do PPA 2000/2003, esse percentual chegava a 63%. As principais indústrias eram a química, petroquímica, metalúrgica, siderúrgica, de plásticos, bebidas e fertilizantes, além do turismo e da indústria cultural.

Os corredores de escoamento desse eixo seriam a BR-324 e os portos localizados na Baía de Todos-os-Santos.

Eixo Grande Recôncavo

Compreenderia as regiões econômicas do Litoral Norte, Paraguaçu (apenas alguns municípios), Recôncavo Sul e parte do Litoral Sul, e abrangeria uma população correspondente a 17% do total do Estado.

A produção agropecuária daria ao eixo expressiva participação no PIB, cerca de 10% na época, embora também existissem importantes investimentos no setor industrial e agroindustrial, principalmente na área próxima à cidade de Feira de Santana.

Esse eixo se destacaria também como ligação para todo o Nordeste e com o Centro-Sul, uma vez que nele convergiam diversos eixos rodoviários, a saber: BA-052, BR-242, BR-116 e BR-324, além das possibilidades de alcance dos portos de Aratu e Salvador.

Eixo do Planalto

Compreenderia as regiões econômicas do Sudeste e da Serra Geral. A exemplo do Eixo Chapada concentraria um percentual considerável da população, superior a 13%, em contraposição a uma baixa participação no valor total de produção, de apenas 5%, na época.

A atividade agrícola seria o principal fator dessa produção, baseado primordialmente na cafeicultura e na plantação de algodão, enquanto que a produção industrial se mostrava bastante limitada e concentrada nos municípios de Vitória da Conquista e Ilhéus.

Dentre os corredores de escoamento da produção destacar-se-ia a BR-116 e suas possibilidades de ligação com o Sudeste, o que inclusive foi utilizado como um dos fatores para a atração de algumas empresas calçadistas.

Eixo Nordeste

Compreenderia apenas os municípios que compunham a região econômica nordeste e teria na pecuária extensiva de caprinos e bovinos a sua principal atividade econômica, conjuntamente com a exploração do sisal.

Tais atividades não gerariam grande dinamização econômica, de forma que mesmo possuindo 9% do total populacional baiano, o eixo seria responsável por apenas 2,6% do produto interno bruto na época, levando-o a ter o menor IDH do Estado.

Importante observar que para a elaboração do PPA 2004/2007 foram considerados 13 eixos de desenvolvimento, cuja composição passou a ser a seguinte: Metropolitano, Grande Recôncavo, Mata Atlântica, Extremo Sul, Nordeste, Chapada Norte, Chapada Sul, Planalto Sudoeste, Planalto Central, Baixo Médio São Francisco, Centro-Leste São Francisco, Médio São Francisco, Oeste do São Francisco.

Verifica-se, portanto, que os eixos anteriores Chapada, Planalto e São Francisco passaram por um processo de desmembramento.

A seguir, na Ilustração 7, estão apresentados os 8 Eixos de Desenvolvimento estabelecidos para o PPA 2000/2003, conjuntamente com as 15 Regiões Econômicas propostas nos anos 90.

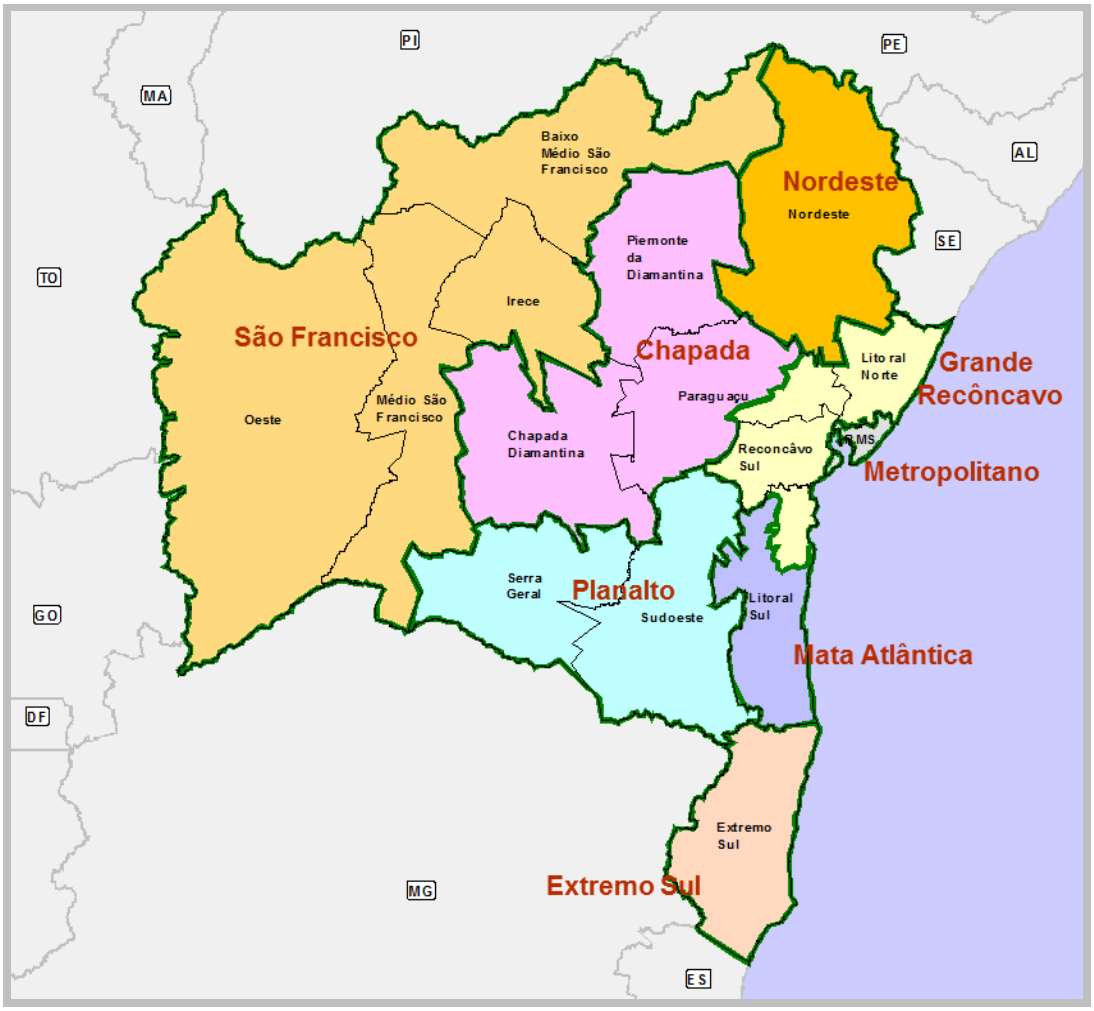


Ilustração 7 - Eixos de Desenvolvimento e Regiões Econômicas

Em 2006, aceitando as diretrizes propostas pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário quando da delimitação dos territórios rurais, o governo da Bahia, após realizar alguns ajustes metodológicos, adotou uma divisão denominada de Territórios de Identidade, com o objetivo de identificar oportunidades de investimento e prioridades temáticas definidas a partir da realidade local de cada Território.

Os Territórios de Identidade estão apresentados no Quadro 8, a seguir.

Quadro 8 - Territórios de Identidade - Bahia

TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE	MUNICÍPIOS
Irecê	América Dourada, Barra do Mendes, Barro Alto, Cafarnaum, Canarana, Central, Gentio do Ouro, Ibipeba, Ibititá, Ipupiara, Irecê, Itaguaçu da Bahia, João Dourado, Jussara, Lapão, Mulugum do Morro, Presidente Dutra, São Gabriel, Uibaí e Xique-Xique
Velho Chico	Barra, Bom Jesus da Lapa, Brotas de Macaúbas, Carinhanha, Feira da Mata, Ibotirama, Igaporã, Malhada, Matina, Morpará, Muquém do São Francisco, Oliveira dos Brejinhos, Paratinga, Riacho de Santana, Serra do Ramalho e Sítio do Mato
Chapada Diamantina	Abaíra, Andaraí, Barra da Estiva, Boninal, Bonito, Ibicoara, Ibitiara, Iramaia, Iraquara, Itaeté, Jussiape, Lençóis, Marcionílio Souza, Morro do Chapéu, Mucugê, Nova Redenção, Novo Horizonte, Palmeiras, Piatã, Rio de Contas, Seabra, Souto Soares, Utinga e Wagner
Sisal	Araci, Barrocas, Biritinga, Candeal, Cansanção, Conceição do Coité, Ichu, Itiúba, Lamarão, Monte Santo, Nordestina, Queimadas, Quijingue, Retirolândia, Santa Luz, São Domingos, Serrinha, Teofilândia, Tucano e Valente
Litoral Sul	Almadina, Arataca, Aurelino Leal, Barro Preto, Buerarema, Camacã, Canavieiras, Coaraci, Floresta, Azul, Ibicaraí, Ilhéus, Itabuna, Itacaré, Itaju do Colônia, Itajuípe, Itapé, Itapitanga, Jussari, Maraú, Mascote, Pau Brasil, Santa Luzia, S. J. da Vitória, Ubaitaba, Uma e Uruçuca
Baixo Sul	Aratuípe, Cairu, Camamu, Gandu, Ibirapitanga, Igrapiúna, Ituberá, Jaguaripe, Nilo Peçanha, Piraí do Norte, Presidente Tancredo Neves, Taperoá, Teolândia, Valença e Wenceslau Guimarães
Extremo Sul	Alcobaça, Caravelas, Ibirapoã, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lagedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Prado, Teixeira de Freitas e Vereda
Médio Sudoeste da Bahia	Caatiba, Firmino Alves, Ibicuí, Iguaí, Itambé, Itapetinga, Itarantim, Itororó, Macarani, Maiquinique, Nova Canaã, Potiraguá e Santa Cruz da Vitória
Vale do Jequiriçá	Amargosa, Brejões, Cravolândia, Elísio Medrado, Irajuba, Itaquara, Itiruçu, Jaguaquara, Jequiriçá, Lafaiete Coutinho, Lagedo do Tabocal, Laje, Maracás, Milagres, Mutuípe, Nova Itarana, Planaltino, Santa Inês, São Miguel das Matas e Ubaíra
Sertão do São Francisco	Campo Alegre de Lourdes, Canudos, Casa Nova, Curaçá, Juazeiro, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé, Sobradinho e Uauá
Bacia do Rio Grande	Angical, Baianópolis, Barreiras, Buritirama, Catolândia, Cotegipe, Cristópolis, Formosa do Rio Preto, Luiz Eduardo Magalhães, Mansidão, Riachão das Neves, Santa Rita de Cássia, São Desidério e Wanderley
Bacia do Parimirim	Boquira, Botuporã, Caturama, Érico Cardoso, Ibipitanga, Macaúbas, Paramirim, Rio do Pires e Tanque Novo
Serão Produtivo	Brumado, Caculé, Caetité, Candiba, Contendas do Sincorá, Dom Basílio, Guanambi, Ibiassucê, Ituaçu, Iuiú, Lagoa Real, Livramento de Nossa Senhora, Malhada de Pedras, Palmas de Monte Alto, Pindaí, Rio do Antônio, Sebastião Laranjeiras, Tanhaçu e Urandi
Piemonte do Paraguaçu	Boa Vista do Tupim, Iaçu, Ibiquera, Itaberaba, Itatim, Lajedinho, Macajuba, Mundo Novo, Piritiba, Rafael Jambeiro, Ruy Barbosa, Santa Terezinha e Tapiramutá
Bacia do Jacuípe	Baixa Grande, Capela do Alto Alegre, Gavião, Ipirá, Mairi, Nova Fátima, Pé de Serra, Pintadas, Quixabeira, Riachão do Jacuípe, São José do Jacuípe, Serra Preta, Várzea da Roça e Várzea do Poço
Piemonte da Diamantina	Caém, Capim Grosso, Jacobina, Miguel Calmon, Mirangaba, Ourolândia, Saúde, Serrolândia, Umburanas e Várzea Nova

continuação

TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE	MUNICÍPIOS
Semiárido Nordeste II	Adustina, Antas, Banzaê, Cícero Dantas, Cipó, Coronel João Sá, Euclides da Cunha, Fátima, Heliópolis, Jeremoabo, Nova Soure, Novo Triunfo, Paripiranga, Pedro Alexandre, Ribeira do Amparo, Ribeira do Pombal, Santa Brígida e Sítio do Quinto
Litoral Norte/Agreste Baiano	Acajutiba, Alagoinhas, Aporá, Araçás, Aramari, Cardeal da Silva, Catu, Conde, Crisópolis, Entre Rios, Esplanada, Inhambupe, Itanagra, Itapicuru, Jandaíra, Mata de São João, Olindina, Ouriçangas, Pedrão, Pojuca, Rio Real e Sátiro Dias
Portal do Sertão	Água Fria, Amélia Rodrigues, Anguera, Antônio Cardoso, Conceição de Feira, Conceição do Jacuípe, Coração de Maria, Feira de Santana, Ipecaetá, Irará, Santa Bárbara, Santanópolis, Santo Estevão, São Gonçalo dos Campos, Tanquinho, Teodoro Sampaio e Terra Nova
Vitória da Conquista	Anagé, Aracatu, Barra do Choça, Belo Campo, Bom Jesus da Serra, Caetanos, Cândido Sales, Caraíbas, Condeúba, Cordeiros, Encruzilhada, Guajeru, Jacaraci, Licínio de Almeida, Maetinga, Mirante, Mortugaba, Piripá, Planalto, Poções, Presidente Jânio Quadros, Ribeirão do Largo, Tremedal e Vitória da Conquista
Recôncavo	Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Marogojipe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, Sapeaçu, Saubara, São Felipe, São Francisco do Conde, São Félix, São Sebastião do Passé e Varzedo
Médio Rio das Contas	Aiquara, Apuarema, Barra do Rocha, Boa Nova, Dário Meira, Gongogi, Ibirataia, Ipiaú, Itagi, Itagibá, Itamari, Jequié, Jitaúna, Manoel Vitorino, Nova Ibiá e Ubatã
Bacia do Rio Corrente	Brejolândia, Canápolis, Cocos, Coribe, Correntina, Jaborandi, Santa Maria da Vitória, Santana, São Félix do Coribe, Serra Dourada e Tabocas do Brejo Velho
Itaparica	Abaré, Chorrochó, Glória, Macururé, Paulo Afonso e Rodelas
Piemonte Norte do Itapicuru	Andorinha, Antônio Gonçalves, Caldeirão Grande, Campo Formoso, Filadélfia, Jaguarari, Pindobaçu, Ponto Novo e Senhor do Bonfim
Metropolitana de Salvador	Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Salinas da Margarida, Salvador, Simões Filho e Vera Cruz
Costa do Descobrimento	Belmonte, Eunápolis, Guaratinga, Itabela, Itagimirim, Itapebi, Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália

Fonte: SEI

A divisão do Estado em Territórios de Identidade está retratada na Ilustração 8, a seguir.



Ilustração 8 - Territórios de Identidade - Bahia

Importante, finalmente, ressaltar que para efeito da agregação das variáveis socioeconômicas que estão sendo analisadas neste estudo, essa será a divisão a ser adotada para o zoneamento de tráfego.

3. O PROCESSO DE OCUPAÇÃO ECONÔMICA DO SOLO BAIANO

O presente capítulo teve como base, além das informações obtidas junto aos Institutos de Pesquisa oficiais, tais como: o IBGE, a SEI e as Secretarias de Governo, o documento Descobrimento e Formação do Estado da Bahia, de Lui Tinoco, de 2007.

O efetivo descobrimento das terras baianas, mais especificamente da Baía de Todos-os-Santos, que marca o descobrimento do Estado, ocorreu em novembro de 1501.

A existência de pau-brasil em grande quantidade, produto já conhecido pelos europeus, cujo corante extraído já era usado nas manufaturas têxteis da Itália, França e Flandres, foi logo constatada. A exploração desta matéria-prima tornou-se a principal atração da região, atraindo não só os comerciantes portugueses, mas também outros povos europeus, principalmente os franceses que mantinham largo contrabando das toras de pau-brasil para a Europa.

A partir da primeira metade do século XVI, o território da Bahia foi sendo colonizado e povoado lentamente por expedições chamadas entradas, que partiam de Salvador, Porto Seguro e Ilhéus em direção ao interior do Estado. As entradas foram muito semelhantes às bandeiras de São Paulo. Saíam do litoral e chegavam ao norte/nordeste, subindo os rios São Francisco, Paraguaçu, Grande, Verde e das Contas. Chegaram também ao sul/sudeste navegando os rios Jequitinhonha, Pardo, Doce e Mucuri.

Tanto no século XVI como no século XVII tais expedições foram de grande importância para o reconhecimento inicial da geografia, potencial mineral, recursos hídricos, fauna e flora do Estado, ainda que seu objetivo principal fosse a ocupação e o reconhecimento puro das terras. Também forneceram vasta documentação na defesa dos limites da Bahia com os estados vizinhos.

Importante destacar que o primeiro grupo indígena com o qual os europeus tiveram contato foi o tupiniquim, da família tupinambá, tronco tupi-guarani, que já habitava quase totalmente o litoral de todo o território baiano. Além do litoral, também outros grupos indígenas foram sendo descobertos pelos europeus, como, por exemplo: aimorés e pataxós, que habitavam as terras próximas ao Espírito Santo e Minas Gerais. Os camacãs, nagoiós, gongoiós e crancaiós viviam entre o Rio Prado e o Rio de Contas. Os maracás ocupavam o vale do Rio Paraguaçu e Serra Sincorá. O Nordeste do Estado era ocupado pelos cariris. No Rio São Francisco encontravam-se os anaiós e caiapós. Por fim, chicriabás e acroás habitavam a fronteira da Bahia com Goiás.

A chegada dos primeiros negros à Bahia deu-se entre 1549 e 1550, substituindo o trabalho forçado de índios escravizados, inicialmente nos engenhos e plantações, e posteriormente, até nas casas grandes. Para a Bahia foram vendidos africanos de diversas regiões, como, por exemplo: os atuais Senegal, Angola, Moçambique Etiópia e outros. Oficialmente, o último desembarque de escravos africanos para a Bahia ocorreu em 1852, na Pontilha, Ilha de Itaparica.

Neste contexto, surgem as lutas contra a escravidão. A mais organizada forma foi a criação dos quilombos, que se constituíam em pequenas e organizadas cidades autossuficientes, fundadas pelos escravos que conseguiam fugir das senzalas, dos engenhos e plantações em todo o Estado.

Exemplos importantes são os quilombos do Rio Vermelho, conhecidos no início do século XVII, Cabula de 1807, e Buraco do Tatu formado em 1744, os três na área ocupada hoje por Salvador. Também no interior do Estado formaram-se diversos quilombos como os de Muritiba e Maragogipe, descobertos em 1713, os de Nazaré e Santo Amaro, encontrados em 1801 e muitos outros.

Quanto aos povos europeus, os portugueses foram, sem dúvida, os que mais contribuíram para a formação do povo baiano. Os portugueses que habitaram a Bahia no século XVI tinham como origem, principalmente, as regiões de Entre-Douro-e-Moinho, Trás-os-Montes, Beira, Estremadura, Alentejo, Algarve e Ilhas. Além dos portugueses, os franceses, os holandeses e, por fim, os ingleses, influenciaram de alguma forma a população em formação. Verifica-se, entretanto, que foram os portugueses que criaram a Bahia agrária, mercantil e escravocrata, voltada para as necessidades do capitalismo comercial da época.

Por volta de 1534 as terras do Brasil começaram a ser ocupadas. Repetindo a experiência de outras colônias, a coroa portuguesa passou a assinar as primeiras cartas de doação das capitanias hereditárias. No território no qual atualmente localiza-se o Estado da Bahia foram formadas, entre os anos de 1534 e 1566, cinco capitanias hereditárias mantidas até a segunda metade do século XVIII.

Foram elas:

- Bahia: formada por 50 léguas de terra entre a margem direita do Rio São Francisco e a Ponta do Padrão, hoje Forte e Farol da Barra, que produzia algodão e cana. Acabou revertida para a coroa portuguesa e, em 1548, foi transformada em sede do governo-geral das terras do Brasil;
- Porto Seguro: formada por 60 léguas de terra, limitava-se pela margem direita do Rio Jequitinhonha e margem esquerda do Rio Doce, que explorava e comercializava o pau-brasil para a Europa por meio de Portugal. Acabou sendo confiscada pela coroa e incorporada à da Bahia;
- Ilhéus: possuía 50 léguas e tinha como limites a Ponta do Padrão e a margem esquerda do Rio Jequitinhonha. Produziu açúcar e chegou a construir nove engenhos no século XVI. Foi incorporada à capitania da Bahia em 1754;
- Itaparica e Tamarandiva: em 1763 foi incorporada à capitania da Bahia;
- Paraguaçu ou Recôncavo: era composta das terras que iam da barra do Rio Peroassú, hoje Paraguaçu, até a barra do Rio Jaguaripe. Foi produtora de açúcar e, posteriormente, de fumo. Acabou também incorporada à capitania da Bahia.

A economia da Bahia colonial foi, desde o início, voltada para o mercado externo, respondendo às exigências da metrópole. Era uma economia de exportação, mercantil, agrária e escravista. Desta maneira produziu e consumiu somente o que interessava ao comércio externo, mais especificamente o de Portugal. Registre-se, contudo, que essa

economia foi sustentada pelo trabalho escravo durante todos os ciclos econômicos, até o século XIX.

Neste contexto, o porto de Salvador, único para a exportação de produtos baianos, teve grande importância e intenso movimento durante o desenvolvimento da economia.

Dividida em ciclos, a economia da Bahia e de toda a colônia caracterizou-se como extrativista, inicialmente. Conforme anteriormente assinalado, já nas primeiras expedições exploradoras das terras brasileiras, os portugueses detectaram na mata atlântica do litoral baiano a ocorrência, em abundância, do chamado pau-brasil. Importante destacar que a coroa portuguesa, desde a sua descoberta, estabeleceu o monopólio da metrópole sobre a sua exploração. Cabe ressaltar que eram os índios que cortavam as árvores, rachavam as toras e transportavam o pau-brasil até as feitorias criadas no litoral para armazenar o produto e, em seguida, carregavam os navios.

Ainda no século XVI, a produção do açúcar foi definida como adequada para iniciar a exploração permanente do país. Muito raro e procurado na Europa, Portugal já o produzia em suas ilhas no Atlântico quando decidiu implantar a cultura da cana no país.

As terras baianas do tipo massapé mostraram-se perfeitas para o cultivo da cana-de-açúcar e o clima do Nordeste beneficiava seu desenvolvimento. A presença dos negros fornecia a quantidade de mão de obra necessária para a derrubada da mata, preparação do solo, plantio e colheita da cana e processamento do açúcar.

A cana era plantada em grandes latifúndios como monocultura e processada nos engenhos das fazendas. Em 1585 a Bahia já possuía 35 engenhos de açúcar, sendo que no fim do século XVIII já eram 260 espalhados pelo Recôncavo.

Em 1834 havia na Bahia 603 engenhos de açúcar e em 1875 alcançava-se a quantidade de 892 unidades, que se diversificaram na sua estrutura, sendo alguns deles movidos a vapor, outros hidráulicos ou de tração animal.

No final do século XIX, os engenhos de açúcar, embora apresentando sinais de declínio, ainda cumpriam importante papel na economia da Bahia. Na ocasião, eram construídos engenhos centrais, que permitiam maior eficiência e controle da produção no Estado.

O açúcar produzido era vendido aos holandeses, que por sua vez, o distribuíam para toda a Europa, sendo a Bahia um dos principais produtores do gênero para exportação. Quando os holandeses foram expulsos do país, deixaram de comercializar o açúcar brasileiro e passaram a financiar a sua produção nas Antilhas, fato que acelerou a decadência da economia açucareira na Bahia.

Ao lado do açúcar, o algodão e o fumo desempenharam importante papel para a economia das mais importantes regiões baianas.

Desde o século XVI a Bahia produziu e exportou algodão, porém em menor quantidade que o açúcar. A produção do algodão teve seu auge no século XIX, período em que a Inglaterra passou a comprar a matéria prima do Brasil. No entanto, após reatar relações comerciais com suas ex-colônias americanas produtoras de algodão, a Inglaterra deixou

de adquirir o produto da Bahia, fato que promoveu o enfraquecimento da produção local de algodão.

Em relação ao fumo, a Bahia registrou incrementos graduais na produção, que não era direcionada ao mercado europeu, mas sim ao mercado africano. As regiões chamadas tabuleiros, principalmente Cruz das Almas e Cachoeira, produziram e ainda produzem fumo. Ressalte-se que, a partir de do século XVIII a qualidade do produto foi melhorada na tentativa de se atingir o mercado europeu.

Diversos outros produtos foram produzidos e exportados pela Bahia nos séculos XVI, XVII e XVIII, como: couros, aguardente, mel, diversos grãos e produtos da mandioca. Ainda no século XVIII, também ouro e pedras preciosas foram extraídas das terras baianas, mais precisamente de Jacobina, Rio de Contas, Araçuaí e Tucambira. Verifica-se, no entanto, que Portugal preferiu concentrar a produção de ouro e pedras preciosas em Minas Gerais, a ponto de fechar minas de ouro da Bahia, mesmo havendo, no século XVIII, cerca de 2.000 mineradores no Estado.

O gado passou, no século XVI, a concorrer com as plantações de cana pela terra do litoral. Durante muito tempo, a criação de gado atendeu exclusivamente às necessidades das populações locais, era a chamada criação para o consumo próprio. Com o crescimento dos rebanhos, a extensão de terra do litoral baiano tornou-se pequena. Na verdade ou se plantava cana ou se criava gado.

O açúcar ainda era muito lucrativo e os interesses do mercado externo se sobrepunham em importância. A criação de gado chegou a ser proibida no litoral e banida para o sertão de todo o Nordeste.

Assim, a pecuária migrou em direção ao interior da Bahia, adaptando-se ao clima semiárido e abrindo os caminhos dos sertões. Nesse sentido, a pecuária teve grande importância para a exploração do interior do Estado. As conhecidas marchas das boiadas promoveram a ligação das regiões distantes e impulsionaram a fundação de diversas cidades importantes, como, por exemplo, Feira de Santana.

Pode-se, portanto, afirmar que foi dessa forma que foi realizada a colonização do sertão, promovida pelos vaqueiros que viajavam cada vez mais em direção ao centro do Estado.

Cidades como Vitória da Conquista, Xique-Xique, Juazeiro, Feira de Santana, Barreiras e Alagoinhas foram importantes pontos de pecuária do Estado e grandes beneficiadores do couro, que também era artigo de exportação da Bahia.

No século XIX, a economia baiana ainda tentava responder às exigências do mercado internacional produzindo e exportando produtos primários. Apesar de ter registrado alguma diversificação de sua produção, mantinha o açúcar como o produto mais importante para a exportação, seguido do fumo, diamantes, café, couros, aguardente, cacau e algodão.

O comércio tornou-se, no século XIX, a principal atividade econômica da Bahia, principalmente de sua capital Salvador. Os grandes comerciantes baianos eram exportadores muito importantes, tanto para a economia local, como para o restante do

país. De qualquer forma, a cidade já abrigava outros tipos de comércio, tais como: bancos, lojas de diversos tipos de artigos e até mesmo vendedores ambulantes.

Deve-se destacar que até a abertura dos portos era o luso brasileiro que dominava o comércio. Após esta data, os comerciantes estrangeiros de uma forma geral passaram a ser preponderantes no comércio baiano, permanecendo, entretanto, na mão do luso brasileiro o papel de intermediário, lojista ou traficante de escravos negros.

Os ingleses se destacaram em setores como a exportação e a importação de produtos nos portos baianos e os brasileiros, de modo geral, nos grandes comércios, nas casas bancárias e nas indústrias. Observa-se que na tentativa de criar seu próprio sistema bancário, os grandes comerciantes da Bahia fundaram, em 1817, o Banco da Bahia, que operava como filial do primeiro Banco do Brasil e, em 1834, a Caixa Econômica do Estado da Bahia.

No início do século, em 1808, foi cancelada a proibição da atividade industrial na colônia, e na Bahia já havia a permissão para a construção de uma fábrica de recipientes de vidro. A partir de então, a industrialização na colônia iniciou lento processo de desenvolvimento.

A industrialização foi efetivamente iniciada no Estado em 1841, com a instalação de fábricas de tecidos de algodão, que chegaram ao número de 7. Os ingleses se tornaram peças importantes e até fundamentais neste processo, já que monopolizavam a experiência e o conhecimento sobre as máquinas utilizadas. Na Bahia da mão de obra escrava, foram os estrangeiros os donos ou técnicos das indústrias nascentes, restando aos brasileiros apenas o trabalho braçal.

Lentamente, ao longo do século XIX, especialmente na sua segunda metade, foram sendo implementadas estradas de ferro, companhias de navegação, companhias de seguros e outros empreendimentos. Em 1887, foi fundada uma fábrica de chapéus com cerca de 250 operários. Em 1865, foi fundada uma farmácia e drogaria. Em 1877, iniciou-se a industrialização do sal no Estado.

Em 1879 a construção da Estrada de Ferro Bahia e Minas permitiu a melhora do escoamento da pequena produção das indústrias nascentes no Estado. Em 1899, já existiam 1.248 km em tráfego, 30 anos depois eram 2.669 km que ligavam diversos trechos, inclusive São Francisco, Central, Santo Amaro, Nazaré, Bahia-Minas, Centro-Oeste e Ilhéus-Conquista.

Havia também a preocupação com a construção de estradas de rodagem iniciadas no começo do século. Houve também a ampliação do transporte por via marítima que alcançava cidades do Recôncavo como Nazaré, São Félix e Itaparica, portos do litoral atlântico e Alagoas e Sergipe.

Em relação ao transporte urbano, em 1897, o primeiro bonde elétrico trafegou pelas ruas de Salvador. Os dois planos inclinados em conjunto com o elevador Lacerda, inaugurado em 1872, já ligavam a cidade baixa e a alta. Outros serviços começaram a ser implantados no Estado e, em 1884, instalou-se o serviço de telefone em Salvador.

O Estado viveu um período de relativa prosperidade do fim do século XVIII até o primeiro quarto do século XIX, muito em função do estímulo produzido pelas guerras de

independência das colônias inglesas na América, que deixavam livre o mercado com a Europa.

Ao mesmo tempo, a revolução industrial permitia melhorias na exportação de algodão e as guerras napoleônicas que desarticularam a produção das colônias francesas e inglesas, levavam ao incremento da demanda externa por produtos brasileiros tradicionais na exportação.

No entanto, a partir das lutas pela independência, o país começou a sofrer restrições do mercado internacional, fato que teria reduzido significativamente as exportações de açúcar, algodão e fumo. Já no fim do século XIX, o aquecimento do processo da industrialização sem planejamento, levou o país inteiro a uma das maiores crises da história. A própria libertação dos escravos em 1888 contribui para o grande declínio na economia baiana, ainda naquela época baseada no trabalho escravo e no seu tráfico.

A Bahia viveu então um período de estagnação na indústria e no comércio, principalmente, em grande parte produzida pela crise do seu principal segmento econômico, a produção e comercialização do açúcar.

Ressalte-se, também, que a exportação do fumo, muito associada ao tráfico de escravos, foi afetada pelo fim da escravidão no Brasil e pela concorrência da América do Norte, que havia reatado as ligações comerciais com a Europa.

O cacau e o café surgiram então como alternativas que poderiam substituir o açúcar, o algodão e o fumo na economia exportadora baiana. Diferentemente dos estados do sudeste, os solos e o clima da Bahia não favoreceram a produção do café. No entanto, o cacau encontrou no sul da Bahia solo e clima adequados para o seu desenvolvimento e produção, demonstrando ser um eficiente substituto do açúcar.

Entre 1890 a 1930, o cacau se apresentou como importante produto de exportação e foi montada uma importante estrutura de produção e comercialização do produto e de seus derivados no Estado. A partir de 1926, além do Porto de Salvador, o Porto de Ilhéus passou a exportar o cacau baiano. Posteriormente, a crise da economia mundial de 1929 afetou a exportação de todos os produtos voltados ao mercado externo, inclusive o cacau.

Nos séculos XIX e XX, alguns produtos andaram lado a lado com o cacau na exportação baiana, como, por exemplo: cana, mandioca, feijão, milho, fumo e diversas frutas e verduras. Merece destaque as culturas do algodão, mamona e sisal.

Ao final do século XX, a produção agrícola acabou tomando um forte impulso na região oeste do Estado, principalmente com a produção de soja, milho e algodão.

Observa-se que a pecuária permanece ainda como uma das mais importantes atividades econômicas do sertão baiano e em parte do Recôncavo. Verifica-se que a Bahia apresenta-se como um dos principais estados produtores de leite do Nordeste do Brasil.

Quanto ao segmento industrial, cabe mencionar que na última década do século XIX, a economia baiana registrou um surto de empreendimentos industriais que marcou o aparecimento da indústria fabril no Estado, independente da economia açucareira. No entanto, as décadas seguintes apresentaram vários sintomas de estagnação econômica

nesta atividade. Até os anos 50 do século XX, a economia estadual não evoluiu na direção da efetiva industrialização.

A grande mudança se deu a partir de 1949 com a implantação da PETROBRAS, que iniciou a exploração dos campos de petróleo do Recôncavo e a instalação da Refinaria de Mataripe. Posteriormente, a criação da SUDENE e os diversos incentivos fiscais praticados favoreceram a industrialização de toda a Região Nordeste.

Este processo provocou grandes repercussões na economia baiana, como, por exemplo: a mudança na estrutura do parque industrial, na composição do valor de transformação industrial, na formação da renda interna e no próprio espaço econômico.

O Centro Industrial de Aratu e outros distritos industriais possibilitaram a industrialização do Recôncavo e de parte do interior do Estado. A implantação da indústria petroquímica na Bahia, concentrada na Região Metropolitana de Salvador, supriu as necessidades de material da indústria química baiana em franco desenvolvimento. Observa-se que a indústria de transformação, inclusive a automobilística, é ainda de grande importância para o Estado.

A partir de 1967, o turismo na Bahia ainda pouco representativo, passou a ser explorado de forma planejada. Foram criados órgãos especializados e implementados projetos de valorização dos recursos naturais e do Patrimônio Histórico. Atualmente, o turismo registra relevância na geração de divisas para o Estado, focalizando cidades litorâneas como Salvador, Ilhéus e Porto Seguro e outras do interior do Estado.

4. EVOLUÇÃO DOS INDICADORES POPULACIONAIS DO ESTADO

4.1. Metodologia Adotada pelo IBGE nas Estimativas Populacionais

Conforme documentação disponibilizada pelo IBGE, a metodologia adotada por aquele Instituto para estimar os contingentes populacionais dos territórios brasileiros verifica a tendência de crescimento populacional de determinado município, entre dois censos demográficos consecutivos, em relação à mesma tendência de uma área geográfica hierarquicamente superior (área maior).

Segundo o IBGE, o método requer a existência de uma projeção populacional, que leve em consideração a evolução das componentes demográficas – a fecundidade, a mortalidade e a migração – para uma área maior que o município, ou seja, para a Unidade da Federação, Grande Região ou País.

Desta forma, o modelo matemático desenvolvido estaria atrelado à dinâmica demográfica da área maior. Em síntese, o que a metodologia preconiza é que: se a tendência de crescimento populacional do município entre os censos for positiva, a estimativa populacional será maior que a verificada no último levantamento censitário. Caso contrário, a estimativa apontará valor inferior ao último censo.

O método de tendência de crescimento demográfico adotado tem como princípio fundamental a subdivisão de uma área maior, cuja estimativa já se conhece, em *n* áreas menores, de tal forma que seja assegurada ao final das estimativas das áreas menores a reprodução da estimativa pré-conhecida da área maior, através da soma das estimativas das áreas menores.

A partir da aplicação deste modelo são estimadas as populações de cada uma das Unidades da Federação, considerando-se como área maior o Brasil, cuja projeção é elaborada pelo método das componentes demográficas, e como áreas menores as próprias Unidades da Federação. Assim, são obtidas as populações residentes totais estimadas em cada 1º de julho, para as 27 Unidades da Federação.

Finalizada esta etapa, as populações das Grandes Regiões são obtidas a partir da soma das estimativas populacionais das suas respectivas Unidades da Federação.

Conforme destaca o IBGE, as estimativas para os municípios são obtidas, também, pela aplicação do modelo descrito anteriormente, ressaltando-se que os municípios foram considerados como áreas menores em relação às Unidades da Federação correspondentes.

Assim, o Instituto é capaz de disponibilizar as estimativas das populações residentes em 1º de julho de cada ano, para o Brasil, segundo o sexo e grupos quinquenais de idade, e para as Grandes Regiões, Unidades da Federação e municípios as populações totais, segundo a situação político-administrativa vigente na data da estimativa.

4.2. Dados Populacionais

A evolução da população residente, segundo condição de domicílio e sexo, no país, Região Nordeste e Estado da Bahia, segundo dados apurados pelos censos realizados pelo IBGE nos anos de 1991, 2000 e 2010, está apresentada no Quadro 9.

Quadro 9 - População Residente, Por Domicílio e Sexo, Segundo o Brasil, Região Nordeste e Bahia - 1991/2000/2010

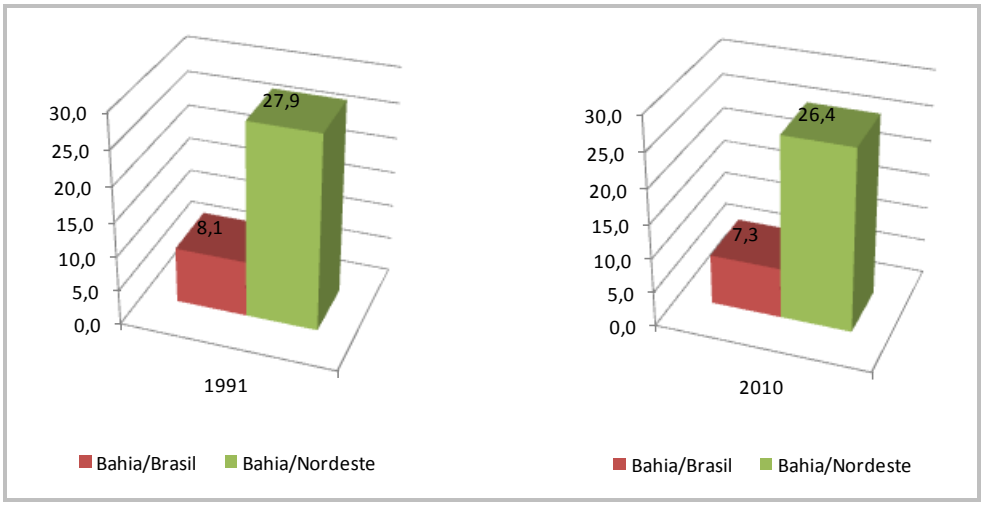
BRASIL/NORDESTE/ BAHIA/RMS	POPULAÇÃO RESIDENTE						TOTAL
	URBANA			RURAL			
	TOTAL	MASCULINO	FEMININO	TOTAL	MASCULINO	FEMININO	
			1991				
Brasil	110.990.990	53.854.256	57.136.734	35.834.485	18.630.866	17.203.619	146.825.475
Região Nordeste	25.776.279	12.253.843	13.522.436	16.721.261	8.529.449	8.191.812	42.497.540
Bahia	7.016.770	3.366.169	3.650.601	4.851.221	2.491.738	2.359.483	11.867.991
			2000				
Brasil	137.953.959	66.882.993	71.070.966	31.845.211	16.693.022	15.152.189	169.799.170
Região Nordeste	32.975.425	15.779.168	17.196.257	14.766.286	7.634.746	7.131.540	47.741.711
Bahia	8.772.348	4.227.922	4.544.426	4.297.902	2.234.111	2.063.791	13.070.250
			2010				
Brasil	160.925.792	77.710.174	83.215.618	29.830.007	15.696.816	14.133.191	190.755.799
Região Nordeste	38.821.246	18.526.728	20.294.518	14.260.704	7.382.318	6.878.386	53.081.950
Bahia	10.102.476	4.840.611	5.261.865	3.914.430	2.037.655	1.876.775	14.016.906

Fonte: IBGE - Censos de 1991, 2000 e 2010 e SEI

Como se observa, a população urbana da Bahia registrou menor crescimento do que as populações urbanas da Região Nordeste e do país entre 1991 e 2010. Enquanto que a primeira, experimentou incremento de 44% no período, a população urbana nordestina e brasileira acusaram acréscimos de 51% e 44% respectivamente.

Por outro lado, o Estado da Bahia apresentou redução da população rural mais expressiva, de 19%, dos que aquelas verificadas pela Região Nordeste e pelo país, de 15% e 17%, respectivamente, no mesmo período.

A participação da população da Bahia, na Região e no país estão indicadas na Ilustração 9.



Fonte: IBGE

Ilustração 9 - Participação da População Baiana nas Populações do Nordeste e do País (%)

Destaca-se que em 1991 a população da Bahia representava 8,1% da população brasileira. Esta participação foi ligeiramente reduzida no período analisado, passando a representar 7,3% em 2010.

Em relação à população total da Região Nordeste, a população baiana também perdeu espaço entre 1991 e 2010, quando teve a sua representatividade reduzida de 27,9% para 26,4%.

Esta redução da participação da população baiana apresenta-se no sentido oposto do que vem ocorrendo em alguns estados da Região Nordeste, como, por exemplo, o Ceará, cuja participação da população do Estado em relação à população total brasileira e nordestina vem aumentando na última década.

Nestes Estados, os incrementos nas participações das respectivas populações vêm sendo explicados, pelo menos parcialmente, pelas alterações nos movimentos migratórios em tempos recentes. Nestes casos, o arrefecimento do processo de migração da população de alguns estados nordestinos, principalmente, para a região Sudeste do Brasil, que teve seu ápice nas décadas de 1980 e 1990, muito provavelmente vem contribuindo para este panorama.

Há que se destacar, ainda, o expressivo crescimento da população urbana no Estado, que passou de uma participação de 59% no total da população estadual de 1991 para 72% da população baiana de 2010.

Verifica-se que a população urbana brasileira que já representava 76% da população total do país em 1991, em 2010 já alcançava uma participação de 84% da população nacional, indicando uma taxa de urbanização bastante superior àquela registrada no Estado da Bahia.

Quanto à participação por sexo, o Estado da Bahia apresenta-se com presenças masculinas e femininas semelhantes aos da Região Nordeste e do país. Em 2010, as presenças feminina e masculina no Estado eram de aproximadamente 51% e 49%, respectivamente, as mesmas encontradas na Região Nordeste e no país.

A forma como as populações das diversas regiões da Bahia evoluíram em termos quantitativos está apresentada no Quadro 10, na sequência, no qual se registra a evolução populacional nos territórios de identidade do Estado.

O território de identidade Costa do Descobrimento foi aquele que acusou a maior taxa de crescimento populacional entre 1991 e 2000, expressivos 4,2% ao ano, seguido dos Territórios da Região Metropolitana de Salvador, Bacia do Rio Grande e Sertão de São Francisco, com taxas anuais de 2,15%, 1,89% e 1,82%.

Por outro lado, nesse período, os territórios de identidade da Bacia do Jacuípe, Piemonte Norte do Ipicuru e Litoral Sul foram aqueles que registraram menores taxas de crescimento, de -1,45%, -1,37% e -0,31, respectivamente.

Já no período entre 2000 e 2010, as maiores taxas de crescimento anual ocorreram na Bacia do Rio Grande, Costa do Descobrimento, Região Metropolitana de Salvador e Portal do Sertão, com 2,41%, 1,61%, 1,36% e 1,19%, respectivamente. As menores taxas foram registradas nos territórios Litoral Sul, Médio Rio de Contas e Vitória da Conquista, com -0,88%, -0,61% e -0,21%, respectivamente.

Quadro 10 - População Residente nos Territórios de Identidade da Bahia - 1991/2000/2010

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	TOTAL DA POPULAÇÃO EM 1991	TOTAL DA POPULAÇÃO EM 2000	TOTAL DA POPULAÇÃO EM 2010	TX. ANUAL (%) CRESCIMENTO 1991/2000	TX. ANUAL (%) CRESCIMENTO 2000/2010
Irecê	369.165	381.535	402.828	0,37	0,54
Velho Chico	326.394	349.689	370.095	0,78	0,57
Chapada Diamantina	353.939	367.105	371.864	0,41	0,13
Sisal	529.160	552.713	582.329	0,49	0,52
Litoral Sul	867.653	843.901	772.683	-0,31	-0,88
Baixo Sul	314.459	326.286	359.109	0,41	0,96
Extremo sul	334.154	372.170	416.859	1,22	1,14
Médio Sudoeste da Bahia	221.700	245.334	247.180	1,14	0,07
Vale de Jequiriçá	274.916	299.592	301.682	0,97	0,07
Sertão do São Francisco	380.655	447.255	494.431	1,82	1,01
Bacia do Rio Grande	265.303	313.586	398.034	1,89	2,41
Bacia do Paramirim	141.861	156.370	163.162	1,10	0,43
Sertão Produtivo	393.247	421.076	444.666	0,77	0,55
Piemonte do Paraguaçu	259.753	256.566	265.630	-0,14	0,35
Bacia do Jacuípe	273.607	240.162	237.267	-1,45	-0,12
Piemonte da Diamantina	217.324	223.245	229.633	0,30	0,28
Semiárido Nordeste II	376.607	400.263	407.928	0,69	0,19
Litoral Norte e Agreste Baiano	489.992	561.199	628.236	1,53	1,13
Portal do Sertão	683.224	775.268	872.780	1,43	1,19
Vitória da Conquista	618.460	710.191	695.302	1,56	-0,21
Recôncavo	491.041	539.929	576.672	1,07	0,66
Médio Rio de Contas	390.182	389.580	366.507	-0,02	-0,61
Bacia do Rio Corrente	197.457	199.927	200.819	0,14	0,04
Itaparica	131.554	149.749	167.118	1,46	1,10
Piemonte Norte do Itapicuru	281.945	249.212	261.901	-1,37	0,50
Metropolitana de Salvador	2.485.174	3.005.667	3.438.844	2,15	1,36
Costa do Descobrimento	199.065	292.680	343.347	4,42	1,61

Fonte: IBGE - Censos de 1991, 2000 e 2010 e SEI

No mesmo quadro, também é possível verificar a forte concentração populacional no território de identidade da Região Metropolitana de Salvador, com participações de 21% e 25% em 1991 e 2010, respectivamente, em relação à população estadual.

Além do território de identidade da Região Metropolitana de Salvador, os territórios Litoral Sul, Portão do Sertão e Vitória da Conquista registraram, em 1991, as maiores concentrações populacionais, com participações de 7%, 6% e 5%, respectivamente, sobre a população estadual.

Em 2010, os mesmos territórios, entretanto, em ordem diferente, apareciam também como os mais populosos, além da Região Metropolitana de Salvador, a saber: Portal do Sertão com participação ligeiramente superior a 6%, Litoral Sul com participação pouco inferior a 6% e Vitória da Conquista com 5% da população estadual, naquele período. Em 2010, as menores concentrações populacionais estavam localizadas nos territórios de identidade de Bacia do Rio Corrente, Itaparica e Bacia do Paramirim.

A Ilustração 10 apresenta a participação dos 7 maiores territórios de identidade em termos populacionais. Com se observa, esses territórios reuniam, tanto em 1991 como em 2010 quase 50% da população de todo o Estado da Bahia.

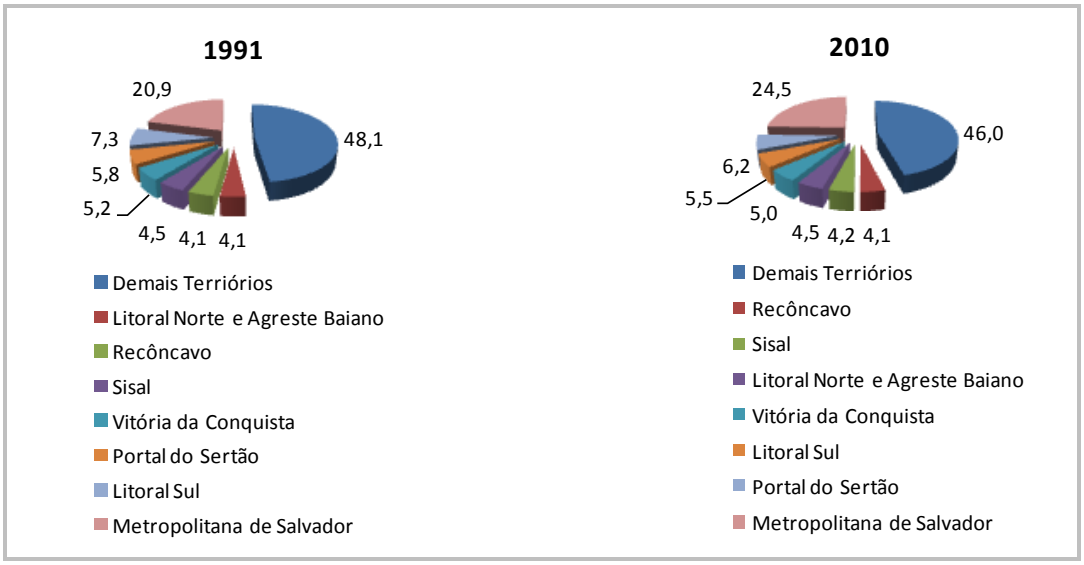


Ilustração 10 - Participação da População dos Principais Territórios na População do Estado (%)

Quanto ao grau de urbanização dos diversos territórios de identidade, observa-se que apenas 7 territórios possuíam taxas superiores a 70%, a saber: Região Metropolitana de Salvador, Costa do Descobrimento, Litoral Sul, Portão do Sertão, Médio Rio de Contas, Médio Sudoeste da Bahia e Extremo Sul.

Importante destacar que apenas o território da Região Metropolitana de Salvador, superava a taxa de 78% de grau de urbanização naquele ano.

Na outra ponta, com taxas inferiores a 50%, apareciam os territórios de identidade de Bacia do Paramirim, Sisal, Semiárido Nordeste II, Bacia do Rio Corrente, Bacia do Jacuípe, Chapada Diamantina, Velho Chico, Sertão Produtivo, Baixo Sul e Piemonte Norte do Itapicuru.

Em 2010, apenas Itaparica apareceu como novo território de identidade com taxa de urbanização superior a 70%, além daqueles que já possuíam taxas superiores em 1991. Observa-se que, no mesmo ano, o território de identidade da Região Metropolitana de Salvador alcançava uma taxa de urbanização de 98,7%.

Os territórios de identidade de Chapada Diamantina, Velho Chico, Bacia do Rio Corrente, Semiárido Nordeste II, Sisal e Bacia do Paramirim permaneciam com taxas de urbanização inferiores aos 50% em 2010. Naquele ano, os territórios de identidade de Bacia do Jacuípe, Sertão Produtivo, Baixo Sul e Piemonte Norte do Itapicuru registraram taxas de urbanização superiores a 50%.

O Quadro 11, a seguir, apresenta a evolução da taxa de urbanização entre 1991 e 2010 dos territórios de identidade.

Quadro 11 - Urbanização nos Territórios de Identidade

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	GRAU DE URBANIZAÇÃO EM 2000	GRAU DE URBANIZAÇÃO EM 2010
Irecê	58,62	61,39
Velho Chico	42,51	46,59
Chapada Diamantina	41,90	47,97
Sisal	37,00	42,79
Litoral Sul	75,44	81,89
Baixo Sul	49,20	53,23
Extremo sul	70,04	76,64
Médio Sudoeste da Bahia	70,36	78,79
Vale de Jequiriçá	54,26	57,89
Sertão do São Francisco	58,18	63,87
Bacia do Rio Grande	59,73	66,80
Bacia do Paramirim	29,29	36,17
Sertão Produtivo	48,59	54,72
Piemonte do Paraguaçu	59,26	63,52
Bacia do Jacuípe	41,80	51,58
Piemonte da Diamantina	55,64	62,50
Semiárido Nordeste II	38,62	44,92
Litoral Norte e Agreste Baiano	62,35	63,86
Portal do Sertão	74,08	78,14
Vitória da Conquista	53,06	64,76
Recôncavo	65,63	69,22
Médio Rio de Contas	70,39	78,14
Bacia do Rio Corrente	41,27	46,50
Itaparica	66,63	70,18
Piemonte Norte do Itapicuru	49,99	55,08
Metropolitana de Salvador	98,37	98,68
Costa do Descobrimento	77,37	79,70

Fonte: IBGE - Censos de 1991 e 2010 e SEI

Acrescente-se, ainda, os indicativos referentes à densidade demográfica nos territórios de identidade, para o anos de 2010, segundo o censo do IBGE.

Como pode ser observado no Quadro 12 apresentado na sequência, a densidade demográfica do território de identidade da Região Metropolitana de Salvador é expressivamente superior às densidades demográficas dos demais territórios de identidade.

Em 2010, na Região Metropolitana de Salvador existiam 1.237,33 habitantes/km², enquanto que nos territórios de identidade de Vitória da Conquista e Médio Rio das Contas, segundo e terceiro lugares no ranking estadual, eram 150,18 e 110,45 habitantes/km², respectivamente.

Naquele mesmo ano, as densidades demográficas de Bacia do Rio Grande, Sertão do São Francisco e Velho Chico, territórios de identidade de menor densidade demográfica do Estado, limitaram-se a 4,48, 8,02 e 8,05 habitantes/km², respectivamente.

Importante ressaltar, conforme assinalado anteriormente, que a densidade demográfica média no Estado da Bahia, no ano de 2010, segundo o IBGE, era de apenas 24,8 habitantes/km².

Quadro 12 - Densidade Demográfica nos Territórios de Identidade - 2010

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	DENSIDADE DEMOGRÁFICA (habitante/km²)
Irecê	15,12
Velho Chico	8,05
Chapada Diamantina	11,38
Sisal	28,55
Litoral Sul	52,69
Baixo Sul	46,67
Extremo sul	21,82
Médio Sudoeste da Bahia	18,46
Vale de Jequiriçá	29,33
Sertão do São Francisco	8,02
Bacia do Rio Grande	5,25
Bacia do Paramirim	16,07
Sertão Produtivo	18,13
Piemonte do Paraguaçu	14,93
Bacia do Jacuípe	22,14
Piemonte da Diamantina	19,69
Semiárido Nordeste II	25,53
Litoral Norte e Agreste Baiano	43,28
Portal do Sertão	150,18
Vitória da Conquista	25,49
Recôncavo	110,45
Médio Rio de Contas	37,01
Bacia do Rio Corrente	4,48
Itaparica	13,54
Piemonte Norte do Itapicuru	18,54
Metropolitana de Salvador	1.237,33
Costa do Descobrimento	28,30

Fonte: IBGE - Censo 2010 e SEI/SEPLAN-DPS

Cabe também registrar a evolução da composição da população baiana em termos de grupos de idade, comparativamente, a mesma evolução na Região Nordeste e no país, conforme apresentado no Quadro 13, na sequência.

No ano de 1991, tanto a Bahia como a Região Nordeste e o país concentravam o maior contingente populacional na faixa dos 5 a 9 anos, seguida pelas faixas de 10 a 14 anos e 0 a 4 anos, apesar dessas concentrações terem sido maiores na Bahia do que nas demais regiões.

Em 2000, mais uma vez a Bahia, a Região Nordeste e o país registraram a maior concentração em um mesmo grupo de idade, dessa vez, na faixa de 10 a 14 anos. Os grupos de 5 a 9 anos e de 0 a 4 anos se apresentaram em seguida, também para a Bahia, a Região Nordeste e para o país. A diferença neste caso foi o fato da Região Nordeste ter sido aquela de maior concentração na faixa de 10 a 14 anos.

No ano de 2010 este equilíbrio foi quebrado. Enquanto a Bahia e a Região Nordeste mantinham a faixa de 10 a 14 anos como sendo a de maior concentração, o país passou a registrar a maior concentração no grupo dos 20 a 24 anos.

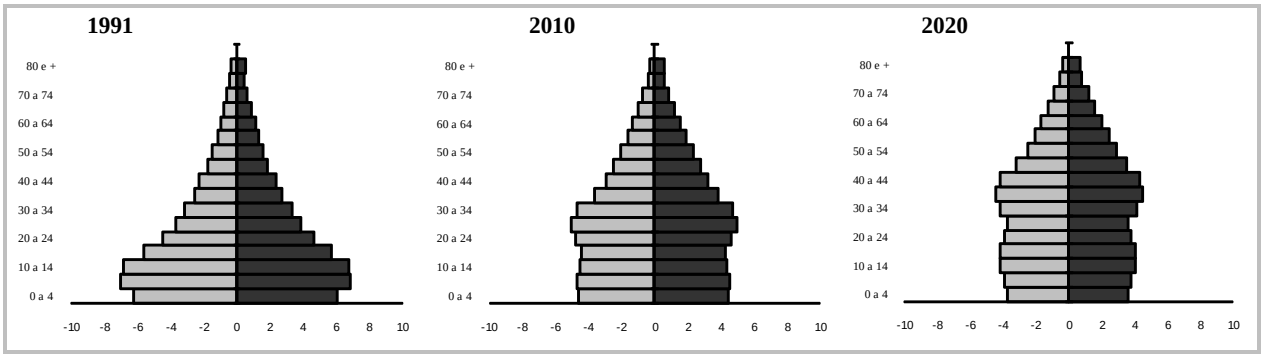
Em relação aos grupos subsequentes foi possível observar comportamentos distintos. O país acumulava maiores concentrações nas faixas de 10 a 14 anos e 25 a 29 anos. A Região Nordeste, por sua vez, reunia as maiores concentrações nas faixas de 20 a 24 anos e de 25 a 29 anos, enquanto que a população do Estado da Bahia estava mais concentrada nos grupos de 25 a 29 anos e de 20 a 24 anos.

Quadro 13 - Composição da População Residente, Por Grupos de Idade, no Brasil, Nordeste e Bahia - 1991/2000/2010 (%)

REGIÃO	POPULAÇÃO RESIDENTE - GRUPOS DE IDADE (ANOS)													
	TOTAL	0 a 4	5 a 9	10 a 14	15 a 17	18 a 19	20 a 24	25 a 29	30 a 34	35 a 39	40 a 49	50 a 59	60 a 69	70 ou +
1991														
Brasil	146.825.475	11,25	11,86	11,61	6,29	3,94	9,24	8,61	7,54	6,45	9,51	6,41	4,37	2,94
Nordeste	42.497.540	12,77	13,55	13,09	7,05	4,14	8,98	7,65	6,25	5,28	8,30	5,69	4,08	3,19
Bahia	11.867.991	12,22	13,83	13,63	7,14	4,17	9,05	7,58	6,42	5,30	8,26	5,52	3,83	3,06
2000														
Brasil	169.799.170	9,64	9,74	10,22	6,30	4,26	9,51	8,16	7,67	7,22	11,35	7,37	4,82	3,74
Nordeste	47.741.711	10,60	10,75	11,62	7,10	4,57	9,69	7,72	7,03	6,33	9,53	6,64	4,51	3,91
Bahia	13.070.250	10,08	10,46	11,43	7,32	4,81	10,06	7,80	7,07	6,35	9,77	6,62	4,43	3,81
2010														
Brasil	190.755.799	7,23	7,85	9,00	5,43	3,48	9,04	8,97	8,25	7,28	13,02	9,65	5,95	4,84
Nordeste	53.081.950	7,97	8,72	9,88	5,96	3,72	9,51	9,00	8,03	6,87	11,82	8,24	5,49	4,79
Bahia	14.016.906	7,56	8,49	9,56	5,85	3,62	9,31	9,34	8,35	7,01	12,02	8,54	5,54	4,81

Fonte: IBGE - Censos de 1991, 2000 e 2010 e SEI

A título ilustrativo estão apresentadas na sequência as pirâmides etárias do Estado da Bahia em 1991 e 2010, bem como aquela projetada pelo IBGE para 2020.



Fonte: IBGE/SEI

Ilustração 11 - Pirâmides Etárias da Bahia - 1991, 2010 e Projetada para 2020

A composição etária dos territórios, no ano de 2010, está apresentada no Quadro 14.

Quadro 14 - População por Grupos de Idade nos Territórios de Identidade - 2010 (%)

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	0 a 6	7 a 14	15 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 49	50 a 59	60 a 64	65 ou +
Estado da Bahia	10,85	14,76	5,85	12,92	9,34	27,38	8,54	3,12	7,24
Irecê	12,22	16,14	6,35	12,40	8,48	25,55	8,08	3,17	7,62
Velho Chico	12,51	17,12	6,97	13,18	8,35	23,62	7,62	3,02	7,62
Chapada Diamantina	11,73	16,61	6,41	13,05	8,46	24,09	8,05	3,21	8,39
Sisal	11,40	16,40	6,31	12,88	8,48	25,03	7,63	3,51	8,35
Litoral Sul	11,16	14,86	5,78	12,59	8,84	26,28	9,34	3,25	7,88
Baixo Sul	12,53	16,89	6,60	13,62	9,07	24,66	7,92	2,66	6,05
Extremo Sul	11,91	15,83	6,21	12,54	8,81	26,27	8,52	2,97	6,95
Médio Sudoeste da Bahia	11,15	14,89	5,76	12,96	8,96	25,64	8,49	3,34	8,81
Vale de Jequiriçá	10,95	15,29	6,19	12,71	8,61	25,40	8,62	3,22	9,00
Sertão do São Francisco	12,65	16,31	6,22	12,99	8,71	26,03	7,42	2,92	6,76
Bacia do Rio Grande	12,46	15,93	6,30	14,45	10,14	25,93	7,06	2,40	5,33
Bacia do Paramirim	9,93	14,82	6,34	13,37	8,63	24,75	8,63	3,70	9,83
Sertão Produtivo	9,85	13,90	5,95	13,50	8,95	26,91	8,74	3,49	8,69
Piemonte do Paraguaçu	11,75	16,44	6,48	12,67	8,32	24,28	8,00	3,30	8,75
Bacia do Jacuípe	10,53	15,29	6,32	12,53	7,88	24,74	8,77	3,91	10,03
Piemonte da Diamantina	11,55	15,35	6,16	12,77	8,61	25,78	8,18	3,45	8,15
Semiárido Nordeste II	11,15	16,29	6,36	12,88	7,90	25,20	7,94	3,54	8,74
Litoral Norte e Agreste Baiano	11,37	15,94	6,33	12,88	9,15	26,54	7,80	2,93	7,06
Portal do Sertão	10,63	14,22	5,71	13,30	9,93	28,26	8,17	2,95	6,82
Vitória da Conquista	10,86	14,58	5,86	12,79	8,86	26,40	8,62	3,41	8,61
Recôncavo	10,20	14,24	5,89	13,02	9,65	28,29	8,36	2,99	7,36
Médio Rio de Contas	10,97	14,64	6,03	12,86	8,96	25,46	9,15	3,22	8,71
Bacia do Rio Corrente	11,13	15,62	6,44	12,61	8,34	25,22	8,50	3,47	8,66
Itaparica	11,69	15,29	5,83	12,98	8,54	27,07	7,90	3,31	7,39
Piemonte Norte do Itapicuru	11,53	15,88	6,07	12,55	8,36	26,11	8,10	3,37	8,03
Metropolitana de Salvador	9,26	12,50	4,98	12,78	10,68	31,52	9,55	2,99	5,74
Costa do Descobrimento	12,85	16,75	5,90	12,75	9,48	26,85	7,65	2,48	5,29

Fonte: IBGE - Censo 2010 e SEI/SEPLAN-DPS

Observa-se que em relação à população de 0 a 6 anos, os territórios de identidade de Costa do Descobrimento, Sertão de São Francisco e Baixo Sul são aqueles que apresentavam, no ano de 2010, concentrações da população nesta faixa etária mais acima da média estadual, de 10,85%.

Por sua vez, os terrritórios da Região Metropolitana de Salvador, Sertão Produtivo e Bacia do Paramirim eram os que registravam menores concentrações nesta faixa etária, quando comparados a média estadual.

Já em relação à população da faixa etária de 7 a 14 anos, no ano de 2010, eram os territórios de identidade de Velho Chico, Baixo Sul e Costa do Descobrimento que mais se desviavam da média estadual, de 14,86%, no sentido superior.

Por outro lado, eram os territórios da Região Metropolitana de Salvador, Sertão Produtivo e Portal do Sertão, os que acusavam menores concentrações nesta faixa etária naquele ano.

Na faixa etária de 15 a 17 anos, em 2010, apareciam os territórios de identidade de Vitória da Conquista e Itaparica como aqueles que mais se aproximavam da média estadual, de 5,85%, enquanto que o território de identidade Velho Chico foi aquele de maior desvio superior em relação à media estadual, com concentração de 6,97%. A Região Metropolitana de Salvador registrou, no mesmo ano, uma concentração de 4,98% nesta faixa.

Com idade entre 18 e 24 anos, os territórios de identidade de Bacia do Rio Grande, Baixo Sul e Sertão Produtivo, foram os que apresentaram concentrações da população mais elevadas nesta faixa etária, em 2010. Os territórios de Bacia do Jacuípe, Extremo Sul e Piemonte Norte do Itapicuru foram aqueles com menor concentração relativa nesta faixa naquele ano.

Em relação à população da faixa etária de 25 a 29 anos, a Região Metropolitana de Salvador era o território de identidade de maior concentração populacional nesta faixa, com 10,68% no ano de 2010. Verifica-se que nesta faixa etária a concentração média estadual atingiu 9,34% em 2010.

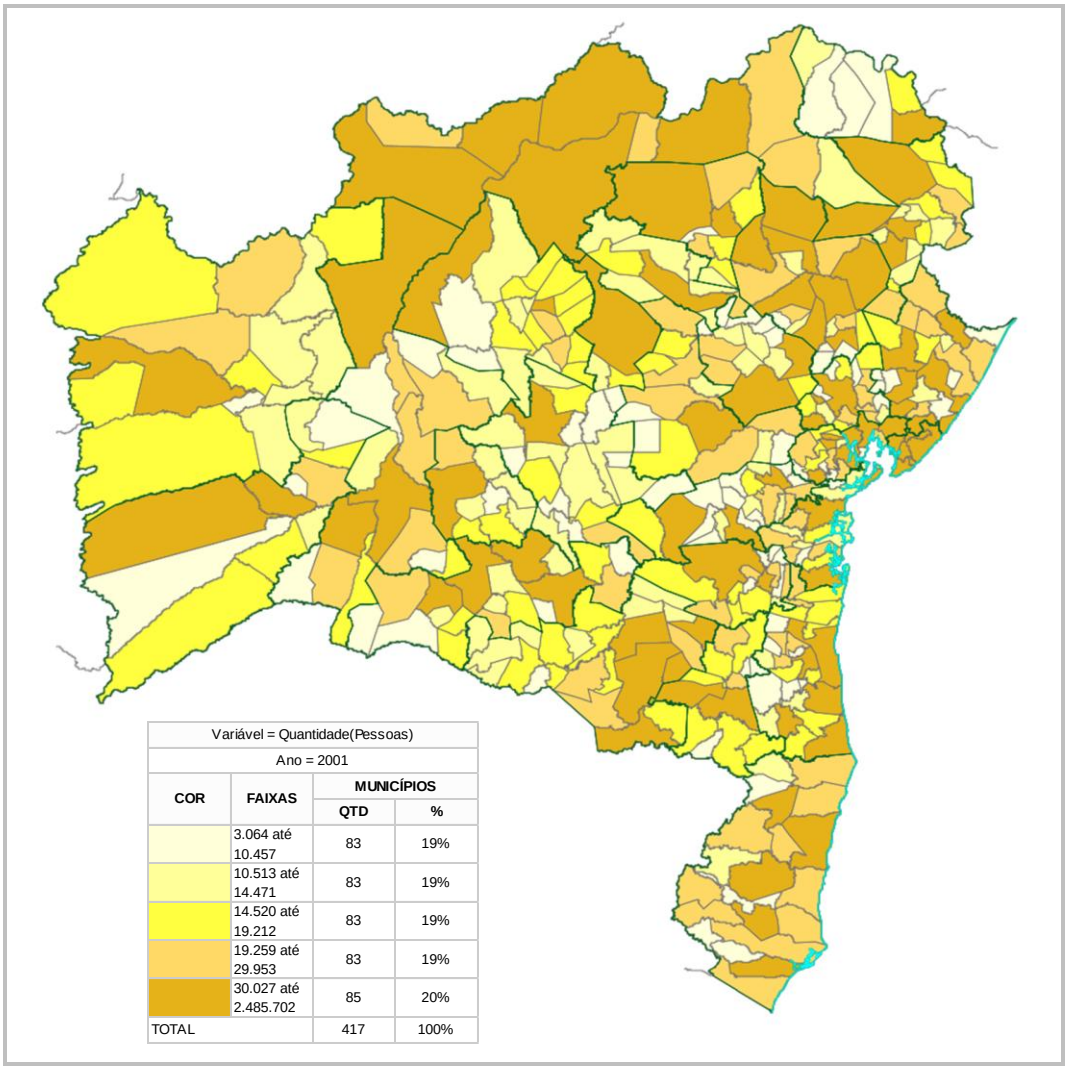
Na faixa etária de 30 a 49 anos, a Região Metropolitana de Salvador registrou concentração de 31,52% em 2010, maior índice entre os territórios, sendo que a média de concentração estadual nesta faixa foi de 27,38% naquele ano. Os territórios de identidade de menor concentração nesta faixa, em 2010, eram Velho Chico, Chapada Diamantina e Piemonte do Paraguaçu.

Também na faixa etária de 50 a 59 anos, foi a Região Metropolitana de Salvador que registrou maior concentração em 2010, de 9,55%. Naquele ano a média estadual nesta faixa foi de 8,54%, enquanto que os territórios de identidade de menor concentração nesta faixa foram Bacia do Rio Grande, Sertão de São Francisco e Velho Chico.

A faixa etária de 60 a 64 anos foi aquela de menor concentração média estadual em 2010, com participação de 3,12%, enquanto que a faixa que compreende as idades de 65 anos e superior apareceu em segundo lugar entre as menores concentrações etárias naquele ano, com 7,24%.

Cabe agregar a esta análise as estimativas populacionais elaboradas pelo IBGE para o Estado e para os 417 municípios que compõem a Bahia, para o período compreendido entre 2001 e 2009. Estes dados estão apresentados no Quadro 1.A, do Anexo, juntamente com as estimativas para 2011 e 2012, também preparadas, recentemente, pelo IBGE.

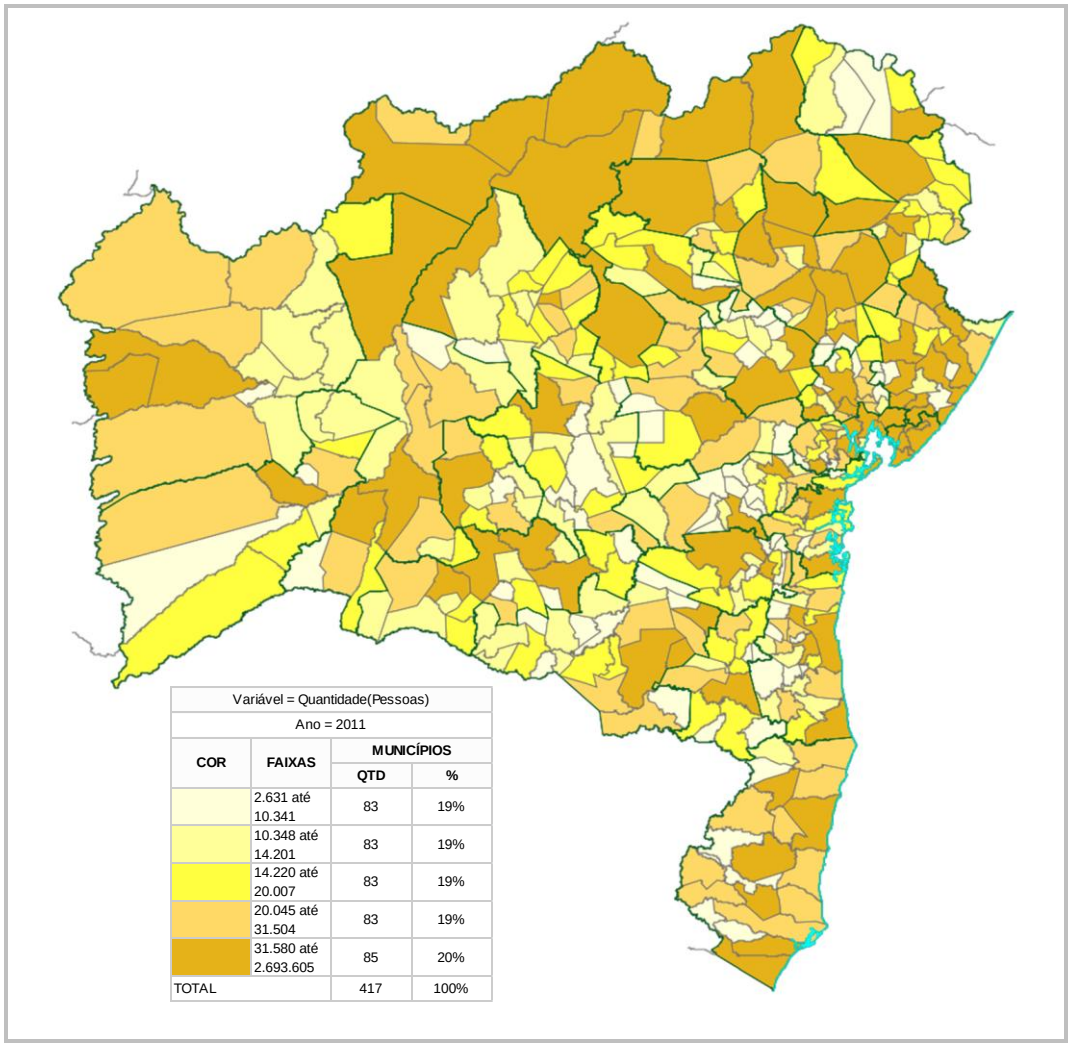
Finalmente, estão apresentadas, a seguir, as Ilustrações 12 e 13 que possibilitam a visualização da distribuição espacial da população no território baiano, com as indicações dos limites municipais e de territórios de identidade nos anos de 2000 e 2010, podendo-se identificar os maiores e menores contingentes populacionais.



Variável = Quantidade(Pessoas)			
Ano = 2001			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	3.064 até 10.457	83	19%
	10.513 até 14.471	83	19%
	14.520 até 19.212	83	19%
	19.259 até 29.953	83	19%
	30.027 até 2.485.702	85	20%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

Ilustração 12 - Distribuição Espacial da População (Estimada) em 2001



Variável = Quantidade(Pessoas)			
Ano = 2011			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	2.631 até 10.341	83	19%
	10.348 até 14.201	83	19%
	14.220 até 20.007	83	19%
	20.045 até 31.504	83	19%
	31.580 até 2.693.605	85	20%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

Ilustração 13 - Distribuição Espacial da População (Estimada) em 2011

5. DADOS ECONÔMICOS E CARACTERIZAÇÃO DOS SETORES DA ECONOMIA

5.1. Evolução do Produto Interno Bruto - PIB

5.1.1. PIB Estadual Vis-à-vis o PIB Regional e o PIB Brasil

No Quadro 15, a seguir, apresenta-se a evolução nominal do PIB do país e das cinco regiões que o compõe, no período entre 2002 e 2010, que representa a produção de todos os bens e serviços destinados ao consumo final, acrescida dos impostos incidentes, líquidos de subsídios.

Quadro 15 - PIB e Crescimento do Brasil e Regiões

(R$ milhões correntes)

REGIÕES	PRODUTO INTERNO BRUTO			VARIAÇÃO (%)	
	2002	2007	2010	2002/2010	2007/2010
Brasil	1.477.822	2.661.345	3.770.085	155,11	41,66
Norte	69.310	133.578	201.511	190,74	50,86
Nordeste	191.592	347.797	507.502	164,89	45,92
Sudeste	837.646	1.501.185	2.088.221	149,30	39,10
Sul	249.626	442.820	622.255	149,27	40,52
Centro-Oeste	129.649	235.964	350.596	170,42	48,58

Fonte: IBGE/SEI

Verifica-se que no ano de 2010 a economia da Região Nordeste ocupou o 3º lugar no ranking das regiões, quando foi registrado um PIB de R$ 507,50 bilhões contra R$ 3,77 trilhões alcançados pela economia nacional.

Naquele mesmo ano, a Região Sudeste registrou o maior PIB, embora esta tenha apresentado o menor crescimento econômico, em termos nominais, no período 2007-2010.

A economia da Região Norte foi a que acusou o maior crescimento, tanto no período de 2002 a 2010, como entre 2007 e 2010, seguida pela Região Centro-Oeste, nos dois períodos.

De qualquer forma, a economia do Centro-Oeste apresenta-se, desde 2002, na 4ª colocação em termos de PIB regional.

Em relação ao PIB per capita, que representa a relação entre o valor corrente do PIB total e a população residente, observa-se que a Região Sudeste apresentou o maior valor de 2002, 2007 e 2010, seguida, nos três anos, pela Região Centro-Oeste.

Por outro lado, foi no Nordeste que se verificou o menor nível de PIB per capita desde 2002, apesar de ter registrado a segunda maior variação positiva no período 2002-2010, de 145,72% e a maior variação positiva no período 2007-2009, de 41,67%, conforme apresentado no Quadro16.

Quadro 16 - PIB Per Capita e Crescimento do Brasil e Regiões

(R$ correntes)

REGIÕES	PIB PER CAPITA			VARIAÇÃO (%)	
	2002	2007	2010	2002/2010	2007/2010
Brasil	8.378	14.465	19.766	135,93	36,65
Norte	5.050	9.135	12.701	151,50	39,04
Nordeste	3.891	6.749	9.561	145,72	41,67
Sudeste	11.140	19.277	25.988	133,29	34,81
Sul	9.615	16.564	22.723	136,33	37,18
Centro-Oeste	10.565	17.844	24.953	136,19	39,84

Fonte: IBGE/SEI

Cabe apresentar, também, a participação da economia baiana na formação do PIB regional e nacional. Em 2002 e 2007, o PIB da Bahia representava, aproximadamente, 31,5% do PIB da Região Nordeste e cerca de 4,1% do PIB brasileiro, conforme pode ser observado no Quadro 17. Entretanto, em 2010, a participação do PIB baiano, tanto na Região como no PIB nacional, foi ligeiramente reduzida, para 30,4% e 4,0%, respectivamente, indicando perdas da economia baiana na região.

Verifica-se que, enquanto a economia regional crescia nominalmente 164,89% entre 2002 e 2010, a economia da Bahia registrava um incremento inferior, de 154,38%, no mesmo período.

O mesmo ocorreu entre 2007 e 2010, quando o PIB regional acusou crescimento de 45,92% contra um acréscimo de 40,75% no PIB baiano.

Quadro 17 - PIB e Crescimento do Brasil, Nordeste e Bahia

(R$ milhões correntes)

REGIÕES	PRODUTO INTERNO BRUTO			VARIAÇÃO (%)	
	2002	2007	2010	2002/2010	2007/2010
Brasil	1.477.822	2.661.345	3.770.085	155,11	41,66
Nordeste	191.592	347.797	507.502	164,89	45,92
Bahia	60.672	109.652	154.340	154,38	40,75

Fonte: IBGE/SEI

Em relação ao PIB per capita, observa-se que os montantes apurados para a Bahia ficaram sempre um pouco acima do PIB regional e muito aquém do PIB nacional.

Quadro 18 - PIB Per Capita e Crescimento do Brasil, Nordeste e Bahia

(R$ correntes)

REGIÕES	PIB PER CAPITA			VARIAÇÃO (%)	
	2002	2007	2010	2002/2010	2007/2010
Brasil	8.378	14.465	19.766	135,93	36,65
Nordeste	3.891	6.749	9.561	145,72	41,67
Bahia	4.525	7.787	11.007	143,25	41,35

Fonte: IBGE/SEI

Quanto à comparação do PIB estadual com o PIB nacional considerando-se os dados preliminares de 2012, devem-se observar as seguintes relações apontadas no Quadro 19, a seguir.

Quadro 19 - PIB e PIB Per Capita Brasil e Bahia - 2012

(R$ Milhões correntes e R$ correntes)

REGIÕES	PIB 2012	PIB PER CAPITA 2012
Brasil	4.402.537	22.402
Bahia	186.411	13.150

Fonte: IBGE/SEI

Verifica-se que a economia baiana retomou a um nível de maior participação na economia nacional, passando a representar 4,2% do PIB do país, frente à queda que havia ocorrido em 2010, quando o PIB estadual havia declinado para um montante equivalente a cerca de 4,0% do valor do PIB do país.

Em relação ao PIB per capita, ocorreu também uma melhoria no Estado, visto que em 2012 foi observado o seu crescimento de um montante equivalente a 55,68% do valor registrado para o PIB nacional, para um montante equivalente a 58,70%, em 2012.

Comparativamente aos demais Estados da Federação, o PIB da Bahia manteve-se sempre na 6ª colocação do ranking nacional do PIB estadual nos anos 2002, 2007 e 2010, conforme apresentado no Quadro 20. Em termos de crescimento, o PIB baiano apresentou-se na 20ª colocação no período 2002-2010 e na mesma posição do ranking nacional no período 2007-2010.

Importante mencionar que o Estado de São Paulo apresentou em 2002, 2007 e 2010, o maior PIB do país, apesar de ter se posicionado nas últimas posições em termos de crescimento nominal, 25ª no período 2002-2012 e 22ª no período 2007-2010.

Quadro 20 - PIB e Crescimento Nominal - Unidades da Federação

(R$ milhões correntes)

ESTADO	2002	RK	2007	RK	2010	RK	2010/02 (%)	RK	2010/07 (%)	RK
Rondônia	7.780	22	15.003	22	23.561	22	202,84	4	57,04	2
Acre	2.868	26	5.761	26	8.477	25	195,57	6	47,14	11
Amazonas	21.791	14	42.023	15	59.779	14	174,33	11	42,25	17
Roraima	2.313	27	4.169	27	6.341	27	174,15	12	52,10	8
Pará	25.659	13	49.507	13	77.848	13	203,39	3	57,25	1
Amapá	3.292	25	6.022	25	8.266	26	151,09	22	37,26	24
Tocantins	5.607	24	11.094	24	17.240	24	207,47	1	55,40	4
Maranhão	15.449	16	31.606	16	45.256	16	192,94	7	43,19	15
Piauí	7.425	23	14.136	23	22.060	23	197,10	5	56,06	3
Ceará	28.896	11	50.331	12	77.865	12	169,47	15	54,71	6
Rio Grande do Norte	12.198	19	22.926	18	32.339	18	165,12	17	41,06	19
Paraíba	12.434	18	22.202	19	31.947	19	156,93	19	43,89	14
Pernambuco	35.251	10	62.256	10	95.187	10	170,03	14	52,90	7
Alagoas	9.812	20	17.793	20	24.575	20	150,46	23	38,12	23
Sergipe	9.454	21	16.896	21	23.932	21	153,14	21	41,64	18
Bahia	60.672	6	109.652	6	154.340	6	154,38	20	40,75	20
Minas Gerais	127.782	3	241.293	3	351.381	3	174,98	10	45,62	13
Espírito Santo	26.756	12	60.340	11	82.122	11	206,93	2	36,10	26
Rio de Janeiro	171.372	2	296.768	2	407.123	2	137,57	27	37,19	25
São Paulo	511.736	1	902.784	1	1.247.596	1	143,80	25	38,19	22
Paraná	88.407	5	161.582	5	217.290	5	145,78	24	34,48	27
Santa Catarina	55.732	8	104.623	7	152.482	7	173,60	13	45,74	12
Rio Grande do Sul	105.487	4	176.615	4	252.483	4	139,35	26	42,96	16
Mato Grosso do Sul	15.154	17	28.121	17	43.514	17	187,15	8	54,74	5
Mato Grosso	20.941	15	42.687	14	59.600	15	184,61	9	39,62	21
Goiás	37.416	9	65.210	9	97.576	9	160,79	18	49,63	10
Distrito Federal	56.138	7	99.946	8	149.906	8	167,03	16	49,99	9

Fonte: IBGE/SEI

No Quadro 21, na sequência, estão indicados os valores apurados para o PIB per capita de todas as Unidades da Federação, no qual é possível observar que o PIB baiano apresentou-se sempre na 19ª colocação dentre todas as unidades da Federação.

No período 2002-2010, o crescimento nominal registrado pelo PIB per capita baiano foi de 143,25% posicionando-se na 14ª colocação dentre os estados brasileiros. Já no período mais recente, entre 2007 e 2010, o crescimento do PIB per capita baiano alcançou a 10ª colocação no ranking nacional, registrando um avanço de 41,35%.

Importante destacar que o Distrito Federal é a Unidade da Federação que vem registrando maior valor do PIB per capita, apesar de não ter sido esta a unidade a apresentar maiores taxas de crescimento no período analisado.

Observa-se que, entre 2002 e 2010 foi o Estado do Espírito Santo que registrou a maior taxa de crescimento nominal do PIB per capita no país, 183,11%, enquanto que o Estado do Amapá acusava a menor taxa de crescimento nominal no período, de 99,37%. Já no período compreendido entre 2007 e 2010, foi o Estado do Piauí que registrou a maior taxa de crescimento nominal, com 51,72%, enquanto que, mais uma vez, o Estado do Amapá acusava a menor taxa de crescimento nominal, de 20,55%.

Quadro 21 - PIB Per Capita e Crescimento Nominal - Unidades da Federação

(R$ correntes)

ESTADO	2002	RK	2007	RK	2010	RK	2010/02 (%)	RK	2010/07 (%)	RK
Rondônia	5.363	15	10.320	14	15.098	13	181,52	2	46,30	5
Acre	4.707	17	8.789	17	11.567	18	145,74	12	31,61	24
Amazonas	7.253	9	13.043	9	17.173	11	136,77	17	31,66	23
Roraima	6.513	13	10.534	13	14.052	14	115,75	26	33,40	18
Pará	3.918	22	7.007	22	10.259	21	161,84	5	46,41	4
Amapá	6.200	14	10.254	15	12.361	16	99,37	27	20,55	27
Tocantins	4.576	18	8.921	16	12.462	15	172,33	4	39,69	12
Maranhão	2.637	26	5.165	26	6.889	27	161,24	6	33,38	19
Piauí	2.544	27	4.662	27	7.073	26	178,03	3	51,72	1
Ceará	3.735	23	6.149	23	9.217	23	146,77	11	49,89	2
Rio Grande do Norte	4.234	21	7.607	20	10.208	22	141,10	15	34,19	16
Paraíba	3.539	24	6.097	24	8.481	24	139,64	16	39,10	13
Pernambuco	4.328	20	7.337	21	10.822	20	150,05	9	47,50	3
Alagoas	3.371	25	5.858	25	7.874	25	133,58	19	34,41	15
Sergipe	5.060	16	8.712	18	11.572	17	128,70	22	32,83	20
Bahia	4.525	19	7.787	19	11.007	19	143,25	14	41,35	10
Minas Gerais	6.904	12	12.519	10	17.932	9	159,73	7	43,24	7
Espírito Santo	8.258	7	18.003	4	23.379	6	183,11	1	29,86	26
Rio de Janeiro	11.543	3	19.245	3	25.455	3	120,52	25	32,27	22
São Paulo	13.259	2	22.667	2	30.243	2	128,09	23	33,42	17
Paraná	8.945	6	15.711	7	20.814	7	132,69	20	32,48	21
Santa Catarina	9.969	5	17.834	5	24.398	4	144,74	13	36,81	14
Rio Grande do Sul	10.057	4	16.689	6	23.606	5	134,72	18	41,45	9
Mato Grosso do Sul	7.004	11	12.411	11	17.766	10	153,66	8	43,15	8
Mato Grosso	7.928	8	14.954	8	19.644	8	147,78	10	31,36	25
Goiás	7.078	10	11.548	12	16.252	12	129,61	21	40,73	11
Distrito Federal	25.747	1	40.696	1	58.489	1	127,17	24	43,72	6

Fonte: IBGE/SEI

Por outro lado, o crescimento real das economias brasileiras, das Regiões, do país e do Estado da Bahia está apresentado no Quadro 22, tendo como base as variações de preços ocorridas a partir de 2002.

Quadro 22 - Taxa Acumulada de Crescimento Real e Média do PIB

Brasil, Regiões e Bahia (%)

REGIÕES	2002 - 2009		2007 - 2009	
	ACUMULADO	MÉDIA	ACUMULADO	MÉDIA
Brasil	27,52	3,53	11,21	3,61
Norte	39,35	4,85	8,43	2,73
Nordeste	32,80	4,14	11,71	3,76
Sudeste	26,01	3,36	11,09	3,57
Sul	20,38	2,69	9,35	3,02
Centro Oeste	37,46	4,65	16,15	5,12
Estado da Bahia	32,70	4,12	10,10	3,26

Fonte: IBGE

Importante destacar que no período 2002-2009 o Nordeste apresentou a terceira maior taxa de crescimento acumulada, 32,8%, equivalente a uma média de crescimento anual igual a 4,14%. A Região Nordeste foi superada pelas Regiões Norte, com 4,85% e Centro-Oeste, com 4,65%.

Cabe ressaltar que estas Regiões se constituem em zona de expansão agrícola. A disponibilidade de terra para o desenvolvimento da agricultura existente nas duas Regiões é um fator importante para torná-las mais competitivas frentes às demais Regiões Brasileiras.

Interessante observar que a média de crescimento do Centro-Oeste entre 2007 e 2009 superou a média das demais Regiões, enquanto a média do Nordeste, no mesmo período, apresentou-se na segunda colocação entre todas as Regiões.

Analisando-se os resultados apurados para a Bahia para este período, comparativamente ao Nordeste e ao país, verifica-se que a economia baiana registrou o menor crescimento no período 2007-2009, com uma taxa de 3,26%. Observa-se que no período 2002-2009, houve uma evolução positiva de 32,70%, superando o crescimento acumulado pelo país, de 27,52%, porém ligeiramente inferior ao crescimento acumulado pelo Nordeste, de 32,80%.

Verifica-se, entretanto, que entre 2002-2009, o crescimento real do PIB do Estado da Bahia ficou na 14ª posição dentre os estados brasileiros, conforme observado no Quadro 23.

Quadro 23 - Taxa Acumulada de Crescimento Real e Média Anual do PIB - Unidades da Federação

Unidades da Federação (%)

ESTADO	2002 - 2009			2007 - 2009		
	ACUMULADO	MÉDIA	RK	ACUMULADO	MÉDIA	RK
Rondônia	45,64	5,52	6	16,42	5,20	3
Acre	45,74	5,53	5	15,22	4,84	6
Amazonas	39,80	4,90	9	6,97	2,27	25
Roraima	39,85	4,91	8	15,50	4,92	4
Pará	32,21	4,07	15	3,83	1,26	27
Amapá	47,39	5,70	3	12,49	4,00	13
Tocantins	52,57	6,22	1	15,27	4,85	5
Maranhão	43,43	5,29	7	11,91	3,82	15
Piauí	46,38	5,59	4	17,88	5,64	2
Ceará	32,90	4,15	13	12,16	3,90	14
Rio Grande do Norte	24,60	3,19	22	8,90	2,88	23
Paraíba	31,61	4,00	17	9,63	3,11	20
Pernambuco	29,24	3,73	19	14,09	4,49	10
Alagoas	25,75	3,33	21	10,64	3,43	16
Sergipe	37,07	4,61	10	13,83	4,41	11
Bahia	32,70	4,12	14	10,10	3,26	17
Minas Gerais	23,66	3,08	23	6,67	2,18	26
Espírito Santo	30,32	3,86	18	8,40	2,72	24
Rio de Janeiro	20,21	2,66	26	10,02	3,23	18
São Paulo	28,40	3,64	20	12,85	4,11	12
Paraná	22,90	2,99	25	9,83	3,18	19
Santa Catarina	23,45	3,06	24	9,07	2,94	21
Rio Grande do Sul	16,50	2,21	27	9,06	2,93	22
Mato Grosso do Sul	31,86	4,03	16	14,25	4,54	9
Mato Grosso	50,41	6,01	2	23,82	7,38	1
Goiás	35,43	4,43	11	14,96	4,76	7
Distrito Federal	35,08	4,39	12	14,31	4,56	8

Fonte: IBGE

5.1.2. Evolução Anual do PIB Baiano nos Últimos Anos

No Quadro 24 está apresentada a evolução anual do PIB baiano, em termos nominais, entre 2000 e 2012, no qual é possível observar o seu crescimento no período, passando de R$ 60.672 milhões para R$ 186.411 bilhões, acumulando um incremento de 300,69%.

É possível verificar, também, que somente nos anos de 2001, 2006 e 2011 foram registradas taxas nominais de crescimento anual inferiores a 10%. Por outro lado, constata-se que no primeiro quinquênio da década de 2000 foram verificados incrementos nominais mais significativos do que no segundo quinquênio da mesma década. Da mesma forma, nos primeiros anos da década, de 2010, os incrementos nominais, em termos gerais, reduziram-se ainda mais, apesar de terem experimentado taxas de inflação crescentes.

Quadro 24 - Evolução do PIB Baiano 2000-2012

(Valores Correntes em R$ Milhões)

ANO	PIB	% ANUAL	% ACUMULADO
2000	46.523	-	-
2001	51.096	9,83	9,83
2002	60.672	18,74	30,41
2003	68.147	12,32	46,48
2004	79.083	16,05	69,99
2005	90.919	14,97	95,43
2006	96.521	6,16	107,47
2007	109.652	13,60	135,69
2008	121.508	10,81	161,18
2009	137.075	12,81	194,64
2010	154.340	12,60	231,75
2011*	168.181	8,97	261,50
2012*	186.411	10,84	300,69

Fonte: IBGE/SEI
*Dados sujeitos a retificação

No Quadro 25, apresentado na sequência, é possível verificar o crescimento anual do PIB per capita, a preços correntes, nos últimos 12 anos, quando se verificou um crescimento acumulado de 271,47%, pouco inferior ao crescimento acumulado do PIB estadual. Registre-se que o PIB per capita do Estado da Bahia evoluiu de R$ 3.540 em 2000, para o montante de R$ 13.150 em 2012.

Quanto às variações anuais, também, é possível verificar que ao longo dos anos analisados a taxa de crescimento nominal vem apresentando reduções permanentes, de um modo geral, a menos daquela alcançada em 2010, de 17,53%, que pode ser explicada pela realização do censo do IBGE.

Com se sabe, usualmente os quantitativos populacionais apurados nos censos acabam registrando inflexões, para menos, sobre as estimativas populacionais calculadas pelo próprio IBGE.

Quadro 25 - Evolução do PIB Per Capita Baiano 2000-2012

(Valores Correntes em R$ Milhões)

ANO	PIB	% ANUAL	% ACUMULADO
2000	3.540	-	-
2001	3.849	8,73	8,73
2002	4.525	17,56	27,82
2003	5.031	11,18	42,12
2004	5.780	14,89	63,28
2005	6.581	13,86	85,90
2006	6.919	5,14	95,45
2007	7.787	12,55	119,97
2008	8.378	7,59	136,67
2009	9.365	11,78	164,55
2010	11.007	17,53	210,93
2011*	11.844	7,60	234,58
2012*	13.150	11,03	271,47

Fonte: IBGE/SEI
*Dados sujeitos a retificação

5.1.3. Participação dos Setores de Atividades no PIB Baiano

A composição da economia baiana pelos grandes setores, no período 2002-2012, está apresentada no Quadro 26. Como se observa, o setor de serviços predominou na economia estadual em todo o período. Entretanto, a sua participação, em torno de 62% a 63%, ainda apresenta-se inferior à média nacional. Por outro lado, a participação do setor secundário no PIB estadual apresenta-se acima da média nacional, indicando o maior peso desta atividade no Estado, comparativamente ao que acontece no país.

Quadro 26 - Estrutura do PIB por Grandes Setores a Preços Básicos 2002-2012

Por Setor (%)

ANO	PRIMÁRIO	SECUNDÁRIO	TERCIÁRIO	TOTAL
2002	10,5	28,8	60,7	100,0
2003	10,6	28,8	60,6	100,0
2004	10,8	30,7	58,5	100,0
2005	8,6	32,2	59,2	100,0
2006	7,9	30,6	61,5	100,0
2007	8,6	28,2	63,2	100,0
2008	8,5	28,0	63,4	100,0
2009	7,7	28,7	63,6	100,0
2010	7,2	30,3	62,5	100,0
2011*	8,8	28,2	63,0	100,0
2012*	7,3	30,7	62,1	100,0

Fonte: IBGE/SEI
*Dados sujeitos a retificação

O detalhamento da formação da economia baiana pelas principais atividades está apresentado no Quadro 27, a seguir.

Quadro 27 - Estrutura do PIB por Grandes Setores e Atividades a Preços Básicos 2002-2012

Por Setor (%)

ATVIDADES ECONÔMICAS	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011*	2012*
Agropecuária	10,5	10,6	10,8	8,6	7,9	8,6	8,5	7,7	7,2	8,8	7,3
Indústria	28,8	28,8	30,7	32,2	30,6	28,2	28,0	28,7	30,3	28,2	30,7
Extrativa Mineral	1,3	1,4	1,7	1,7	2,1	1,8	2,3	1,1	1,7	1,1	1,9
Transformação	15,9	15,8	16,5	16,9	15,8	14,0	13,1	16,2	15,6	13,9	15,1
Construção	7,2	6,4	7,0	8,2	7,4	7,0	7,2	7,5	8,4	9,0	9,4
Siup	4,4	5,2	5,5	5,4	5,4	5,4	5,4	3,9	4,6	4,2	4,3
Serviços	60,7	60,6	58,5	59,2	61,5	63,2	63,4	63,6	62,5	63,0	62,1
Comércio	9,6	10,5	10,7	10,3	10,4	12,3	12,9	12,8	12,3	14,5	13,5
Transporte e Armazenagem	4,1	4,3	3,9	4,3	4,6	4,5	5,1	4,8	4,7	4,9	4,5
Informação	2,8	3,2	2,8	2,9	2,9	2,7	2,5	2,1	2,0	1,7	1,5
Financeiros	4,9	3,9	3,4	3,8	3,9	4,0	3,6	4,0	4,4	3,7	3,9
Imobiliários	9,6	9,4	8,9	8,4	8,5	8,2	8,6	8,2	7,8	8,0	7,9
Públicos	16,3	16,1	15,2	15,8	17,0	16,6	16,9	16,9	17,3	17,0	17,4
Outros Serviços	13,4	13,3	13,5	13,8	14,2	15,0	13,9	14,8	14,0	13,2	13,4
TOTAL	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**

Fonte: IBGE/SEI
*Dados sujeitos a retificação

No ano de 2002, as participações de cada setor na formação do PIB da economia baiana eram de 60,7% para o setor de serviços, 28,8% para a indústria e 10,5% para a agropecuária. Já no ano de 2012, as participações de cada setor no PIB baiano tinham evoluído para 62,1% para o setor de serviços, seguido da indústria com 30,7% e da agropecuária com 7,3%.

Cabe ressaltar que a agropecuária, apesar de ter registrado expressiva redução na formação do PIB estadual, permanece se apresentando com importância na economia como fornecedora de insumos, especialmente para as indústrias de alimentos e bebidas, bem como de produtos que compõem a pauta das exportações do Estado. Importante destacar, ainda que a perda de participação da agricultura na formação do PIB ocorreu de forma desconcentrada, ao longo de todo período analisado.

Em relação ao crescimento da participação da atividade industrial, deve-se destacar que este foi mais intenso no setor de construção civil, que evoluiu de uma participação na formação do PIB equivalente a 7,2% em 2002, para 9,4% em 2012. A extração mineral registrou pequeno incremento no período, passando de 1,3% para 1,9% de participação na composição do PIB estadual.

Por outro lado, a atividade industrial de transformação registrou perdas de participação no período, apesar da recuperação verificada em 2012. Já as atividades de produção e distribuição de gás, água, eletricidade e limpeza acusaram pequena perda de participação na formação do PIB entre 2002 e 2012, apesar das maiores oscilações ocorridas ao longo do período.

Quanto às atividades que compõem o setor de serviços, deve-se destacar o incremento verificado no comércio, que contribuía com 9,6% na formação do PIB em 2002 e passou a ter um peso equivalente a 13,5% em 2012.

Os serviços de administração, saúde e educação públicos e de transporte e armazenagem, também registraram incrementos em suas participações no PIB estadual, apesar de modestos. Já as atividades relacionadas com informação, com os setores financeiros e serviços imobiliários acusaram perdas de participação entre 2002 e 2012.

As taxas de crescimento das participações das diversas atividades na formação do PIB estadual, tanto para o período 2002-2012, que compõe um quadro de longo prazo, como para o período mais recente, entre 2007 e 2012 estão apresentadas no Quadro 28.

Quadro 28 - Taxa de Crescimento Médio Anual das Atividades a Preços Básicos

Por Setores e Atividades (%)

SETOR E ATIVIDADES	2002 - 2012*	2007 - 2012*
Agropecuária	-31,0	-16,0
Indústria	6,5	9,0
Extrativa Mineral	45,8	2,7
Transformação	-4,5	8,5
Construção	29,6	33,5
Siup	-3,3	-19,8
Serviços	2,3	-1,8
Comércio	40,4	9,6
Transporte e Armazenagem	9,5	-0,3
Informação	-46,6	-44,3
Financeiros	-19,7	-1,9
Imobiliários	-18,1	-4,0
Públicos	6,9	4,9
Outros Serviços	0,1	-10,1

Fonte: IBGE/SEI
*Dados sujeitos a retificação

5.1.4. Evolução Comparativa do PIB dos Territórios de Identidade

Comparando-se as economias dos 27 territórios de identidade do Estado, observa-se que a economia baiana cresceu impulsionada, basicamente, no período 2000-2010, pela economia do Território Região Metropolitana de Salvador.

Secundariamente, a formação do PIB baiano foi influenciada pelas economias dos Territórios Recôncavo, Portal do Sertão e Litoral Sul, conforme apresentado no Quadro 29.

Quadro 29 - Evolução do PIB a Preços de Mercado - Por Territórios de Identidade

TERRITÓRIO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Bacia do Jacuípe	369.268	413.977	446.265	528.231	593.529	664.865	758.023	884.941	1.011.881
Bacia do Paramirim	257.711	285.668	303.380	361.524	402.661	441.669	479.496	539.880	637.435
Bacia do Rio Corrente	616.840	675.676	885.985	961.511	869.156	1.101.339	1.335.628	1.566.868	1.636.228
Bacia do Rio Grande	2.174.653	2.892.167	4.021.755	3.834.332	3.287.347	4.317.594	5.414.092	5.978.240	6.167.868
Baixo Sul	869.432	939.868	1.027.706	1.141.122	1.266.486	1.756.058	2.331.033	2.249.782	2.812.916
Chapada Diamantina	784.635	943.716	987.986	1.133.153	1.330.817	1.685.644	1.820.380	1.956.008	2.066.950
Costa do Descobrimento	1.023.792	1.197.009	1.697.956	1.850.274	2.089.894	2.275.463	2.545.765	2.741.907	3.224.696
Extremo Sul	1.839.309	2.166.166	2.153.071	2.463.215	2.584.612	3.221.995	3.729.912	3.754.626	4.528.850
Irecê	764.476	846.137	997.699	1.071.171	1.095.332	1.251.518	1.472.419	1.657.181	1.930.511
Itaparica	1.111.440	1.329.037	1.451.079	1.364.195	1.673.800	2.183.491	2.151.526	1.784.032	2.348.095
Litoral Norte e Agreste Baiano	2.258.179	2.515.633	2.934.566	3.565.386	3.915.982	4.040.452	4.716.254	4.630.423	5.487.684
Litoral Sul	3.018.427	3.409.766	3.786.162	4.132.493	4.312.837	4.792.799	5.168.366	6.119.864	6.779.446
Médio Rio de Contas	1.134.306	1.326.360	1.501.296	1.693.622	1.827.795	2.043.656	2.271.990	2.612.421	2.982.815
Médio Sudoeste da Bahia	578.098	659.273	744.083	840.149	922.605	1.059.685	1.240.624	1.462.970	1.663.506
Metropolitano de Salvador	26.059.253	28.528.693	34.304.406	39.789.714	41.561.293	45.819.880	51.793.689	58.285.877	64.065.156
Piemonte da Diamantina	443.705	514.605	585.121	690.097	806.241	881.691	982.453	1.130.144	1.287.171
Piemonte do Paraguaçu	503.162	574.704	614.552	731.008	792.287	913.589	1.047.783	1.202.647	1.354.005
Piemonte Norte do Itapicuru	568.433	768.501	933.357	930.475	1.108.777	1.118.837	1.254.685	1.396.307	1.709.883
Portal do Sertão	2.848.563	3.310.161	3.608.055	4.452.241	4.913.221	5.967.624	6.882.277	8.372.819	9.486.149
Recôncavo	5.787.167	6.414.274	6.663.308	8.438.569	9.011.159	9.961.015	8.954.632	11.471.607	13.565.853
Semiárido Nordeste II	705.185	770.507	872.925	1.010.687	1.094.811	1.474.332	1.450.084	1.645.362	1.952.526
Sertão do São Francisco	1.629.241	1.692.394	1.878.865	2.106.049	2.464.798	2.910.375	2.868.132	3.203.036	3.608.203
Sertão Produtivo	1.030.082	1.154.736	1.306.403	1.491.090	1.623.063	1.827.250	2.059.206	2.350.237	2.834.378
Sisal	1.015.390	1.174.207	1.292.852	1.463.628	1.647.743	1.834.361	2.003.909	2.293.202	2.658.242
Vale do Jequiriçá	661.778	759.414	838.014	958.972	1.018.171	1.196.787	1.297.895	1.454.912	1.545.877
Velho Chico	806.996	875.431	946.960	1.002.704	1.071.708	1.190.413	1.385.452	1.531.789	1.820.144
Vitória da Conquista	1.812.321	2.008.843	2.299.420	2.913.722	3.234.579	3.719.460	4.091.355	4.797.590	5.173.989
TOTAL	**60.671.843**	**68.146.924**	**79.083.228**	**90.919.335**	**96.520.701**	**109.651.844**	**121.507.056**	**137.074.671**	**154.340.458**

Fonte: IBGE/SEI

A evolução das participações das economias dos territórios na economia baiana, no período analisado, pode ser observada no Quadro 30, apresentado na sequência.

No referido quadro verifica-se que mesmo com a elevada concentração econômica na Região Metropolitana de Salvador, esta perdeu participação no período analisado, reduzindo-se de 43,0% em 2002 para 41,5% em 2010, enquanto outros Territórios de Identidade ampliaram as suas respectivas contribuições para a economia baiana. Nesse sentido cabe destacar os Territórios Portal do Sertão, Vitória da Conquista, Costa do Descobrimento, Baixo Sul e Bacia do Rio Grande.

Deve-se ressaltar que, isoladamente, o município de Salvador, que faz parte do Território de Identidade Região Metropolitana de Salvador, pelas suas características de capital do Estado, permanece se apresentando como principal polo da economia baiana, principalmente na oferta de serviços, sendo responsável, em 2010, por 23,8% do PIB estadual. Em segundo plano, deve ser mencionado o município de Camaçari, que também faz parte do Território Região Metropolitana de Salvador, com uma participação de 8,7%, no mesmo ano, possuindo uma economia fortemente baseada na indústria de transformação, em especial nos segmentos químico e automotivo.

Na sequência, destaca-se o município de São Francisco do Conde, que faz parte do Território de Identidade do Recôncavo, com participação de 6,4% na formação do PIB estadual de 2010 e que registra forte concentração no segmento do refino de petróleo.

O município de Feira de Santana, principal cidade do Território de Identidade Portal do Sertão, registrou uma participação de 4,8% na economia baiana no mesmo ano. Destaca-se pelas suas características como importante entreposto comercial e entroncamento das principais rodovias federais e estaduais que cortam o Estado. Também abriga algumas atividades industriais.

Cabe, ainda, mencionar o município de Candeias, que também faz parte do Território de Identidade Região Metropolitana de Salvador, cuja participação na economia estadual em 2010 foi de 2,7%. O município é referência na produção de petróleo e gás natural.

Importante ressaltar que esses cinco municípios citados foram responsáveis por praticamente metade da economia do Estado.

Quadro 30 - Evolução da Participação do PIB dos Territórios de Identidade na Economia Baiana

Por Territórios de Identidade (%)

TERRITÓRIO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Bacia do Jacuípe	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,7
Bacia do Paramirim	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4
Bacia do Rio Corrente	1,0	1,0	1,1	1,1	0,9	1,0	1,1	1,1	1,1
Bacia do Rio Grande	3,6	4,2	5,1	4,2	3,4	3,9	4,5	4,4	4,0
Baixo Sul	1,4	1,4	1,3	1,3	1,3	1,6	1,9	1,6	1,8
Chapada Diamantina	1,3	1,4	1,2	1,2	1,4	1,5	1,5	1,4	1,3
Costa do Descobrimento	1,7	1,8	2,1	2,0	2,2	2,1	2,1	2,0	2,1
Extremo Sul	3,0	3,2	2,7	2,7	2,7	2,9	3,1	2,7	2,9
Irecê	1,3	1,2	1,3	1,2	1,1	1,1	1,2	1,2	1,3
Itaparica	1,8	2,0	1,8	1,5	1,7	2,0	1,8	1,3	1,5
Litoral Norte e Agreste Baiano	3,7	3,7	3,7	3,9	4,1	3,7	3,9	3,4	3,6
Litoral Sul	5,0	5,0	4,8	4,5	4,5	4,4	4,3	4,5	4,4
Médio Rio de Contas	1,9	1,9	1,9	1,9	1,9	1,9	1,9	1,9	1,9
Médio Sudoeste da Bahia	1,0	1,0	0,9	0,9	1,0	1,0	1,0	1,1	1,1
Metropolitano de Salvador	43,0	41,9	43,4	43,8	43,1	41,8	42,6	42,5	41,5
Piemonte da Diamantina	0,7	0,8	0,7	0,8	0,8	0,8	0,8	0,8	0,8
Piemonte do Paraguaçu	0,8	0,8	0,8	0,8	0,8	0,8	0,9	0,9	0,9
Piemonte Norte do Itapicuru	0,9	1,1	1,2	1,0	1,1	1,0	1,0	1,0	1,1
Portal do Sertão	4,7	4,9	4,6	4,9	5,1	5,4	5,7	6,1	6,1
Recôncavo	9,5	9,4	8,4	9,3	9,3	9,1	7,4	8,4	8,8
Semiárido Nordeste II	1,2	1,1	1,1	1,1	1,1	1,3	1,2	1,2	1,3
Sertão do São Francisco	2,7	2,5	2,4	2,3	2,6	2,7	2,4	2,3	2,3
Sertão Produtivo	1,7	1,7	1,7	1,6	1,7	1,7	1,7	1,7	1,8
Sisal	1,7	1,7	1,6	1,6	1,7	1,7	1,6	1,7	1,7
Vale do Jequiriçá	1,1	1,1	1,1	1,1	1,1	1,1	1,1	1,1	1,0
Velho Chico	1,3	1,3	1,2	1,1	1,1	1,1	1,1	1,1	1,2
Vitória da Conquista	3,0	2,9	2,9	3,2	3,4	3,4	3,4	3,5	3,4
TOTAL	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**

Fonte: IBGE/SEI

Conforme pode ser observado no Quadro 31, que registra o PIB per capita dos territórios de identidade verificados no ano de 2010, o Território Recôncavo apresentava, naquele ano, o maior PIB per capita do Estado, com valor de R$ 23.524, seguido dos Territórios

Região Metropolitana de Salvador, com PIB per capita de R$ 18.630, Bacia do Rio Grande, com R$ 15.496 e o Território Itaparica com PIB per capita de R$ 14.051.

Importante mencionar que dentre os 27 territórios de identidade do Estado da Bahia, 23 possuíam PIB per capita inferior à média estadual, de R$ 11.007, enquanto que apenas o Território de Identidade Recôncavo possuía, no ano de 2010, PIB per capita superior à média nacional, de R$ 19.766.

Quadro 31 - PIB Per Capita dos Territórios de Identidade

(Valores Correntes em R$)

TERRITÓRIO	2010
Estado da Bahia	11.007
Irecê	4.792
Velho Chico	4.918
Chapada Diamantina	5.558
Sisal	4.565
Litoral Sul	8.774
Baixo Sul	7.833
Extremo Sul	10.864
Médio Sudoeste da Bahia	6.730
Vale de Jequiriçá	5.124
Sertão do São Francisco	7.296
Bacia do Rio Grande	15.496
Bacia do Paramirim	3.907
Sertão Produtivo	6.374
Piemonte do Paraguaçu	5.097
Bacia do Jacuípe	4.265
Piemonte da Diamantina	5.605
Semiárido Nordeste II	4.786
Litoral Norte e Agreste Baiano	8.735
Portal do Sertão	10.869
Vitória da Conquista	7.441
Recôncavo	23.524
Médio Rio de Contas	8.138
Bacia do Rio Corrente	8.148
Itaparica	14.051
Piemonte Norte do Itapicuru	6.529
Metropolitana de Salvador	18.630
Costa do Descobrimento	9.392

Fonte: IBGE/SEPLAN-DPS/SEI

O Quadro 32 apresenta a comparação das estruturas setoriais do Valor Adicionado existentes nos anos de 2002 e 2010, segundo os territórios de identidade.

Quadro 32 - Estrutura Setorial do Valor Adicionado a Preços Básicos

Por Territórios de Identidade (em %)

MACRORREGIÕES	AGROPECUÁRIA		INDÚSTRIA		SERVIÇOS	
	2002	2010	2002	2010	2002	2010
Bacia do Jacuípe	15,3	10,0	11,9	15,4	72,8	74,6
Bacia do Paramirim	17,3	7,4	11,7	12,0	71,0	80,7
Bacia do Rio Corrente	45,6	31,5	7,2	9,9	47,1	58,5
Bacia do Rio Grande	43,4	28,9	15,1	17,4	41,5	53,7
Baixo Sul	30,5	17,8	9,1	31,3	60,4	50,9
Chapada Diamantina	35,1	28,0	7,2	10,2	57,6	61,8
Costa do Descobrimento	18,8	15,2	15,7	23,6	65,5	61,3
Extremo Sul	28,9	26,1	24,0	21,6	47,1	52,3
Irecê	22,0	13,2	10,4	12,6	67,6	74,2
Itaparica	1,6	1,1	74,4	67,3	24,0	31,6
Litoral Norte e Agreste Baiano	16,8	9,4	37,3	38,0	45,9	52,6
Litoral Sul	8,7	6,6	25,0	23,5	66,3	69,9
Médio Rio de Contas	13,0	7,4	11,6	20,2	75,4	72,4
Médio Sudoeste da Bahia	16,1	10,0	21,6	29,1	62,4	60,9
Metropolitano de Salvador	0,2	0,2	33,6	35,3	66,2	64,6
Piemonte da Diamantina	14,1	9,7	10,9	20,2	75,0	70,2
Piemonte do Paraguaçu	19,3	15,6	11,0	12,4	69,7	72,0
Piemonte Norte do Itapicuru	6,8	7,0	26,2	30,4	67,0	62,7
Portal do Sertão	5,7	3,2	19,2	27,7	75,1	69,0
Recôncavo	2,9	1,9	54,3	50,3	42,8	47,8
Semiárido Nordeste II	24,2	19,4	8,6	10,7	67,2	69,9
Sertão do São Francisco	27,5	14,2	20,7	24,0	51,9	61,7
Sertão Produtivo	17,7	13,5	17,0	20,1	65,3	66,4
Sisal	16,6	10,7	17,1	17,1	66,3	72,2
Vale do Jequiriçá	29,5	18,6	8,0	11,1	62,5	70,3
Velho Chico	36,7	20,9	7,6	10,8	55,6	68,3
Vitória da Conquista	16,8	8,4	11,0	15,8	72,2	75,8

Fonte: IBGE/SEI

Como se observa, no ano de 2002, o Território de Identidade de Bacia do Rio Corrente era aquele que possuía a maior participação do Valor Adicionado da Agropecuária na economia do território, seguido pelos Territórios de Identidade Bacia do Rio Grande, Velho Chico e Chapada Diamantina. No ano de 2010, os Territórios Bacia do Rio Corrente e Bacia do Rio Grande permaneciam ocupando as primeiras colocações em termos de participação do Valor Adicionado da Agropecuária. Entretanto, as posições posteriores foram alteradas, de forma que os Territórios Chapada Diamantina e Extremo Sul se posicionaram com destaque.

Em relação à participação do setor industrial na economia do território, verifica-se que tanto em 2002 como em 2010, os Territórios de Identidade Itaparica, Recôncavo, Litoral Norte e Agreste Baiano e Região Metropolitana de Salvador, nesta ordem, ocuparam as 4 primeiras posições. Deve-se ressaltar que a presença do Território Itaparica na primeira posição é explicada pela produção elétrica do município de Paulo Afonso, que faz parte desse Território.

No setor de serviços, no ano de 2002, existiam 6 territórios com Valor Adicionado superior a 70%, a saber: Médio Rio de Contas, Portal do Sertão, Piemonte da Diamantina, Bacia do Jacuípe, Vitória da Conquista e Bacia do Paramirim. Em 2010, este número

cresceu para 9 territórios, quando foram incluídos Irecê, Sisal e Piemonte do Paraguaçu e Vale do Jequericá e excluído o Território Portal do Sertão.

A título ilustrativo está apresentado no Quadro 33, na sequência, os montantes dos Valores Adicionados nos três setores da economia, também em 2002 e 2010, segundo os territórios.

Quadro 33 - Estrutura Setorial do Valor Adicionado a Preços Básicos

Por Territórios de Identidade (Valores Correntes em R$ Mil)

MACRORREGIÕES	AGROPECUÁRIA		INDÚSTRIA		SERVIÇOS	
	2002	2010	2002	2010	2002	2010
Bacia do Jacuípe	53.941	96.610	41.879	148.427	256.428	718.380
Bacia do Paramirim	42.448	44.673	28.822	72.723	174.614	489.597
Bacia do Rio Corrente	270.329	483.625	42.687	152.474	279.190	897.888
Bacia do Rio Grande	873.280	1.626.308	304.543	982.890	834.622	3.023.840
Baixo Sul	248.427	477.517	74.028	838.051	491.656	1.361.731
Chapada Diamantina	264.664	554.977	54.308	202.375	434.039	1.223.026
Costa do Descobrimento	175.680	450.860	146.607	699.737	611.931	1.818.833
Extremo Sul	485.920	1.092.256	402.660	904.175	790.692	2.190.051
Irecê	159.073	240.455	75.314	229.372	488.350	1.350.914
Itaparica	17.588	25.150	807.103	1.532.916	260.345	720.533
Litoral Norte e Agreste Baiano	337.232	464.744	747.823	1.883.230	921.122	2.610.046
Litoral Sul	232.711	402.519	666.899	1.433.747	1.767.169	4.261.356
Médio Rio de Contas	131.791	199.383	118.279	545.019	765.722	1.955.780
Médio Sudoeste da Bahia	85.985	150.600	115.665	439.975	333.974	920.561
Metropolitano de Salvador	40.711	80.011	7.138.984	18.808.975	14.072.903	34.438.166
Piemonte da Diamantina	58.127	117.307	45.224	244.431	310.068	850.446
Piemonte do Paraguaçu	91.419	198.884	51.891	157.906	330.303	919.056
Piemonte Norte do Itapicuru	35.468	111.244	137.403	484.974	350.776	1.000.219
Portal do Sertão	140.024	265.514	472.265	2.276.073	1.841.861	5.670.271
Recôncavo	144.262	223.250	2.715.405	5.997.395	2.142.171	5.699.909
Semiárido Nordeste II	163.237	362.509	57.769	199.775	453.421	1.302.709
Sertão do São Francisco	418.736	477.833	315.041	806.858	790.293	2.071.626
Sertão Produtivo	168.744	358.568	162.189	532.920	623.064	1.761.073
Sisal	160.074	269.656	164.303	432.288	638.717	1.823.986
Vale do Jequiriçá	185.059	272.668	50.231	163.549	391.795	1.031.933
Velho Chico	284.817	362.452	59.183	186.583	431.171	1.185.299
Vitória da Conquista	273.149	386.860	179.240	732.737	1.176.323	3.509.349
TOTAL	**5.542.895**	**9.796.433**	**15.175.743**	**41.089.574**	**31.962.721**	**84.806.576**

Fonte: IBGE/SEI

Nos quadros apresentados, verifica-se que o setor agropecuário tem na região oeste os seus representantes de maior expressão. Essa atividade é fortemente baseada no cultivo da soja, milho e algodão. Neste contexto, deve-se ressaltar que essas *commodities* registraram baixa cotação no preço no ano de 2010, o que resultou em perdas do setor.

Entre os 5 municípios que se mais destacaram na atividade agropecuária naquele ano, 4 situam-se na região oeste do Estado, sendo que Juazeiro, instalado no Território de Identidade Sertão do São Francisco é o único fora dessa região. Em 2010, o município de São Desidério, situado no Território de Identidade Bacia do Rio Grande, apresentou-se na primeira posição no ranking estadual da agropecuária, com participação de 5,7%.

Em seguida, aparecem os municípios de Barreiras com 3,4% de participação no Valor Adicionado estadual da agropecuária e Formosa do Rio Preto, com 2,9% de participação. O município de Luiz Eduardo Magalhães é o 5º do ranking, com 2,3% de participação e, como os demais, localiza-se no Território de Identidade Bacia do Rio Grande.

O município de Juazeiro, como já destacado, fora do eixo oeste e 4º do ranking, que se destaca na produção de frutas, registrou, no ano de 2010, uma participação de 2,4% no valor adicionado total da agricultura estadual.

Quanto ao setor industrial, segundo de maior peso na economia do Estado, as atividades que mais se destacaram em 2010 foram o refino de petróleo, produção de álcool, produção de alimentos e bebidas e metalurgia básica. O segmento da construção civil também se manteve como usualmente acontece em nível relevante.

Observa-se que neste setor, 2 dos 5 municípios de maior destaque, em 2010, estão localizados no Território de Identidade Região Metropolitana de Salvador. Importante registrar que esses 5 municípios concentravam, naquele ano, mais da metade do Valor Adicionado do setor gerado por toda economia do Estado.

O município de Camaçari, situado no Território da Região Metropolitana de Salvador, maior representante do segmento de transformação, sendo bastante concentrado, como já indicado, na indústria química e petroquímica do Polo de Camaçari e na indústria automotiva, contribuiu com 20,0% na formação do Valor Adicionado estadual do setor.

O segundo destaque de 2010 foi o município de Salvador, com 13,9% de participação e que registra grande relevância nos segmentos da indústria da construção civil e de serviços industriais de utilidade pública. No mesmo ano, o 3º do ranking foi o município de São Francisco do Conde, localizado no Território Recôncavo, contribuiu com 12,8% na formação do Valor Adicionado da indústria no Estado. Merece destaque neste município, como também assinalado anteriormente, a Refinaria Landulpho Alves (RLAM), a segunda maior do País.

Por outro lado, o município de Feira de Santana, situado no Território de Identidade Portal do Sertão, com participação no setor industrial estadual de 4,3%, contribui fortemente para a economia da Bahia, como já assinalado em tópico anterior, pelas suas características estratégicas como entreposto comercial e entroncamento das principais rodovias do Estado. O último município a destacar é Paulo Afonso, localizado no Território de Identidade Itaparica, cuja economia é fortemente influenciada pela presença das usinas da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (Chesf), contribuiu, em 2010, com 3,7% de participação.

No setor serviços, Salvador se manteve como o principal município na geração de valor em 2010, com participação de aproximadamente 30%. Em segundo plano veio o município de Feira de Santana, com 5,4% de contribuição na formação do Valor Adicionado do setor no Estado, no qual se destaca a atividade comercial e a produção de serviços de apoio à indústria.

Observa-se que os municípios de São Francisco do Conde, com participação de 3,9% e Camaçari e Vitória da Conquista, com contribuições na formação do Valor Adicionado setorial de 3,8% e 2,8%, respectivamente, completam as posições de destaque no ranking.

A seguir, na Ilustração 14, está apresentada a vocação produtiva dos territórios de identidade, com a indicação dos setores da economia mais predominantes nas diversas regiões do Estado.

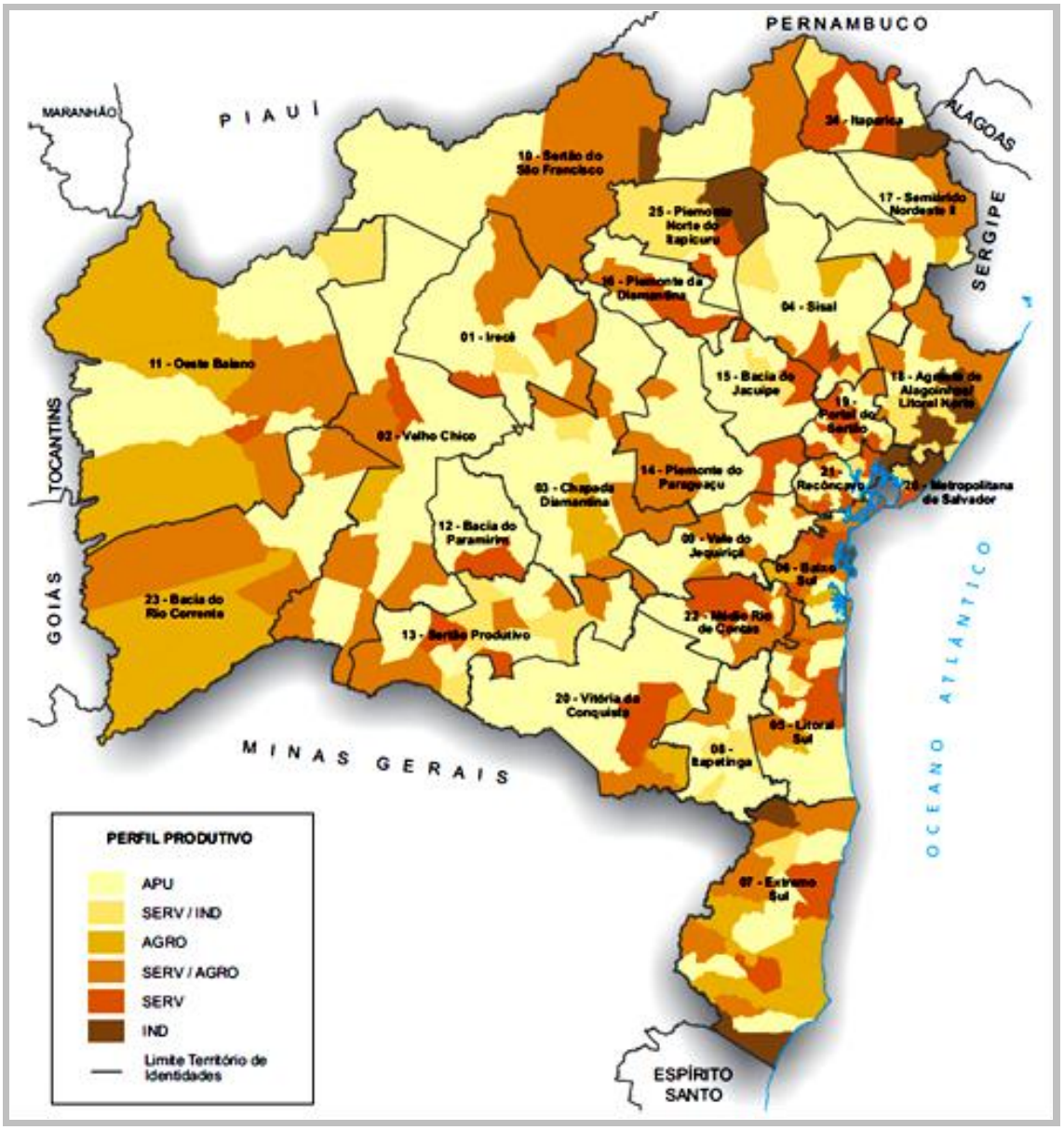


Ilustração 14 - Perfil Produtivo dos Territórios de Identidade

5.1.5. Evolução do PIB Municipal

Os municípios da Bahia que, em 2010, registraram os 10 maiores e os 10 menores PIB, PIB per capita e Valores Adicionados da agropecuária, indústria e serviços estão apresentados nos Quadros 34, 35, 36, 37, 38 e 39.

Quadro 34 - PIB Municipal - 10 Maiores e Menores Municípios

A Preços de Mercado (R$ Mil)

MUNICÍPIOS	2010	MUNICÍPIOS	2010
10 Maiores		**10 Menores**	
Salvador	36.744.670	Cravolândia	23.149
Camaçari	13.379.554	São José da Vitória	23.097
São Francisco do Conde	9.848.259	Ichu	22.704
Feira de Santana	7.433.139	Contendas do Sincorá	22.351
Candeias	4.204.817	Lajedinho	21.921
Simões Filho	3.690.063	Catolândia	21.698
Vitória da Conquista	3.469.179	Lafayette Coutinho	20.794
Lauro de Freitas	3.156.015	Ibiquera	19.832
Itabuna	2.582.489	Dom Macedo Costa	19.335
Ilhéus	2.241.975	Gavião	19.184

Fonte: IBGE/SEI

Quadro 35 - PIB Per Capita Municipal - 10 Maiores e Menores Municípios

A Preços de Mercado (R$)

MUNICÍPIOS	2010	MUNICÍPIOS	2010
10 Maiores		**10 Menores**	
São Francisco do Conde	296.885	Pilão Arcado	3.400
Camaçari	55.064	Piripá	3.355
Candeias	50.613	Umburanas	3.350
Cairu	44.917	Mirante	3.324
Luís Eduardo Magalhães	34.920	Bom Jesus da Serra	3.319
Dias D'Ávila	32.733	Lamarão	3.278
Simões Filho	31.266	Buritirama	3.261
São Desidério	30.841	Anguera	2.917
Pojuca	30.545	Caetanos	2.851
Mucuri	27.603	Novo Triunfo	2.782

Fonte: IBGE/SEI

Como será visto no Quadro 36, a seguir, o Valor Adicionado da agropecuária no Estado variou no intervalo de R$ 1.601 mil registrado no município de Madre de Deus e R$ 559.611 mil apurado para o município de São Desidério.

Quadro 36 - VBA da Agropecuária Municipal - 10 Maiores e Menores Municípios

A Preços de Mercado (R$ Mil)

MUNICÍPIOS	2010	MUNICÍPIOS	2010
10 Maiores		**10 Menores**	
São Desidério	559.611	São José da Vitória	2.132
Barreiras	328.725	Anguera	2.000
Formosa do Rio Preto	289.396	Tanquinho	1.921
Juazeiro	233.613	Chorrochó	1.865
Luís Eduardo Magalhães	222.052	Dias D'Ávila	1.834
Prado	170.988	Ichu	1.771
Correntina	166.342	Ipupiara	1.692
Caravelas	157.140	Macururé	1.659
Mucugê	140.399	Maetinga	1.623
Itamaraju	140.198	Madre de Deus	1.601

Fonte: IBGE/SEI

Na indústria, conforme indicado no Quadro 37, o Valor adicionado registrou um mínimo de R$ 1.802 mil no município de Lafayette Coutinho e um máximo de R$ 8.255.371 mil produzido no município de Camaçari.

Importante mencionar que no ano de 2010 existiam no Estado 8 municípios com Valor Adicionado na indústria superior a R 1.000.000 mil.

Quadro 37 - VBA da Indústria Municipal - 10 Maiores e Menores Municípios

A Preços de Mercado (R$ Mil)

MUNICÍPIOS	2010	MUNICÍPIOS	2010
10 Maiores		**10 Menores**	
Camaçari	8.225.371	Cravolândia	2.431
Salvador	5.713.763	Lajedão	2.315
São Francisco do Conde	5.277.272	Aiquara	2.126
Feira de Santana	1.757.567	Contendas do Sincorá	2.070
Paulo Afonso	1.502.049	Lajedinho	2.009
Candeias	1.379.610	Gavião	1.930
Dias D'Ávila	1.370.081	Ibiquera	1.915
Simões Filho	1.358.285	Dom Macedo Costa	1.913
Ilhéus	681.559	Catolândia	1.852
Lauro de Freitas	630.161	Lafayette Coutinho	1.802

Fonte: IBGE/SEI

Já no setor de serviços, verifica-se que além dos 10 municípios com maior Valor Adicionado no Estado em 2010, outros 4, a saber, Jequié, Candeias, Luís Eduardo Magalhães e Barreiras, também registraram Valores Adicionados superiores a R$ 1.000.000 mil.

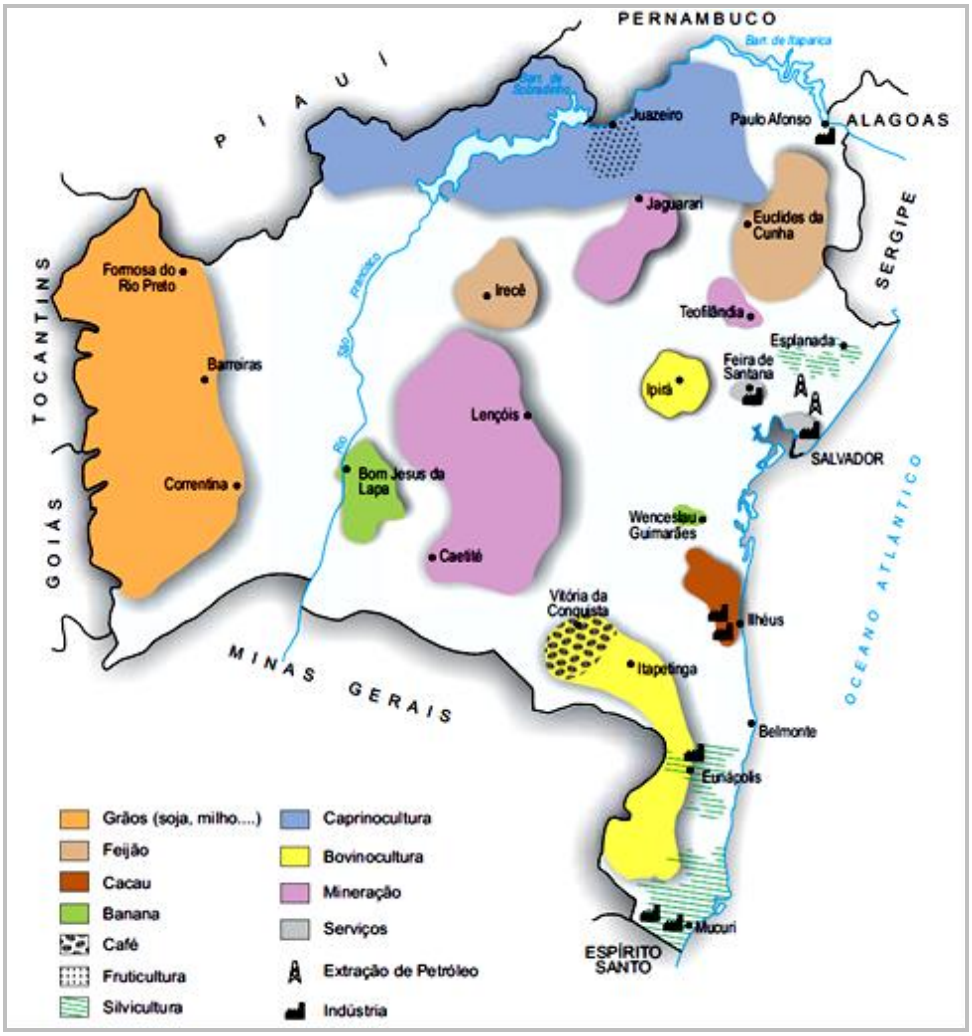
Quadro 38 - VBA dos Serviços Municipais - 10 Maiores e Menores Municípios

A Preços de Mercado (R$ Mil)

MUNICÍPIOS	2010	MUNICÍPIOS	2010
10 Maiores		**10 Menores**	
Salvador	25.247.079	Lajedão	15.980
Feira de Santana	4.544.057	Catolândia	15.641
São Francisco do	3.263.729	Cravolândia	15.633
Camaçari	3.245.454	Contendas do Sincorá	15.440
Vitória da Conquista	2.363.537	Aiquara	15.255
Lauro de Freitas	2.048.466	Lajedinho	14.115
Itabuna	1.756.850	Gavião	13.422
Simões Filho	1.659.845	Dom Macedo Costa	13.413
Juazeiro	1.211.975	Ibiquera	13.215
Ilhéus	1.203.165	Lafayette Coutinho	12.781

Fonte: IBGE/SEI

Na Ilustração 15 estão apresentadas as principais vocações municipais do Estado da Bahia.

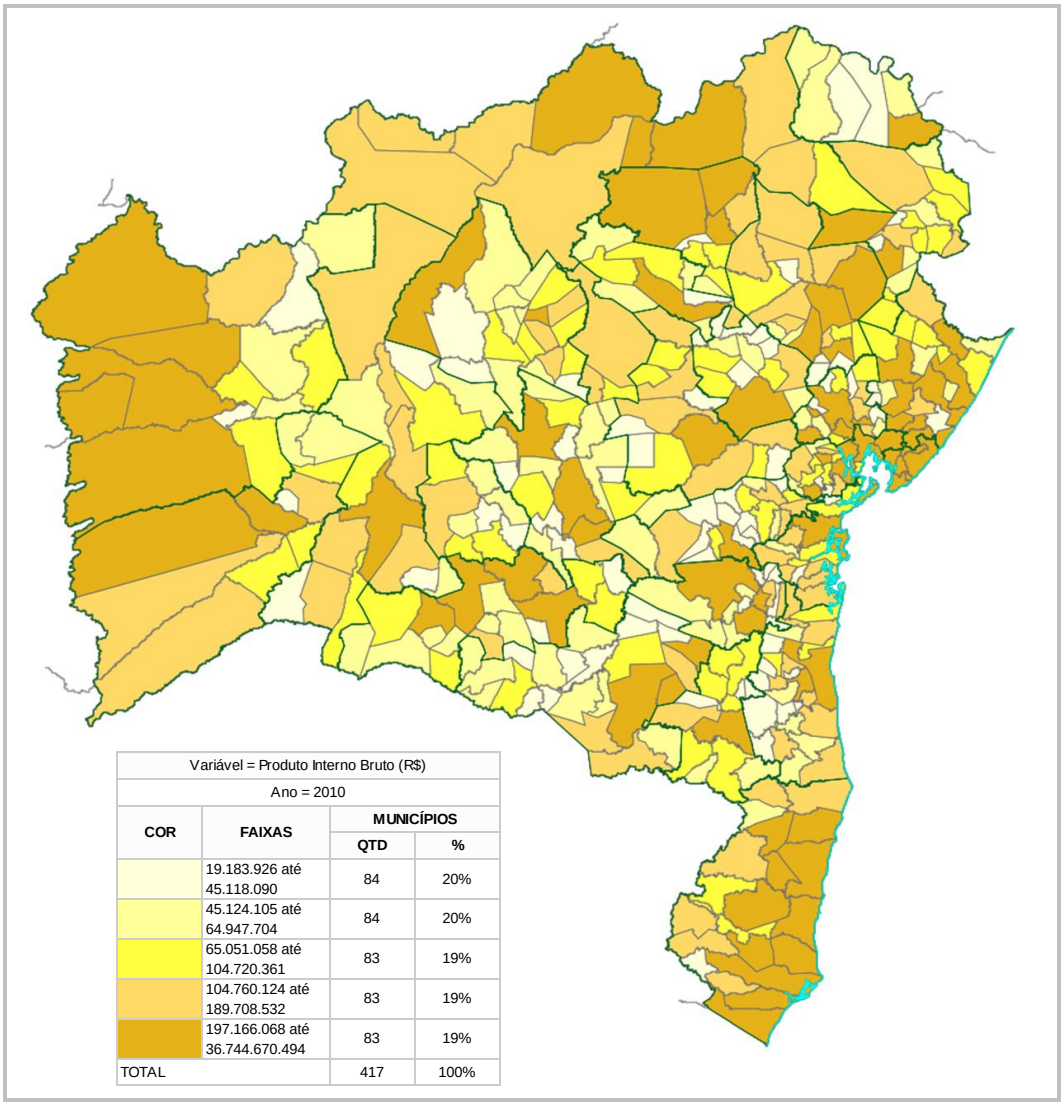


Fonte e Elaboração: SEI

Ilustração 15 - Principais Municípios e Respectivas Atividades Econômicas da Região

As séries históricas do PIB, do PIB per capita, dos Valores Adicionados Brutos, em termos municipais, entre 1999 e 2010, estão apresentadas nos Quadros 2.A, 3.A, 4.A, 5.A e 6.A, nos Anexos.

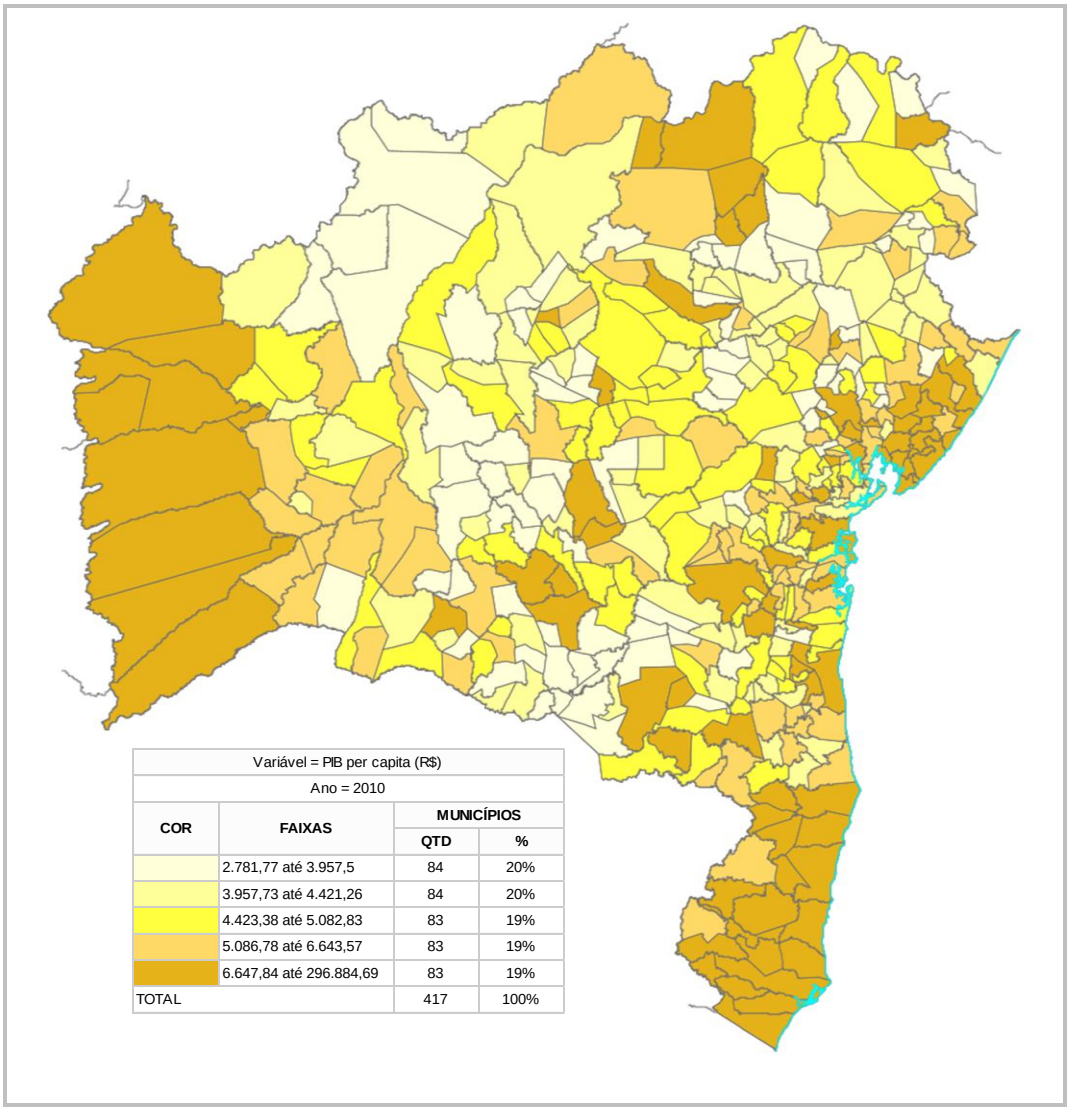
Complementarmente, são apresentadas as Ilustrações 16 e 17, que indicam a distribuição espacial do PIB e do PIB per capita de 2010, por faixa de valores, nas diversas regiões do Estado, nas quais é possível verificar as áreas de maior concentração econômica da Bahia. Note-se que as divisões entre os Territórios de Identidade estão assinaladas nos mapas.



Variável = Produto Interno Bruto (R$)			
Ano = 2010			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	19.183.926 até 45.118.090	84	20%
	45.124.105 até 64.947.704	84	20%
	65.051.058 até 104.720.361	83	19%
	104.760.124 até 189.708.532	83	19%
	197.166.068 até 36.744.670.494	83	19%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

Ilustração 16 - Distribuição Espacial do PIB a Preços de Mercado em 2010



Variável = PIB per capita (R$)			
Ano = 2010			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	2.781,77 até 3.957,5	84	20%
	3.957,73 até 4.421,26	84	20%
	4.423,38 até 5.082,83	83	19%
	5.086,78 até 6.643,57	83	19%
	6.647,84 até 296.884,69	83	19%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

Ilustração 17 - Distribuição Espacial do PIB Per Capita a Preços de Mercado em 2010

5.2. Valores Apurados para a Renda Domiciliar

Inicialmente, deve-se destacar que o indicador de renda domiciliar per capita refere-se ao número de domicílios por faixa de rendimento, definido como múltiplos do salário mínimo. Esse indicador é amplamente utilizado para mensuração de bem-estar, por corresponder à capacidade de aquisição de bens e serviços da população.

No Quadro 39 é possível verificar que a Bahia possuía, em 2010, uma proporção de domicílios com rendimento até 1/2 salário mínimo de, aproximadamente, 10% do total.

Quadro 39 - Domicílios Particulares Permanentes

Por Classes de Rendimento Nominal Mensal Domiciliar Per Capita (salário mínimo de R$ 510,00) - 2010

BAHIA	TOTAL	ATÉ 1/2	MAIS DE 1/2 A 1	MAIS DE 1 A 2	MAIS DE 2 A 5	MAIS DE 5 A 10	MAIS DE 10 A 20	MAIS DE 20	SEM RENDA
Quantidade	4.093.619	399.138	734.630	1.128.175	1.088.061	325.731	130.855	71.824	215.205
%	100,00	9,75	17,95	27,56	26,58	7,96	3,20	1,75	5,26

Fonte: IBGE

Pode-se observar que mais de 30% dos domicílios não possuíam ou possuíam rendimento inferior a 1 salário mínimo. Do total de domicílios, 5,26% não possuíam rendimento, 9,75% tinham rendimento inferior a 1/2 salário mínimo e 17,95% possuíam rendimento entre 1/2 e 1 salário mínimo.

No mesmo Quadro é possível verificar que somente 12,91% dos domicílios apresentavam rendimento superior a 5 salários mínimos, sendo 7,96% com rendimentos entre 5 e 10 salários mínimos, 3,20% com rendimentos entre 10 e 20 salários mínimos e, finalmente, apenas 1,75% com rendimentos superiores a 20 salários mínimos.

Em 2010 o valor do rendimento nominal médio mensal per capita nos domicílios permanentes particulares foi de R$ 601,04, sendo que nos domicílios urbanos o montante médio atingiu R$ 719,93, enquanto nos domicílios rurais o valor médio limitou-se a R$ 260,58.

Deve-se observar que nos demais Estados da Região Nordeste, o valor do rendimento médio mensal per capita nos domicílios particulares permanentes, considerando-se tanto os urbanos como os rurais, foram: Maranhão, R$ 434,65; Piauí, R$ 494,13; Ceará, R$ 555,61; Rio Grande do Norte, R$ 648,59; Paraíba, R$ 565,98; Pernambuco, R$ 626,99; Alagoas, R$ 525,09 e Sergipe, R$ 624,84.

O censo de 2010 apurou que no Estado da Bahia existiam 4.255.479 pessoas com 10 anos de idade ou mais sem rendimento naquele ano, sendo que destas, 1.006.655 eram consideradas economicamente ativas. Do total de 7.506.730 pessoas que possuíam algum rendimento, 49,6% eram homens e 50,4% mulheres.

O Quadro 40 apresenta os rendimentos médios no Estado, por faixa etária, no ano de 2010. É possível verificar os maiores rendimentos obtidos pelas pessoas na faixa de 60 a 69 anos.

Quadro 40 - Rendimento Nominal Médio Mensal do Trabalho

Por idade (em Reais correntes de 2010)

FAIXA ETÁRIA	2010
De 10 a 14 anos	222,81
De 15 a 19 anos	336,13
De 20 a 24 anos	555,96
De 25 a 29 anos	790,10
De 30 a 34 anos	932,54
De 35 a 39 anos	1.035,03
De 40 a 44 anos	1.072,30
De 45 a 49 anos	1.206,04
De 50 a 54 anos	1.265,41
De 55 a 59 anos	1.386,91
De 60 a 69 anos	1.450,24
70 ou mais	1.387,42

Fonte: IBGE

Quanto aos rendimentos nos territórios de identidade, podem ser destacados os indicadores de Renda per Capita e Remuneração Média do Emprego Formal apresentados no Quadro 41, na sequência.

Verifica-se que os 5 territórios de identidade com menores valores de renda per capita, em 2010, eram Bacia do Paramirim, Semiárido Nordeste II, Irecê, Sisal e Velho Chico, cujos montantes não alcançavam R$ 315,00.

Por outro lado, os 5 territórios com maiores valores de renda per capita, no mesmo ano, eram Costa do Descobrimento com R$ 435,95, Extremo Sul com R$ 436,13, Portal do Sertão com R$ 454,52, Litoral Sul com R$ 553,93 e Região Metropolitana de Salvador com R$ 779,31.

Importante mencionar que a renda per capita da Bahia em 2010 foi de R$ 475,56, ou seja, apenas 2 territórios de identidade registraram valores superiores a este montante, a saber: Litoral Sul e Região Metropolitana de Salvador.

Os territórios de identidade com menores rendimentos do emprego formal, no ano de 2011, foram Irecê com R$ 929,45, Bacia do Jacuípe com R$ 903,85, Piemonte do Paraguaçu com R$ 901,80, Médio Sudoeste da Bahia com R$ 889,39 e Bacia do Paramirim com R$ 872,67.

Os 5 Territórios com maiores valores de rendimentos do emprego formal, no mesmo ano, foram Litoral Sul com R$ 1.239,07, Litoral Norte e Agreste Baiano com R$ 1.360,32, Itaparica com R$ 1.373,14, Recôncavo com R$ 1.650,13 e Metropolitana de Salvador com R$ 1.889,64.

Em 2011 o rendimento médio do emprego formal no Estado foi de R$ 1.505,30.

Quadro 41 - Indicadores de Rendimento nos Territórios

Por Territórios de Identidade (Valores Correntes em R$)

TERRITÓRIO	RENDA PER CAPITA 2010	RENDIMENTO MÉDIO EMPREGO FORMAL 2011
Estado da Bahia	475,56	1.505,30
Irecê	296,62	929,45
Velho Chico	283,01	1.083,61
Chapada Diamantina	319,45	975,21
Sisal	293,36	999,64
Litoral Sul	553,93	1.239,07
Baixo Sul	322,37	987,58
Extremo Sul	436,13	1.122,56
Médio Sudoeste da Bahia	391,28	889,39
Vale de Jequiriçá	328,09	985,96
Sertão do São Francisco	331,82	1.161,66
Bacia do Rio Grande	358,16	1.211,17
Bacia do Paramirim	312,76	872,67
Sertão Produtivo	357,81	998,60
Piemonte do Paraguaçu	325,91	901,80
Bacia do Jacuípe	317,43	903,85
Piemonte da Diamantina	338,30	1.051,73
Semiárido Nordeste II	300,68	985,24
Litoral Norte e Agreste Baiano	361,73	1.360,32
Portal do Sertão	454,52	1.101,83
Vitória da Conquista	415,33	1.097,70
Recôncavo	387,36	1.650,13
Médio Rio de Contas	434,39	1.086,29
Bacia do Rio Corrente	350,20	1.027,33
Itaparica	413,77	1.373,14
Piemonte Norte do	333,95	1.192,44
Metropolitana de Salvador	779,31	1.889,64
Costa do Descobrimento	435,95	1.105,52

Fonte: IBGE/RAIS/SEPLAN-DPS/SEI

Por sua vez, a análise comparativa da renda estadual com a renda das demais Unidades da Federação, utilizando-se para tal o indicador Valor do Rendimento Nominal Médio Mensal Per Capita dos Domicílios Particulares Permanentes, indicou que o Distrito Federal apresentava, em 2010, o melhor nível médio de rendimento, com o valor de R$ 2.097,83. Os Estados de São Paulo com R$ 1.259,96, Rio de Janeiro com R$ 1.231,56 e Santa Catarina com R$ 1.121,17, naquele ano, foram os outros três Estados que possuíam os maiores níveis de renda.

Verifica-se que o Estado da Bahia possuía, naquele ano, o 7º mais baixo nível de rendimento domiciliar. Vale salientar, que os menores níveis foram registrados na Região Nordeste, uma vez que dos 10 estados com os mais baixos rendimentos no país, nove estão nessa região.

Observa-se, ainda, que dos 5.565 municípios brasileiros, os que apresentaram os melhores níveis de rendimento médio domiciliar per capita, em 2010, foram: Niterói (Rio de Janeiro), Florianópolis (Santa Catarina), Vitória (Espírito Santo), Santana de Parnaíba (São Paulo) e São Caetano do Sul (São Paulo).

Por sua vez, dentre todos os municípios do país, os que detiveram os menores níveis de rendimento médio domiciliar per capita, no mesmo ano, foram: Belágua (Maranhão), Marajá do Sena (Maranhão), Cachoeira do Piriá (Pará), Fernando Falcão (Maranhão) e Matões do Norte (Maranhão).

5.3. Caracterização dos Setores da Economia

5.3.1. O Setor Agropecuário

Conforme já indicado em capítulos anteriores, o setor agropecuário baiano registra reduzida participação na economia da Bahia. Verifica-se que a condição natural do Estado, com grande parte de sua área pertencente ao semiárido, tem inibido potenciais oportunidades de crescimento setorial. A expansão do setor no Estado tem se verificado, principalmente, conforme anteriormente assinalado, na região oeste, com o cultivo dos grãos, e na região de Juazeiro, com a produção de frutas.

Inicialmente, cabe apresentar a situação evolutiva dos estabelecimentos agropecuários no Estado entre 1996 e 2006, segundo dados disponíveis do IBGE.

Quadro 42 - Estabelecimentos Agropecuários da Bahia

Número (Unidades) e Área (ha)

GRUPOS DE ÁREA	UNIDADES		ÁREA	
	1996	2006	1996	2006
Menos de 10 ha	401.734	436.390	1.373.887	1.369.883
10 a menos de 100 ha	251.752	264.546	7.534.252	7.802.582
100 a menos de 1000 ha	41.874	37.814	10.627.611	9.617.562
1000 ha e mais	3.563	3.414	10.307.151	10.390.532
ESTADO DA BAHIA	**699.126**	**761.528**	**29.842.901**	**29.180.559**

Fonte: IBGE

Como se observa, a área ocupada pelos estabelecimentos agropecuários do Estado reduziu-se entre 1996 e 2006, apesar do acréscimo ocorrido no número de estabelecimentos, no mesmo período. Registra-se, entretanto, que o número de estabelecimentos dos grupos de área com 100 a menos de 1.000 ha e de 1.000 e mais ha acusaram decréscimos nos respectivos quantitativos de unidades.

No Quadro 43 é possível observar a evolução do aproveitamento das terras na Bahia, no qual se pode constatar o crescimento da utilização nas lavouras permanentes, nas lavouras temporárias e nas pastagens plantadas.

Quadro 43 - Utilização das Terras na Bahia (hectare)

UTILIZAÇÃO DE TERRAS	1996	2006
Lavouras Permanentes	1.348.743	1.686.553
Lavouras Temporárias	2.541.086	3.498.815
Pastagens Naturais	7.836.814	5.126.787
Pastagens Plantadas	6.652.955	7.707.514
Matas Naturais	6.839.132	9.817.732
Matas Plantadas	297.429	264.265

Fonte: IBGE

Por sua vez, o desempenho da produção agrícola baiana pode ser observado nos Quadros 44, 45, 46 e 47, apresentados na sequência.

Quadro 44 - Lavoura Temporária

Quantidade Produzida (toneladas ou mil frutos)

PRODUTO	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2011
Abacaxi (mil frutos)	98.538	116.557	117.973	142.091	170.423	139.324	140.254
Algodão her. em caroço (toneladas)	132.675	179.971	704.163	810.253	1.167.947	996.220	1.579.841
Alho (toneladas)	8.462	13.167	6.867	7.352	4.320	5.478	9.418
Amendoim (em casca) (toneladas)	3.624	4.452	12.334	7.369	7.356	8.431	9.061
Arroz (em casca) (toneladas)	93.123	39.543	63.369	19.717	42.466	33.370	34.608
Batata-doce (toneladas)	18.810	19.072	19.187	29.562	25.708	24.289	20.231
Batata-inglesa (toneladas)	49.122	91.020	177.000	178.500	291.220	302.575	341.778
Cana-de-açúcar (toneladas)	4.878.527	4.447.168	4.943.535	6.150.367	5.689.329	5.868.709	6.992.412
Cebola (toneladas)	74.667	134.723	131.524	248.896	255.851	297.045	190.278
Feijão (em grão) (toneladas)	540.125	374.939	331.121	358.887	318.522	316.377	222.382
Fumo (em folha) (toneladas)	8.419	9.947	9.730	13.069	8.662	6.147	3.971
Girassol (em grão) (toneladas)	-	-	-	30	999	437	431
Mamona (baga) (toneladas)	83.953	64.957	114.125	68.615	96.620	74.055	90.031
Mandioca (toneladas)	4.143.953	4.088.788	4.160.358	4.393.997	4.359.358	3.211.278	2.966.230
Melancia (toneladas)	42.772	204.332	174.736	233.454	275.017	338.365	292.432
Melão (toneladas)	19.460	43.016	27.706	47.988	21.702	36.191	41.892
Milho (em grão) (toneladas)	1.321.569	849.743	1.610.524	1.124.206	1.884.042	2.223.302	2.051.623
Soja (em grão) (toneladas)	1.508.115	1.464.000	2.365.290	1.991.400	2.747.634	3.112.929	3.512.568
Sorgo (em grão) (toneladas)	43.295	33.777	109.649	70.213	104.057	92.207	163.227
Tomate (toneladas)	170.653	237.763	193.203	250.986	256.158	302.783	341.008
Trigo (em grão) (toneladas)	-	-	3.715	-	-	-	-

Fonte: IBGE

Quadro 45 - Lavoura Permanente

Quantidade Produzida (toneladas ou mil frutos)

PRODUTO	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2011
Abacate (toneladas)	2.166	476	325	1.238	240	240	240
Banana (cacho) (toneladas)	58.752	763.901	872.474	1.182.941	1.417.537	1.079.050	1.239.650
Borracha (látex coagul.) (toneladas)	18.810	16.715	20.780	25.517	26.341	31.908	48.663
Cacau (em amêndoa) (toneladas)	137.568	110.205	136.155	148.703	131.060	148.254	156.289
Café (em grão) (toneladas)	129.948	169.310	129.651	149.800	162.975	153.262	151.742
Caqui (toneladas)	500	62	55	61	196	119	119
Castanha de caju (toneladas)	4.884	5.445	5.493	6.618	4.327	5.440	1.756
Coco-da-baia (mil frutos)	402.937	731.208	705.732	628.376	609.623	502.364	529.464
Dendê (cacho de coco) (toneladas)	161.430	167.581	171.044	176.089	194.629	231.272	215.784
Goiaba (toneladas)	36.182	25.352	34.337	15.695	15.757	14.217	15.179
Guaraná (semente) (toneladas)	2.770	2.680	2.350	1.402	2.070	2.688	3.026
Laranja (toneladas)	3.377.542	923.056	794.916	916.521	1.116.896	987.813	1.030.763
Limão (toneladas)	239.195	43.529	45.348	41.132	38.914	53.003	59.700
Maçã (toneladas)	-	-	-	15	608	415	480
Mamão (toneladas)	968.737	783.600	723.907	914.679	902.525	910.131	928.035
Manga (toneladas)	501.493	252.952	305.658	625.812	471.983	509.676	522.471
Maracujá (toneladas)	644.896	125.741	114.627	207.962	275.445	461.105	410.078
Marmelo (toneladas)	336	204	70	75	175	250	50
Palmito (toneladas)	-	-	1.498	18.027	21.137	20.320	20.211
Pimenta-do-reino (toneladas)	1.552	2.443	3.079	3.708	3.900	4.521	4.011
Sisal ou agave (fibra) (toneladas)	188.679	163.458	187.059	234.902	234.847	237.397	275.008
Tangerina (toneladas)	47.967	10.347	10.322	9.321	17.355	14.182	14.328
Urucum (semente) (toneladas)	4.704	1.991	1.842	1.224	924	1.016	1.149
Uva (toneladas)	68.292	83.333	85.910	117.111	97.481	78.283	65.176

Fonte: IBGE

Quadro 46 - Extração Vegetal

Quantidade Produzida (toneladas ou m³)

PRODUTO	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2011
Castanha de caju (toneladas)	2.594	2.596	3.109	2.590	2.418	2.269	1.756
Mangaba (fruto) (toneladas)	170	163	169	170	142	142	128
Umbu (fruto) (toneladas)	8.669	8.252	7.814	7.840	8.209	8.624	8.165
Piaçava (toneladas)	86.990	86.061	87.437	71.807	68.464	61.538	59.360
Carvão vegetal (toneladas)	20.270	25.468	230.436	363.135	159.402	131.156	115.385
Lenha (m³)	13.301.319	12.923.425	12.131.835	11.182.790	9.873.293	9.263.509	9.171.091
Madeira em tora (m³)	1.731.600	1.610.130	1.532.309	1.689.832	1.076.820	1.052.983	1.068.079
Babaçu (amêndoa) (toneladas)	443	399	366	339	341	352	308
Licuri (coquilho) (toneladas)	4.963	5.045	4.953	4.985	4.584	4.238	4.147
Pequi (amêndoa) (toneladas)	364	347	342	351	338	319	323
Angico (casca) (toneladas)	194	164	137	101	81	118	101

Fonte: IBGE

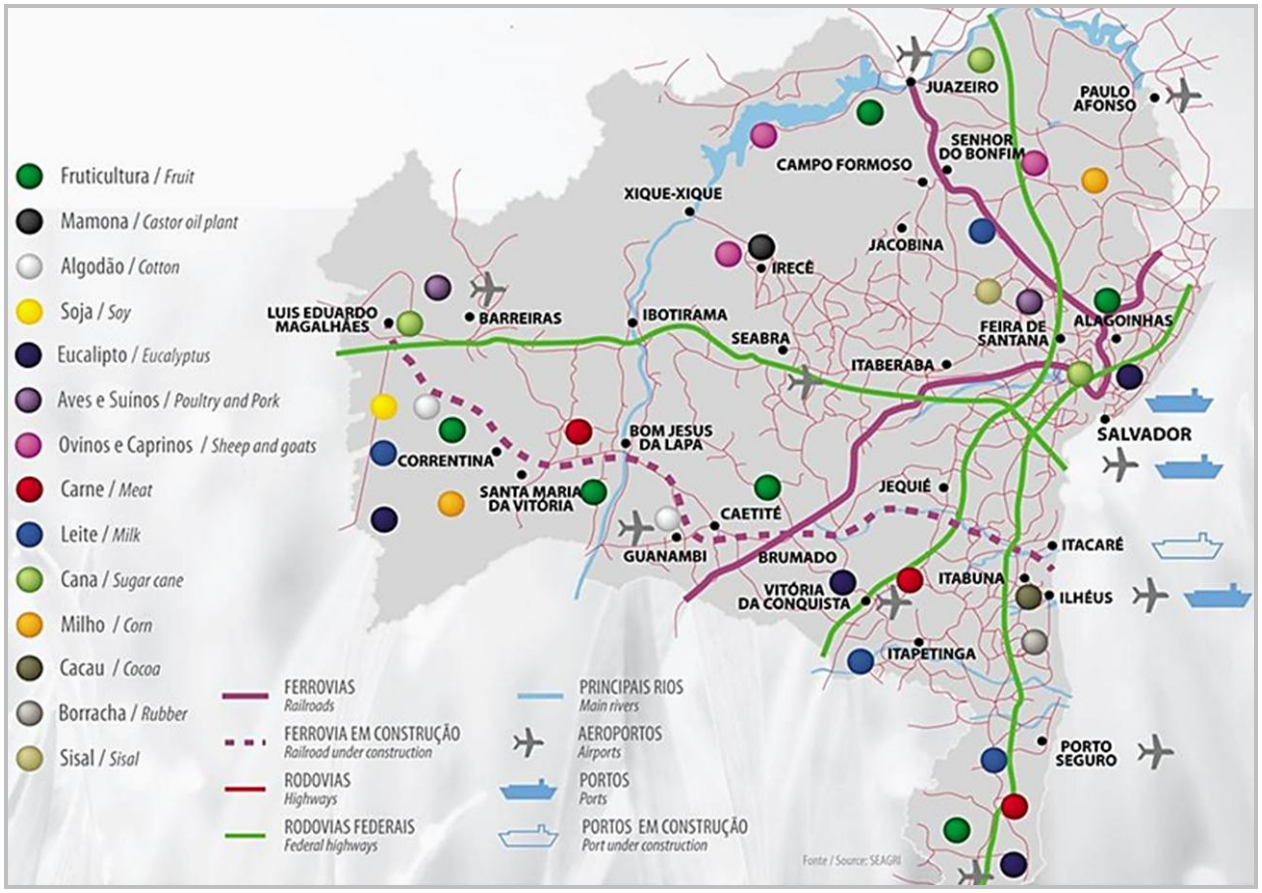
Quadro 47 - Silvicultura

Quantidade Produzida (toneladas ou m³)

PRODUTO	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2011
Carvão vegetal (toneladas)	165.016	146.015	188.696	81.420	134.667	199.928	161.055
Lenha (m³)	3.825.677	15.798.889	1.017.716	846.485	922.636	1.021.710	967.154
Madeira em tora para papel e celulose (m³)	11.436.517	5.135.648	5.318.263	7.582.995	11.924.025	14.707.593	17.187.851
Madeira em tora para outras finalidades (m³)	180.203	507.676	427.332	66.367	202.255	521.762	474.429
Resina (toneladas)	-	-	-	-	1.499	1.500	1.503

Fonte: IBGE

Cabe apresentar, de forma conjunta, como se distribui a produção agrícola pelo Estado. A Ilustração 18 também indica os polos de produção pecuária.



Fonte e Elaboração: SEAGRI

Ilustração 18 - Polos Agropecuários

Vale observar, entretanto, que a grande extensão do semiárido da Bahia resulta em graves problemas para a continuidade e perenidade da produção agrícola e pecuária. A ilustração 17 registra a extensão dessa área.



Fonte e Elaboração: SEI

Ilustração 19 - Região Semiárida do Estado da Bahia

Por outro lado, deve-se destacar, especialmente, como área extremamente produtiva e com forte potencial de expansão, a região oeste do Estado. As análises realizadas pela Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia - AIBA indicam que duas áreas de características fundiárias distintas compõem esta região, que são: o vale e o cerrado.

A região do vale margeia o Rio Grande e tem topografia variada, com depressões e saliências. Na área predomina a agricultura de subsistência. As atividades mais tradicionais são mandioca, milho, arroz, feijão e pecuária.

Já no cerrado, área plana, portanto, favorável à mecanização, desenvolveu-se o principal polo agrícola da Bahia. O perfil produtivo do cerrado é de agricultura empresarial e intensiva. Destacam-se entre os agronegócios a soja, o algodão, milho e café.

A região de cerrado limita-se a oeste com os Estados de Goiás e Tocantins, e compreendem os municípios de Formosa do Rio Preto, Riachão das Neves, Luís Eduardo Magalhães, Barreiras, São Desidério, Correntina, Jaborandi, Cocos e Baianópolis. Os

índices pluviométricos também contribuem para a definição dos limites territoriais indicados às grandes culturas.

Com estação de chuvas bem definida, esse trecho de grandes extensões propiciou o desenvolvimento de variadas atividades agropecuárias, hoje consolidadas. Atualmente, abrem-se novas frentes de possibilidades para a introdução de culturas diferentes. Índices pluviométricos de até 1.800 mm e demais condições de clima e solos favoráveis, contribuem para o sucesso do agronegócio na região.

Importante verificar que a produção dessa região é comercializada principalmente para o mercado interno, sobretudo para os estados do Nordeste, com exceção para a soja, principal produto da região, que se destina prioritariamente ao mercado externo, seja na condição de grão, farelo ou óleo.

Vale observar, conforme destacado no documento Política Industrial da Bahia (Política Industrial), de 2011, elaborado pela Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração da Bahia - SICM em parceria com a Federação das Indústrias do Estado da Bahia - FIEB, o Instituto Euvaldo Lodi e a PETROBRAS, que os problemas de logística de transporte para escoamento da produção dessa região não são pequenos.

Da mesma forma, a quase inexistência de oferta de armazenagem, ou mesmo a sua localização inadequada, tem resultado na necessidade de transferência da produção do campo imediatamente após o processo de colheita. Este fato tem gerado impactos negativos para o produtor, que acaba enfrentando dificuldades nos portos e eventuais perdas comerciais na venda de sua produção.

O mesmo documento destaca a implantação da Ferrovia Leste-Oeste e do Terminal Público de contêineres no Porto de Malhado, em Ilhéus, ou mesmo no Porto Sul, como uma solução importante para a minimização dos problemas de logística que enfrentam os produtores e empresários da região.

A seguir estão detalhadas as principais culturas dessa região.

Soja

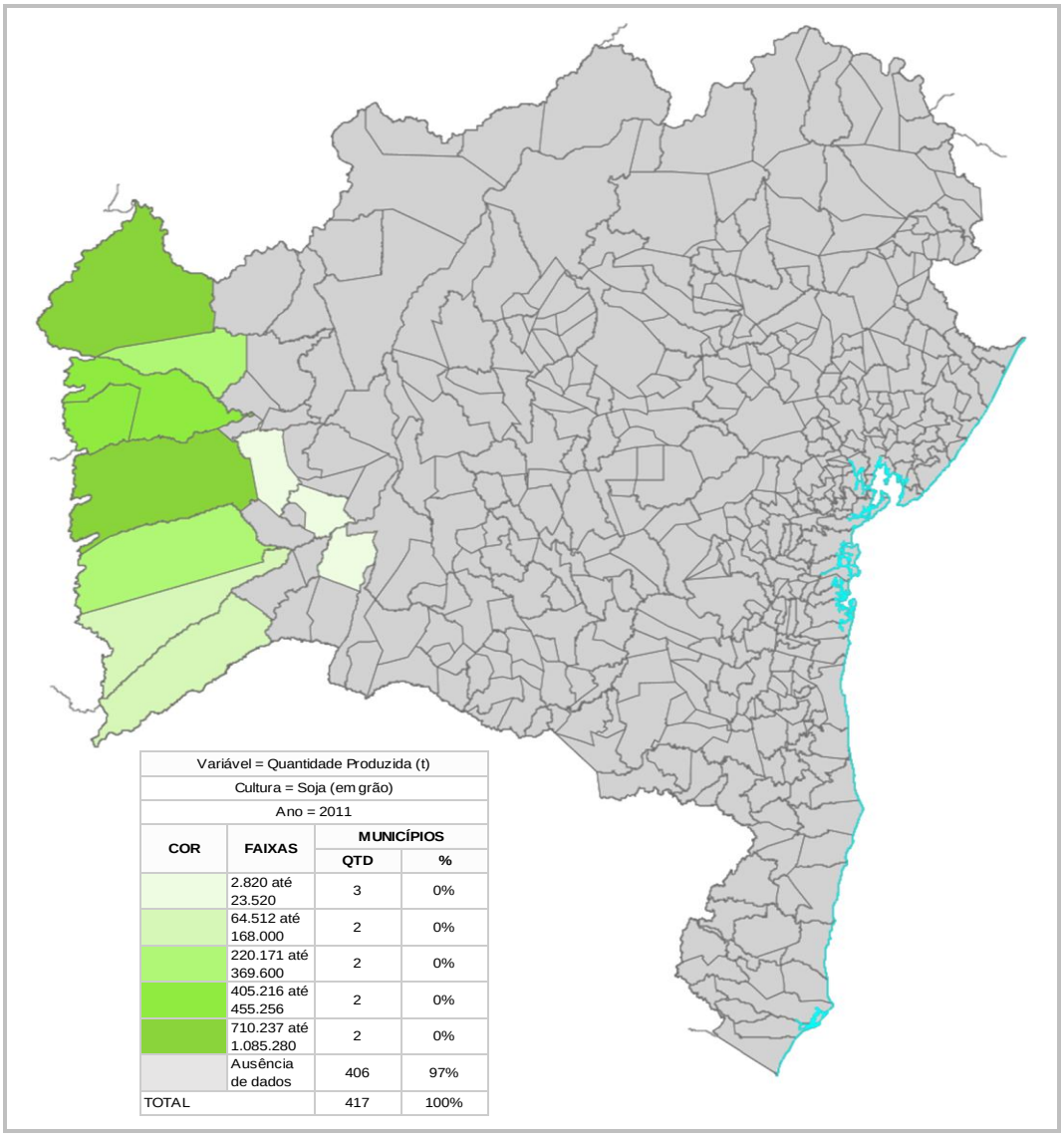
A soja é o principal item da produção agrícola da região oeste da Bahia, ocupando cerca de 60% da área total cultivada na região, conforme apresentado na Ilustração 20, a seguir. A soja do oeste corresponde a aproximadamente 5% da produção nacional e a 58% da produção do Nordeste.

Na safra 2011, a produção cresceu, conforme indicado nos quadros anteriores, de 3.113 mil toneladas registradas em 2010 para 3.513 mil toneladas, registrando um incremento de 13%.

Este resultado foi obtido principalmente em razão do aumento da produtividade, que saiu de 51 sacas/ha para 56 sacas/ha, aumento de 10%.

Além do clima favorável, também influenciou nos bons resultados de produtividade o sucesso do Programa Estratégico de Manejo da Ferrugem Asiática, fruto da parceria entre AIBA, Fundação Bahia, ADAB, EBDA e empresas privadas do setor.

As informações da safra de 2012 apontam uma produção de 3.321 mil toneladas, registrando perdas de 5% em relação à safra anterior, para uma área plantada de 1.150 mil hectares.



Variável = Quantidade Produzida (t)			
Cultura = Soja (em grão)			
Ano = 2011			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	2.820 até 23.520	3	0%
	64.512 até 168.000	2	0%
	220.171 até 369.600	2	0%
	405.216 até 455.256	2	0%
	710.237 até 1.085.280	2	0%
	Ausência de dados	406	97%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

Ilustração 20 - Região de Produção de Soja na Bahia

Algodão

O algodão do oeste da Bahia é considerado o primeiro em qualidade no ranking do país, sendo que a região é hoje a segunda maior produtora nacional. A Ilustração 21, apresentada na sequência, registra como acontece a concentração de produção na região oeste do Estado.

Conforme destaca a AIBA em suas publicações, uma convergência de fatores contribuiu para o desenvolvimento da cotonicultura no cerrado da Bahia, dentre eles podem ser destacados o clima e o relevo, que são atributos naturais da região, além de um elevado padrão tecnológico utilizado na produção e no beneficiamento.

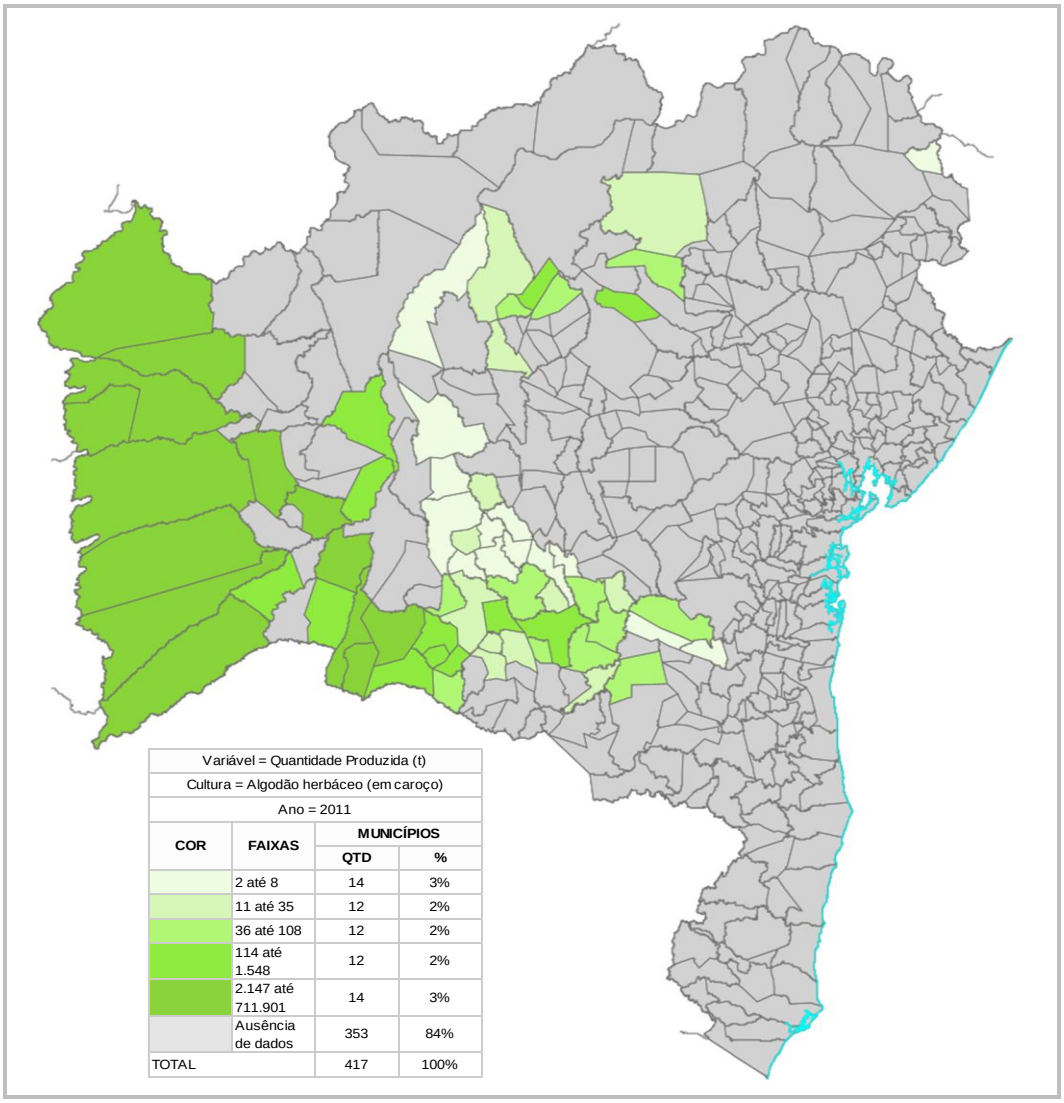
A safra 2011 foi considerada uma referência histórica na qualidade, produção e comercialização da *commodity*. A região oeste, que concentra aproximadamente 96% da atividade no Estado, colheu, naquele ano, conforme já indicado, 1.580 mil toneladas de algodão, contra 996 mil toneladas na safra anterior, um crescimento de 59% na produção.

A área plantada, que em 2010 foi de cerca de 245 mil hectares, passou para 371 mil hectares, expandindo-se, assim, em 51%. Em relação à produtividade, a região alcançou 108,0 arrobas de pluma por hectare nas áreas de sequeiro e 114,0 arrobas de pluma por hectare nas áreas irrigadas. Na safra 2011, a Bahia foi responsável por cerca de 31% da pluma produzida no país.

Quanto à safra 2012, o IBGE aponta para uma produção de 1.185 mil toneladas, indicando, também perdas relevantes para o produto, principalmente, como resultado da seca prolongada na região, mesmo com o aumento registrado na área plantada, para 387 mil hectares.

De qualquer forma, deve-se destacar que atualmente já existem na região, aproximadamente, 60 usinas de beneficiamento instaladas e seis das maiores *tradings* do mundo.

Considera-se de significativa importância para o desenvolvimento vivenciado por essa cultura no Estado, o Programa de Incentivo à Cultura do Algodão na Região Oeste da Bahia - Proalba, que concede ao produtor até 50% de ICMS devido sobre a comercialização do produto no mercado interno, desde que atenda aos critérios de qualidade preestabelecidos. Cabe observar que, desse montante 10% são destinados ao Fundo para o Desenvolvimento do Agronegócio do Algodão - Fundeagro, que investe os recursos em pesquisa, defesa sanitária e marketing.



Variável = Quantidade Produzida (t)			
Cultura = Algodão herbáceo (em caroço)			
Ano = 2011			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	2 até 8	14	3%
	11 até 35	12	2%
	36 até 108	12	2%
	114 até 1.548	12	2%
	2.147 até 711.901	14	3%
	Ausência de dados	353	84%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

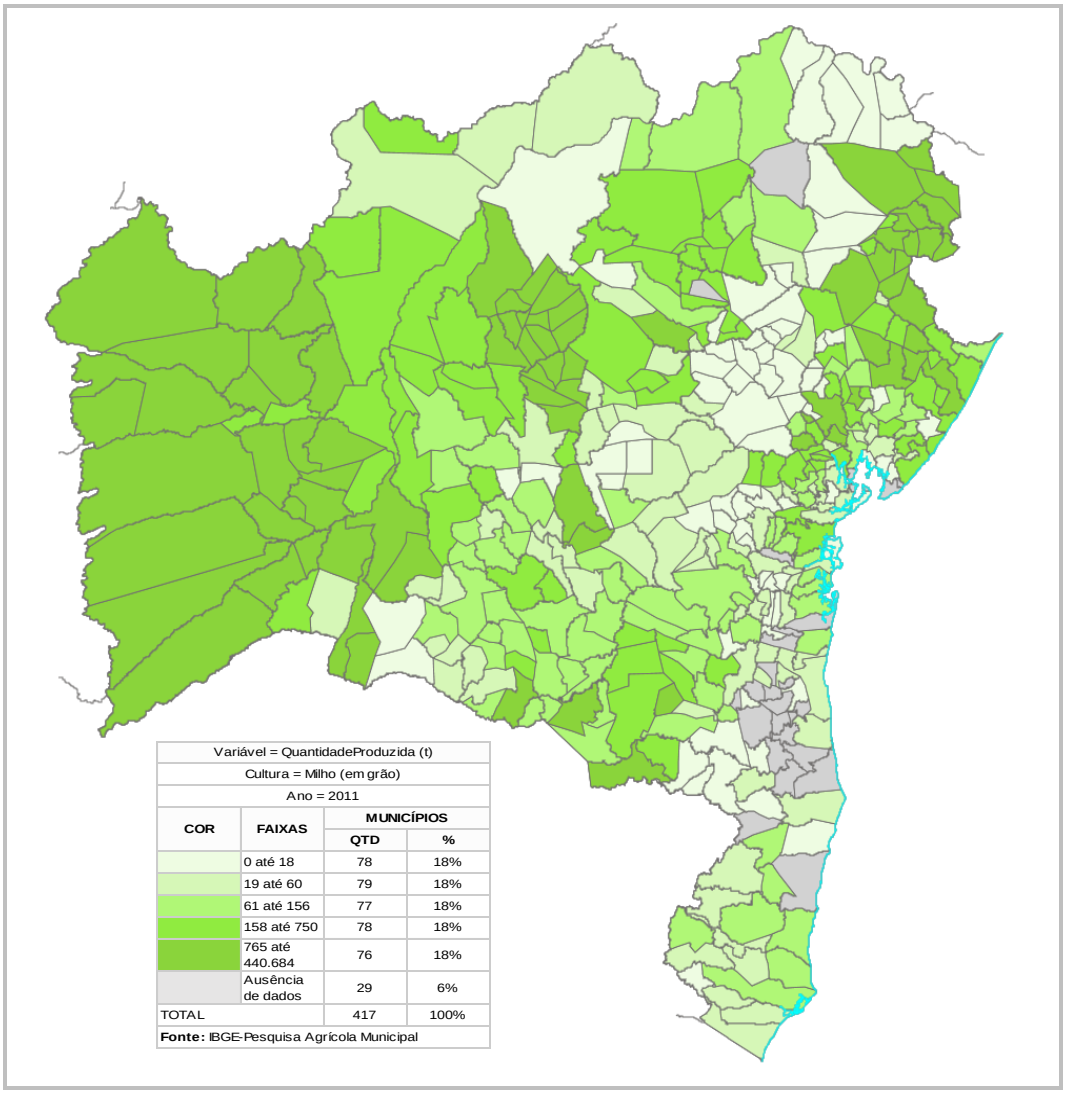
Ilustração 21 - Região de Produção de Algodão na Bahia

Milho

A cultura do milho tem sido extremamente importante para a região oeste em termos agronômicos, como opção para rotação de culturas.

Entretanto, na safra 2011, a produção reduziu-se de 2.223 mil toneladas, conforme assinalado para a safra 2010, para 2.052 mil toneladas. Importante observar que a produção de milho registrou expressiva recuperação na safra 2012. Segundo dados do IBGE, o volume cresceu para 2.356 mil toneladas, um aumento que superou, inclusive, a produção de 2010.

Como informa a AIBA, a região oeste da Bahia tem sido responsável por 66% de todo o milho produzido no Estado e abastece tanto as granjas de aves e suínos, como a indústria alimentícia da Região Nordeste do país. A Ilustração 22 apresenta a distribuição espacial da produção de milho no Estado.



Variável = QuantidadeProduzida (t)			
Cultura = Milho (em grão)			
Ano = 2011			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	0 até 18	78	18%
	19 até 60	79	18%
	61 até 156	77	18%
	158 até 750	78	18%
	765 até 440.684	76	18%
	Ausência de dados	29	6%
TOTAL		417	100%
Fonte: IBGE-Pesquisa Agrícola Municipal			

Fonte: IBGE/SEI

Ilustração 22 - Região de Produção de Milho na Bahia

É importante registrar que o conjunto composto pelos Estados limítrofes Bahia, Goiás, Tocantins, Maranhão e Piauí está produzindo cerca de 14 milhões de toneladas de grãos.

Capim

O capim para produção de semente continua ocupando uma área significativa no oeste da Bahia, sendo a principal espécie plantada a Braquiária. Na safra 2011, a cultura estendeu-se por uma área de 40 mil hectares, sendo a quarta maior da região. O tamanho da área manteve-se em relação ao ciclo 2009/2010, com produção média de 450 kg/ha.

Cabe destacar outras culturas relevantes que não se concentram somente na região oeste.

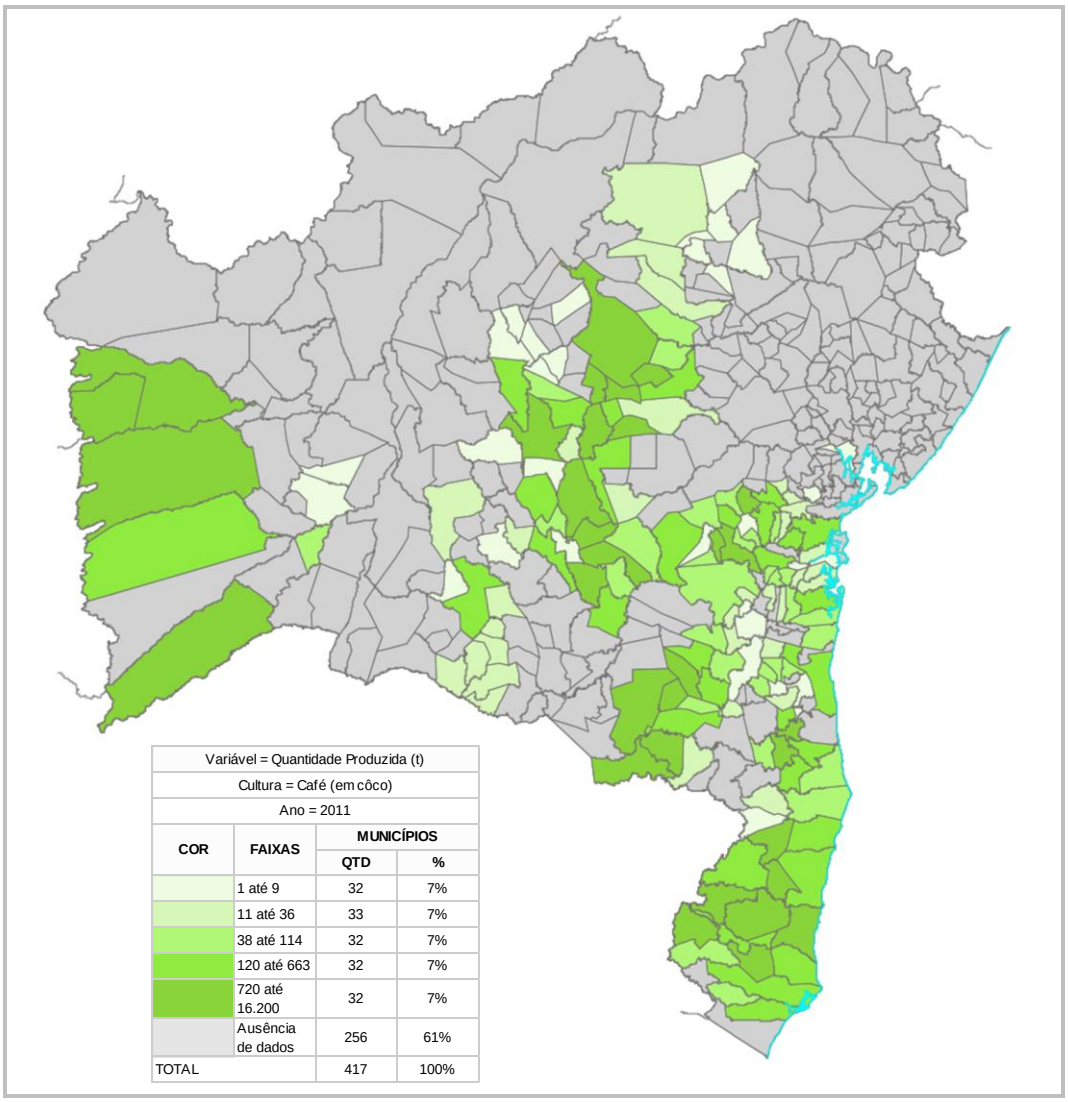
Café

A produção total do Estado em 2011 registrou ligeira queda em relação ao ano anterior. O volume foi reduzido de 153,2 para 151,7 mil toneladas. Ressalte-se, entretanto, a produção da região oeste, por ser realizada na condição irrigada. Neste contexto, o café do cerrado baiano é um produto da alta tecnologia aplicada em 14,7 mil hectares de área totalmente irrigada.

A produção da região foi de aproximadamente 31,7 mil toneladas em 2010 e 2011. Os dados do IBGE para 2012 apontam para uma produção na região de 31,8 mil toneladas e 15,5 mil hectares de área plantada.

As condições naturais da região são importantes no conjunto dos fatores propícios à cafeicultura do cerrado. O relevo plano permite a mecanização em todas as etapas produtivas e a insolação é constante em todo o ano. Estações chuvosas bem definidas, sem ocorrência no período da colheita, completam o quadro favorável à produção.

A Ilustração 23 apresenta a distribuição espacial da produção de café no Estado.



Variável = Quantidade Produzida (t)			
Cultura = Café (em côco)			
Ano = 2011			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	1 até 9	32	7%
	11 até 36	33	7%
	38 até 114	32	7%
	120 até 663	32	7%
	720 até 16.200	32	7%
	Ausência de dados	256	61%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

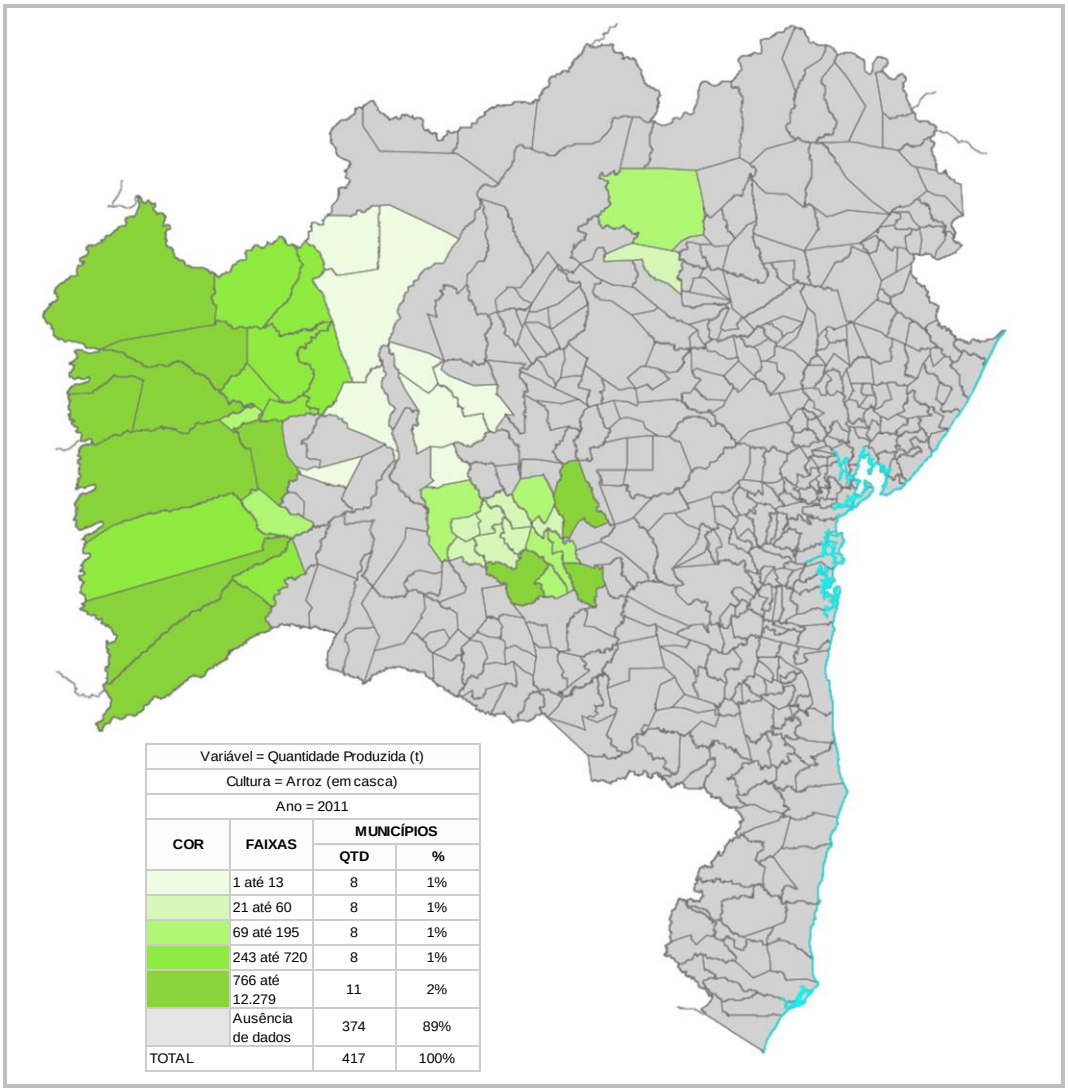
Ilustração 23 - Região de Produção de Café na Bahia

Arroz

A produção do Estado foi de 33,4 e 34,6 mil toneladas, em 2010 e 2011, respectivamente. Segundo os dados da CONAB, a Bahia tinha no passado uma área de cerca de 16 mil hectares ocupados com a cultura do arroz, sendo o oeste a principal região produtora, com 11 mil hectares, aproximadamente, 70% do total.

A região já chegou a produzir mais de 90% do arroz baiano, mas o baixo retorno da atividade fez com que muitos produtores migrassem para outras culturas e utilizassem o arroz apenas para a abertura de novas áreas. O volume de produção apontado pelo IBGE para a região oeste na safra 2012 foi de 10,8 mil toneladas em uma área plantada de 6 mil hectares.

A Ilustração 24 apresenta a distribuição espacial da produção de arroz no Estado.



Fonte: IBGE/SEI

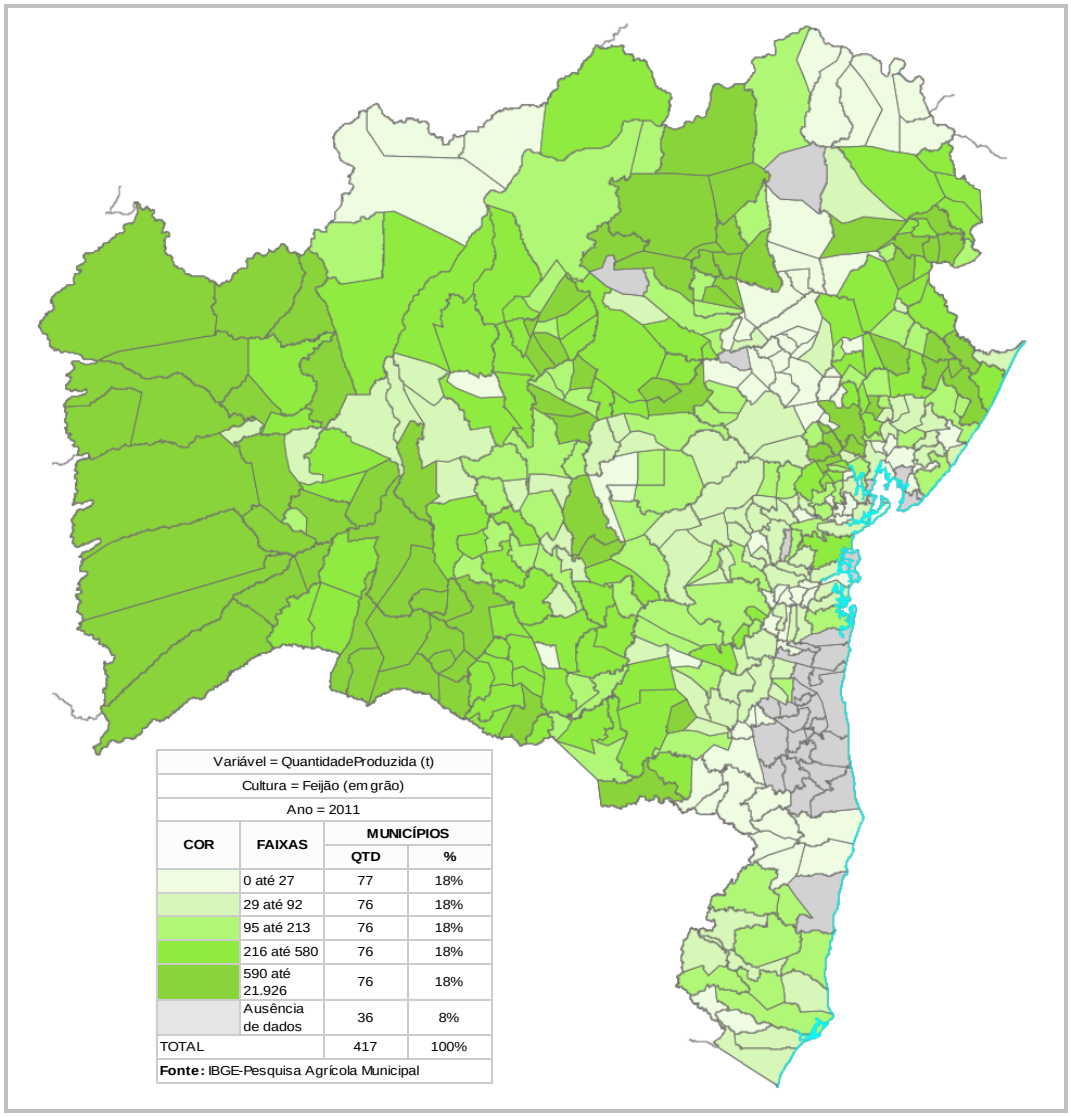
Ilustração 24 - Região de Produção de Arroz na Bahia

Feijão

O Estado da Bahia é um dos principais produtores nacionais de feijão. Entretanto, a produção estadual total decresceu significativamente em 2011. A produção foi reduzida de 316,4 mil toneladas em 2010 para 222,4 mil toneladas naquele ano, principalmente em função da seca prolongada que atingiu toda a Região Nordeste.

Na região oeste do Estado, a área plantada com o grão diminuiu ao longo dos anos, mas, ainda ocupa 15 mil hectares irrigados, na condição de safrinha. A produtividade média ficou em torno de 45 sacas/ha na safra de 2011.

A Ilustração 25 apresenta a distribuição espacial da produção de feijão no Estado.



Variável = QuantidadeProduzida (t)			
Cultura = Feijão (em grão)			
Ano = 2011			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	0 até 27	77	18%
	29 até 92	76	18%
	95 até 213	76	18%
	216 até 580	76	18%
	590 até 21.926	76	18%
	Ausência de dados	36	8%
TOTAL		417	100%
Fonte: IBGE-Pesquisa Agrícola Municipal			

Fonte: IBGE/SEI

Ilustração 25 - Região de Produção de Feijão na Bahia

Merecem destaque, também, as seguintes culturas:

Cana-de-Açúcar

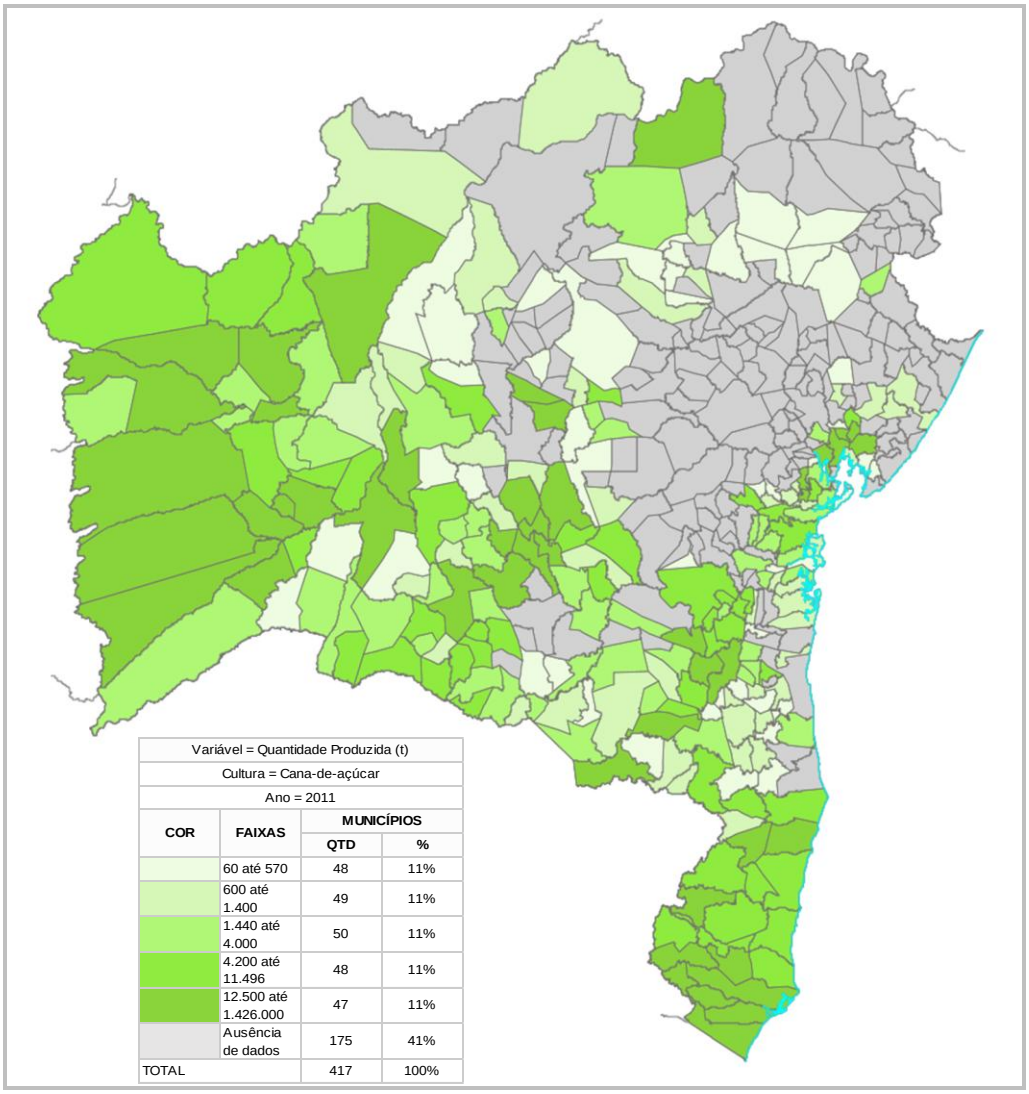
A evolução da produção estadual foi apresentada no Quadro 44, no qual é possível verificar que ela cresceu de 5.869 mil toneladas em 2010 para 6.992 mil toneladas em 2011, acréscimo de 18% no período.

Os volumes de produção estimados pelo IBGE, segundo a SEAGRI, para 2012 e 2013 foram de 6.894 e 6.600 mil toneladas, para áreas plantadas de 120,9 e 116,3 mil hectares.

Na Bahia existem, atualmente, 6 usinas de açúcar/álcool em funcionamento, sendo que outras 2 estão em fase de implementação.

A produção de metanol em 2010 e 2011 foi de 130,2 e 104,4 milhões de litros, respectivamente, e a produção estimada para a safra de 2012 foi de 196,5 milhões de toneladas, para um consumo interno de 800 milhões de litros/ano.

As áreas de produção da cana-de-açúcar estão apresentadas em maiores detalhes na Ilustração 26.



Variável = Quantidade Produzida (t)			
Cultura = Cana-de-açúcar			
Ano = 2011			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	60 até 570	48	11%
	600 até 1.400	49	11%
	1.440 até 4.000	50	11%
	4.200 até 11.496	48	11%
	12.500 até 1.426.000	47	11%
	Ausência de dados	175	41%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

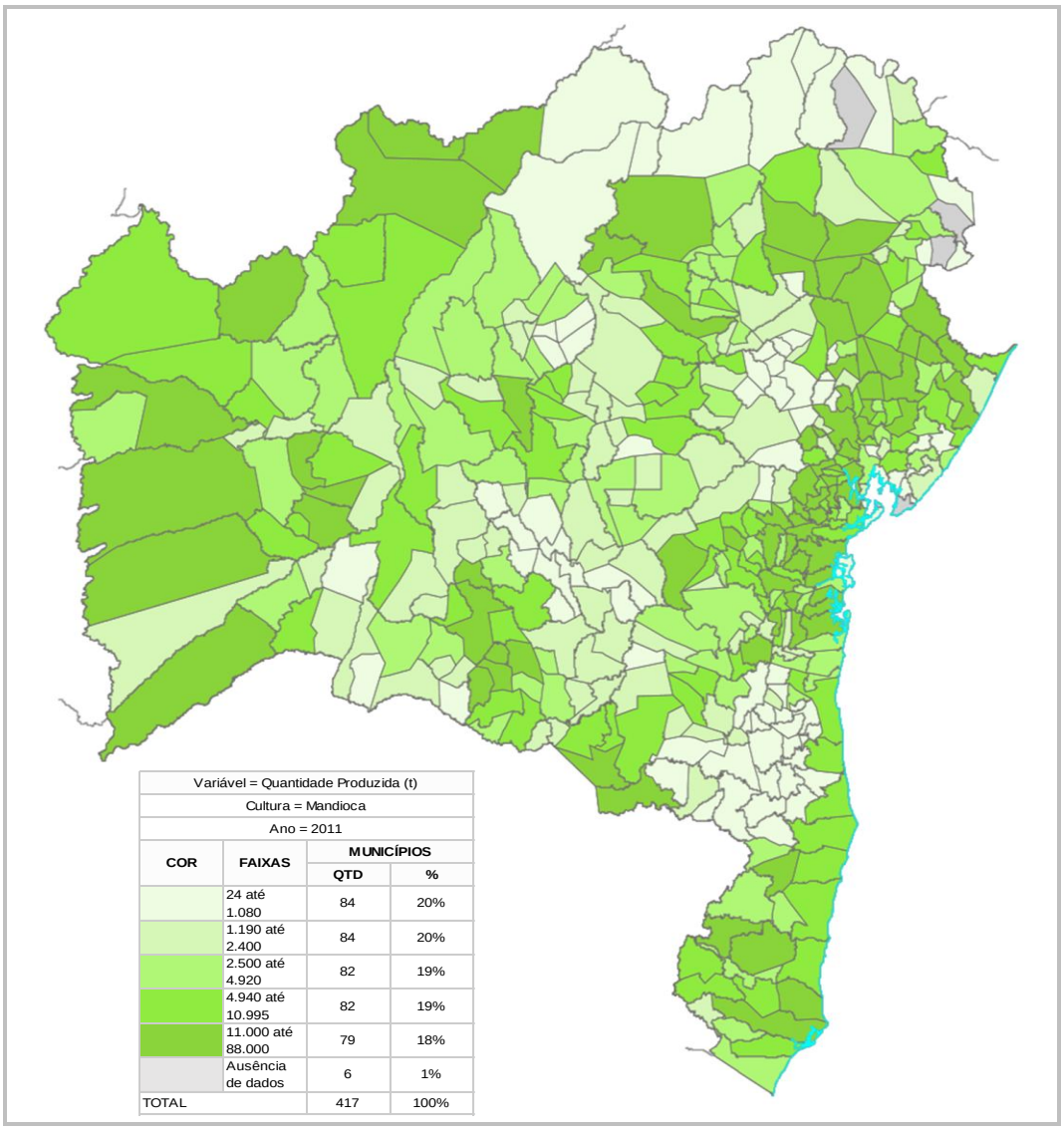
Ilustração 26 - Região de Produção de Cana-de-Açúcar na Bahia

Mandioca

Verifica-se que a produção de mandioca vem decrescendo desde 2008. A perda mais acentuada ocorreu em 2010, quando o volume reduziu-se de 4,4 para 3,2 milhões de toneladas. Em 2011, novas perdas foram registradas e a produção diminuiu para 3,0 milhões de toneladas.

O IBGE aponta para 2012 um volume de 2,3 milhões de toneladas, significando nova redução dos volumes de produção.

A Ilustração 27 apresenta a distribuição espacial da produção de mandioca no Estado.



Fonte: IBGE/SEI

Ilustração 27 - Região de Produção de Mandioca na Bahia

Cacau

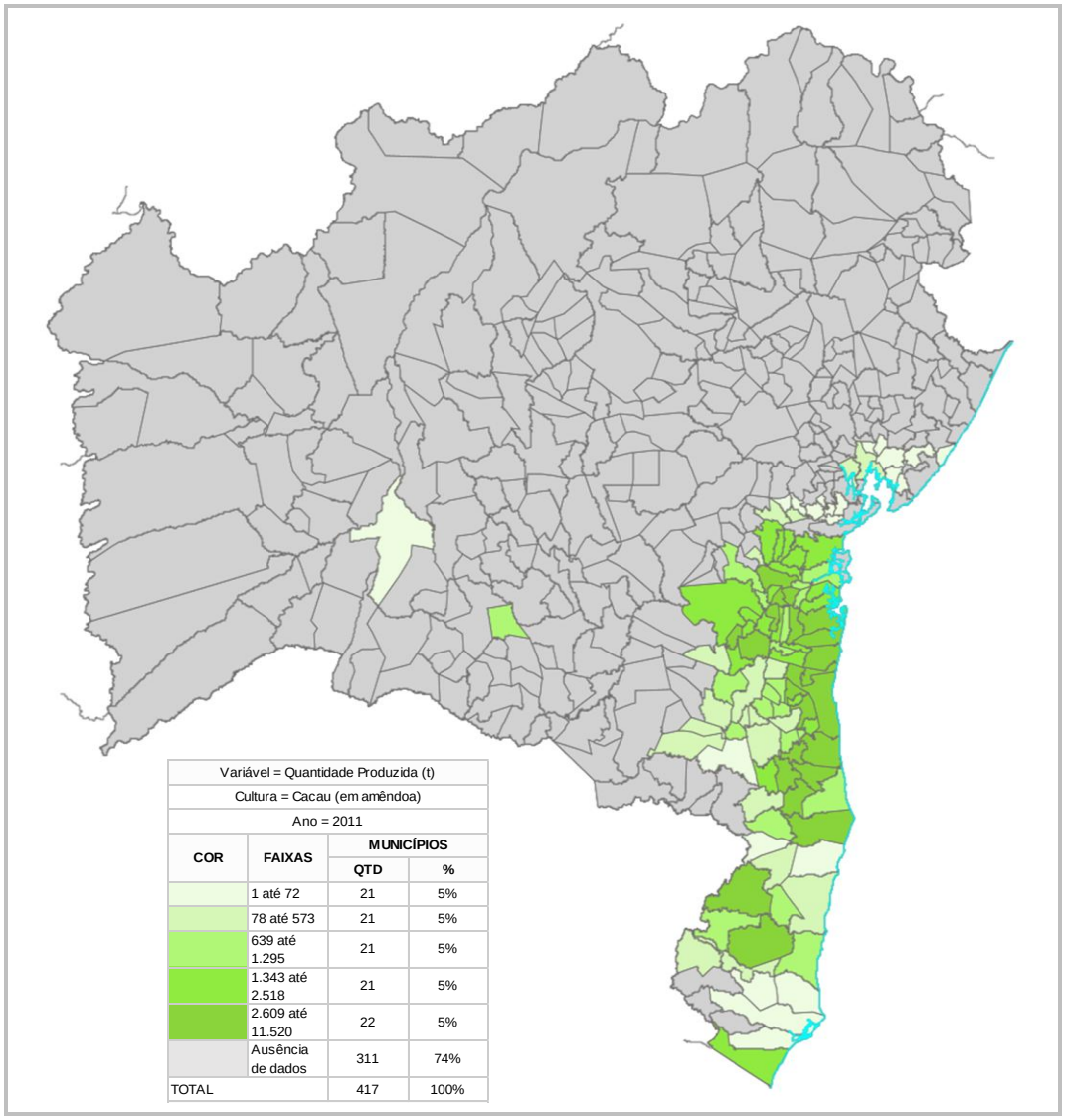
O produto, concentrado na região de Ilhéus, teve seu ciclo de desenvolvimento interrompido nos anos 1980. Importante mencionar que a produção de cacau no Estado evolui de cerca de 160 mil toneladas registradas em meados dos anos 50, até alcançar, aproximadamente, 460 mil toneladas em meado dos anos 80. Naquela época, a produção baiana chegou a representar 90% da produção nacional.

Daquele período em diante, em função dos baixos preços no mercado internacional, a produção registrou perdas seguidas, até atingir um volume de produção de, aproximadamente, 130 mil toneladas em 2001. Com melhores preços, a produção regional voltou a crescer em 2002 e 2003, voltando a acusar perdas em razão, novamente, da queda de preços nos mercados internacionais, levando o segmento à estagnação.

Importante mencionar que a praga conhecida como vassoura de bruxa, que atacou os cacaueiros na década de 90 foi outro fator que potencializou as perdas do setor. Na época, as empresas processadoras locais passaram a importar o produto, como forma de garantir a sua permanência no mercado. Com o passar dos anos o segmento se reposicionou em termos produtivos e tecnológicos e se apresenta com nível razoável de sustentabilidade.

Em tempos recentes, a produção vem se mantendo na faixa compreendida entre 130 e 140 mil toneladas/ano, conforme pode ser verificado no Quadro 45, anteriormente apresentado. No ano de 2011, a produção acusou crescimento em relação ao período anterior, passando de 148,3 mil toneladas para 156,3 mil toneladas, registrando um incremento de 5%. As indicações do IBGE para a safra 2012 atingem um acréscimo de 2,5%, resultando em um volume de 160,0 mil toneladas.

A Ilustração 28 apresenta a distribuição espacial da produção de cacau no Estado.



Fonte: IBGE/SEI

Ilustração 28 - Região de Produção de Cacau na Bahia

Fruticultura

Conforme informações coletadas junto à SEAGRI, os principais polos de produção de frutas do Estado são:

- Oeste (Barreiras): banana, coco, citrus e mamão;
- Médio São Francisco (Bom Jesus da Lapa): banana, manga, maracujá e melancia;
- Vale do São Francisco (Juazeiro): uva, manga, melão, banana, coco, goiaba e melancia;
- Sudoeste (Livramento de Nossa Senhora): manga, banana, maracujá e coco;
- Nordeste: coco, laranja, maracujá, acerola e caju;
- Litoral Norte/Recôncavo: laranja e coco;
- Extremo Sul: mamão, banana, coco e melancia;
- Chapada Diamantina (Itaberaba): abacaxi e citrus;

- Irecê: pinha e melancia.

Importante ressaltar que a evolução dos volumes de produção de cada um dos itens foi indicada nos Quadros 44 e 45, apresentados anteriormente.

Cabe mencionar que, o volume de produção da cadeia cresceu cerca de 55% entre os anos de 2000 e 2010, passando de 3,37 milhões de toneladas para 5,2 milhões de toneladas.

Deve-se ressaltar que, entre 2000 e 2011 ocorreram ganhos e perdas nos níveis de produção, conforme indicado a seguir:

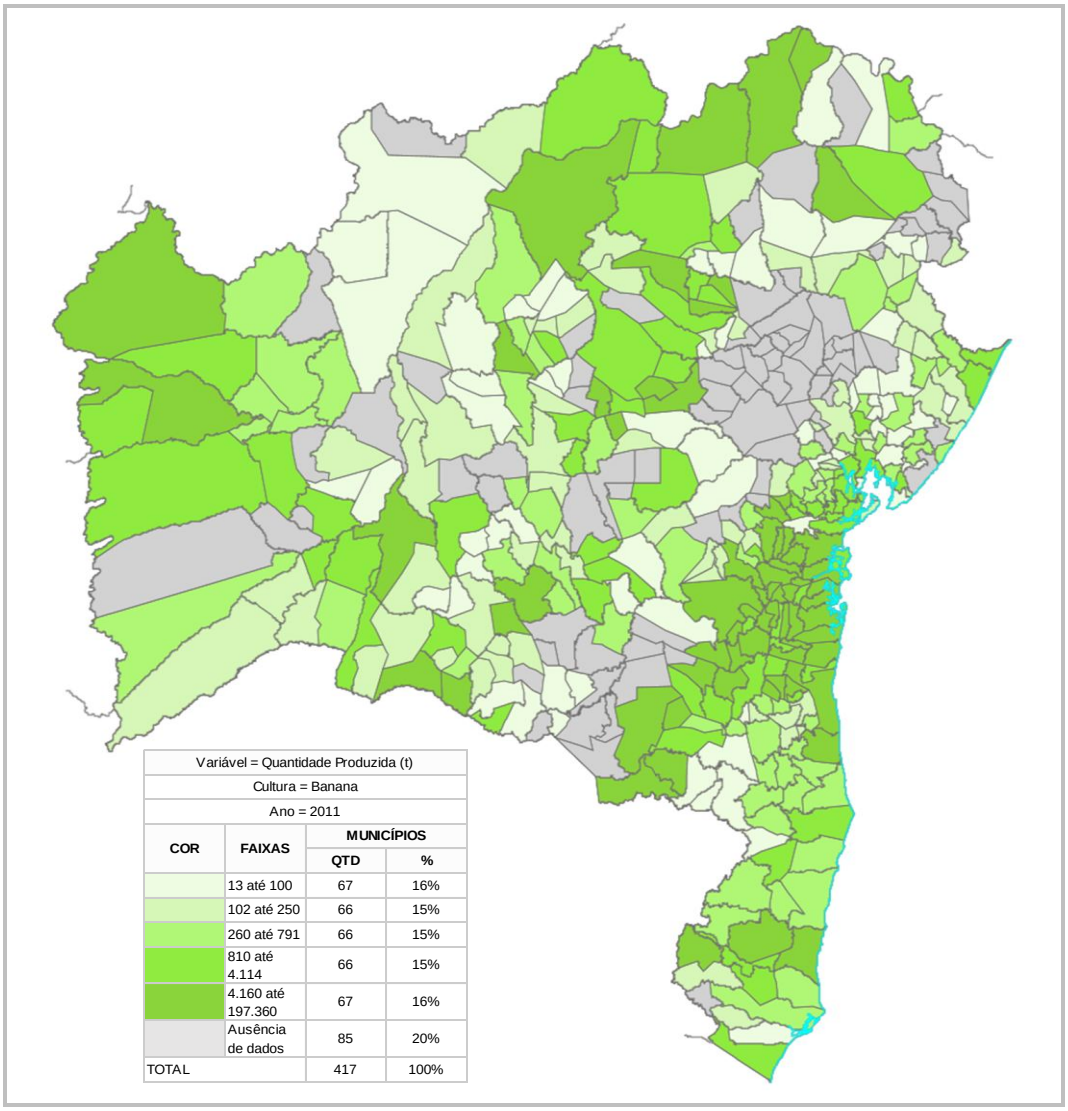
- abacaxi: de 98.538 mil frutos para 140.254 mil frutos, crescimento de 42%;
- melancia: de 42,8 mil toneladas para 292,4 mil toneladas, crescimento de 584%;
- melão: de 19,5 mil toneladas para 41,9 mil toneladas, crescimento de 115%;
- banana: de 58,8 mil toneladas para 1.239,7 mil toneladas, crescimento de 2010%;
- coco: de 402,9 mil toneladas para 529,4 mil toneladas, crescimento de 31%;
- manga: de 501,5 mil toneladas para 522,5 mil toneladas, crescimento de 4%;
- uva: de 68,3 mil toneladas para 65,2 mil toneladas, perda de 5%;
- laranja: de 3.377,5 mil toneladas para 1.030,8 mil toneladas, perda de 69%;
- mamão: de 968,7 mil toneladas para 928,0 mil toneladas, perda de 4%;
- maracujá: de 644,9 mil toneladas para 410 mil toneladas, perda de 36%;
- tangerina: de 48,0 mil toneladas para 14,3 mil toneladas, perda de 70%.

Deve-se registrar a importância da articulação que se deu entre o poder público, o setor privado e associações regionais para o sucesso da fruticultura no São Francisco.

Região anteriormente dominada pela produção extensiva de gado e pela agricultura de subsistência, teve como marco importante para a sua reestruturação a construção de barragens de hidrelétricas no rio, que propiciou a implantação de importantes projetos de irrigação e produção de frutas. Verificaram-se, dessa forma, mudanças radicais no meio socioeconômico regional.

Cabe, ainda, destacar que a fruticultura do cerrado baiano ocupa, atualmente, uma área de 3,9 mil hectares irrigados sob pivô central. Desse total, 788 hectares são destinados à cultura do mamão, com predominância da variedade Formosa. Quase 20% do mamão colhido no Estado vêm da região oeste. Outros 975 hectares são plantados com citrus. A cultura da melancia também é considerável, com área de 1.800 hectares.

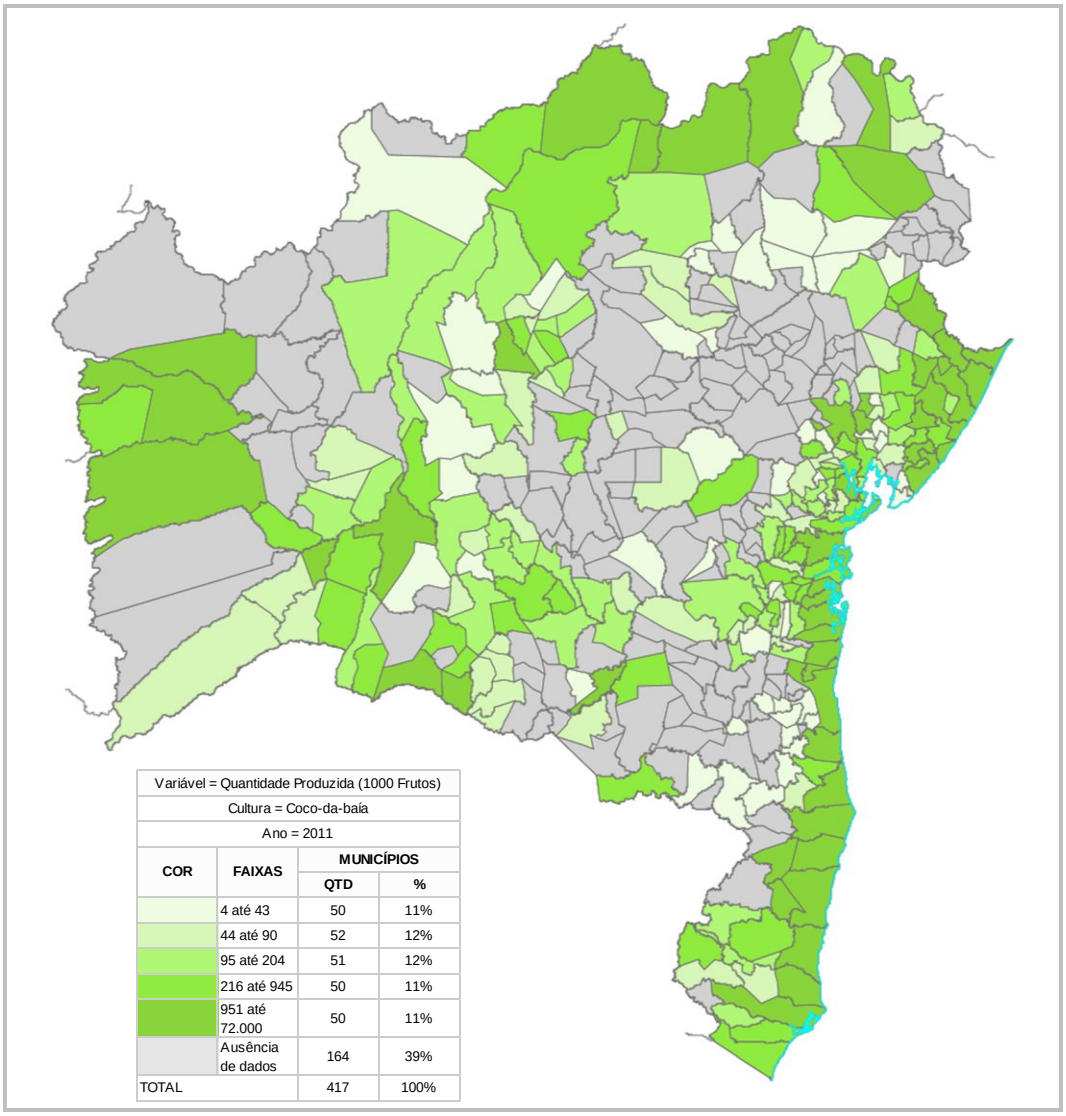
Nas Ilustrações 29 a 35 estão apresentadas as regiões de produção das principais culturas de frutas no Estado da Bahia.



Variável = Quantidade Produzida (t)			
Cultura = Banana			
Ano = 2011			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	13 até 100	67	16%
	102 até 250	66	15%
	260 até 791	66	15%
	810 até 4.114	66	15%
	4.160 até 197.360	67	16%
	Ausência de dados	85	20%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

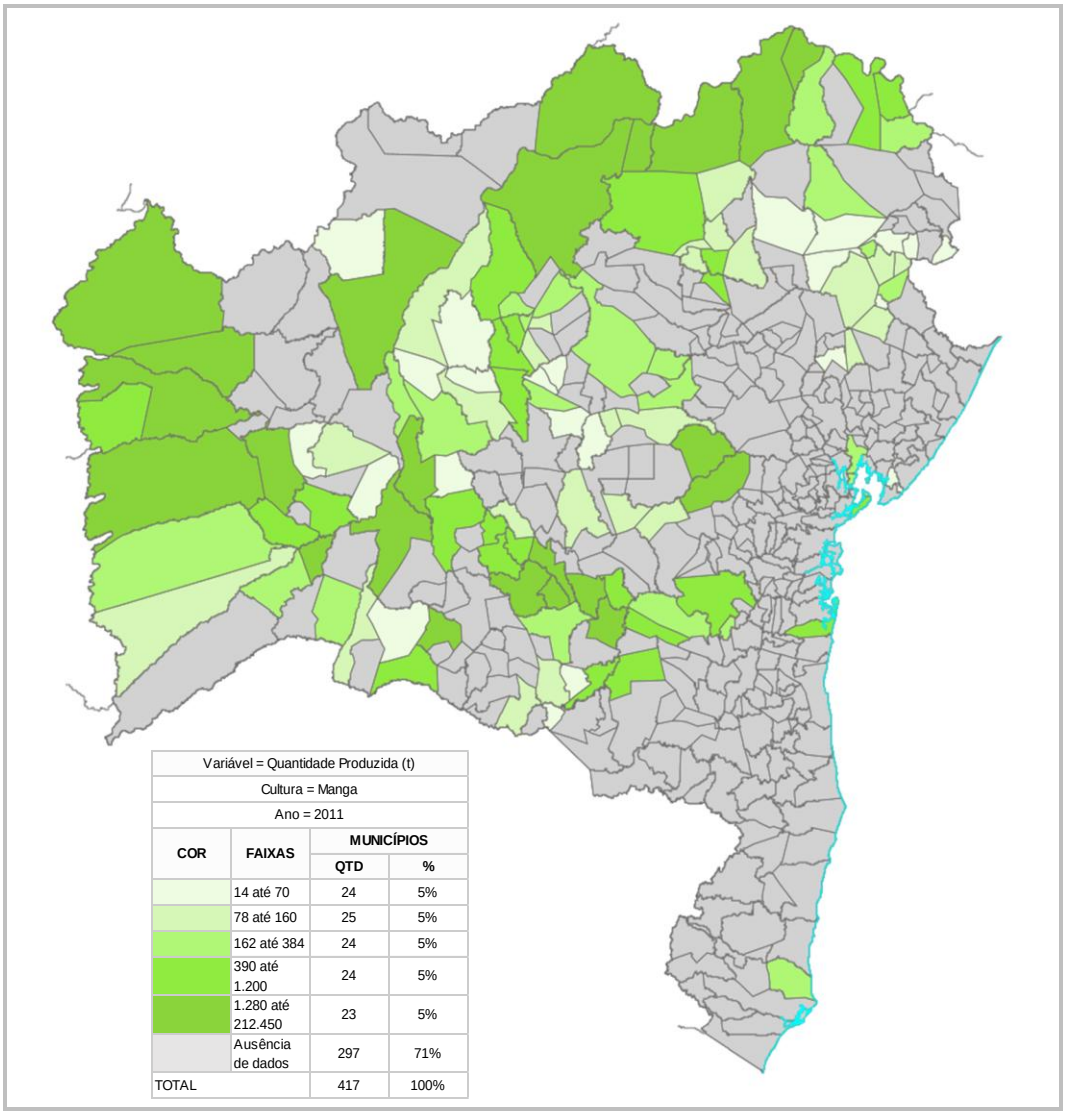
Ilustração 29 - Região de Produção de Banana na Bahia



Variável = Quantidade Produzida (1000 Frutos)			
Cultura = Coco-da-baía			
Ano = 2011			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	4 até 43	50	11%
	44 até 90	52	12%
	95 até 204	51	12%
	216 até 945	50	11%
	951 até 72.000	50	11%
	Ausência de dados	164	39%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

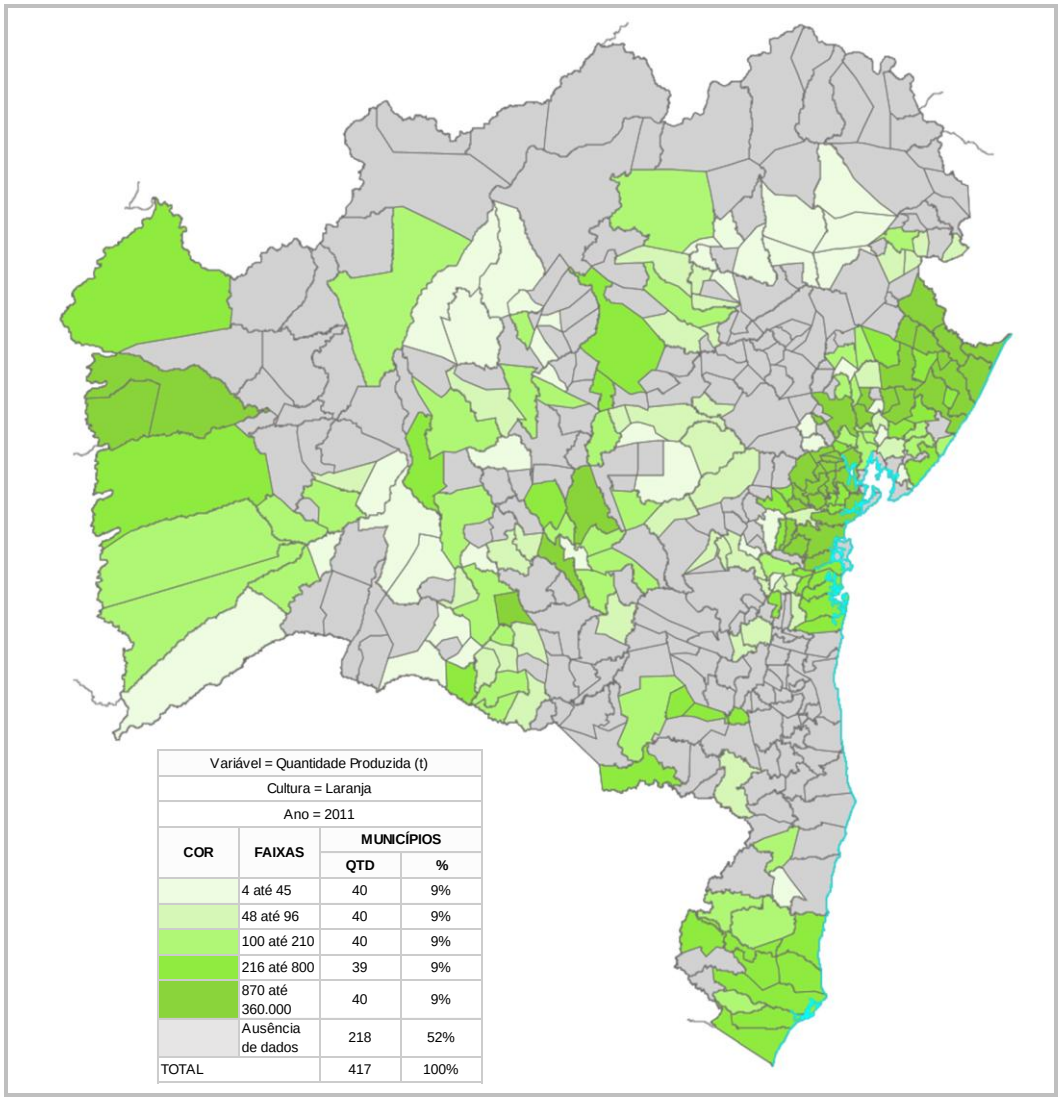
Ilustração 30 - Região de Produção de Coco na Bahia



Variável = Quantidade Produzida (t)			
Cultura = Manga			
Ano = 2011			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	14 até 70	24	5%
	78 até 160	25	5%
	162 até 384	24	5%
	390 até 1.200	24	5%
	1.280 até 212.450	23	5%
	Ausência de dados	297	71%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

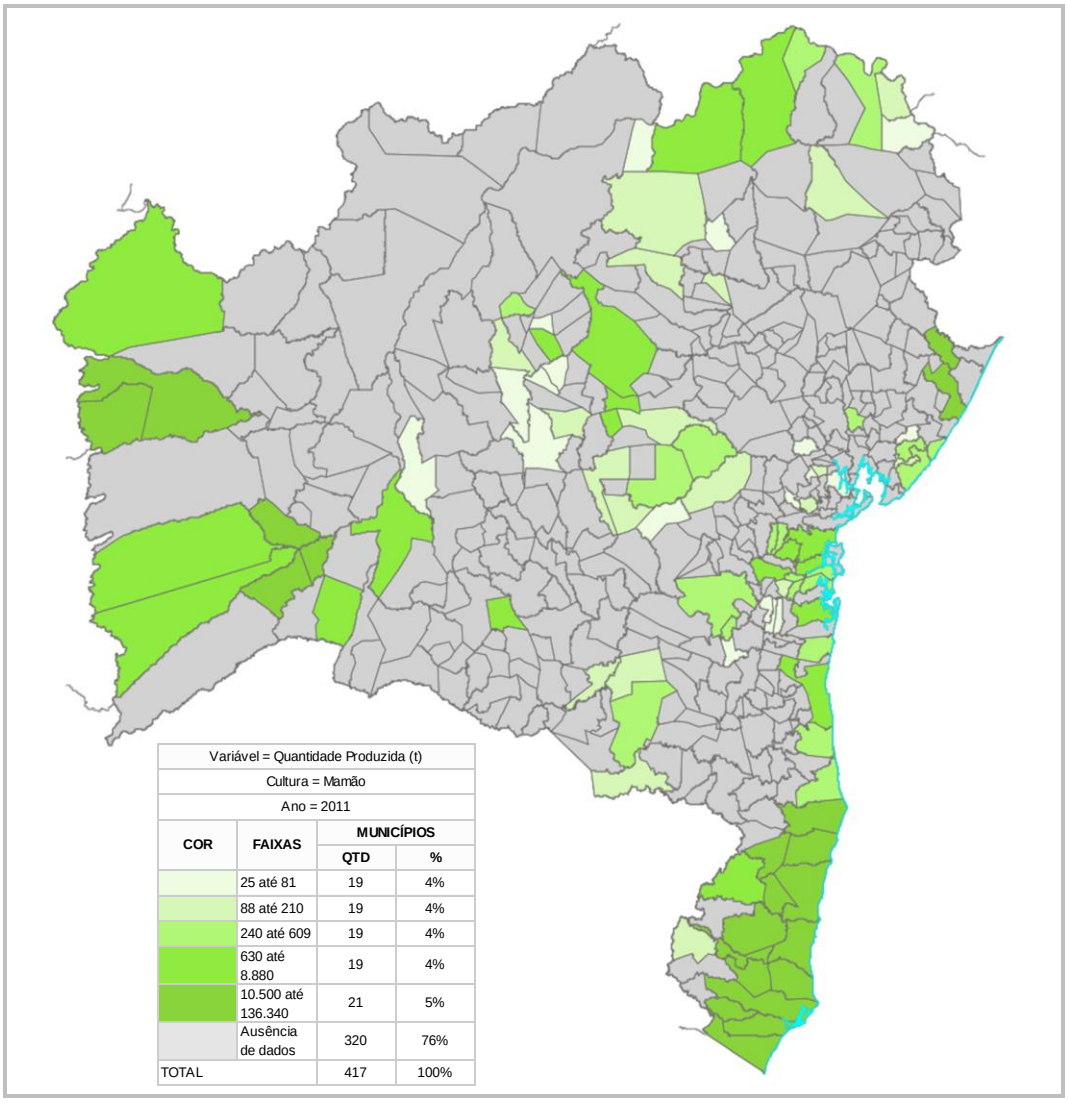
Ilustração 31 - Região de Produção de Manga na Bahia



Variável = Quantidade Produzida (t)			
Cultura = Laranja			
Ano = 2011			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	4 até 45	40	9%
	48 até 96	40	9%
	100 até 210	40	9%
	216 até 800	39	9%
	870 até 360.000	40	9%
	Ausência de dados	218	52%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

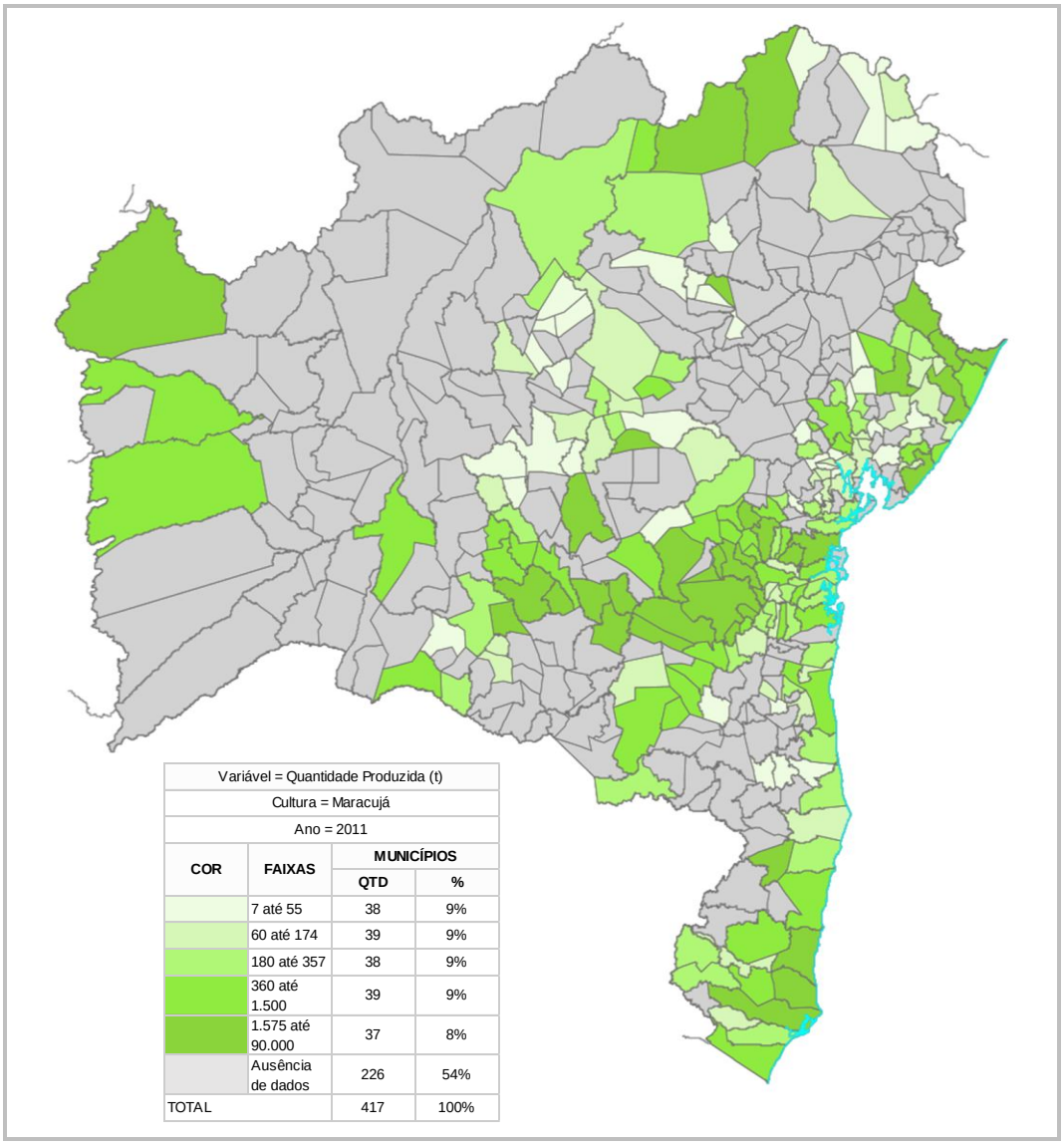
Ilustração 32 - Região de Produção de Laranja na Bahia



Variável = Quantidade Produzida (t)			
Cultura = Mamão			
Ano = 2011			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	25 até 81	19	4%
	88 até 210	19	4%
	240 até 609	19	4%
	630 até 8.880	19	4%
	10.500 até 136.340	21	5%
	Ausência de dados	320	76%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

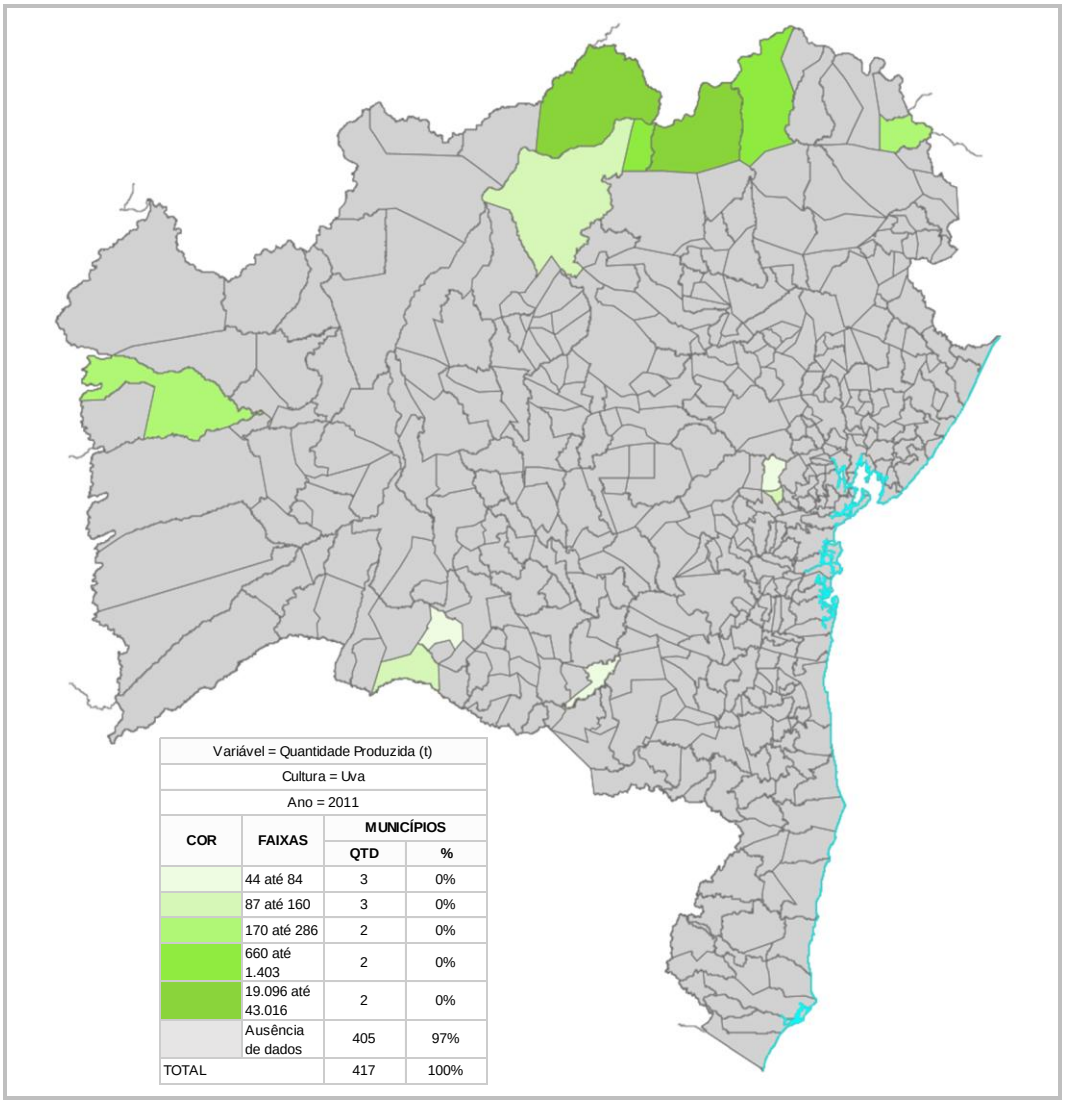
Ilustração 33 - Região de Produção de Mamão na Bahia



Variável = Quantidade Produzida (t)			
Cultura = Maracujá			
Ano = 2011			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	7 até 55	38	9%
	60 até 174	39	9%
	180 até 357	38	9%
	360 até 1.500	39	9%
	1.575 até 90.000	37	8%
	Ausência de dados	226	54%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

Ilustração 34 - Região de Produção de Maracujá na Bahia



Variável = Quantidade Produzida (t)			
Cultura = Uva			
Ano = 2011			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	44 até 84	3	0%
	87 até 160	3	0%
	170 até 286	2	0%
	660 até 1.403	2	0%
	19.096 até 43.016	2	0%
	Ausência de dados	405	97%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

Ilustração 35 - Região de Produção de Uva na Bahia

Horticultura

Segundo a SEAGRI, os polos produtivos do segmento de horticulturas no Estado da Bahia são os seguintes:

- Juazeiro: cebola, abóbora, pimentão, tomate e quiabo;
- Irecê: abóbora, chuchu, cenoura, alho, pimentão, beterraba e folhosas;
- Jaguaquara: batata doce, berinjela, cenoura, quiabo, jiló, beterraba, pimentão, tomate, chuchu e abóbora;
- Ibicoara/Mucugê: abóbora, cenoura, pimentão, beterraba, tomate, folhosas, pepino e quiabo;
- Mata de São João: abóbora, chuchu, cenoura, pimentão, beterraba, tomate, batata doce, folhosas, repolho, pepino e quiabo;
- Jequié: chuchu, pimentão, tomate, folhosas e quiabo.

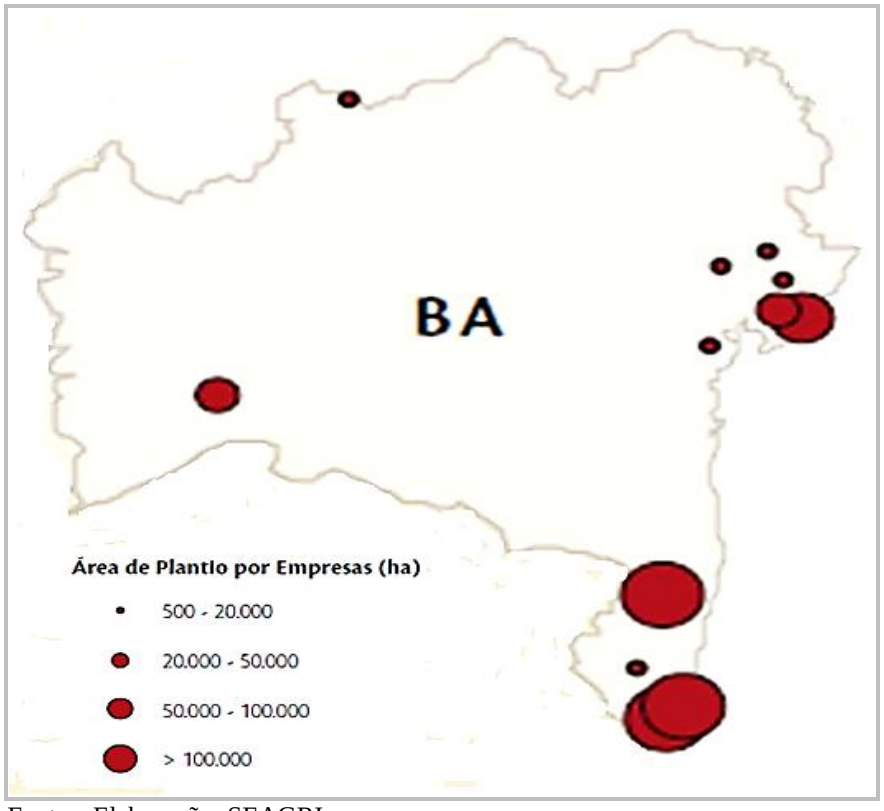
Destacam-se as seguintes variações de produção dos principais itens da pauta de horticulturas da Bahia, entre 2000 e 2011:

- alho: de 8,4 mil toneladas para 9,4 mil toneladas, crescimento de 11%;
- batata doce: de 18,8 mil toneladas para 202,4 mil toneladas, crescimento de 8%;
- batata inglesa: de 49,1 mil toneladas para 341,8 mil toneladas, crescimento de 596%;
- cebola: de 74,7 mil toneladas 190,3 mil toneladas, crescimento de 155%;
- tomate: de 170,6 mil toneladas para 341,0 mil toneladas, crescimento de 100%.

Deve-se ainda apresentar, pela sua importância para a economia local, a evolução e situação atual das produções da silvicultura e extração vegetal.

Plantio de Florestas

A Ilustração 36 apresenta a distribuição do plantio de florestas das empresas brasileiras no Estado da Bahia.



Fonte e Elaboração: SEAGRI

Ilustração 36 - Distribuição do Plantio de Florestas das Principais Empresas Brasileiras

A evolução da produção de eucalyptus e pinus está apresentada no Quadro 48, no qual é possível observar que o plantio das florestas de eucalipto registrou crescimento de 12% no período, enquanto que o plantio das florestas de pinus foi reduzido em 80% entre 2006 e 2012. O crescimento do plantio total, no mesmo período, foi de cerca de 4%.

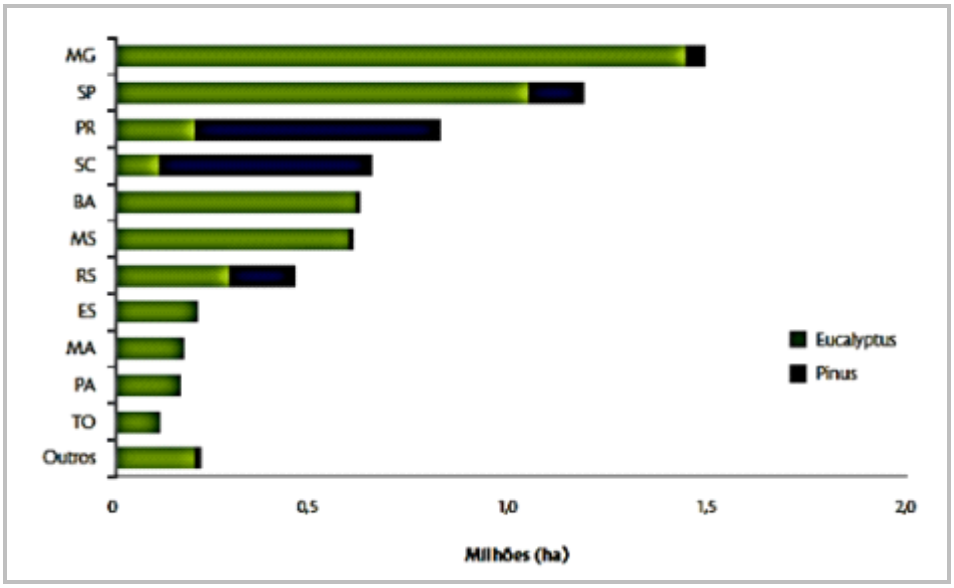
Quadro 48 - Plantios Florestais na Bahia

Área Plantada (em hectares)

ANO	EUCALIPTO	PINUS	TOTAL
2006	540.172	54.820	594.992
2007	550.127	41.221	591.348
2008	587.610	35.090	622.700
2009	628.440	31.040	659.480
2010	631.464	26.570	658.034
2011	607.440	21.520	628.960
2012	605.464	11.230	616.694

Fonte: ABRAFI/SEAGRI

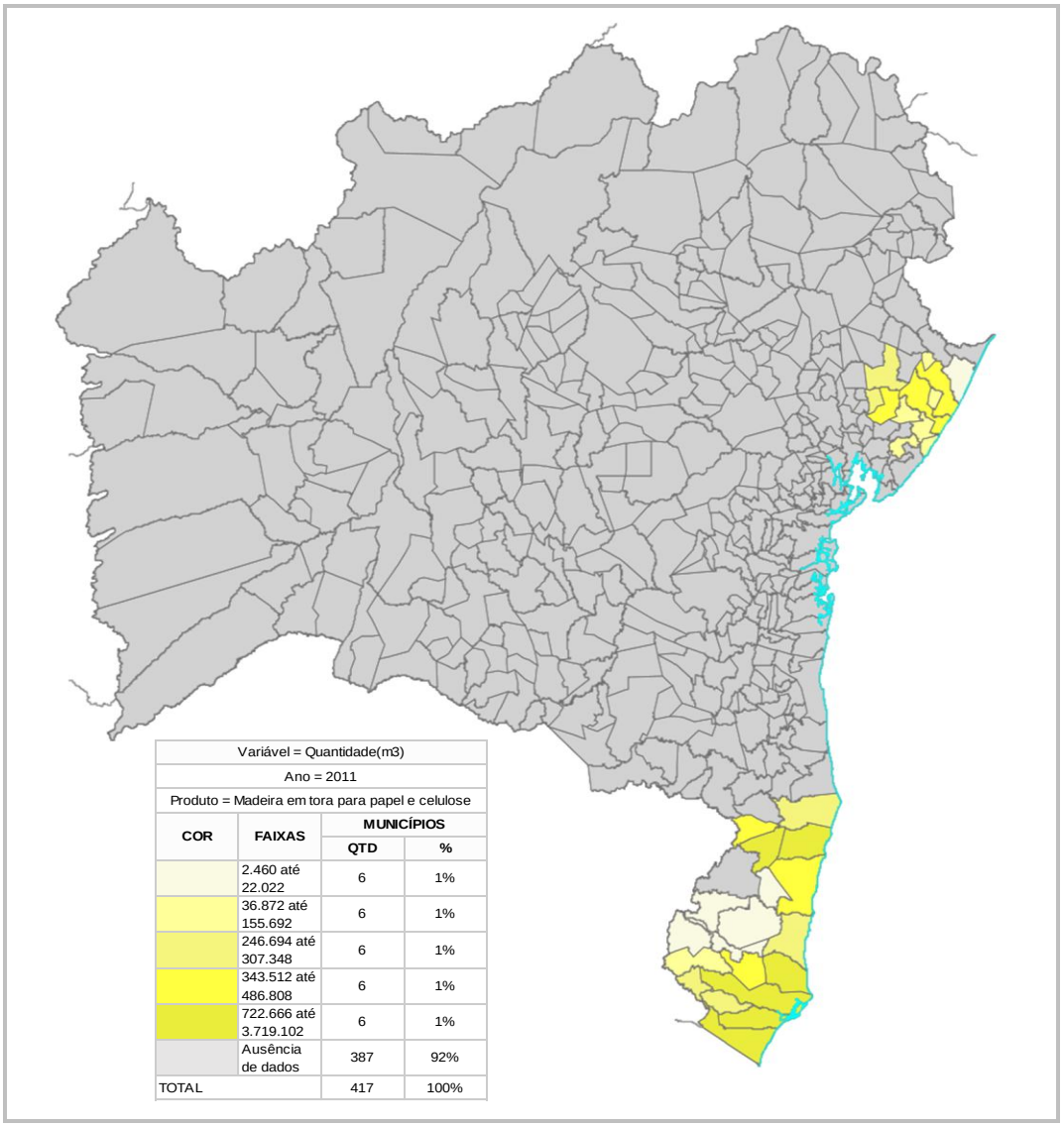
Quanto à posição do plantio das florestas na Bahia no ranking nacional, é possível observar na Ilustração 37 que o Estado posicionava-se, no ano de 2012, na quinta colocação, sendo que ocupava a terceira posição no plantio de eucaliptos.



Fonte e Elaboração: SEAGRI

Ilustração 37 - Distribuição da Área de Plantio de Eucalyptus e Pinus no Brasil em 2012

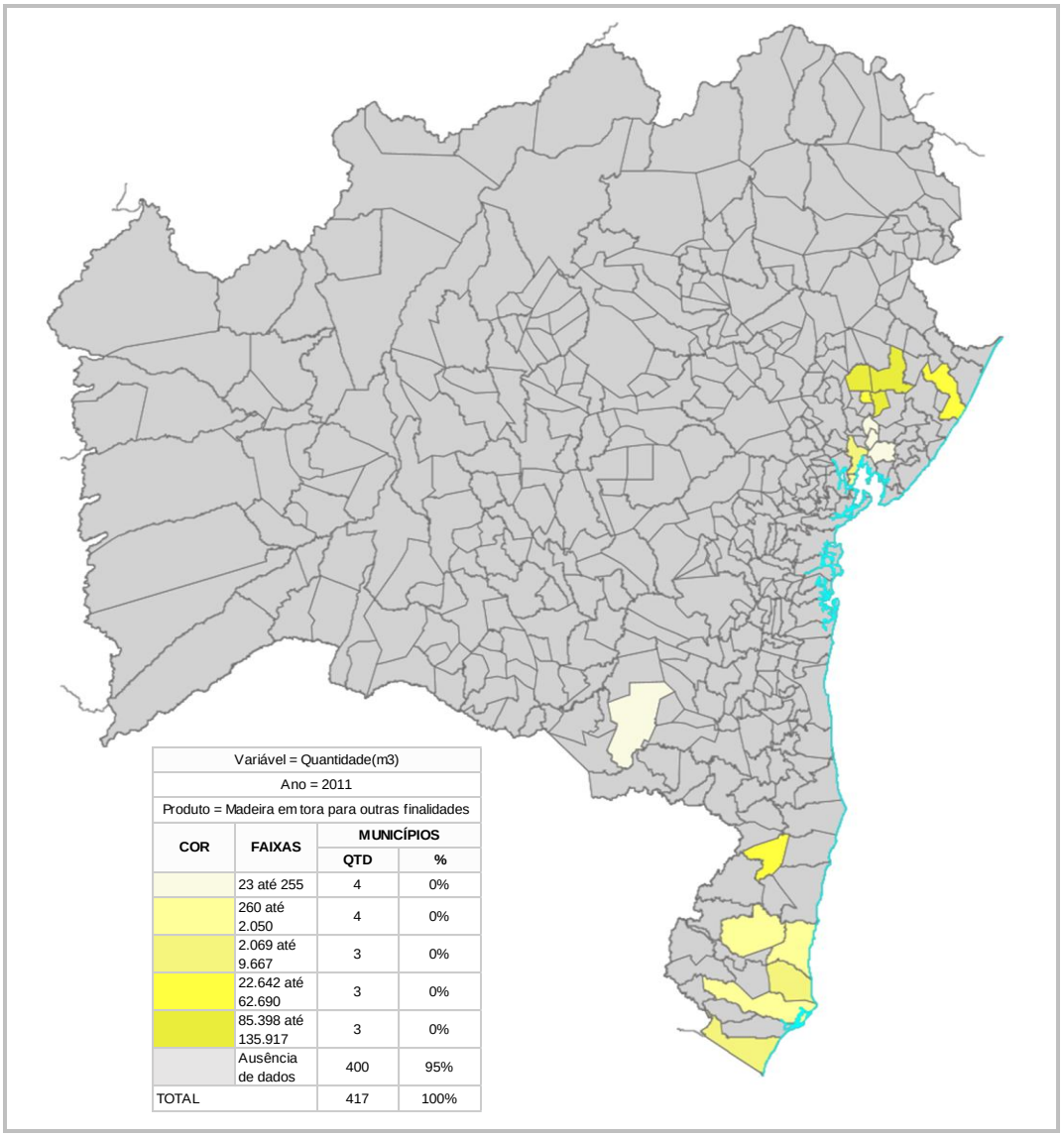
Produção na Silvicultura de Madeira em Toras para Papel e Celulose, para Outras Finalidades e Lenha (ver Ilustrações 38, 39 e 40)



Variável = Quantidade(m3)			
Ano = 2011			
Produto = Madeira em tora para papel e celulose			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	2.460 até 22.022	6	1%
	36.872 até 155.692	6	1%
	246.694 até 307.348	6	1%
	343.512 até 486.808	6	1%
	722.666 até 3.719.102	6	1%
	Ausência de dados	387	92%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

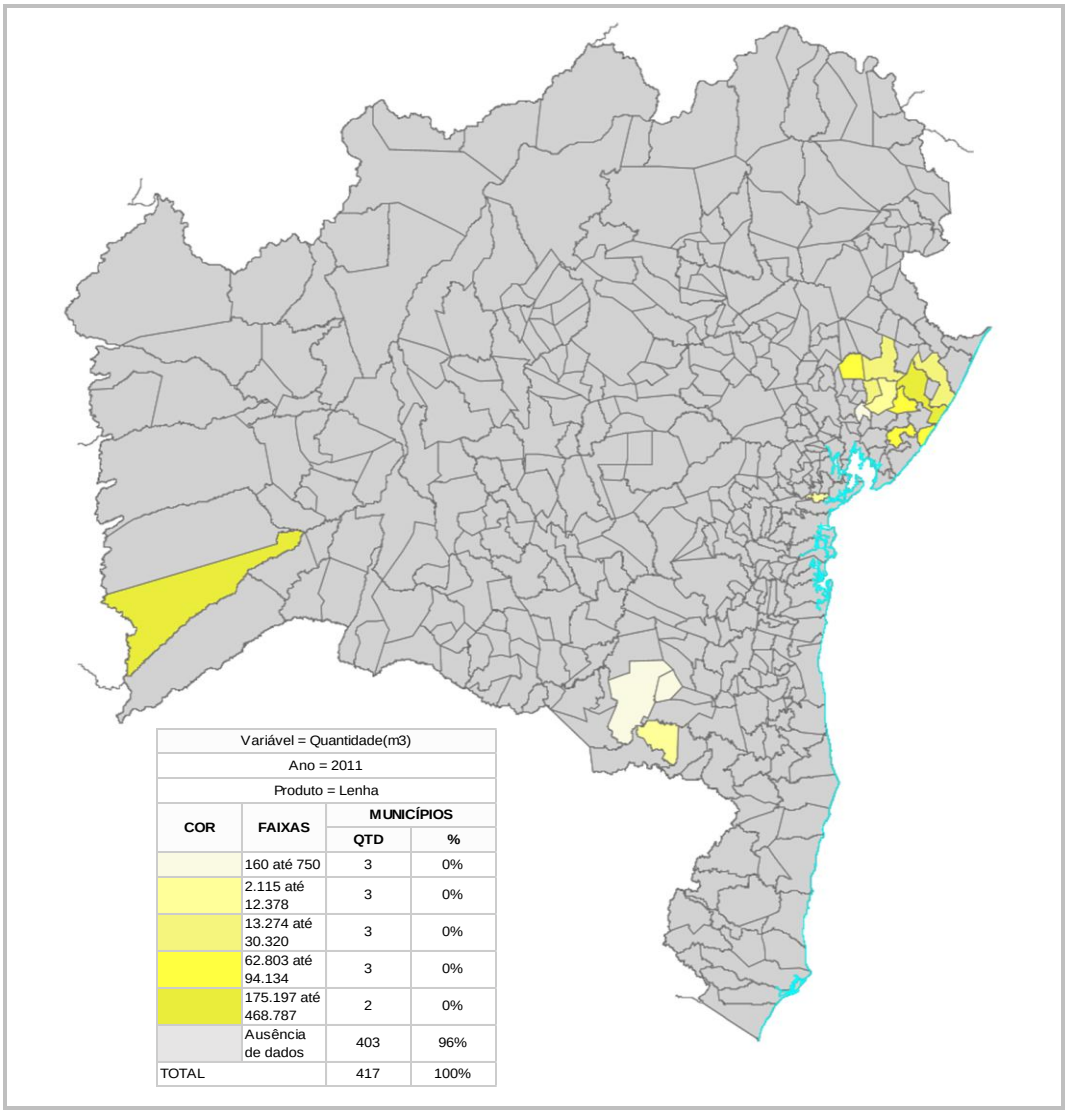
Ilustração 38 - Produção de Madeira em Tora para Papel e Celulose



Variável = Quantidade(m3)			
Ano = 2011			
Produto = Madeira em tora para outras finalidades			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	23 até 255	4	0%
	260 até 2.050	4	0%
	2.069 até 9.667	3	0%
	22.642 até 62.690	3	0%
	85.398 até 135.917	3	0%
	Ausência de dados	400	95%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

Ilustração 39 - Produção de Madeira em Tora para Outras Finalidades

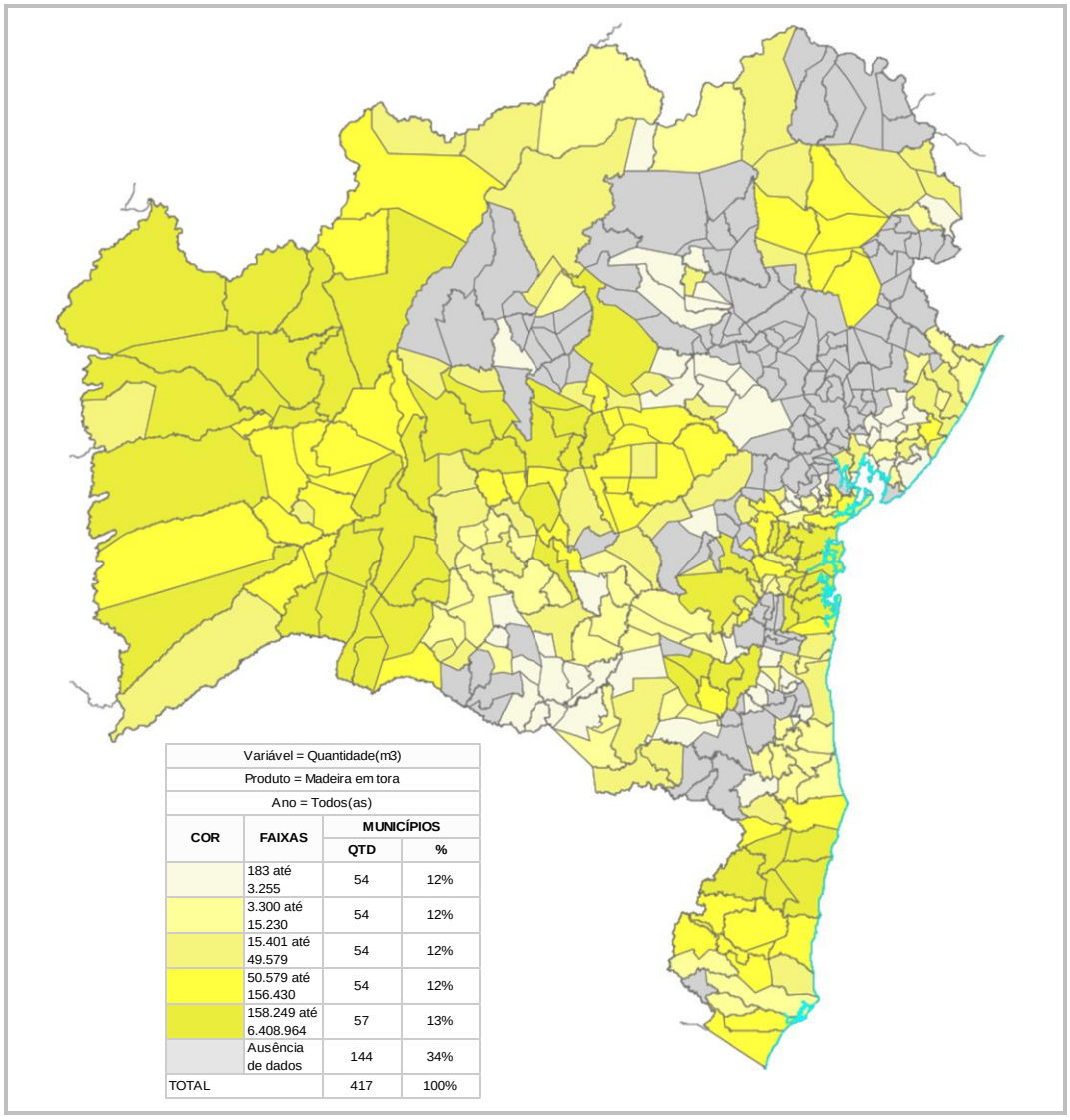


Variável = Quantidade(m3)			
Ano = 2011			
Produto = Lenha			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	160 até 750	3	0%
	2.115 até 12.378	3	0%
	13.274 até 30.320	3	0%
	62.803 até 94.134	3	0%
	175.197 até 468.787	2	0%
	Ausência de dados	403	96%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

Ilustração 40 - Produção de Lenha

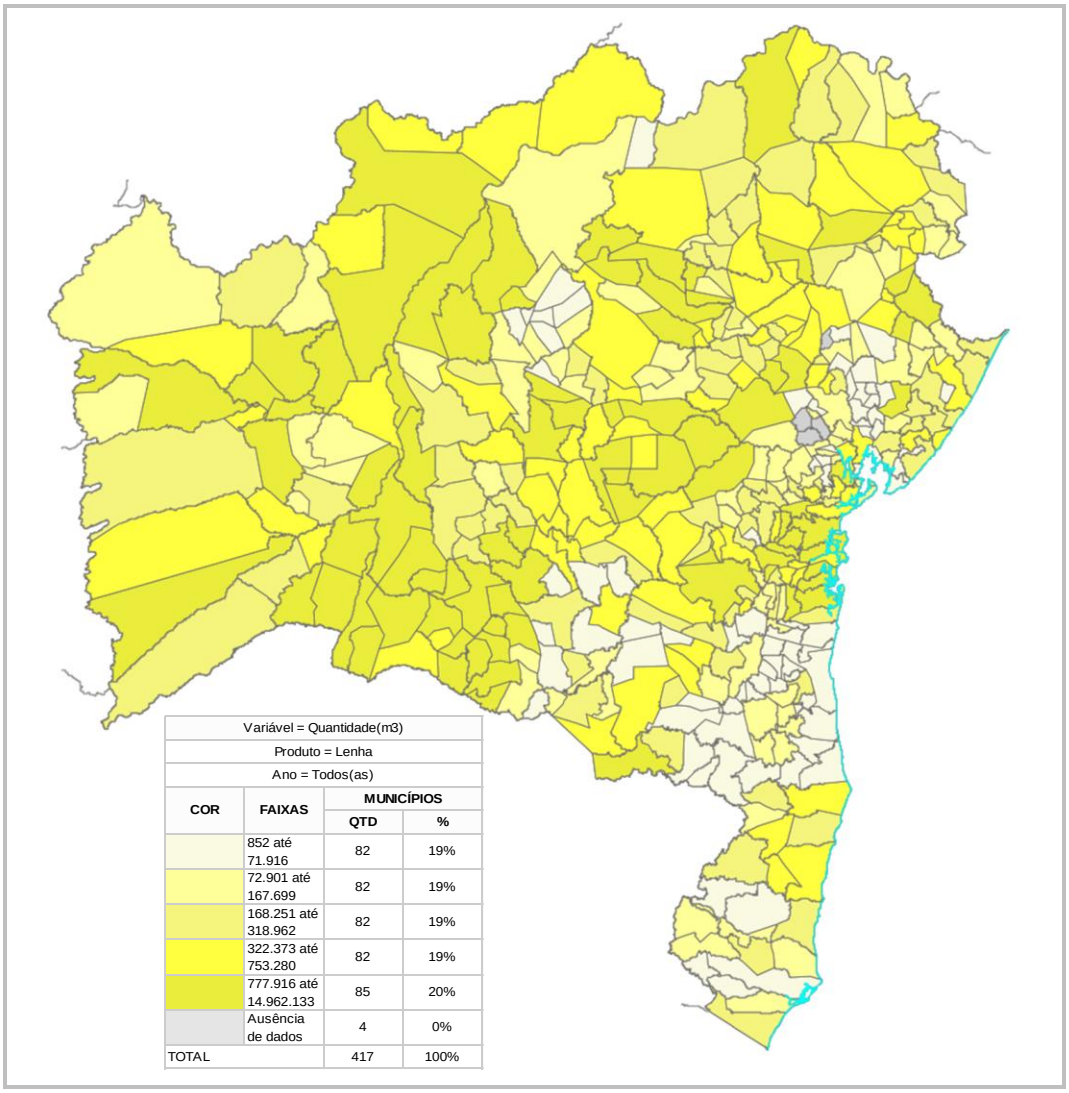
Produção na Extração Vegetal de Madeira em Toras e Lenha (ver Ilustrações 41 e 42)



Variável = Quantidade(m3)			
Produto = Madeira em tora			
Ano = Todos(as)			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	183 até 3.255	54	12%
	3.300 até 15.230	54	12%
	15.401 até 49.579	54	12%
	50.579 até 156.430	54	12%
	158.249 até 6.408.964	57	13%
	Ausência de dados	144	34%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

Ilustração 41 - Produção de Madeira em Tora na Extração Vegetal



Variável = Quantidade(m3)			
Produto = Lenha			
Ano = Todos(as)			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	852 até 71.916	82	19%
	72.901 até 167.699	82	19%
	168.251 até 318.962	82	19%
	322.373 até 753.280	82	19%
	777.916 até 14.962.133	85	20%
	Ausência de dados	4	0%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

Ilustração 42 - Produção de Lenha na Extração Vegetal

Outro aspecto a ressaltar refere-se ao valor da produção das culturas agrícolas do Estado. Os Quadros 49, 50, 51 e 52 registram a evolução dos valores das lavouras temporárias e permanentes, bem como da extração vegetal e da silvicultura, em reais correntes, entre 2000 e 2011, com base nos dados do IBGE.

Quadro 49 - Lavoura Temporária

Valor da Produção (R$ Mil)

PRODUTO	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2011
Total	2.055.848	3.768.677	5.002.819	3.635.956	6.446.452	6.081.014	7.844.371
Abacaxi	24.910	34.471	40.398	46.194	78.485	122.495	123.699
Algodão herbáceo (em caroço)	86.110	157.558	965.667	808.198	1.173.434	956.536	2.108.650
Alho	14.942	38.274	12.775	18.770	11.239	19.985	38.427
Amendoim (em casca)	1.228	1.914	5.462	4.708	5.500	7.349	7.768
Arroz (em casca)	22.285	14.506	37.333	7.138	26.815	17.508	18.621
Batata-doce	4.156	6.490	8.663	12.490	13.252	14.367	13.572
Batata-inglesa	17.042	59.760	89.550	109.530	211.824	223.245	295.521
Cana-de-açúcar	279.049	971.113	294.869	343.484	457.222	375.154	451.838
Cebola	39.273	55.955	79.985	155.170	215.732	249.573	177.385
Feijão (em grão)	286.030	388.729	350.625	312.937	614.483	576.614	327.773
Fumo (em folha)	12.722	21.825	35.174	53.296	34.339	34.093	22.985
Girassol (em grão)	-	-	-	9	210	304	260
Mamona (baga)	31.451	32.425	119.814	41.153	82.445	70.152	80.687
Mandioca	520.549	838.081	916.327	434.155	560.628	564.067	518.094
Melancia	16.380	48.193	44.090	68.211	91.705	113.142	101.796
Melão	8.449	18.765	11.986	17.473	11.199	29.841	27.978
Milho (em grão)	222.254	336.275	460.194	346.730	717.378	779.364	807.521
Soja (em grão)	405.903	643.611	1.414.673	712.002	1.869.285	1.650.571	2.382.223
Sorgo (em grão)	7.031	7.158	26.018	17.755	37.219	29.415	61.725
Tomate	56.084	93.574	87.399	126.553	234.058	247.239	277.848
Trigo (em grão)	-	-	1.817	-	-	-	-

Fonte: IBGE

Como se observa, o valor da produção da lavoura temporária registrou crescimento nominal de 282% no período analisado, sendo que os crescimentos mais expressivos em relação ao período anterior ocorreram em 2002 e 2008.

Nos anos de 2006 e 2010 os valores da produção das lavouras temporárias registraram perdas em relação aos períodos imediatamente anteriores. Verifica-se, ainda, que o crescimento do valor da produção em 2011 foi de 29% em relação ao ano de 2010.

Destaca-se que os principais itens de maior valor da produção são a soja e o algodão, produtos que, conforme já assinalado, apresentam-se com maior destaque da produção agrícola baiana. Em 2011, estes dois itens representaram 57% do valor da produção das lavouras temporárias.

Com valores de produção inferiores, mas com elevada representatividade para o Estado, pode-se mencionar o milho, a mandioca e a cana-de-açúcar, com participações de 10%, 7% e 6%, respectivamente, no valor total da produção das lavouras temporárias em 2011.

Merecem também ser indicadas as produções de feijão e batata inglesa, cujos valores posicionaram os produtos na sexta e sétima posições, respectivamente, dentre os maiores valores da lavoura temporária, em 2011.

Quadro 50 - Lavoura Permanente

Valor da Produção (R$ Mil)

PRODUTO	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2011
Total	1.212.674	2.264.439	2.575.694	3.214.172	3.654.292	4.512.084	5.005.708
Abacate	228	116	78	558	480	180	180
Banana (cacho)	101.190	360.841	329.248	469.070	701.951	613.373	777.926
Borracha (látex coagulado)	16.920	21.607	27.728	39.478	47.984	57.713	120.427
Cacau (em amêndoa)	221.560	622.747	665.773	512.151	531.354	781.302	823.412
Café (em grão)	225.809	234.721	348.260	475.143	579.817	560.097	838.350
Caqui	105	130	122	144	31	178	190
Castanha de caju	3.734	4.409	5.396	5.769	3.489	4.604	1.423
Coco-da-baía	146.036	188.898	158.400	167.390	219.028	221.656	225.116
Dendê (cacho de coco)	15.944	35.915	28.349	27.135	38.713	38.347	49.323
Goiaba	3.030	11.892	16.900	8.731	9.453	9.913	11.067
Guaraná (semente)	3.358	3.363	2.835	3.791	18.729	14.643	16.910
Laranja	75.098	113.534	137.195	183.400	229.754	296.324	325.938
Limão	9.961	12.749	15.219	18.279	25.634	22.150	23.777
Maçã	-	-	-	24	783	404	480
Mamão	160.185	266.863	319.967	337.276	429.527	821.431	748.621
Manga	68.136	109.274	132.148	360.535	221.299	214.624	227.345
Maracujá	42.086	63.359	58.228	109.534	138.978	400.352	322.072
Marmelo	84	612	224	150	438	400	90
Palmito	-	-	3.839	5.344	6.824	7.201	9.970
Pimenta-do-reino	4.873	7.290	8.755	11.111	13.976	15.959	18.378
Sisal ou agave (fibra)	67.709	74.668	174.105	219.788	205.519	212.540	255.838
Tangerina	2.185	882	1.927	2.695	5.564	5.812	6.096
Urucum (semente)	2.602	1.689	1.943	1.671	1.680	1.303	1.661
Uva	41.841	128.880	139.055	255.005	223.287	211.578	201.118

Fonte: IBGE

O valor da produção das lavouras permanentes no Estado da Bahia acusou incremento nominal de 313% entre 2000 e 2011, crescimento este superior àquele registrado para o valor da produção das lavouras temporárias.

Em ordem de importância, no ano de 2011, do valor mais relevante para os inferiores, aparece o café, o cacau, a banana, o mamão, a laranja, o maracujá, o sisal, a manga, o coco e a uva, todos eles com montantes superiores a R$ 200.000 mil.

Deve-se destacar, também, o expressivo crescimento experimentado pelos valores das produções da banana e do maracujá, de cerca de 669% e 665%, respectivamente, no período analisado. Da mesma forma, apesar de possuir valor de produção absoluta não tanto expressivo, deve-se mencionar o incremento de 612% verificado no valor da produção de borracha no Estado.

Outros itens que também tiveram o valor de sua produção expressivamente aumentado no período sob análise foram: guaraná com 404%, uva com 381%, mamão com 367%, laranja com 334%, sisal com 278%, pimenta com 277%, cacau e café com 271%, goiaba com 265% e manga com 234%.

Quadro 51 - Extração Vegetal

Valor da Produção (R$ Mil)

PRODUTO	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2011
Total	247.223	404.285	503.308	650.315	481.704	515.252	503.109
Castanha de caju	1.498	2.261	4.607	2.072	2.220	2.634	2.049
Mangaba (fruto)	61	98	131	162	130	198	200
Umbu (fruto)	2.857	3.404	3.771	4.357	5.765	6.622	6.700
Piaçava	88.078	105.178	118.016	73.805	85.678	114.535	120.340
Carvão vegetal	5.615	6.747	51.997	76.830	43.254	41.923	51.280
Lenha	60.107	70.300	83.524	101.063	102.744	107.011	134.130
Madeira em tora	86.652	212.283	235.605	387.545	237.443	237.908	183.434
Babaçu (amêndoa)	160	425	414	261	275	291	313
Licuri (coquilho)	1.930	2.846	4.503	3.793	3.676	3.571	4.052
Pequi (amêndoa)	207	303	331	378	482	498	549
Angico (casca)	58	440	409	49	37	61	62

Fonte: IBGE

Quadro 52 - Silvicultura

Valor da Produção (R$ Mil)

PRODUTO	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2011
Total	261.987	376.991	475.747	442.779	587.744	901.307	1.207.543
Carvão vegetal	38.198	100.474	111.309	23.575	28.852	76.704	68.228
Lenha	30.302	131.217	10.581	9.760	11.578	7.759	15.037
Madeira em tora para papel e celulose	190.923	133.273	340.295	406.419	531.767	781.747	1.095.133
Madeira em tora para outras finalidades	2.564	12.027	13.562	3.025	8.800	27.597	21.478
Resina	-	-	-	-	6.747	7.500	7.667

Fonte: IBGE

Na extração vegetal o crescimento nominal do valor da produção ficou em nível inferior àqueles registrados pelas lavouras temporária e permanente. O destaque nessa atividade é a madeira em tora, cujo valor da produção foi de R$ 183.434 mil, em 2011. Em termos de crescimento relativo, o produto mais expressivo é o carvão vegetal, cujo valor da produção cresceu 813% entre 2000 e 2012, passando de R$ 5.615 mil para R$ 51.280 mil.

O crescimento do valor da produção da silvicultura, entre 2000 e 2011, superou todos os aumentos experimentados pelos valores das outras atividades agrícolas, alcançando 361%. A madeira em tora para papel e celulose é o produto de maior relevância nesse segmento. O valor da produção cresceu de R$ 190.923 mil em 2000, para R$1.095.133 mil em 2011, ou seja, 474%, representando, naquele ano, aproximadamente 90% do valor da silvicultura.

Efetivos de Rebanhos e Produção Animal

Os efetivos de animais e aves no Estado, entre 2000 e 2011, estão apresentado no Quadro 53. É possível verificar a predominância das aves em relação aos demais animais, com quantitativo superior a 32,6 milhões em 2011. Em segundo plano aparecem os bovinos.

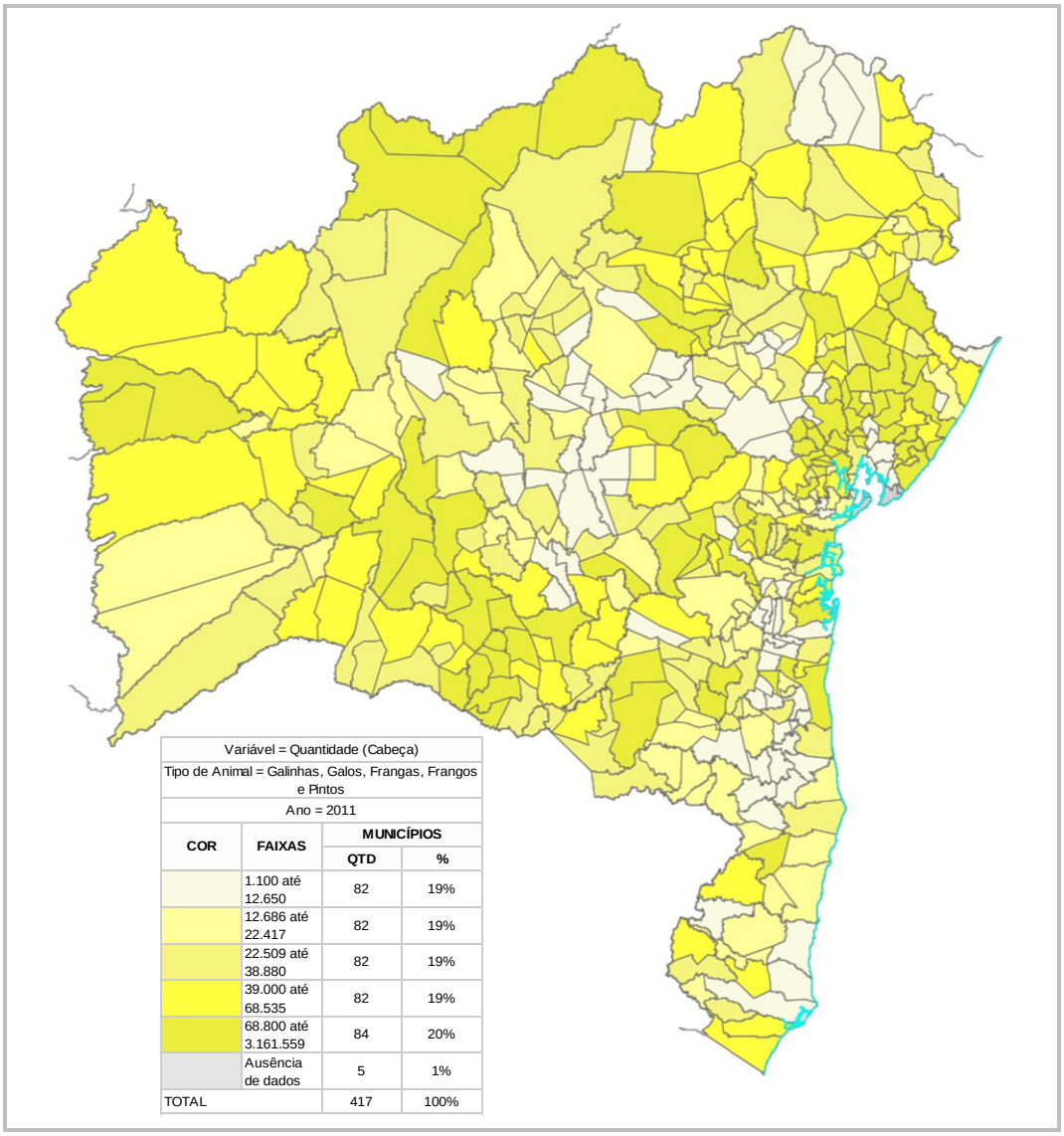
Quadro 53 - Efetivo dos Rebanhos e Aves

Em cabeças

REBANHOS	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2011
Bovino	9.556.752	9.856.290	10.466.163	10.764.857	11.099.880	10.528.419	10.667.903
Equino	634.819	613.417	614.073	613.519	610.335	586.643	555.905
Bubalino	15.913	16.002	17.413	18.451	21.362	23.542	27.171
Asinino	365.583	336.470	321.880	313.339	295.398	271.401	254.277
Muar	329.713	317.220	315.892	324.014	315.789	289.616	274.666
Suíno	2.027.787	1.981.284	1.973.748	2.006.734	1.835.017	1.768.305	1.620.697
Caprino	3.831.974	3.584.783	3.919.445	4.051.971	2.933.629	2.847.148	2.741.818
Ovino	2.922.701	2.674.743	2.988.569	3.165.757	3.020.849	3.125.766	3.072.176
Galos, frangas, frangos e pintos	17.800.125	20.255.160	21.894.195	17.885.281	22.089.540	23.507.740	22.648.212
Galinhas	9.603.890	11.308.042	11.636.643	12.108.903	9.743.410	10.551.996	10.026.766
Codornas	238.440	249.433	296.690	306.402	402.424	376.915	312.240
Coelhos	18055	20188	23111	22621	9398	9828	2.583

Fonte: IBGE

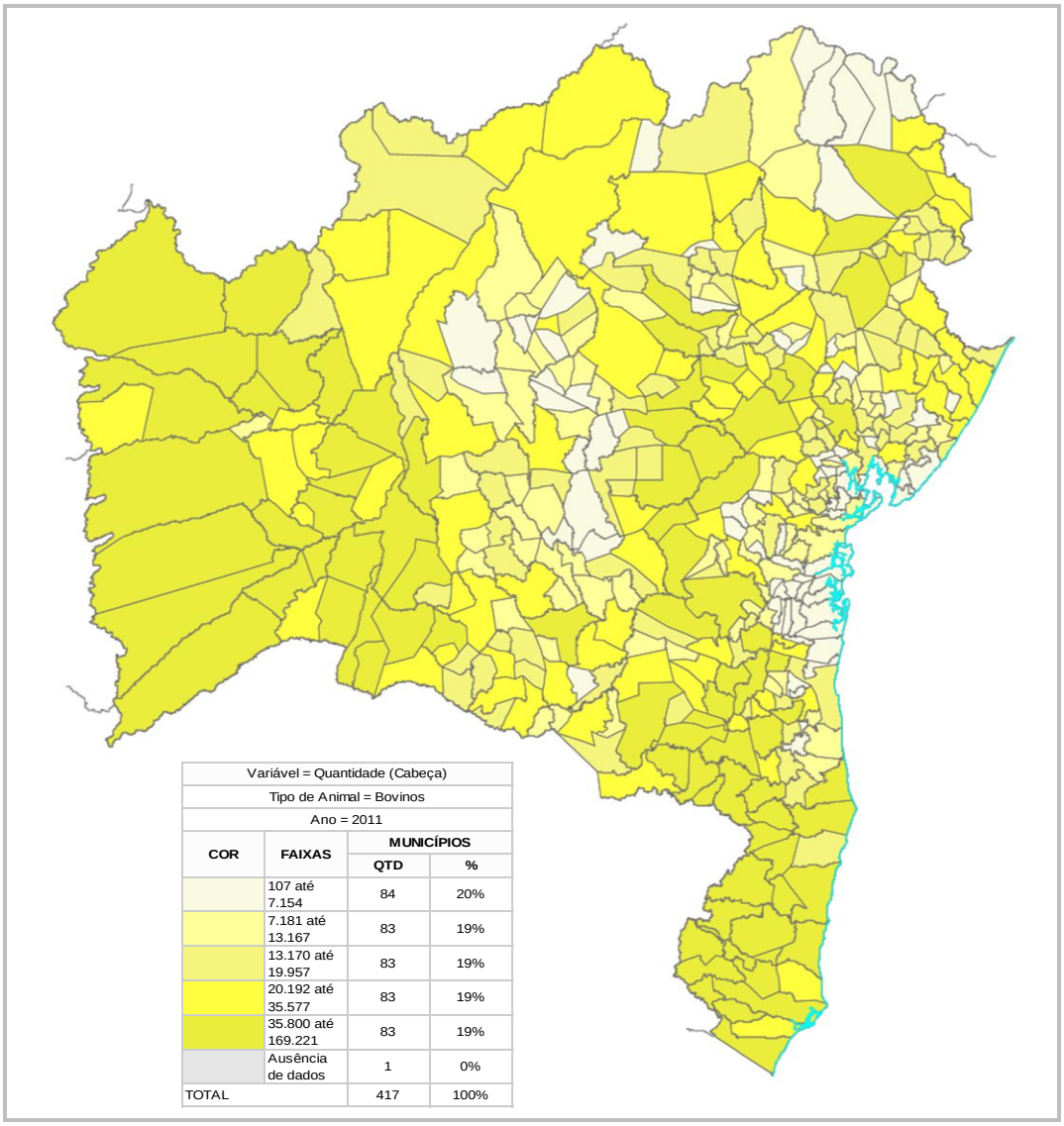
A Ilustração 43 apresenta a distribuição espacial do efetivo do rebanho de galinhas, galos, frangos e pintos, enquanto que a Ilustração 44 indica a distribuição de bovino.



Variável = Quantidade (Cabeça)			
Tipo de Animal = Galinhas, Galos, Frangas, Frangos e Pintos			
Ano = 2011			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	1.100 até 12.650	82	19%
	12.686 até 22.417	82	19%
	22.509 até 38.880	82	19%
	39.000 até 68.535	82	19%
	68.800 até 3.161.559	84	20%
	Ausência de dados	5	1%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

Ilustração 43 - Efetivo do Rebanho de Galinhas, Galos, Frangos e Pintos



Variável = Quantidade (Cabeça)			
Tipo de Animal = Bovinos			
Ano = 2011			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	107 até 7.154	84	20%
	7.181 até 13.167	83	19%
	13.170 até 19.957	83	19%
	20.192 até 35.577	83	19%
	35.800 até 169.221	83	19%
	Ausência de dados	1	0%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

Ilustração 44 - Efetivo do Rebanho de Bovinos

A produção de origem animal do Estado pode ser observada no Quadro 54. Interessante observar o elevado nível de produção de mel no Estado, com 2.646 toneladas em 2011, além da produção usual de ovos e leite.

Deve-se verificar que a produção estadual de leite do Estado cresceu 63% no período analisado. O incremento ocorrido na produção de ovos de galinha limitou-se a 18% no período, enquanto que a produção de ovos de codorna registrou crescimento maior, de cerca de 55%, no mesmo período.

Quadro 54 - Produção de Origem Animal - Quantidade Produzida

PRODUTO	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2011
Leite (mil litros)	724.897	752.026	842.544	905.752	952.414	1.238.547	1.181.339
Ovos de galinha (mil dúzias)	70.174	92.208	94.976	95.693	77.528	87.713	82.990
Ovos de codorna (mil dúzias)	2.423	3.122	4.046	3.959	4.192	4.630	3.745
Mel de abelha (quilogramas)	520.908	873.278	1.494.713	2.046.930	2.194.679	2.396.863	2.646.399

Fonte: IBGE

No Quadro 55 está apresentada a evolução do valor da produção animal entre 2000 e 2011. É possível verificar que o valor total da produção aumentou em 227%, sendo que o valor da produção de leite foi o maior destaque no período, com crescimento de 250%, enquanto que a produção de ovos, de galinha e codorna, teve valor incrementado em aproximadamente 150%.

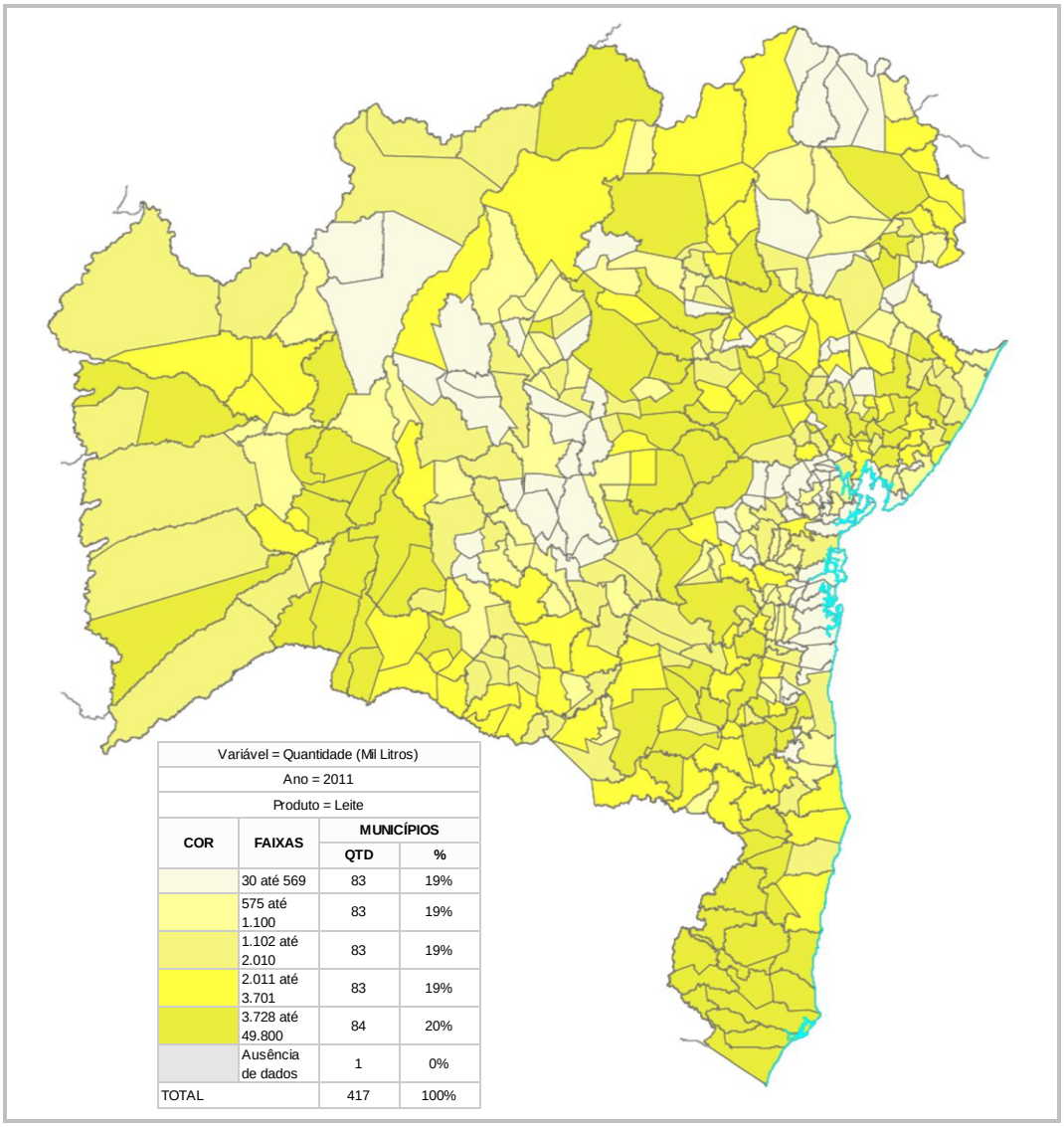
Quadro 55 - Produção de Origem Animal

Valor da Produção (R$ Mil)

VALOR DA PRODUÇÃO	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2011
Total	331.690	432.267	599.242	698.918	915.340	1.112.520	1.083.319
Leite	256.562	309.633	431.386	515.274	736.165	903.939	899.832
Ovos de galinha	69.646	116.103	156.419	171.001	165.905	191.441	169.599
Ovos de codorna	1.409	2.647	3.524	3.237	3.142	3.566	3.577
Mel de abelha	4.073	3.884	7.913	9.406	10.128	13.574	10.311

Fonte: IBGE

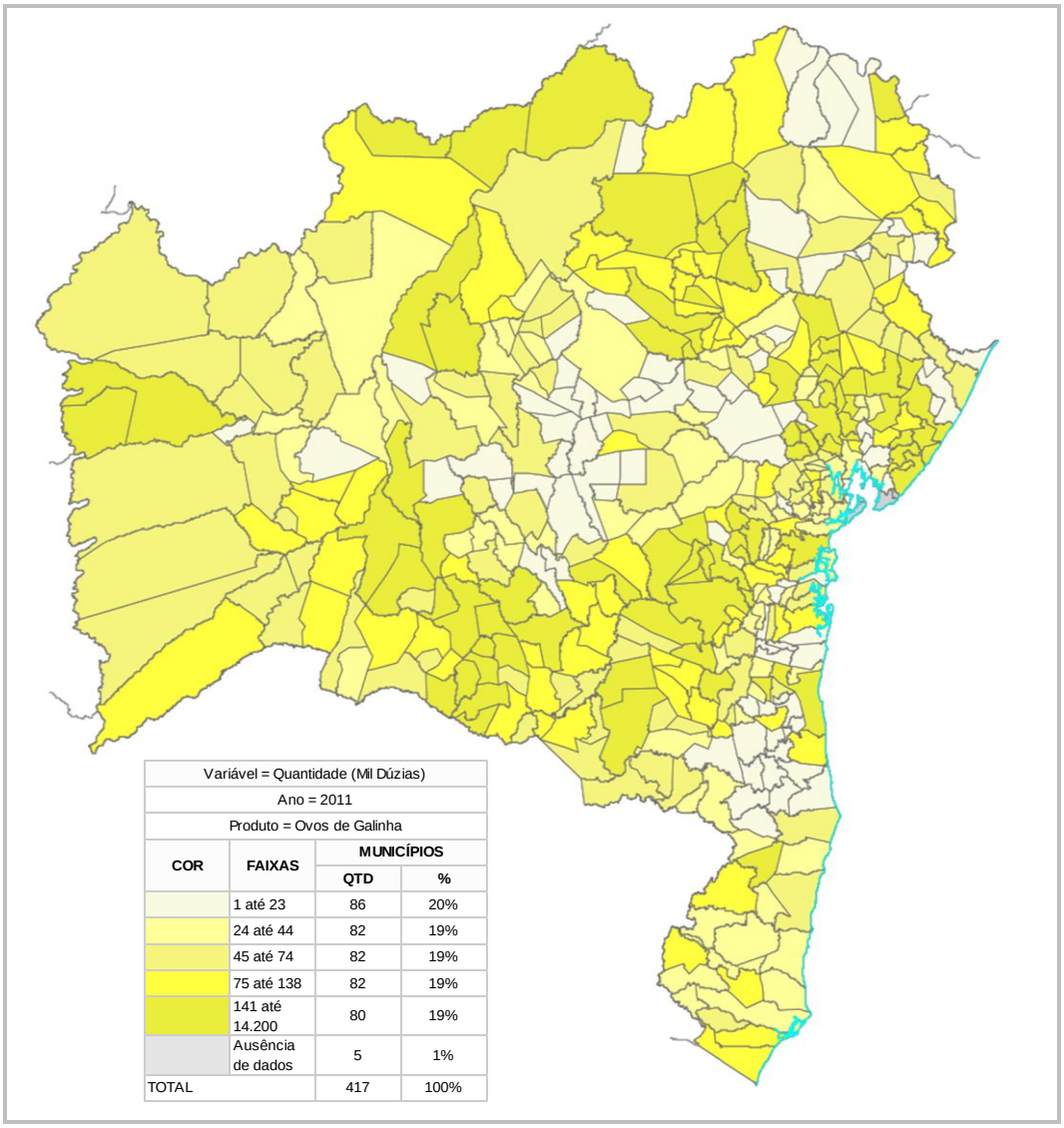
As Ilustrações 45 e 46 registram, respectivamente, a distribuição espacial da produção de leite e de ovos de galinha no Estado, em 2011.



Variável = Quantidade (Mil Litros)			
Ano = 2011			
Produto = Leite			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	30 até 569	83	19%
	575 até 1.100	83	19%
	1.102 até 2.010	83	19%
	2.011 até 3.701	83	19%
	3.728 até 49.800	84	20%
	Ausência de dados	1	0%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

Ilustração 45 - Distribuição Espacial da Produção de Leite



Variável = Quantidade (Mil Dúzias)			
Ano = 2011			
Produto = Ovos de Galinha			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	1 até 23	86	20%
	24 até 44	82	19%
	45 até 74	82	19%
	75 até 138	82	19%
	141 até 14.200	80	19%
	Ausência de dados	5	1%
TOTAL		417	100%

Fonte: IBGE/SEI

Ilustração 46 - Distribuição Espacial da Produção de Ovos de Galinha

5.3.2. O Setor Industrial

Deve-se, inicialmente, destacar que a modernização do setor industrial do Estado teve como marco principal a implantação da Refinaria Landulpho Alves, em Mataripe, após a descoberta de óleo e gás no Recôncavo baiano, nos anos 1950.

A inauguração do Polo de Camaçari nos anos 1970 possibilitou a consolidação do novo segmento industrial da Bahia, posicionando o Estado como fornecedor de bens intermediários para as indústrias das Regiões Sul e Sudeste do país.

No sentido oposto, os anos 90 do final do século XX, trouxeram dificuldades substanciais ao desenvolvimento do setor petroquímico baiano. A redução das alíquotas de importação, conjugada com um ambiente internacional bastante competitivo, produziram obstáculos ao crescimento dessa atividade econômica.

Somava-se a essas dificuldades da economia local, a baixa diversificação da economia, bem como a sua expressiva concentração espacial e econômica, cenário que ainda permanecia na primeira década do século XXI.

O Quadro 56 registra a inflexão positiva ocorrida no setor secundário da economia baiana ao final dos anos 70 e início dos anos 80 e a inflexão negativa verificada ao final dos anos 90.

Quadro 56 - Evolução da Estrutura do PIB na 2ª Metade do Século XX

Por Setor (%)

ANO	PRIMÁRIO	SECUNDÁRIO	TERCIÁRIO
1960	40,0	12,0	48,0
1970	21,2	12,4	65,4
1980	16,4	31,6	52,0
1990	15,2	31,9	52,9
2000	8,8	28,9	62,3

Fonte: IBGE/SEI

Dentro desse contexto, diversas ações governamentais vêm sendo implementadas nos últimos anos, no sentido de buscar a redução da concentração produtiva, principalmente, a partir de uma política de interiorização de indústrias e diversificação dos parques produtivos, como, por exemplo: o polo de informática na região de Ilhéus e Itabuna, as indústrias calçadistas espalhadas por diversos municípios e o segmento de papel e celulose no extremo-sul.

Como se observou em capítulo anterior, a indústria mantém-se atualmente com uma participação média próxima aos 30% na composição da economia estadual.

Tendo em vista a sua relevância para a economia baiana, deve-se analisar como se deu a sua composição nos últimos anos. Conforme classificação do IBGE, já apontada anteriormente, o setor é basicamente formado por quatro segmentos, a saber: indústria de transformação, indústria de construção, produção e distribuição de energia elétrica e gás, água, esgoto e limpeza urbana e indústria extrativa mineral. O Quadro 57 registra a evolução da participação desses segmentos.

Quadro 57 - Composição do Setor Industrial 2000-2010

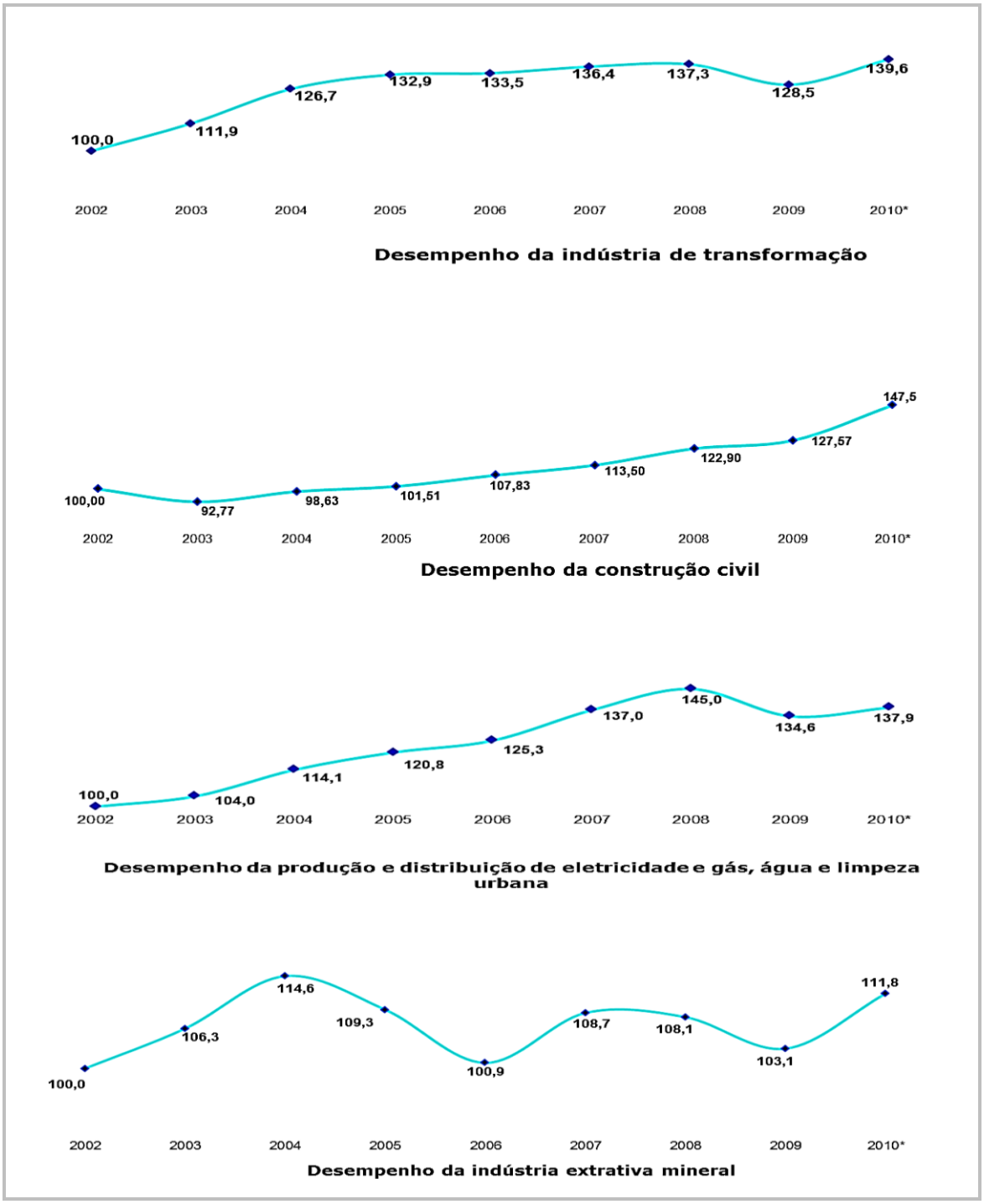
Por Segmento (%)

SETOR INDUSTRIAL	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011*	2012*
Indústria de Transformação	55,0	55,0	53,7	52,4	51,4	49,6	46,7	56,4	51,7	49,2	49,4
Indústria de Construção	25,1	22,2	22,7	25,4	24,3	24,9	25,8	26,2	27,6	32,0	30,5
Prod./Distr. el./gás/ágia/Limp.	15,4	18,0	18,1	16,9	17,5	19,0	19,4	13,7	15,0	14,7	14,0
Indústria extrativa/mineral	4,5	4,8	5,6	5,3	6,8	6,5	8,1	3,7	5,7	4,0	6,1
TOTAL	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**

Fonte: IBGE/SEI
*Dados sujeitos à retificação

Apesar de não possuir o mesmo peso do setor de serviços, a indústria mantém papel relevante na economia baiana, sendo a indústria de transformação aquela que tem registrado maior destaque, seguido da indústria de construção, conforme indicado no quadro anterior.

O desempenho desses segmentos, entre 2000 e 2012, está apresentado na Ilustração 47, a seguir.



Fonte: SEI

Ilustração 47 - Desempenho do Setor Industrial entre 2002 (base 100) e 2010

Como se observa, o maior crescimento acumulado no período foi experimentado pela indústria de construção, seguida pela indústria de transformação. O segmento que acumulou o menor crescimento foi o de extração mineral.

Os resultados mais recentes do desempenho físico industrial apontam para perdas importantes em 2011 e razoável recuperação da indústria de transformação em 2012, principalmente dos segmentos de refino de petróleo e álcool, produtos químicos e da indústria de borracha e plástico. Já a indústria extrativa, praticamente não acusou avanços em 2012, conforme pode ser verificado no Quadro 58, a seguir, que também apresenta o desempenho das principais atividades da indústria de transformação, para o acumulado de 12 meses em dezembro de 2011 e 2012.

Quadro 58 - Taxas de Crescimento na Indústria, Acumulado no Ano

Por Segmento e Atividade (%)

SETOR INDUSTRIAL	DEZEMBRO 2011	DEZEMBRO 2012
Indústria de transformação	-4,5	4,5
Indústria extrativa	-2,3	0,2
Indústria geral	-4,4	4,2
Refino de petróleo e álcool	-9,6	5,2
Produtos químicos	-7,5	9,9
Minerais não metálicos	5,1	3,4
Celulose, papel e produtos de papel	-1,1	3,2
Borracha e plástico	4,6	10,8
Metarlúgica básica	-10,7	-10,0
Alimentos e bebidas	7,7	1,0
Veículos automotores	-6,8	1,2

Fonte: IBGE/SEI

A comparação da evolução recente do crescimento da indústria baiana com a evolução da produção nacional e nordestina, para o mesmo período, está apresentada no Quadro 59.

Quadro 59 - Taxas de Crescimento da Produção Física Industrial, Acumulado no Ano

Bahia x Nordeste e Brasil (%)

SETOR INDUSTRIAL	DEZEMBRO 2011		DEZEMBRO 2012	
	GERAL	TRANSFORMAÇÃO	GERAL	TRANSFORMAÇÃO
Brasil	0,3	0,2	-2,7	-2,8
Nordeste	-4,7	-4,9	1,7	1,9
Bahia	-4,4	-4,5	4,2	4,5

Fonte: IBGE/SEI

Como se verifica, a indústria geral e de transformação estadual registrou desempenho inferior à nacional em 2011, porém melhor do que aquele experimentado pela indústria da Região Nordeste. Em 2012, a indústria baiana, tanto em termos gerais como

especificamente de transformação, acumulou resultados superiores à indústria nacional e da Região Nordeste.

Deve-se ressaltar diante deste quadro, que a indústria da construção civil vem crescendo de forma consistente desde 2004, em decorrência dos investimentos praticados pelos governos Federal e Estadual, direcionados à habitação, bem como em razão de melhores condições de crédito para financiar a aquisição de imóveis.

Destaca-se, também, a recuperação ocorrida nos últimos anos, na renda pessoal, fator que tem influenciado positivamente o aumento nas pequenas construções e reformas em residências, as duas atividades com forte peso na construção civil.

De forma a complementar a análise do setor industrial do Estado, na sequência são detalhados os diversos segmentos e arranjos da indústria da Bahia.

Petróleo e Gás

Cabe registrar, preliminarmente, que a indústria do petróleo brasileira nasceu na Bahia. Apesar da existência de petróleo ser conhecida desde o período imperial, o primeiro poço produtivo só foi perfurado em 1938 em um subúrbio de Salvador. No ano de 1941, o governo brasileiro anunciou a criação do campo de exploração de petróleo em Candeias, na Bahia.

Em 1953 foi estabelecido o monopólio estatal sobre a atividade de petróleo e gás e formalizada a criação da PETROBRAS. Nos anos 60 ocorreu efetivamente a ampliação das atividades no segmento e, em 1968, a empresa iniciou o projeto de exploração de petróleo em águas profundas. Em 1974, foram então descobertas as maiores reservas de petróleo do país.

Posteriormente, mais precisamente no ano de 1997, foi aprovada a flexibilização do segmento, que permitiu que empresas do setor privado pudessem atuar na exploração do petróleo. Com a ampliação dos esforços, em 2006, o volume de produção atingiu níveis que pela primeira vez superam a demanda total da economia brasileira. Finalmente, em 2007, foi anunciada a descoberta de petróleo na chamada camada pré-sal.

Em termos específicos, cabe destacar que a Bahia possui uma das maiores refinarias do país, cuja capacidade instalada alcança 320 mil barris/dia.

Ressalte-se, ainda, em termos de ativos do segmento, a presença do Campo de Manati, localizado na Baía de Camamu, que vem sendo operado pela PETROBRAS desde 2006, que transformou o Estado da Bahia de importador em exportador de gás. A capacidade de produção atual do Campo é de 6 a 8 milhões de m³/dia.

Outro aspecto a destacar, refere-se à instalação do Terminal de Regaseificação, atualmente em implantação na Baía de Todos-os-Santos, que terá capacidade de processar 14 milhões de m³/dia de gás natural liquefeito, cuja conclusão está prevista para o início do próximo ano. O terminal se interligará com a malha da Bahia, no município de Candeias, e com o Gasoduto Cacimbas-Catu (Gascac), no trecho do Gasoduto Sudeste-Nordeste (Gasene).

Importante mencionar que o produto chegará ao terminal compactado, na forma líquida, e passará pelo processo de regaseificação, retornando ao estado gasoso para ser distribuído e consumido.

Registre-se, ainda, a exploração dos chamados Campos Maduros de produção de petróleo, que atualmente vem sendo executada por pequenas e médias empresas desse segmento.

Merece destaque, também, alguns aspectos do segmento, relatados pela Secretaria de Indústria, Comércio e Mineração do Estado, que indicam a relevância atual desta atividade para a Bahia:

- terceiro estado em número de poços produtores de petróleo e gás natural;
- sexta reserva de gás natural, por localização (terra e mar);
- sexta maior reserva de petróleo, por localização (terra e mar);
- sexto estado em produção de petróleo, por localização (terra e mar);
- terceiro estado em distribuição de *royalties* sobre a produção de petróleo e de gás natural, segundo beneficiários;
- área no estado sob concessão exploratória: 21.592,11 km²;
- quantidades de blocos exploratórios: 132;
- quantidade de empresas detentoras de blocos exploratórios: 32;
- quantidade de empresas prestadoras de serviços sísmicos: 4;
- quantidade total de campos: 115;
- quantidade de campos produtores: 92;
- quantidade de poços produtores de óleo: 1.695;
- quantidade de poços produtores de gás: 285;
- quantidade de empresas produtoras: 12;
- malha de gasoduto - óleo e gás: 1.575 km.

Quanto às estatísticas do segmento, nos quadros apresentados a seguir, é possível observar a evolução dos volumes de extração, produção e vendas de petróleo, gás, derivados e álcool no Estado. Primeiramente, no Quadro 60, estão indicados os volumes de extração de petróleo e gás no Estado.

Quadro 60 - Extração de Petróleo e Gás

Quantidade (m³ ou 1.000 m³)

ANO	2001	2003	2005	2007	2009	2011
Gás Natural no Mar (1.000 m³)	39.315	50.150	24.759	1.166.305	1.881.139	1.500.249
Gás Natural na Terra (1.000 m³)	1.927.021	2.111.922	1.958.979	1.479.987	1.172.289	1.057.517
Petróleo Bruto no Mar (m³)	28.853	-	-	21.327	53.809	39.278
Petróleo Bruto na Terra (m³)	2.519.491	2.534.417	2.566.653	2.468.211	2.327.916	2.508.169

Fonte: PETROBRAS/ANP

Como se observa, a produção de gás natural em mar registrou inflexão positiva bastante acentuada no ano de 2007, crescendo ainda mais em 2009, depois registrou perdas em

2011. De qualquer forma, o aumento do volume extraído entre 2001 e 2011 foi expressivo.

Já a extração de gás natural em terra vem perdendo força contínua. As perdas ocorridas entre 2001 e 2011 alcançaram aproximadamente 45%. Por sua vez, a produção de petróleo bruto em terra se manteve estável ao longo do período analisado, sendo que a comparação dos volumes atingidos em 2001 e 2011 não indica nem ganhos nem perdas.

A evolução da produção de derivados de petróleo na Bahia está apresentada no Quadro 61.

Quadro 61 - Produção de Derivados do Petróleo

Quantidade (m³ ou toneladas)

ANO	2001	2003	2005	2007	2009	2011
Gasolina (m³)	1.115.088	1.627.524	2.221.977	2.533.052	1.732.671	2.223.528
Óleo Diesel (m³)	2.838.276	3.093.322	4.678.512	4.211.168	4.093.763	4.661.599
Óleo Combustível (t)	3.085.265	2.216.866	3.390.680	3.629.625	2.971.597	4.367.493
Querosene (m³)	246.486	273.010	255.972	245.001	269.922	207.359
GLP (t)	574.219	551.750	693.381	673.882	491.896	nd
Nafta (m³)	1.576.295	1.629.260	1.997.497	1.931.628	1.350.058	1.526.030

Fonte: PETROBRAS
nd: não disponível

As produções de gasolina, óleo diesel e óleo combustível registram incrementos de 99%, 64% e 42%, respectivamente, entre 2001 e 2011, significando taxas anuais de crescimento de 7,1%, 5,1% e 3,5%, refletindo o crescimento no consumo desses derivados, que vem acontecendo nos últimos anos.

As produções de querosene, GLP e nafta, experimentaram, respectivamente, reduções de produção no período analisado, de 15,9%, 14,3% e 3,2%, essa última entre 2001 e 2009.

As vendas de derivados de petróleo e álcool estão indicadas no Quadro 62.

Quadro 62 - Venda de Derivados do Petróleo e Álcool

Quantidade (m³)

ANO	2001	2003	2005	2007	2009	2011
GLP	779.778	691.222	735.864	773.594	812.690	848.409
Gasolina	880.699	885.954	992.722	988.912	1.056.463	1.588.826
Álcool Hidratado	69.533	49.894	67.114	173.953	541.170	254.229
Óleo Combustível	333.014	383.301	384.772	518.366	407.111	323.160
Óleo Diesel	2.131.756	1.855.321	2.058.622	2.206.098	2.464.677	2.904.608

Fonte: ANP

Como se constata, as vendas de gasolina cresceram a uma taxa média anual de 6,1%, um pouco inferior à taxa de crescimento da sua produção local. Da mesma forma, as vendas de óleo diesel experimentaram um acréscimo médio anual de 3,1%, também inferior à taxa de crescimento da produção local.

As vendas de GLP tiveram crescimento anual de 0,8% apesar da redução na produção local, enquanto que as vendas de óleo combustível chegaram, em 2011, praticamente no mesmo patamar registrado em 2001.

Verifica-se que, em termos potenciais, a atual participação do Estado no segmento, agregada ao início da exploração das reservas do pré-sal no país, deverá resultar na ampliação da demanda por bens e serviços relacionados, incrementando as oportunidades de novos investimentos na cadeia estadual de suprimentos do setor de petróleo e gás.

Por outro lado, o aumento significativo da oferta de gás natural proporcionado pela operação do Gasene e a construção do Terminal de Regaseificação, bem como a expansão da rede de distribuição da Bahiagás no sentido de sua interiorização, abrem também novas oportunidades de negócios no setor.

Etanol

Importante ressaltar, inicialmente, o crescimento ocorrido no período, de 265,6%, nas vendas de álcool, representando uma taxa média de crescimento anual de 13,8%, conforme apresentado anteriormente no Quadro 63.

Deve-se destacar, entretanto, que o Estado é importador de etanol. Conforme já informado, na Bahia existem 6 usinas de açúcar/álcool em funcionamento, sendo que outras 2 estão em fase de implementação, sendo que a produção de etanol, em 2010 e 2011, foi de 130,2 e 104,4 milhões de litros, respectivamente, para um consumo interno de 800 milhões de litros/ano.

O Quadro 63 apresenta as usinas do Estado.

Quadro 63 - Usinas de Etanol em 2011

USINAS	MUNICÍPIOS	CANA PROCESSADA (T/ANO)	CAPACIDADE DE PRODUÇÃO (LITROS)	INVESTIMENTOS
Unial	Lajedão	600.000	35.000.000	150 milhões
Ibirálcool	Ibirapuã	1.200.000	nd	150 milhões
Santa Maria	Medeiros Neto	1.200.000	65.000.000	18 milhões
Santa Cruz	Santa Cruz Cabrália	230.000	16.000.000	nd
Aliança	Amélia Rodrigues	nd	nd	nd
Agrovale	Juazeiro	nd	44.500.000	173 milhões
Ecosystems*	Pilão Arcado	-	-	4 bilhões
Jhp*	Barra	-	-	5 bilhões

Fonte: SICM/SEAGRI
*Empreendimentos projetados.
nd: não disponível

Cabe detalhar alguns desses empreendimentos.

Usina Unial

A usina iniciou sua operação em 2011. A cana da usina processada tem origem em várias fontes, sendo que cerca de 30% das terras são arrendadas. Outros 30% são fomentados. Neste contexto, a empresa incentivou pequenos agricultores a cultivarem cana-de-açúcar. Todo o investimento foi financiado pela Usina, que paga o valor da cana debitando a parcela do financiamento. O restante é comprado de fornecedores diversos que cultivam a matéria-prima.

Além de produzir etanol, a Usina gera energia elétrica. O bagaço resultante da moagem da cana vai para as caldeiras, onde é transformado em energia. Este processo, chamado de cogeração, consiste na produção simultânea de energia térmica e energia elétrica. A vinhaça resultante do processo final do álcool é distribuída no campo para ser usado como fertilizante.

Usina Ibirálcool

A Ibirálcool também entrou em operação em 2011. A produção foi iniciada através do processamento de cana de fornecedores já instalados. Numa segunda fase, já em andamento, a matéria-prima passa a ter origem em área arrendada, com plantio próprio.

A empresa prevê, também, para os próximos anos, investimentos da ordem de R$ 400 milhões, que permitirão triplicar a capacidade de moagem para atingir 3,5 milhões de toneladas.

Usinas Santa Maria e Santa Cruz

Estas usinas completam o polo sucroalcooleiro do sul baiano e estão presentes no Estado há mais de 30 anos. As unidades fazem parte do grupo São Luiz, originado em Pernambuco. A Usina Santa Maria iniciou as atividades em 1986. Importante mencionar que foram investidos R$ 18 milhões para incrementar a capacidade de produção de etanol para cerca de 80 milhões de litros de etanol.

Também estão em andamento investimentos para aumento da capacidade de moagem para 2 milhões de toneladas. A previsão de investimentos na área agrícola é de R$ 60 milhões para incorporação de 15 mil hectares de novos canaviais e investimentos em irrigação. Na área industrial, a previsão é que sejam investidos R$ 80 milhões para geração adicional de energia, fabricação de açúcar e aumento da capacidade da destilaria para 750 mil litros por dia.

A Usina Santa Cruz, por sua vez, foi implantada na época do Proálcool, na década de 1970, a unidade, por razões econômicas, chegou a ficar sem operação durante três anos, reiniciando as sua atividades, em menor escala, a partir de 2009, quando moeu cerca de 190 mil toneladas de cana. A usina apesar de ter capacidade instalada atual para moer 600 mil toneladas de cana, está processando apenas 230 mil toneladas.

Agrovale

A Agrovale, que foi fundada em 1972 em Juazeiro, no semiárido nordestino, é considerada um projeto pioneiro no país. A primeira safra foi em 1980.

Importante mencionar que no ano de 2012 a usina produziu, além do etanol, 110 milhões de toneladas de açúcar.

A unidade já conta com um processo fabril todo automatizado, sendo que a limpeza da cana é a seco e o clareamento do açúcar é feito com ozônio, o que permite a retirada do enxofre do processo de fabricação do açúcar. Os projetos de expansão entre 2011 e 2016 atingem aproximadamente R$ 173 milhões.

Finalmente, deve-se observar que o consumo de etanol no Estado deve aumentar nos próximos anos. Entre outros potenciais consumidores, deve-se destacar que a Braskem finalizou recentemente a etapa conceitual do projeto de construção de uma planta de propeno verde. O início da operação está programado para o segundo semestre de 2013, com expectativa de que os investimentos realizados alcancem aproximadamente US$ 100 milhões, para uma capacidade mínima de produção de 30 mil toneladas por ano de propeno verde.

Petroquímica

O mais importante ativo do segmento petroquímico, o Polo de Camaçari, superou recentemente os 30 anos de existência, ainda representando o maior complexo petroquímico do hemisfério sul.

Conforme indicações da Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração do Estado, o empreendimento proporcionou à Bahia um ciclo de profundas transformações, que resultou em mudanças, sobretudo na sua estrutura econômica, garantindo ao Estado um papel de liderança na Região Nordeste.

Foram investidos inicialmente cerca de US$ 12 bilhões. Destaca-se, entretanto, que ao longo do tempo foram necessários muitos ajustes para acompanhar o processo de evolução do setor petroquímico. Cabe mencionar nesse contexto, a primeira grande transformação do Polo, que aconteceu no sentido de reformular o quadro societário das principais empresas componentes. Este fato veio a ocorrer no ano de 2001, com a reestruturação do controle acionário da antiga Companhia Petroquímica do Nordeste - Copene, que acabou deflagrando a reestruturação de toda a indústria petroquímica nacional.

Outro importante evento ocorrido foi o estabelecimento de um ambiente de negociação entre o governo estadual e as empresas do segmento no ano de 2008, que proporcionou a liberação gradativa dos créditos de ICMS acumulados pelas empresas do setor ao longo do tempo. Como contrapartida, essas empresas se comprometeram com a manutenção das atividades econômicas desenvolvidas, assim como, com a realização de investimentos em ampliação e modernização de suas plantas industriais instaladas na Bahia.

Diante de um quadro mais favorável, as empresas petroquímicas passaram a realizar novos investimentos. Em 2010, o Grupo Unigel, inaugurou mais duas plantas industriais. Uma delas possibilitou o aumento da produção de metacrilatos de 30 mil toneladas para 90 mil toneladas anuais. O produto é utilizado na indústria automobilística e eletroeletrônica, dentre outras. Os investimentos na outra unidade, de sulfato de amônio, insumo para fertilizantes, proporcionaram uma elevação no volume produzido de 130 mil para 400 mil toneladas por ano.

Em 2009, a Unigel também reativou a planta de estireno do Nordeste, indústria que antes pertencia à Dow Química. A unidade tem capacidade para produzir 180 mil toneladas anuais de etilbenzeno e 160 mil toneladas por ano de estireno, matérias-primas usadas na fabricação de pneus, acessórios para eletrodomésticos, tintas, peças de veículos e outros.

A Braskem, no mesmo ano, já havia inaugurado sua fábrica de ETBE (Etil Térsio Butil Éter), que utiliza etanol como matéria-prima.

Conforme também informa a Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração, a empresa alemã Linde Gases também optou pelo Polo de Camaçari, onde realizou investimentos da ordem de R$ 100 milhões. A unidade é responsável pela produção de oxigênio, nitrogênio e argônio para indústrias e hospitais, e possui capacidade instalada para atender aos mais de mil clientes nos dois setores.

Nesse contexto, são ainda apontados três problemas relacionados aos petroquímicos a serem superados pelo Polo de Camaçari, a saber:

- o primeiro deles refere- se à oferta da nafta, a principal matéria-prima, hoje garantida pela Refinaria Landulpho Alves por meio de importação, o que reduz a competitividade. Espera-se que a construção das novas refinarias programadas para o Nordeste, em Pernambuco, no Ceará e no Maranhão, possa proporcionar um aumento no suprimento para a indústria petroquímica;
- a segunda questão refere-se à logística, sobretudo ao gargalo existente nos portos baianos. A perspectiva de ampliação dos portos de Salvador e Aratu e a construção do novo Porto Sul, em Ilhéus, aparecem como possíveis soluções para o problema;
- a última questão refere-se à identificação de novas oportunidades, de forma a viabilizar a ampliação da cadeia produtiva.

A seguir apresenta-se, de forma resumida, o polo em números, considerando-se nesse contexto as demais empresas de outros segmentos que estão instaladas no Complexo Industrial:

- responde por 30% do PIB Baiano;
- investimento global de US$ 12 bilhões (valor histórico sem considerar as expansões);
- capacidade instalada acima de 11,5 milhões de toneladas/ano;
- faturamento de aproximadamente US$ 15 bilhões/ano;
- possui 90 empresas: 34 químicas e petroquímicas, 27 empresas no Complexo Ford e outras 29 empresas de outros segmentos;
- exportações acima de US$ 2,3 bilhões/ano (35% do total do Estado);
- contribuição anual de R$ 1 bilhão em ICMS para a Bahia;

- geração de 15 mil empregos diretos e 20 mil empresas contratadas;
- investimentos superiores a R$ 13 milhões/ano em programas sociais;
- responsável por 90% da receita tributária de Camaçari;
- investimentos novos de US$ 4,3 bilhões até 2011.

Apresenta-se, ainda, na Ilustração 48, a título ilustrativo, o fluxograma de produção petroquímica do Polo de Camaçari, com a indicação das capacidades instaladas.

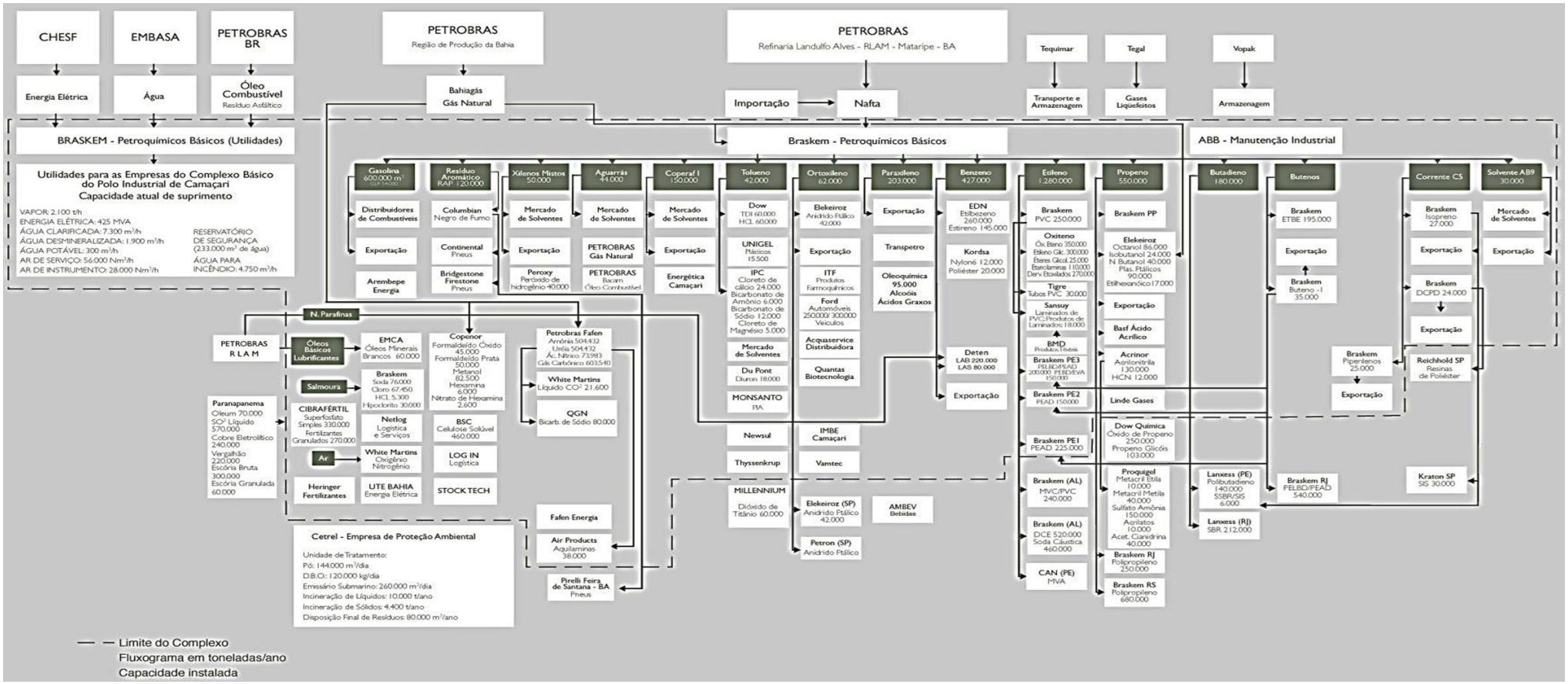


Ilustração 48 - Fluxograma de Produção Petroquímica do Polo de Camaçari

Cabe ainda destacar, que o segmento da petroquímica baiana permanece contando com algumas vantagens comparativas, como, por exemplo: a proximidade de uma estrutura portuária de porte significativo e também da refinaria da PETROBRAS, em plena atividade produtiva.

Além disso, o Polo registra níveis de amortização elevados de grande parte do capital investido, bem como conta com um sistema coletivo integrado de segurança industrial e atendimento ambiental que são considerados como um dos melhores instalados no país.

Por outro lado, a atividade petroquímica da Bahia convive com um nível expressivo de concorrência interna e externa.

Este fato, conforme aponta o documento Política Industrial da Bahia, conduz à necessidade de uma maior integração com a Refinaria Landulpho Alves, com o objetivo de incrementar sua competitividade e ampliar as possibilidades de diversificação na produção. Além disso, a melhoria na qualidade das infraestruturas do Estado apresenta-se, também, como forma de aumentar seus níveis de competitividade.

Da mesma forma, faz-se necessária uma maior integração logística com o mercado interno, particularmente a Região Sudeste, e com o mercado externo, a partir de um melhor equacionamento na área portuária, no transporte de cabotagem e ferroviário.

Mineração

A atividade mineral receberá o maior investimento do setor privado no país no período de 2012 a 2015. Do total desses investimentos, o maior aporte será destinado ao minério de ferro, seguido pelo níquel e pela cadeia de alumínio (alumina, bauxita e alumínio).

O subsolo brasileiro possui importantes depósitos minerais e destaca-se na produção de bauxita, cobre, cromo, estanho, ferro, grafita, manganês, níquel, ouro, potássio, rocha fosfática, zinco, entre outros.

Na sequência são apresentados alguns indicadores referentes ao ano de 2010, que apontam a relevância desse segmento econômico no país:

- aço: 2,3% da produção mundial e 53,1% da produção da América Latina;
- ferro gusa: 3,1% da produção mundial;
- parque siderúrgico com capacidade de produção de 47,8 milhões de toneladas de aço/ano;
- bauxita: 9,5% das reservas mundiais e 14% da produção mundial;
- bentonita: 3,17% da produção mundial;
- ferro: reservas de 20,4 bilhões de toneladas e 15,5% da produção mundial;
- magnesita: 4ª maior reserva mundial e 8,1% da produção mundial;
- manganês: 17,81% da produção mundial;
- nióbio: 97,08% da produção mundial;
- níquel: 6,8% da produção mundial;
- rochas ornamentais: 5º maior produtor e exportador mundial;

- exportações de US$ 51 bilhões, o que correspondeu a 25% do total das exportações brasileiras.

Estima-se que o setor de mineração brasileiro realizará investimentos em um montante superior a R$ 350 bilhões nos próximos 15 anos.

No Estado da Bahia, conforme informações disponibilizadas pela Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração, a política mineral tem se concentrado na expansão das atividades, mediante ações que tem buscado a descoberta de novas jazidas e depósitos.

Ao mesmo tempo, o segmento tem procurado realizar ações que possibilitem a agregação de valor na cadeia produtiva mineral.

O Estado é um dos maiores produtores brasileiros de bens minerais, produzindo cerca de 40 substâncias minerais, figurando como um dos principais alvos de interesse para a prospecção mineral no país, especialmente para minerais metálicos como ferro, níquel, ouro, alumínio, cobre, entre outros.

Atualmente, se encontram em fase de implantação novos empreendimentos, e estão sendo desenvolvidos projetos para a produção de minério de ferro, pelotas, ferro gusa, ferro vanádio, tálio, bauxita, gipsita e a expansão da produção de ouro e magnesita, com investimentos da ordem de aproximadamente US$ 10 bilhões entre 2010 e 2015, além de outros projetos em fase inicial de desenvolvimento, que vão desde as matérias-primas para fertilizantes até as terras raras.

As principais dimensões da mineração na Bahia podem ser observadas a seguir:

- quinto produtor brasileiro de bens minerais, com perspectivas de se tornar o terceiro, no médio prazo, se os empreendimentos de minério de ferro e alumínio em andamento forem concluídos;
- primeiro produtor brasileiro de urânio, cromo, salgema, magnesita e talco;
- destaque nacional na produção de níquel, cobre, ouro, além de possuir a maior diversidade cromática de rochas ornamentais do país;
- é o estado brasileiro mais bem estudado geologicamente, possuindo quase 90% de seu território com mapeamento realizado através de levantamentos aerogeofísicos;
- em sua pauta de exportações figuram o ouro, concentrado de níquel, minério de manganês e seus concentrados, sulfato de bário, cromita, ferro ligas, cátodos de cobre refinado, magnesita, ligas de alumínio, pedras preciosas e semipreciosas, mármores e granitos.

As reservas minerais baianas no ano de 2009, publicadas pelo Departamento Nacional de Pesquisa Mineral - DNPM estão apresentadas no Quadro 64, na sequência.

Verifica-se que as maiores reservas medidas naquele ano eram de calcário, de 2,8 bilhões de toneladas, seguida da reserva de rochas ornamentais (granitos e afins) com 507,6 milhões de toneladas, de salgema com 503,9 milhões de toneladas, gipsita com 492,3 milhões de toneladas e magnesita com 338,6 milhões de toneladas.

Importante mencionar as reservas de urânio, que alcançavam no ano de 2009 o volume de 41,2 mil toneladas de U3O8.

Merecem destaque, ainda, como anteriormente mencionado, as reservas de talco e cromo, de 19,3 milhões de toneladas e 1,9 milhões de tonelada de Cr2O3.

Quadro 64 - Reservas Minerais da Bahia - 2009

CLASSE/SUBSTÂNCIA	UNIDADE	MEDIDA	INDICADA	INFERIDA	LAVRÁVEL
Metálicos					
Berílio	t BeO	12.115	-	-	5.999
Chumbo	t Pb	9	10	5	12
Cobre	t Cu	882.177	429.965	201.219	282.728
Cromo	t Cr2O3	1.880.461	1.911.830	1.239.833	2.127.669
Ferro	t	172.294.600	124.372.058	30.148.125	-
Manganês	t	3.484.861	6.621.755	7.270.579	1.810.353
Nióbio (Columb/Tantal) - Sec.	kg Nb2O5	-	-	28	-
Níquel	t Ni	667.202	-	-	563.941
Ouro (Primário)	kg Au	1.342.755	75.637	134.600	1.291.355
Prata (Primária)	kg Ag	211	831	1.233	57
Titânio (Ilmenita)	t TiO2	2.422.993	16.540	-	-
Titânio (Rutilo)	t TiO2	37.322	1.224	-	-
Vanádio	t V	157.920	3.774	2.899	-
Zircão (Primário)	kg ZrSiO4	64.226	1.649	-	-
Não-Metálicos					
Ágatas, Calcedônia etc	t	822.741	-	-	575.918
Ardósia	t	4.965.043	24.132.843	-	-
Areia Industrial	t	5.482.419	1.250.600	-	4.899.157
Argilas Comuns	t	71.854.391	51.051.354	17.222.596	55.225.878
Argilas Plásticas	t	175.580.797	90.458.244	1.874.053	6.295.948
Argilas Refratárias	t	5.203.246	1.500.000	164.000	1.001.100
Barita	t BaSO4	1.703.047	1.178.260	869.923	2.444.827
Bentonita e Argilas Descorantes	t	5.086.579	-	-	3.013.000
Calcário (Rochas)	t	2.790.359.855	1.709.362.774	1.042.715.242	808.164.556
Caulim	t	7.301.768	2.674.550	2.651.598	7.223.547
Conchas Calcárias	t	1.004.092	-	-	-
Diatomita	t	1.115.083	79.346	31.290	1.039.870
Dolomito	t	6.875.044	7.066.832	4.725.367	7.831.088
Feldspato	t	28.312.922	3.004.717	602.829	225.500
Fosfato	t P2O5	4.219.633	561.693	4.095.270	3.218.613
Gipsita	t	492.343.861	107.997.000	165.970.310	214.327.000
Grafita	t Graf.	1.161.697	1.174.572	651.764	1.118.032
Leucita e Nefelina-Sienito	t	72.000	120.000	150.000	-
Magnesita	t	338.590.083	266.393.370	52.354.561	175.107.069
Mica	t	284.790	693.307	-	-
Quartzito Industrial	t	4.578.894	213.491	-	675.051
Quartzito Ornamental	t	64.624.945	1.115.080.861	4.042.675.216	4.258.766
Quartzo	t	189.551.065	8.398.793	22.652.390	10.515.425
Rochas Ornamentais - Outras	t	23.856.159	13.906.971	1.525.844	8.946.836
Rochas Ornamentais (Granito e afins)	t	507.601.002	984.823.019	761.199.073	65.736.224
Rochas Ornamentais (Mármores e afins)	t	102.878.318	221.076.694	29.260.648	47.819.567
Salgema	t	503.901.017	746.000.000	283.300.000	1.249.901.017
Talco	t	18.266.930	5.544.212	4.630.160	18.596.423
Vermiculita e Perlita	t	933.420	1.113.820	268.120	2.047.240
Gemas e Diamantes					
Diamante (Secundário)	ct	737.457	-	-	-
Gemas (Primária)	kg Gemas	15.149	2.398.852	3.700	2.405.096
Energéticos					
Urânio	t U3O8	41.170	40.020	15.720	96.910

Fonte: DNPM - AMB - 2010
não disponível: areia, rochas britadas, cascalhos e saibro

A produção bruta de minério estadual em 2009 está apresentada no Quadro 65, enquanto a produção de minério beneficiado, do mesmo ano, encontra-se no Quadro 66.

Quadro 65 - Produção Bruta de Minérios da Bahia - 2009

CLASSE/SUBSTÂNCIA	QUANTIDADE (ROM - toneladas)	CONTIDO (toneladas)	TEOR MÉDIO
Metálicos			
Cobre	2.445.298,00	27.783,14	1,14% Cu
Cromo	884.351,00	153.982,67	17,41% Cr2O3
Manganês	27.924,00	10.516,39	37,66%Mn
Níquel	428.215,00	2.269,00	0,53% Ni
Ouro (Primário)	9.124.456,00	6,14	0,67g/t Au
Não-Metálicos			
Ágatas, Calcedônia, etc	277,00	277,00	
Areia	14.602.156,00	-	
Areia Industrial	7.540,00	-	
Argilas Comuns	540.456,00	-	
Argilas Plásticas	70.717,00	-	
Argilas Refratárias	96.023,00	-	
Barita	38.697,00	33.203,43	85,80% BaSO4
Bentonita e Argilas Descorantes	37.085,00	-	
Calcário (Rochas)	1.631.073,00	-	
Caulim	52.150,00	-	
Diatomita	7.186,00	-	
Dolomito	8.560,00	-	
Feldspato	1.870,00	-	
Fosfato	737.636,00	135.428,12	18,36% P2O5
Grafita	280.900,00	11.236,00	4,00% Graf.
Magnesita	1.129.701,00	-	
Quartzito Industrial	1.133,00	-	
Quartzito Ornamental	2.112,00	-	
Quartzo	7.157,00	-	
Quartzo Cristal	180,00	-	
Rochas britadas e cascalhos	10.770.157,00	-	
Rochas Ornamentais - Outras	3.533,00	-	
Rochas Ornamentais (Granito e afins)	121.584,00	-	
Rochas Ornamentais (Mármores e afins)	17.433,00	-	
Saibro	92.132,00	-	
Salgema	710.294,00	-	
Talco	212.502,00	-	
Vermiculita e Perlita	1.404,00	786,19	56,00% Verm.
Energéticos			
Urânio	170.284,00	488,72	0,29% U3O8

Fonte: DNPM - AMB - 2010

Observa-se, conforme já destacado, a importância da produção dos minerais metálicos cobre, cromo, manganês, níquel e ouro, bem como, entre os minerais não metálicos, da salgema, magnesita, talco e rochas, além do mineral energético urânio.

Quadro 66 - Produção Beneficiada de Minérios da Bahia - 2009

CLASSE/SUBSTÂNCIA	QUANTIDADE (toneladas)	CONTIDO (toneladas)	TEOR MÉDIO
Metálicos			
Cobre	86.237,00	30.271,00	35,1% Cu
Cromo	310.479,00	118.915,59	38,3% Cr2O3
Níquel	7.039,00	915,07	13% Ni
Ouro (Primário)	5,86	5,75	98,1%Au
Prata (Primária)	3,06	3,06	100%Ag
Não-Metálicos			
Água Mineral	1.340.403 x 10^3 litros		
Argilas Comuns	171.953,00		
Barita	25.892,00	25.375,16	98% BaSO4
Bentonita e Argilas Descorantes	46.627,00		
Calcário (Rochas)	1.421.562,00		
Caulim	9.585,00		
Diatomita	4.182,00		
Dolomito	26.077,00		
Enxofre	162.822,00	162.822,00	100% S
Fosfato	174.327,00	58.203,00	33,39% P2O5
Grafita	11.237,00	10.675,15	95% Graf.
Magnesita	1.062.964,00		
Rochas britadas e cascalhos	11.243.549,00		
Talco	74.610,00		
Vermiculita e Perlita	786,00	620,94	79% Verm.
Gemas e Diamantes			
Diamante (primário)	1 ct	1 ct	100 Diam.
Gemas (primária)	34 kg	30 kg	88,24 Gemas
Energéticos			
Urânio	406,00	357,00	87,91% U3O8

Fonte: DNPM - AMB - 2010

No Quadro 67 estão apresentadas as principais empresas mineradoras presentes no Estado da Bahia no ano de 2009.

Como se observa, a Mineração Caraíba, que produz cobre, ouro e prata, com 21,94% de participação no valor total da comercialização da produção mineral no Estado, aparecia, em 2009, em primeiro lugar no ranking estadual. Ressalte-se que, este valor alcançou R$ 1,9 bilhão naquele ano.

A empresa Jacobina Mineração e Comércio, também produtora de ouro e prata e a empresa Magnesita Refratários, produtora de cromo, dolomito magnésio e talco, estavam colocadas na segunda e terceira posições no ranking estadual de 2009, com 13,78% e 11,38% do valor total da comercialização da produção mineral no Estado, respectivamente. Verifica-se, ainda, que a produção de urânio colocou a Indústrias Nucleares na quinta posição do ranking estadual.

Quadro 67 - Principais Empresas Produtoras de Minérios da Bahia - 2009

EMPRESAS	PRINCIPAIS SUBSTÂNCIAS PRODUZIDAS	PARTICIPAÇÃO* (%)
Mineração Caraíba	Cobre, Ouro (Primário) e Prata (Primária)	21,94
Jacobina Mineração e Comércio	Ouro (Primário) e Prata (Primária)	13,78
Magnesita Refratários	Cromo, Dolomito, Magnesita e Talco	11,38
Mineração Fazenda Brasileira	Ouro (Primário) e Prata (Primária)	9,67
Indústrias Nucleares do Brasil	Urânio	6,77
Cia de Ferro Ligas da Bahia Minerais	Calcário (Rochas) e Cromo	5,3
Indaiá Brasil Águas	Água Mineral	5,27
Xilolite	Magnesita e Talco	2,02
Pedreiras Valéria	Rochas (Britadas) e Cascalho	1,67
Ibar Nordeste	Magnesita	1,51
Primo Schincariol Ind. de Cervejas	Água Mineral	1,50
Dow Brasil	Salgema	1,33
Corcovado Granitos	Rochas Ornamentais (Granito e afins)	1,21
Mirabela Mineração	Níquel	1,06
Pedreiras Parafuso	Cascalho e Saibro	1,05
Extrativa Metalquímica	Grafita	0,95
Companhia Brasileira de Bentonita	Bentonita e Argilas Descorantes	0,93
CCB - Cimpor Cimentos do Brasil	Argilas Comuns, Calcário (Rochas)	0,86
Galvani Indústria Comércio e Serviços	Fosfato	0,75
Mineração Canaã	Água Mineral	0,65

Fonte: DNPM - AMB - 2010
*Participação da empresa no valor total da comercialização da produção mineral na Unidade da Federação

Finalmente nos Quadros 68 e 69 estão apontados os destinos da produção mineral do Estado na Bahia, tanto na comercialização na forma bruta, como na forma beneficiada.

A maior parte da comercialização da produção bruta de minérios, em 2009, teve como principal destino o próprio Estado. Pode-se destacar como exceções, o dolomito e a magnestita, que tiveram aproximadamente 49% das vendas realizadas para o Estado de São Paulo, o feldspato, leucita e nefelina, com 89% destinados a São Paulo também, o geodo, ágata e calcedônia, cuja maior parte seguiu para Minas Gerais e o talco com São Paulo como principal destino.

As rochas ornamentais tiveram uma ampla variedade de destino, sendo que o Espírito Santo, com uma indústria de beneficiamento bastante ativa, absorveu cerca de 53% das vendas, a Bahia, o mercado externo e Goiás apareceram também como grandes compradores.

Quanto à comercialização dos produtos beneficiados, deve-se observar que 100% do níquel produzido no Estado foram transferidos para Minas Gerais. O mesmo aconteceu com a vermiculita e com os diamantes.

Há que se destacar, também, as exportações de ouro, que alcançaram 99% da comercialização e as vendas de 100% das gemas para o Rio de Janeiro.

Quadro 68 - Mercado Consumidor - Produtos Brutos da Bahia - 2009

Distribuição por Estado

CLASSE/SUBSTÂNCIA	UNIDADE DA FEDERAÇÃO
Metálicos	
Manganês	MG (78,23%), BA (21,77%)
Não-Metálicos	
Areia	BA (97,00%), SE (0,57%), Outros (2,43%)
Areias Industriais	Areias Industriais BA (92,64%), ES (2,68%), MG (2,42%), Outros (2,26%)
Argilas	BA (100,00%)
Bário	BA (100,00%)
Calcário	BA (100,00%)
Caulim	BA (100,00%)
Diatomita	BA (99,93%), RJ (0,07%)
Dolomito e Magnesita	SP (48,99%), BA (45,75%), MG (5,26%)
Feldspato, Leucita e Nefelina - Sienito	SP (89,01%), MG (3,98%), Outros (7,01%)
Fosfato	BA (100,00%)
Geodos, Ágatas, Calcedônia etc	MG (47,88%), ES (36,86%), RJ (14,83%), Outros (0,43%)
Quartzo (Cristal) e outros Piezelétricos	BA (100,00%)
Rochas (Britadas) e Cascalho	BA (100,00%)
Rochas Ornamentais	ES (53,37%), BA (17,33%), Mercado Externo (5,44%), GO (5,22%), Outros (18,64%)
Rochas Ornamentais - Outras	ES (51,32%), MG (48,68%)
Saibro	BA (98,96%), Outros (1,04%)
Sal	BA (100,00%)
Talco e outras Cargas Minerais	TSP (100,00%)

Fonte: DNPM - AMB - 2010

Quadro 69 - Mercado Consumidor - Produtos Beneficiados da Bahia - 2009

Distribuição por Estado

CLASSE/SUBSTÂNCIA	UNIDADE DA FEDERAÇÃO
Metálicos	
Cobre	BA (94,73%), SP (4,95%), Mercado Externo (0,32%)
Cromo	BA (76,40%), MG (19,43%), RJ (2,63%), SP (1,55%)
Níquel	MG (100,00%)
Ouro	Mercado Externo (99,16%), Outros (0,84%)
Prata	SP (2,58%), Outros (97,42%)
Não-Metálicos	
Água Mineral	BA (88,07%), SE (0,42%), PE (0,41%), MA (0,13%), Outros (10,963%)
Argilas	BA (72,04%), ES (19,23%), SP (3,27%), MG (2,67%), SE (0,03%), Outras (2,76%)
Bário	RJ (64,00%), BA (25,00%), RS (11,00%)
Calcário	BA (95,58%), TO (0,89%), Outras (3,53%)
Caulim	RJ (84,36%), MG (9,08%), SP (6,57%)
Diatomita	SP (37,88%), PR (15,86%), CE (15,28%), MG (6,64%), RJ (5,24%), BA (5,08%), PE (3,38%), Outros (10,64%)
Dolomito e Magnesita	BA (68,52%), Mercado Externo (23,83%), MG (4,66%), SP (2,19%), RS (0,22%), PR (0,20%), Outros (0,60%)
Fosfato BA (100,00%)	Fosfato BA (100,00%)
Grafita	SC (27,74%), SP (21,03%), MG (20,42%), RS (20,15%), CE (6,51%), Mercado Externo (1,05%), Outros (3,10%)
Rochas (Britadas) e Cascalho	BA (92,81%), PE (0,21%), MG (0,15%), não Informado (6,83%)
Talco e outras Cargas Minerais	SP (66,01%), RS (8,97%), BA (7,13%), Mercado Externo (6,33%), ES (5,31%), MS (1,77%), Outros (4,48%)
Vermiculita e Perlita	MG (100,00%)
Gemas e Diamantes	
Diamante	MG (100,00%)
Gemas	RJ (100,00%)

Fonte: DNPM - AMB - 2010

Deve-se observar, entretanto, que o principal empreendimento atual na área de mineração no Estado está relacionado ao minério de ferro, localizado na região oeste do Estado. O projeto vem sendo desenvolvido pela BAMIM e prevê exportações de 25 milhões tonelada/ano.

Verifica-se que o seu canal de escoamento compreenderá a Ferrovia de Integração Oeste-Leste e o Porto Sul, que, por sua vez, estão sendo viabilizados pelo empreendimento.

Na área de minério de ferro, destaca-se, também, o projeto da Sul Americana de Metais - SAM, com previsão de produção de 7 milhões de tonelada/ano de pelotas de ferro na área do Porto Sul, que utilizará o minério de ferro oriundo do município de Grão Mogol, em Minas Gerais, a ser escoada por um mineroduto até a usina.

Existe, ainda, importante projeto da Rio Tinto Alcan para produção de 1,8 milhões de toneladas/ano de alumina. O investimento é resultante da descoberta de grande reserva de bauxita nos municípios de Jaguaquara e Vitória da Conquista, na Bahia.

Deve-se mencionar importante projeto realizado em 2012 pela Magnesita Refratários S/A, no município de Brumado, que aumentou a produção de sínter de magnesita de alta pureza de 180 mil toneladas/ano para 240 mil toneladas/ano, reduzindo, dessa forma sua dependência de importações chinesas do produto.

Outro importante empreendimento, já consolidado, é a produção de concentrado de níquel realizada pela Mirabela Mineração do Brasil, no município de Itagibá, a 140 km de Ilhéus e 370 km de Salvador. As atividades de implantação da Mina Santa Rita foram iniciadas em 2007. Importante destacar que toda a produção da empresa já foi comercializada até 2014, sendo 50% para a Votorantim Metais e 50% para exportação para a Finlândia.

A logística de escoamento da parcela a ser exportada é realizada pelo transporte rodoviário por 140 km pelas rodovias BR-330 e BR-101, até o porto de Ilhéus e daí embarcada para a Finlândia. A outra parcela é retirada na Mina pela Votorantim e transportada por 1.375 km para Fortaleza de Minas, no Estado de Minas Gerais.

Na produção de cromo foram realizados investimentos em 2011 no município de Campo Formoso. Até 2015 serão realizados investimentos importantes no município de Santa Luz. Deve-se mencionar que em 2011 foram realizados investimentos expressivos na usina de beneficiamento de cromo instalada no município.

Quanto à produção de cobre no Estado, foram realizados investimentos recentemente pela Mineração Caraíba, em Jaguari, para implementação de rotas alternativas adicionais na mina, no beneficiamento, e na metalurgia para continuidade mineira. Em Dias d'Ávila a Paranapanema também realizou investimentos para ampliação da capacidade de produção de cobre da usina para 280 mil toneladas/ano.

Deve-se destacar, também, a produção de rochas ornamentais, que também está indicada nos quadros anteriormente apresentados, sendo que o Estado da Bahia aparece como terceiro produtor nacional, estando responsável por cerca de 10% da produção do país, atrás do Espírito Santo e de Minas Gerais, cujos níveis de produção alcançam 48% e 28% da produção brasileira, respectivamente.

A Bahia possui 34 empresas em efetiva e contínua atividade, que lavram rochas em 58 pedreiras. Outras 28 empresas têm produção sazonal em 76 pedreiras, sendo que a produção de granitos é destinada prioritariamente à exportação. Os produtos são distribuídos para mais de 30 países, sendo que se caracterizam por possuir a maior diversidade de padrões cromáticos no país. Verifica-se que a Bahia é o único produtor mundial do granito conhecido como Azul Bahia e dos quartzitos Azul Macaúbas e Azul Imperial. O Estado produz também mármores branco, bege, róseo, amarelo e acinzentado, sendo o único produtor brasileiro de mármores travertinos.

Uma das áreas mais importantes do segmento é a região norte, onde está localizado o maior polo produtor de mármore do Estado. Na região destaca-se o mármore bege-bahia.

O Estado aparece, entretanto, na sétima posição no ranking nacional de comercialização de rochas desdobradas, ou seja, que passaram por processos industriais para elevar a qualidade. Verifica-se que o Espírito Santo concentra pelo menos 60% do mercado brasileiro de beneficiamento das rochas ornamentais.

Em 2011, a produção baiana comercializada de rochas ornamentais chegou a 187 mil toneladas de blocos em bruto, dos quais os mármores contribuíram com cerca de 16% e as rochas silicáticas, que compreendem os granitos, quartzitos, conglomerados, sodalita-sienito, gabro ganisse com 84%, conforme declaração das mineradoras ao Departamento Nacional de Pesquisa Mineral.

Atualmente, a produção do mineral encontra-se em processo de ajustes, em função da retração ocorrida nos mercados americano e europeu, principais clientes internacionais do produto, que absorviam cerca de 70% do total da produção estadual. Observa-se que o período de maior nível de extração ocorreu entre meados da década de 1990 e os anos de 2005 e 2006, período no qual as *commodities* minerais tiveram as maiores cotações, alavancadas principalmente pelo crescimento da indústria imobiliária. Naqueles anos, os produtores chegaram a extrair cerca de 500 toneladas mensais do azul-bahia, contra a média atual de 200 toneladas mensais.

Papel e Celulose

Conforme informa a Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração, a Bahia possui um dos maiores parques industriais de celulose do mundo. Dois municípios presentes no sul do Estado, Caravelas e Mucuri, ocupam o primeiro e o terceiro lugar, respectivamente, dentre as três primeiras cidades brasileiras que mais produzem madeira para celulose.

O Estado ocupa a 2ª posição na produção da madeira no Brasil, com 17,2 milhões de m³ produzidos, em 2011, conforme o Quadro 47 apresentado anteriormente. Além disso, a Bahia possui uma produtividade média de celulose pelo menos 20% superior a do país, segundo a Associação Brasileira de Produtores de Florestas Plantadas. Em 2010, a produção baiana alcançou 2,32 milhões de toneladas.

O Estado também se destaca na produção de papel como o 4º maior produtor brasileiro, chegando a 450 mil toneladas, em 2010.

A Secretaria informa, também, que a indústria de papel e celulose vem sendo impactada positivamente pela alta produtividade das florestas de eucalipto e pinus.

A Bahia aparecia em 2012 em quinto lugar no ranking nacional, em termos de plantio de maciços florestais, com 616,7 mil hectares, conforme o Quadro 48 e a Ilustração 37, apresentados anteriormente, já tendo alcançado 659,5 mil hectares plantados, no ano de 2009.

A área plantada na Bahia tem representado, em média, 10% da área plantada com pinus e eucalipto no país, segundo dados da ABRAF. A produtividade média nacional dos plantios de eucalipto é de 44 m³/ha/ano, mas as condições favoráveis de solo e clima do Estado permitem que os plantios florestais apresentem a maior produtividade brasileira, atingindo 65 m³/ha/ano.

No Estado estão instaladas nove indústrias. A Veracel, por exemplo, é especializada na produção de celulose. Existem, também, outras empresas integradas, como a Suzano que, em Mucuri, possui a sua maior unidade produtora de celulose e papel no Brasil.

Estas duas fábricas juntas representam 21% da produção nacional. Acrescentem-se, ainda, as indústrias que produzem exclusivamente papel, a exemplo da Fofex, e outras especializadas, como a Bahia Specialty Cellulose, única produtora de celulose solúvel com alto teor de pureza da América Latina.

A produção industrial do setor tende a se expandir na Bahia e estão sendo programados e ou realizados investimentos importantes, a exemplo da ampliação da Veracel, a construção de três novas fábricas da Suzano, além de novos plantios florestais para fazer frente à demanda. Também merece destaque a Kimberly Clark Brasil, com a instalação de uma unidade industrial e de um centro de distribuição, em Camaçari.

A Bahia tem um litoral grande que permite o escoamento dessa produção para os mercados internacionais. As exportações baianas de papel e celulose atingiram US$ 1,68 bilhão em 2012, ocupando um dos primeiros lugares no ranking de produtos da pauta de exportações do Estado. A China tem sido o maior mercado para as exportações baianas de papel e celulose, com uma participação superior a 30% do total, seguida pelos Estados Unidos.

As exportações de papel e celulose nos últimos dois anos são apresentadas no Quadro 70.

Quadro 70 - Exportações de Papel e Celulose da Bahia

PRODUTO	2011		2012	
	VALOR (US$)	PESO (toneladas)	VALOR (US$)	PESO (toneladas)
Celulose	1.681.448.445	28.146.267	1.592.944.733	2.879.408
Papel	121.322.050	130.745	85.672.770	96.541

Fonte: MDIC/Aliceweb

Observa-se, ainda, conforme destacado no documento Política Industrial, que o maior avanço desse segmento no Estado pressupõe um aperfeiçoamento da logística de

exportação da celulose produzida no extremo sul para o Porto de Ilhéus, agregada a um sistema otimizado de cabotagem entre este e os terminais das fábricas.

Cimento

Inicialmente, apresenta-se no Quadro 71, a seguir, a descrição das unidades industriais de cimento instaladas na Região Nordeste do país, no qual é possível verificar a existência de 3 unidades na Bahia, nos municípios de Campo Formoso, Brumado e Candeias.

Quadro 71 - Fábricas de Cimento no Nordeste em 2011

FÁBRICA	LOCALIZAÇÃO		GRUPO INDUSTRIAL
	MUNICÍPIO	ESTADO	
Itapicuriú	Codó	MA	João Santos
São Luis	São Luis	MA	Votorantim
Itapissuma	Fronteiras	PI	João Santos
Sobral	Sobral	CE	Votorantim
Pecém	Caucaia	CE	Votorantim
Itapuí	Barbalha	CE	João Santos
Apodi	Dionísio Torres	CE	Outros
Itapetinga	Mossoró	RN	João Santos
Mizu	Barauna	RN	Outros
Cimpor	João Pessoa	PB	Cimpor
Caaporã	Caaporã	PB	Lafarge
Itapessoca	Goiana	PE	João Santos
Intercement	Cabo de Santo Agostinho	PE	Intercement
Poty Paulista	Paulista	PE	Votorantim
Cimpor	São M. do Morro	AL	Cimpor
Laranjeiras	Laranjeiras	SE	Votorantim
Itaguassu	Nossa Senhora do Socorro	SE	João Santos
Mizu	Picatuba	SE	Outros
Cimpor	Campo Formoso	BA	Cimpor
Cimpor	Brumado	BA	Cimpor
Candeias	Candeias	BA	Lafarge

Fonte: Sindicato Nacional da Indústria de Cimento

Observa-se que, dentre os estados nordestinos, além da Bahia, Sergipe e Pernambuco também possuem três unidades instaladas. Somente o Estado do Ceará supera esse número, com quatro unidades instaladas.

Conforme destacado pelo Sindicato Nacional das Indústrias de Cimento - SNIC em seu anuário estatístico de 2011, com o crescimento superior ao desempenho da construção civil, porém apresentando desaceleração em relação à taxa de expansão de 2010, o consumo aparente nacional de cimento terminou o ano de 2011 com 65 milhões de toneladas, representando um aumento de 8,3% com relação a 2010.

O consumo per capita alcançou 333 kg/hab./ano, a maior marca de toda a história.

O programa de expansão de capacidade instalada continuou, permitindo à indústria elevar sua produção em 8,4%, chegando ao patamar de 64 milhões de toneladas em 2011.

Mesmo assim, ainda foram importadas 1 milhão de toneladas para abastecer pontualmente o mercado.

A expansão do consumo foi generalizada e todas as regiões registraram crescimento, refletindo um ritmo de obras importante em todo o país. O Nordeste que havia registrado um consumo aparente de 12.317 mil toneladas em 2010, acusou um crescimento de 6,8%, atingido um consumo aparente total de 13.160 mil toneladas em 2011.

Em relação à segmentação do consumo nacional de cimento, verifica-se que, atualmente, a maior parcela é demandada pela construção de edificações, sejam comerciais, industriais ou residenciais, participando com cerca de 73% do consumo total, enquanto que as obras de infraestrutura são responsáveis por 25% do consumo e outras demandas pelos 3% restantes.

Quanto aos dados de produção e despacho, verifica-se que a Região Nordeste registrou a seguinte evolução entre 2010 e 2011, conforme Quadro 72, considerando-se a classificação por Grupo Industrial.

Quadro 72 - Produção e Despacho de Cimento na Região Nordeste - 2011

GRUPO INDUSTRIAL	PRODUÇÃO (mil t)		DESPACHO (mil t)	
	2010	2011	2010	2011
João Santos	3.040	3.029	3.056	3.020
Votorantim	4.283	3.769	4.303	3.789
Cimpor	2.437	2.548	2.423	2.558
Lafarge	798	1.453	830	1.470
Intercement	306	301	304	301
Outros (estimados)	367	838	365	837
TOTAL	**11.231**	**11.938**	**11.281**	**11.975**

Fonte: Sindicato Nacional da Indústria de Cimento

Observa-se que o Grupo João Santos, com origem no Estado do Ceará, apresenta-se com predomínio na Região Nordeste, sendo responsável por aproximadamente 25% da produção e 25% do despacho na Região.

Os Quadros 73 e 74, apresentados na sequência, descrevem a evolução da produção e do despacho da Região, entre 2002 e 2011, no qual é possível observar que, na Bahia, tanto um como o outro se apresentaram com participação de 10,6% do volume total do Nordeste em 2011. Deve-se destacar que a produção de cimento portland do Estado da Bahia representou aproximadamente 2% da produção total do país, tanto em 2010 como em 2011.

Ressalte-se que 100% do despacho de cimento realizado na Região Nordeste foi efetivado através do modal rodoviário, em 2011, sendo 80% ensacado e 20% a granel.

Em relação aos canais de distribuição da Região Nordeste, verifica-se que 64% do despacho tiveram como destino os revendedores, 17% foram entregues à indústria, concreteiras e outros fins industriais e, por último, 19% foram destinados diretamente ao consumidor final.

Quadro 73 - Evolução da Produção de Cimento Portland na Região Nordeste (mil t)

ESTADO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Maranhão	314	254	302	308	316	336	358	358	384	425
Piauí	306	304	284	413	344	411	501	588	627	609
Ceará	1.469	1.230	1.324	1.443	1.480	1.628	1.714	1.767	1.863	1.985
Rio Grande do Norte	338	330	334	365	378	438	450	461	463	658
Paraíba	1.577	1.364	1.477	1.609	1.811	1.919	2.073	1.844	2.162	2.025
Pernambuco	542	397	409	512	547	677	781	821	848	1.079
Alagoas	418	358	375	437	458	532	556	409	674	706
Sergipe	1.729	1.771	1.975	2.068	2.366	2.763	2.841	2.691	3.031	3.181
Bahia	653	479	469	555	599	695	814	1.021	1.179	1.270
TOTAL	**7.346**	**6.487**	**6.949**	**7.710**	**8.299**	**9.399**	**10.088**	**9.960**	**11.231**	**11.938**

Fonte: Sindicato Nacional da Indústria de Cimento

Quadro 74 - Evolução do Despacho de Cimento Portland na Região Nordeste (mil t)

ESTADO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Maranhão	314	252	305	308	314	336	362	356	384	426
Piauí	306	298	287	416	346	410	502	588	632	601
Ceará	1.429	1.218	1.341	1.412	1.486	1.706	1.728	1.780	2.064	2.085
Rio Grande do Norte	341	327	335	368	374	438	456	458	468	654
Paraíba	1.575	1.283	1.401	1.577	1.775	1.768	2.098	1.930	2.232	2.048
Pernambuco	542	399	406	517	546	678	785	824	848	1.074
Alagoas	418	351	379	432	462	537	552	413	674	705
Sergipe	1.721	1.821	2.027	2.044	2.381	2.685	2.610	2.546	2.802	3.108
Bahia	678	509	477	549	601	693	815	1.026	1.177	1.274
TOTAL	**7.324**	**6.458**	**6.958**	**7.623**	**8.285**	**9.251**	**9.908**	**9.921**	**11.281**	**11.975**

Fonte: Sindicato Nacional da Indústria de Cimento

Quanto ao comércio exterior, não há registros de exportação de cimento com origem na Bahia em 2011. Também não foram realizadas importações pelo Estado. Importante registrar que foram importadas 479,9 mil toneladas pelo Nordeste e 1.091,0 mil toneladas pelo país.

A evolução do consumo aparente dos Estados da Região Nordeste pode ser observada no Quadro 75, na sequência, no qual é possível observar que a Região Nordeste como um todo registrou um consumo aparente inferior à produção interna entre 2002 e 2008. Em 2009, 2010 e 2011, o consumo aparente superou a produção interna.

Quadro 75 - Evolução do Consumo Aparente de Cimento Portland na Região Nordeste (mil t)

ESTADO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Maranhão	568	471	531	579	694	817	963	1.124	1.379	1.282
Piauí	291	239	277	273	333	386	449	537	640	625
Ceará	1.084	890	917	986	1.055	1.174	1.329	1.437	1.794	1.718
Rio Grande do Norte	469	408	405	450	527	602	706	694	850	837
Paraíba	507	393	354	365	431	523	708	735	834	946
Pernambuco	1.257	1.014	951	980	1.193	1.321	1.717	1.879	2.407	2.496
Alagoas	355	316	305	307	318	364	446	471	584	743
Sergipe	267	245	222	222	270	319	391	405	480	579
Bahia	1.948	1.658	1.733	1.668	1.935	2.319	2.678	2.826	3.349	3.616
Ajustes (estimados)	-	-	90	152	291	184	-	-	-	318
TOTAL	**6.746**	**5.634**	**5.785**	**5.982**	**7.047**	**8.009**	**9.387**	**10.108**	**12.317**	**13.160**

Fonte: Sindicato Nacional da Indústria de Cimento

Já na Bahia, o consumo aparente durante todo o período analisado superou amplamente a produção do Estado, indicando, de maneira inequívoca, que ocorre a transferência expressiva de cimento oriundo de outros Estados da Região.

Deve-se, finalmente, registrar que do total de 11.975 mil toneladas de cimento portland despachadas pela Região Nordeste em 2011, 11.769 mil toneladas, cerca de 98,3% foram para a própria Região e 206 mil toneladas, cerca de 1,7%, para outras Regiões do país. Verifica-se, ainda, que a Região recebeu de outras Regiões, no mesmo ano, 911 mil toneladas.

Indústria Automotiva

Deve-se observar que a indústria automotiva na Bahia teve como etapa inicial a implantação da unidade industrial da Ford no Complexo Industrial de Camaçari, em 2001. A empresa realizou no Estado, em anos recentes, investimentos expressivos com o objetivo de ampliar a sua capacidade de produção.

De forma a consolidar o setor, estão em andamento inversões no montante de aproximadamente US$ 2,5 bilhões, que incluem a ampliação e a instalação de novas montadoras de automóveis e motocicletas, além da implementação de várias unidades fabricantes de componentes e autopeças. O Estado já conta atualmente com três fábricas de pneus, a saber: a Pirelli em Feira de Santana e a Continental e Bridgestone, em Camaçari.

Dentre esses projetos, está a implantação da primeira montadora da JAC Motors fora da China, que produzirá 100.000 carros/ano, a partir do ano de 2014.

Outro empreendimento em desenvolvimento refere-se à empresa de origem chinesa Foton Motors, maior fabricante de caminhões do mundo. O projeto prevê a instalação de uma unidade para fabricação inicial de duas linhas de produção paralelas.

A produção deverá ser iniciada no curto prazo e deverá atingir 30 mil veículos/ano até 2016.

Destacam-se, ainda, no sentido da diversificação do parque automotivo, os investimentos já executados e programados com as operações realizadas e a realizar pela Miza Motos, JNW do Brasil e Olyver Motos.

Neste contexto deve-se mencionar o projeto de ampliação do Terminal Portuário Miguel de Oliveira, usado pela Ford, originalmente instalado em 200 mil m², passando para uma operação com 1,5 milhão m², de forma a contemplar a logística da Ford, da JAC Motors e das outras montadoras que vierem a se instalar na Bahia.

Construção Naval

A Indústria Naval moderna no Brasil foi implantada nas décadas de 60 e 70. Após experimentar um período de estagnação nos anos 90, o segmento, nos anos 2000, iniciou um processo de recuperação com a implementação de um plano de renovação da frota da PETROBRAS.

Atualmente, a construção de navios de grande porte, embarcações de apoio *offshore* e plataformas de exploração e produção de óleo e gás, estão dinamizando o setor em ritmo bastante acelerado. Agregam-se a esse movimento, as novas demandas oriundas da exploração do pré-sal, que deverão manter o segmento muito aquecido nos próximos anos.

Nesse ambiente de expansão, estão sendo instalados novos estaleiros em vários estados brasileiros, como, por exemplo: Amazonas, Ceará e Alagoas, inclusive na Bahia. O Estado tem tradição na construção *offshore* e teve um papel importante na primeira fase da exploração brasileira de petróleo no mar, quando se utilizou, em larga escala, as plataformas fixas.

O fortalecimento da indústria naval local está ocorrendo principalmente na região do Recôncavo baiano, sobretudo nos municípios de Maragogipe, Saubara, Salinas da Margarida, São Félix e Cachoeira, como também na capital, em Camaçari e em Aratu.

Neste contexto, o Canteiro São Roque do Paraguaçu, já em operação e o Estaleiro Enseada do Paraguaçu, em implantação, aparecem como principais ativos do segmento. Destaca-se que o Estaleiro Enseada do Paraguaçu é o resultado de um consórcio formado pelas empresas Odebrecht, UTC e OAS, todas com grande experiência no setor.

Conforme informa a Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração, O projeto prevê a implantação de uma unidade de produção capaz de construir em dique seco, cascos de navios, navios sonda conhecidos como *drilling ships*, módulos para plataformas e FPSOs e realizar a consequente integração destes equipamentos.

As obras de terraplanagem foram iniciadas em fevereiro de 2012 e tem previsão de término das obras civis para o final de 2013. O Estaleiro está localizado no município de Maragogipe, junto à foz do Rio Baitantã, às margens do Rio Paraguaçu, próximo ao

canteiro de São Roque e ocupa uma área de 1,2 milhão m² de pátio industrial e 400 mil m² de reserva legal.

O estaleiro deverá iniciar sua operação no início de 2014. O plano de produção prevê, inicialmente, a construção de 6 navios sondas de perfuração, com valor estimado em US$ 800 milhões cada e outras unidades *offshore*, de alta complexidade e valor.

Quanto ao Canteiro de São Roque do Paraguaçu, também no município de Maragogipe, pode-se destacar que se trata de uma instalação da PETROBRAS cedida a empresas terceirizadas para executar projetos específicos.

Recentemente, o Consórcio Rio Paraguaçu, constituído pelas empresas Norberto Odebrecht, Queiroz Galvão e UTC Engenharia S/A, contratado pela PETROBRAS, concluiu no Canteiro os serviços de engenharia, suprimentos e construção de duas plataformas de perfuração autoelevatórias.

A área de cerca de 400 mil m² foi adaptada para as atividades, com a instalação de pórticos, pontes rolantes, painéis para fabricação de blocos e outras alterações necessárias para a instalação de um estaleiro de ponta.

Destaca-se, ainda, o estaleiro da Base Naval de Aratu, que possui dique seco de 203 m x 33 m, com capacidade para embarcações de até 40 mil toneladas e o Estaleiro Corema Indústria e Comércio, que iniciou suas operações em 1968, com área de 14.500 m², com capacidade para construção e reparos de embarcações de até 2.000 t, em sistema de carreira.

A Secretaria destaca outros empreendimentos do setor, a saber:

- canteiro para a produção de módulos e integração de equipamentos da empresa baiana GDK, localizado no canal de Cotegipe na Baía de Aratu, já em atividade;
- implantação do Complexo Náutico Naval da Baía de Aratu para abrigar mais três empresas de fabricação de módulos, BELOV Engenharia (BA), NIPLAN Engenharia (SP/BA) e MULTITE K (MG) em área de aproximadamente 180 mil m²;
- requalificação e ampliação da Marina Aratu, que passará a abrigar em 50 mil m² cerca de 1.000 embarcações de esporte e lazer, além de empresas industriais, comerciais e prestadoras de serviços do segmento náutico em 170 mil m² loteados, além de mais 800 mil m² destinados à indústria de médio e grande porte da cadeia produtiva dos segmentos náutico e naval;
- implantação do novo Estaleiro Corema, com previsão de área de 250.000 m² e capacidade de construção e recuperação de embarcações de até 12.000 t. Este projeto refere-se à construção de um novo estaleiro na Baía de Aratu, para construção de embarcações de apoio *offshore* de até 150 m.

Informática

Inicialmente, cabe destacar o papel da indústria da informática no âmbito do segmento dos eletroeletrônicos. O país já é o terceiro maior mercado de computadores no mundo, alcançando um volume de vendas de mais de 15,4 milhões de unidades em 2011.

Cerca de 55% dos equipamentos vendidos no país são notebooks e netbooks e 45% são desktops. Do total, 70% foram consumidos pelo segmento doméstico e 30% por empresas e governos. Destaca-se que a taxa de crescimento anual do consumo está próxima a 13%.

Nesse contexto, a Bahia concentra boa parte da produção nacional de computadores. Uma de suas principais empresas, com sede em Salvador, é a Semp Toshiba, uma das maiores fabricantes de eletroeletrônicos do Brasil.

A empresa investiu montantes expressivos na linha de informática, que está localizada na periferia da capital. Atualmente a unidade industrial concentra a produção de desktops, notebooks, servidores, tablets e uma linha voltada à mobilidade.

Ainda em relação a esse segmento, deve-se destacar o Polo de Informática de Ilhéus. O Polo conta atualmente com mais de 40 empresas e vem a cada ano se consolidando como uma das mais importantes concentrações da indústria no país, respondendo por aproximadamente 15% da produção nacional.

Deve-se mencionar, também, o CEPEDI - Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico em Informática e Eletroeletrônica de Ilhéus, criado para apoiar tecnologicamente o Polo de Informática. O Centro realiza pesquisas, desenvolve projetos, sistemas e produtos, e oferece treinamento e consultoria em tecnologia da informação.

Outro importante marco para o desenvolvimento do Polo foi a criação da INETI - Incubadora de Empresas de Base Tecnológica de Ilhéus, que realiza serviços de apoio de gestão, bem como assessoria e consultoria especializadas para as empresas locais.

Polo Calçadista

O setor calçadista nacional é composto por aproximadamente 10.400 empresas que geraram cerca de 350 mil empregos. Apresentou, em 2010, uma produção de 893,9 milhões de pares, sendo que 84% destinados ao mercado interno e 16% à exportação.

A indústria nacional se posiciona como o terceiro maior produtor mundial de calçados e 6º maior exportador de calçados em termos mundiais.

O Rio Grande do Sul concentra o maior número de empresas de grande porte e é o maior empregador nacional, com cerca de 120 mil empregados, em 2010. Entretanto, a produção calçadista vem sendo gradativamente distribuída para outros Estados, com destaque para São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e alguns estados nordestinos, como Ceará, Bahia, Rio Grande do Norte e Paraíba.

Deve-se destacar que os setores calçadistas dos dois principais estados produtores, Rio Grande do Sul e São Paulo, possuem também um contingente considerável de empregados nos outros setores ligados à base produtiva, como o setor de curtimento e fabricação de artigos para viagem e de artefatos diversos de couros.

A concentração de empresas produtoras de calçados nesses Estados é acompanhada pela presença de firmas próximas à base produtiva, como fornecedores de matérias-primas para a indústria.

Em geral, o mesmo não acontece com os demais estados produtores, especialmente do Nordeste.

No caso específico desses Estados, nota-se a pouca participação de indústrias ligadas à cadeia produtiva, principalmente daquelas vinculadas aos setores de curtimento e fabricação de artefatos de couro, principais fornecedores de matérias-primas relacionadas ao setor calçadista.

Nesses dois Estados verifica-se uma menor concentração na confecção de calçados de couros, como no Rio Grande do Sul, e a forte vocação para a produção de calçados de plástico à base de injetável. Ressalte-se que esta predominância explica a inexistência de encadeamentos produtivos relevantes neste setor com outros elos da cadeia produtiva, envolvendo assim uma relação mais acentuada com o setor da indústria química.

Um fator a se considerar na migração das empresas dos polos tradicionais de produção de calçados para o Nordeste, principalmente para o Ceará e Bahia, refere-se aos incentivos fiscais concedidos, seja pela Sudene, ou pelos governos estaduais. Os incentivos concedidos pela Sudene tornaram muito baixo o custo do capital investido e reduziu a imobilização de recursos necessários ao processo de investimento. Grande parte dos investimentos realizados pelas empresas nessa região se beneficiou desses incentivos.

Por outro lado, os governos estaduais também concederam incentivos fiscais aos novos investimentos, através de acordos diretos entre a empresa e o governo do estado no qual se instalava a unidade produtiva.

Este processo levou a região a gerar um volume expressivo de empregos na fabricação de calçados, principalmente, entre o final da década de 90 e início de 2000.

A importância dos investimentos pode ser percebida quando se verifica a atual origem das exportações brasileiras de calçados, nas quais o Nordeste vem apresentando participação crescente nas vendas externas.

É também importante ressaltar que as empresas que estabeleceram unidades produtivas na Região Nordeste são, em geral, grandes empresas que têm capacidade de manter elevadas economias de escala e de escopo relacionadas com a integração dos processos de produção, de comercialização e de distribuição.

Têm, ainda, maior poder de barganha junto às instituições locais e capacidade de gestão. Muitas dessas empresas, inclusive, foram responsáveis por estabelecer fortes estímulos para atrair fornecedores de matéria-prima e, sobretudo, componentes.

Em particular, o polo calçadista baiano abriga cerca de 50 indústrias, sendo que outra dezena está em processo de implantação. Segundo dados disponibilizados pela Secretaria de Indústria, Comércio e Mineração, o setor é responsável pela geração de 33,5 mil postos de trabalho em todo o Estado.

Os resultados da expansão do segmento ficam evidenciados quando se observa o ranking nacional dos exportadores de calçados e, constata-se, que o Estado ocupa atualmente o quinto lugar, atrás apenas dos Estados do Rio Grande do Sul, líder com vendas externas superiores a US$ 1 bilhão ao ano, São Paulo, Ceará e Paraíba.

Em 2010, a produção alcançou aproximadamente 39 milhões de pares de calçados.

O polo calçadista baiano está espalhado por quase 30 municípios e reúne marcas nacionalmente conhecidas como Azaleia, Bibi, Vulcabrás, Ramarim, Kildare, Disport do Brasil/Paquetá (fornecedora da Adidas e Diadora), Dal Ponte, Picadilly, Dass e Bison/Via Uno. A seguir apresentam-se alguns destaques:

- Bibi Nordeste Calçados: com fábrica em Cruz Alta, emprega um quantitativo superior a 900 colaboradores e tem projeto para implementação de mais dez lojas no prazo de dez anos. A unidade de produção da Bahia já é responsável por 60% da produção nacional. A empresa produz sete mil pares de calçados/dia, sendo que cerca de 20% da produção é exportada;
- Fábrica Dal Ponte: instalada no município baiano de Santo Antônio de Jesus desde 2003, com filiais em Muritiba e Uibaíra, sendo que uma quarta unidade está sendo avaliada. Atualmente, a empresa oferece 900 postos de trabalho somente em Santo Antônio de Jesus;
- Ramarim: uma das líderes no segmento calçadista nacional, atualmente está com 50% da sua capacidade fabril disponível no país instalada nas duas unidades localizadas em Jequié, na Bahia. As fábricas baianas passaram a executar todo o processo de produção de três marcas importantes da empresa.

A ampliação da produção na Bahia foi viabilizada através de um rearranjo industrial nas unidades, para que pudessem ampliar a capacidade industrial da empresa. Nesse processo foram gerados 1.500 novos empregos.

Fundada há 50 anos, a Ramarim emprega 8 mil colaboradores diretos e produz mais de 60 mil pares de calçados/dia em duas unidades fabris no Rio Grande do Sul, nas cidades de Nova Hartz e Sapiranga, e nas duas em Jequié, na Bahia, anteriormente referidas.

A produção de 2011 fechou em 11 milhões de pares. Para 2012 foi previsto um crescimento de 10%.

- Grupo Amazonas: instalado no distrito industrial de Jequié desde 2000, é um dos fornecedores da Ramarim. A empresa deu início, na época, à produção de solados. A unidade de adesivos foi aberta em 2007. A maioria da mão de obra é local, com um total de 400 funcionários diretos e indiretos, que produzem 500 toneladas de adesivos e 50 mil pares/dia de solados.

Na unidade da Bahia são produzidos itens que atendem ao mercado interno e externo. Além do mercado calçadista, os adesivos são distribuídos para o mercado moveleiro. A unidade baiana representa cerca de 15% do faturamento total do grupo, sendo que deverá receber novos investimentos no curto prazo.

Indústria Têxtil e Confecções

Conforme já detalhado, a Bahia é um grande produtor de fibras naturais, com destaque para a produção de algodão, principal insumo da indústria têxtil da Região Nordeste.

Dados da Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração informam que o setor de confecção no Estado possui cerca de 3.000 indústrias e é formado, predominantemente, por empresas de pequeno porte.

A distribuição geográfica do setor está concentrada em polos, a exemplo de Salvador e Feira de Santana, Jequié e Lauro de Freitas e outros municípios, como Itabuna, onde se encontra a Trifil, empresa líder no segmento de meias e de produtos sem costura.

Estudo sobre Estratégias Logísticas, desenvolvido pela SEPLAN/SEI, ao final de 2010, indicava que a Bahia era o terceiro maior produtor de confecções da Região Nordeste, ficando atrás dos Estados do Ceará e Pernambuco. Sua produção, na época, participava com 2,8% da produção nacional de confecções, sendo que aproximadamente 99% de suas empresas podiam ser consideradas como micro e pequena empresa. A produção se caracteriza pela sua diversificação e o mercado local apresenta-se como seu principal destino.

O setor de vestuário e têxtil representa cerca de 2% do Valor de Transformação Industrial baiano. Com mais de 10.000 empregos formais, absorve aproximadamente 13% da mão de obra empregada na indústria. Em 2010, produzia cerca de um milhão de peças em todo Estado. Salvador e Feira de Santana respondem por 70% das confecções instaladas no Estado.

Perfumaria e Cosméticos

Segundo dados da Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração do Estado, a indústria de cosméticos vem registrando crescimento importante nos últimos anos.

A indústria baiana dobrou o número de fábricas em atividade entre 2005 e 2008, passando de 21 para 42 unidades, chegando a 44 empresas atualmente.

A maioria das empresas está localizada na Região Metropolitana de Salvador, Feira de Santana e no município de Teixeira de Freitas e produzem produtos capilares, esmaltes e perfumes, além de bases para farmácia de manipulação e também de terceirizações.

Além das unidades já maduras, mais cinco projetos estão em andamento na Bahia. Vale citar a Avon, com o seu centro de distribuição, a Natura, que em breve estará se instalando no município de Feira de Santana e O Boticário, localizado no município de Camaçari.

Mais precisamente na Via Parafuso, em Camaçari, está sendo construída a segunda fábrica do Grupo O Boticário no país. Além da unidade industrial, está sendo instalado um centro de distribuição na Bahia, mais precisamente em São Gonçalo dos Campos, a 116 km da capital.

As obras foram iniciadas em agosto de 2012 e devem ser finalizadas ainda em 2013, quando deverá ocorrer o início da operação. A unidade industrial está sendo instalada em uma área de 176.000 m², enquanto que o centro de distribuição, em São Gonçalo dos Campos, terá uma área construída de 25.000 m².

Energia Renovável e Não Renovável

Segundo dados do Balanço Energético Nacional - 2012, produzido pela Empresa de Pesquisas Energéticas - EPE do Ministério de Minas e Energia, a participação de renováveis na produção de eletricidade ampliou-se em 2,5 pontos percentuais em 2011, atingindo 88,8%.

Houve redução na produção de bioeletricidade a partir da biomassa da cana. Por outro lado, o ano de 2011 apresentou condições hidrológicas favoráveis, o que assegurou aumento de 6,1% na produção hidroelétrica. Destaque-se, ainda, a relevante expansão da geração eólica, de mais 24,3%, prenunciando o que deverá ocorrer de forma ainda mais expressiva nos próximos anos.

Houve pequena redução, de 1%, na participação das energias renováveis na matriz energética brasileira, refletindo restrições na oferta da biomassa da cana, cuja safra foi reduzida em 9,8%. Ainda assim, a participação de renováveis manteve-se no elevado patamar de 44,1%, muito acima da média mundial, que era de 13,3% naquele ano, conforme a Agência Internacional de Energia.

A Oferta Interna de Energia (OIE), entendida como o total da energia demandada no país, cresceu cerca de 1,3% em 2011, em relação ao ano de 2010, atingindo 272,3 milhões de toneladas equivalentes de petróleo - Mtep. A demanda de energia per capita ficou em 1,41 tep por habitante.

O consumo final de energia, ou seja, a energia usada pelas pessoas e pelas empresas cresceu 2,6% a mais do que a oferta interna, alcançando 228,7 Mtep. Isto significa que se usou menos energia para oferecer ao consumidor final o mesmo serviço energético.

A composição das fontes de energia no Brasil em 2011, renováveis (44,1%) e não renováveis (55,9%), se configurou da seguinte forma:

- biomassa da cana (renovável): 15,7%;
- hidráulica e eletricidade (renovável): 14,7%;
- lenha e carvão vegetal (renovável): 9,7%;
- lixívia e outras renováveis (renovável): 4,1%;
- petróleo e derivados (não renovável): 38,6%;
- gás natural (não renovável): 10,1%;
- carvão mineral (não renovável): 5,6%;
- urânio (não renovável): 1,5%.

Em termos locais, conforme assinala a SEINFRA no seu Balanço Energético do Estado, a Bahia experimentou um processo de transformação econômica contínuo, a partir dos anos 1970, com a entrada em operação do Centro Industrial de Aratu, do Complexo Petroquímico de Camaçari e do Polo de Papel e Celulose, este último a partir de 1992, que resultou em mudanças importantes na sua matriz energética.

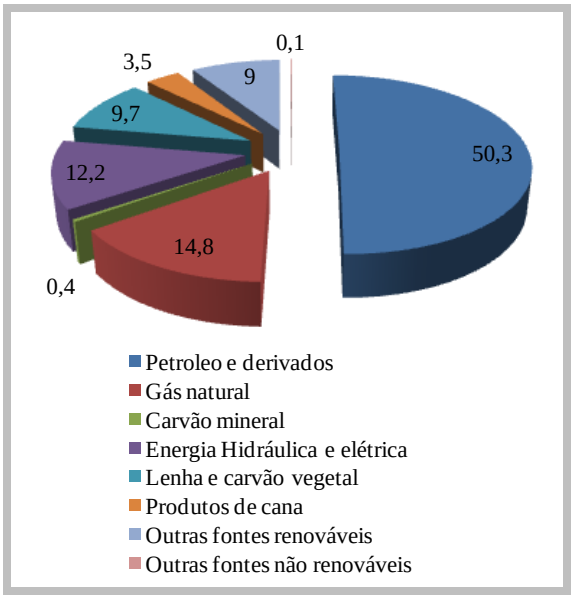
A demanda energética estadual deslocou-se particularmente para as indústrias metalúrgica, química e de papel e celulose. No lado das fontes de energia, destaca-se o

crescimento expressivo na participação relativa dos derivados de petróleo, gás natural e energia elétrica, no período compreendido entre 1992 e o final dos anos 2000.

Em termos atuais, observa-se que a OIE alcançou 17,7 Mtep em 2010, refletindo a participação preponderante das energias não renováveis, sendo seus principais itens o petróleo e derivados, registrando 50,3%, e o gás natural com 14,8%, perfazendo o total de 65,1%.

Em relação às energias renováveis, cabe destacar a participação da energia hidráulica e elétrica, de 12,2%, seguida pela lenha e carvão vegetal com 9,7% de participação.

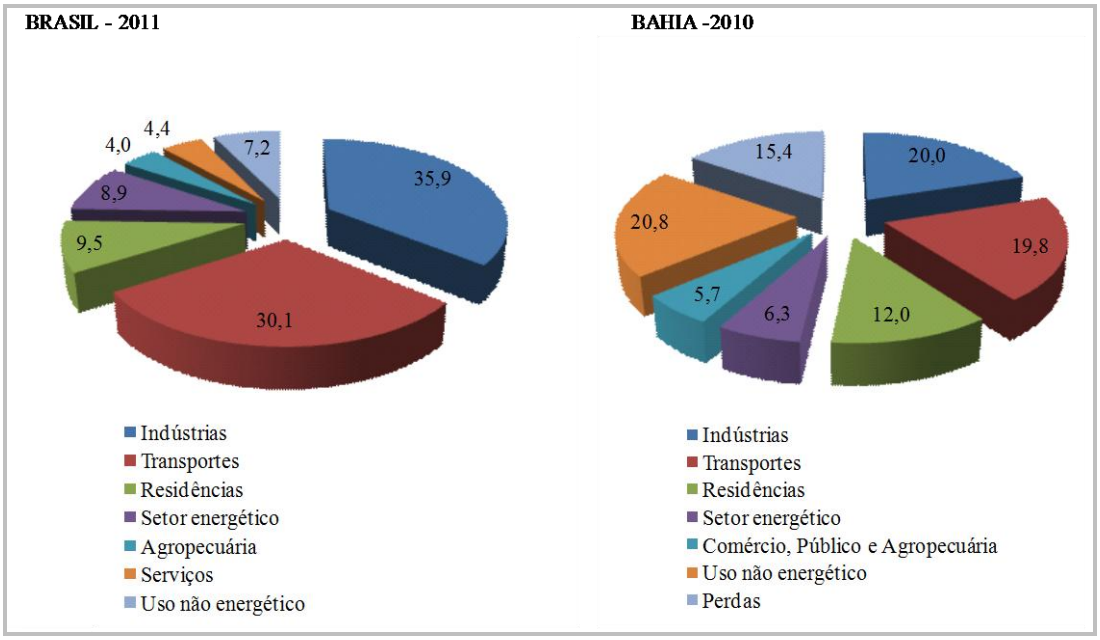
A Ilustração 49, apresentada na sequência, registra as participações das fontes de energia na OIE estadual de 2010.



Fonte: MME/EPE e SEINFRA

Ilustração 49 - Oferta Interna de Energia por Fonte

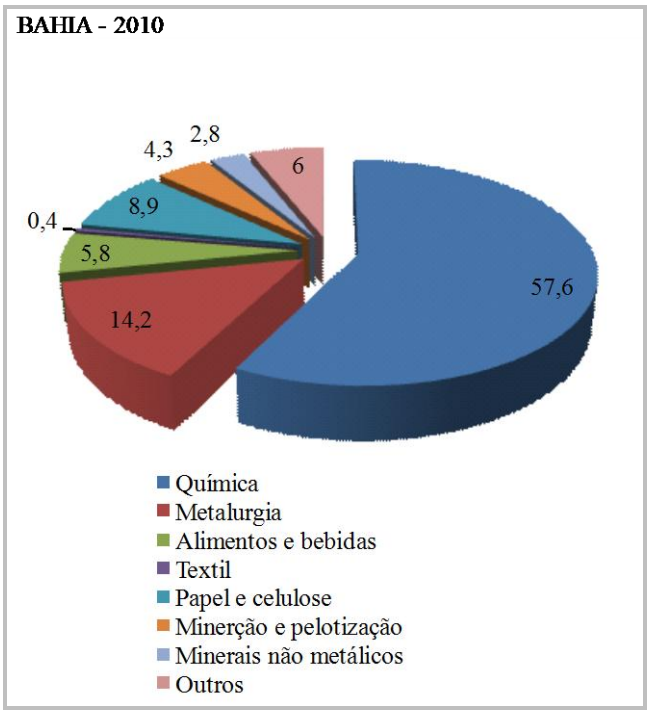
No tocante ao atendimento da demanda, verifica-se que 63,8% da OIE estadual foram direcionados aos diversos setores da economia, em 2010, conforme pode ser observado na Ilustração 50. Verifica-se que a mesma Ilustração apresenta a configuração do consumo, em termos nacionais, ocorrida no ano de 2011.



Fonte: MME/EPE e SEINFRA

Ilustração 50 - Consumo Final de Energia por Setor

O consumo de energia de cada um dos setores industriais na Bahia pode ser observado na Ilustração 51, na qual é possível verificar a grande predominância da indústria química no consumo industrial de energia do Estado.



Fonte: SEINFRA

Ilustração 51 - Consumo Final de Energia do Segmento Industrial

Observa-se que o Estado da Bahia possuía 102 empreendimentos de geração de energia em operação no ano de 2011, totalizando 8.228.903 kW de potência, o que representava 6,9% da capacidade instalada no país. O Quadro 76 apresenta a sua composição.

Quadro 76 - Empreendimentos em Operação na Bahia - Em 2011

TIPO	QUANTIDADE	POTÊNCIA (kW)	%
CGH	12	5493	0,07
EOL	17	389590	4,73
PCH	8	91.419	1
UFV	1	405	0
UHE	9	5.591.908	68
UTE	55	2.150.088	26,14
TOTAL	**102**	**8.228.903**	**100**

Fonte: SEINFRA

Estava prevista para 2012 a incorporação de 108.000 kW na capacidade de geração, provenientes da entrada em operação de novos empreendimentos de geração eólica. Além disso, está programada para o período 2013-2016 a entrada em operação de novos empreendimentos de geração, que irão adicionar 1.989.906 kW de potência ao parque energético estadual, sendo 1.076.900 kW provenientes de fonte eólica.

Quadro 77 - Expansão Prevista para a Geração de Energia Elétrica na Bahia

Em kW

FONTE	2011 *	2012	2013		2014	2016
	FONTE NÃO RENOVÁVEL	FONTE RENOVÁVEL	FONTE NÃO RENOVÁVEL	FONTE RENOVÁVEL	FONTE RENOVÁVEL	FONTE RENOVÁVEL
UTE	1.058.500		913.006			
PCH						
EOL		108.000		513.000	414.400	149.500
TOTAL	**1.058.500**	**108.000**	**913.006**	**513.000**	**414.400**	**149.500**

Fonte: SEINFRA
*já em operação

A expansão prevista para o período 2012-2016 está indicada no Quadro 78.

Quadro 78 - Acréscimo de Geração - 2012/2016

Em kW

FONTE	2012/2016	%
Não Renovável	913.006	43,52
Renovável	1.184.900	56,48
TOTAL	**2.097.906**	**100**

Fonte: SEINFRA

Cabe finalmente destacar que a energia eólica se tornou um dos segmentos de maior desenvolvimento do Estado nos últimos anos. A Bahia se posiciona como o maior polo

brasileiro de investimentos em energia eólica. O Estado apresenta um significativo potencial no segmento, com capacidade estimada em 14,5 GW, cerca de 10% do potencial nacional.

Além de incentivar a implantação dos parques eólicos, o Estado tem estimulado a instalação de empresas para fabricação de equipamentos. Como exemplo, podem ser citadas a espanhola Gamesa e a francesa Alstom, ambas fabricantes de aerogeradores, a General Eletric (GE) de motores, a Torrebras, do grupo espanhol Windar, especializada na fabricação de torres, além da Aeris Energy, fabricante nacional de pás.

Indústria de Trigo

As importações de trigo no Brasil registraram a seguinte evolução entre 2002 e 2012.

Quadro 79 - Importações de Trigo no Brasil (mil t)

ANO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
2001	745	513	742	502	733	516	671	581	615	447	408	540	7.014
2002	529	734	586	666	466	589	642	578	507	394	379	502	6.572
2003	587	595	672	655	575	609	445	542	620	488	357	466	6.612
2004	378	399	465	285	435	452	487	395	397	367	375	411	4.848
2005	335	408	435	563	480	346	456	379	311	379	342	533	4.968
2006	666	553	503	583	426	428	722	519	492	541	485	615	6.531
2007	642	693	782	497	635	554	706	685	401	363	210	456	6.625
2008	859	1.145	528	165	170	361	573	539	380	436	446	430	6.033
2009	471	493	709	475	456	484	358	371	368	314	414	534	5.446
2010	508	751	549	553	402	664	504	534	545	380	427	506	6.323
2011	526	502	468	539	523	311	538	394	570	280	585	504	5.740
2012	499	414	622	566	772	300	504	784	555	637	501	-	6.154

Fonte: ABITRIGO

Registre-se que o ano de 2001 foi aquele de maior volume de importações. Nos anos recentes, apesar da queda das importações em 2011, o ano de 2012 já acusava recuperação, mesmo totalizado até novembro. As importações por Estado, em 2012, estão no Quadro 80, a seguir.

Quadro 80 - Importações de Trigo por Estado - Em 2012 (mil t)

ANO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL (JAN/NOV)	TOTAL (ANUALIZ.)
São Paulo	89	112	133	140	146	59	134	119	152	130	64	nd	1.277	1.394
Rio de Janeiro	35	11	37	43	40	22	50	71	33	34	47	nd	423	462
Ceará	80	86	62	49	99	23	67	129	24	133	67	nd	820	894
Pernambuco	53	25	69	25	79	11	35	68	52	39	41	nd	498	543
Rio Grande do Sul	15	41	35	24	70	7	58	20	15	45	41	nd	372	405
Paraná	53	22	51	55	129	54	31	63	67	72	78	nd	677	738
Rio Grande do Norte	0	7	13	10	10	10	10	0	19	10	13	nd	102	112
Pará	13	8	21	23	29	15	12	33	29	13	10	nd	204	223
Espírito Santo	0	4	5	11	17	22	0	27	11	0	0	nd	98	106
Santa Catarina	0	2	11	19	13	13	4	32	7	19	17	nd	137	149
Sergipe	0	15	0	26	0	0	26	0	27	26	0	nd	120	131
Minas	42	13	76	24	30	6	14	49	17	3	13	nd	286	312
Amazonas	11	0	13	0	7	0	14	0	12	0	13	nd	69	75
Maranhão	0	11	10	0	9	8	3	9	12	12	0	nd	74	81
Alagoas	0	0	12	27	0	0	0	27	0	0	26	nd	92	101
Mato Grosso do Sul	9	3	2	6	8	3	3	2	3	12	17	nd	67	73
Paraíba	23	10	27	10	22	0	12	29	36	5	25	nd	198	216
Goiás	1	1	3	2	1	2	0	0	0	1	0	nd	9	9
Mato Grosso	1	0	1	2	1	2	2	0	2	1	0	nd	12	13
Bahia	77	43	41	71	63	44	29	105	38	82	28	nd	620	676
TOTAL	**499**	**414**	**622**	**566**	**772**	**300**	**504**	**784**	**555**	**637**	**501**	**nd**	**6.154**	**6.714**

Fonte: ABITRIGO

Verifica-se que a Bahia aparece como o quarto maior importador de trigo do país, ficando atrás apenas de São Paulo, Ceará e Paraná, com aproximadamente 620 mil toneladas de janeiro a novembro, representando 10% das importações nacionais no período. Se anualizado, esse volume alcançaria 676 mil toneladas no ano.

O desempenho da moagem no país, em 2010 e 2011, pode ser observado no Quadro 81.

Quadro 81 - Moagem de Trigo 2010 e 2011

ESTADO	MOAGEM (t) 2010	MOAGEM (t) 2011	VARIAÇÃO (%)
AM/PA	219.080	244.061	11,4
MA/RN/PB/PE/AL/SE/BA/CE	2.393.532	2.631.748	10,0
DF/GO/MS/MT	395.574	410.000	3,6
SP	1.977.283	1.842.477	-6,8
MG	326.077	316.403	-3,0
ES/RJ	661.210	614.861	-7,0
PR	2.200.000	2.430.000	10,5
SC	540.000	590.000	9,3
RS	1.430.000	1.530.000	7,0
TOTAL	**10.142.756**	**10.609.550**	**5**

Fonte: ABITRIGO

A indústria cresceu 4,6% entre 2011 e 2010. Neste mesmo período, os Estados da Região Nordeste acusaram um crescimento de 10% na moagem de trigo, sendo superados apenas pelos Estados do Norte, com atividade produtiva instalada e pelo Estado do Paraná.

No mesmo período, os Estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo registraram perdas em seus níveis de produção, com destaque para São Paulo, com um decréscimo, no período, de 6,8%.

Agroindústria - Perspectivas para os Grãos, Carnes e Fertilizantes

A caracterização da produção de grãos na Bahia já foi objeto de detalhamento no tópico referente ao Setor Agropecuário. Entretanto, de forma a indicar as perspectivas para a agroindústria baiana, cabe apresentar algumas considerações sumárias que tiveram como base o documento Outlook Brasil - 2022, da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, conforme a seguir.

A produção de algodão no Brasil até o ano 2000 era voltada exclusivamente para o abastecimento do mercado interno e o país caracterizava-se por ser um importador do produto. A partir daquele ano as exportações superaram as importações. No ano de 2011, o superávit comercial alcançou 631 mil toneladas de pluma.

Verifica-se que o consumo mundial é fortemente influenciado pelas indústrias de fiação chinesas, que são responsáveis por 40% do consumo total de algodão produzido no mundo.

A China também tem se apresentado como o principal destino do algodão produzido e exportado pelo país. Em 2011, a China absorveu 36% das exportações brasileiras de algodão, sendo seguida pela Indonésia, com compras equivalentes a 12% das exportações do país.

Em termos nacionais, o referido documento aponta para a estabilidade da área plantada no horizonte avaliado, ou seja, o ano de 2022, não ultrapassando 1,3 milhão de hectares. A produção de algodão em pluma de 2022 não deverá ultrapassar 2,3 milhões de toneladas, decorrente, basicamente, de ganhos de produtividade. Considera-se que este volume será suficiente para o aumento do abastecimento interno e das exportações, que deverá resultar principalmente do aumento da demanda da China.

Regionalmente, é esperado que a expansão da produção seja mais significativa nas regiões tradicionais de cultivo do algodão, o Centro-Oeste Cerrado, entendido como o Mato Grosso do Sul, Goiás e o Mato Grosso, e a Região do Nordeste Cerrado, que incluiria os Estados da Bahia, Tocantins, Maranhão e Piauí. Estima-se que o crescimento da produção de pluma nestas regiões seja de 17% e 15%, respectivamente, entre a safra colhida em 2011 e a safra projetada para 2022. Destaca-se que este incremento projetado para a produção da Região Nordeste Cerrado levará a participação da produção dessa região para um nível de 34% da produção nacional.

Quanto ao milho, o mesmo documento destaca a sua relevância em termos nacionais, na medida em que se apresenta como o segundo grão de maior importância no país.

Como se sabe, o grão é produzido em duas safras, sendo a primeira conhecida como safra de verão, plantada durante o período chuvoso, representando atualmente 62% da produção nacional e, a segunda, como safrinha, plantada logo após a colheita da soja, produzida

principalmente nos Estados do Sul e Centro-Oeste Cerrado. Importante destacar que esta safra vem ganhando importância a cada ano no total da produção nacional.

Quanto às expectativas para a safra nacional de 2022, espera-se que o milho de primeira safra seja plantado em 9,1 milhões de hectares. Importante destacar que entre 2002 e 2009, a área plantada no país na primeira safra manteve-se estável, próxima a 9,5 milhões de hectares. Em 2010 e 2011 houve redução da área plantada, para 8,0 e 7,9 milhões de hectares.

A área de milho segunda safra, que vem crescendo nos últimos anos, deverá atingir a safra de 2022 com 6,9 milhões de hectares, crescimento de 1 milhão de hectares em relação à safra plantada em 2011.

Importante observar que a maior rentabilidade média da soja quando comparada ao milho nos últimos anos, incentivou muitos produtores a substituírem a área de milho da primeira safra por soja, o que vem resultando na consequente maior disponibilidade de área para plantio do milho da segunda safra.

Estima-se uma produção total de milho, em 2022, de 79,7 milhões de toneladas. O consumo doméstico do grão deverá atingir 68,8 milhões de toneladas também em 2022, ou seja, 42% superior ao observado em 2011, resultado da expansão expressiva dos setores de aves, suínos e bovinos. As exportações deverão alcançar 11 milhões de toneladas em 2022, cerca de 14% da produção nacional prevista, inferior, portanto, às exportações atuais, de cerca de 15% da produção nacional. Projeta-se que a produção de ração animal, em 2022, absorva cerca de 74% da produção nacional de milho, ou seja, 58,8 milhões de toneladas.

Em termos regionais, o documento destaca que o crescimento da produção total será mais expressivo no Centro-Oeste Cerrado, cuja área já foi caracterizada anteriormente, com expansão prevista entre a safra colhida de 2011 e a safra projetada para 2022 de cerca de 9,2 milhões de toneladas, principalmente em razão do crescimento da segunda safra. Assim a produção desta região passará a representar 30% da produção nacional, contra 25% alcançados na safra colhida em 2011.

Para os estados do Sul, principal região produtora do país, responsável na safra de 2011 por 38% da produção total nacional, estima-se, para 2022, um crescimento de 6,9 milhões de toneladas em relação à safra colhida em 2011, também, principalmente, em razão do aumento da produção da segunda safra. Este incremento, que deverá ser inferior ao experimentado pelas outras duas Regiões produtoras, deverá resultar na perda de participação na produção nacional para 36%.

O incremento esperado na produção da Região Nordeste Cerrado entre a safra colhida em 2011 e a safra projetada para 2022 é de 18%. Este crescimento deverá resultar em uma maior participação de sua produção na produção nacional, sendo esperado que alcance cerca de 6%.

Para a soja, principal produto do agronegócio brasileiro, o documento aponta tanto as expansões esperadas para o mercado externo como as previstas para o mercado interno, como elementos responsáveis pela expansão da produção.

Nos últimos 10 anos, as exportações representaram em média 42% do total da produção nacional, principalmente, em decorrência das importações da China. Na última década, a participação das exportações brasileiras do grão no comércio internacional cresceu de 29% para 32%. Neste contexto, estima-se que as exportações brasileiras de soja alcançarão, em 2022, aproximadamente 46 milhões de toneladas, o que deverá representar 41% do comércio mundial de soja.

Em relação ao consumo doméstico atual, que representa 55% da produção total, pode-se destacar que 90% são destinados à indústria de farelo e óleo, ressaltando-se que a demanda por farelo está diretamente relacionada à produção de ração animal.

A quantidade esmagada de soja aumentou 41% entre a safra colhida em 2002 e a safra colhida em 2011, passando de 25,8 milhões de toneladas para 36,5 milhões de toneladas. Destaca-se que este crescimento foi compatível com o aumento observado no consumo de farelo para ração.

A produção projetada para a soja brasileira na safra de 2022 é de 96,9 milhões de toneladas, ou seja, 29% superior à safra colhida em 2011 e deverá resultar tanto do aumento da área plantada como do aumento da produtividade.

Em termos regionais, as projeções para a safra de 2022 apontam para um crescimento expressivo em todas as regiões do país, com destaque para o Centro-Oeste Cerrado e a Região Nordeste Cerrado, que deverão crescer 28% e 95%, respectivamente, em relação à safra colhida em 2011. Nestas áreas, o aumento da produtividade será o principal elemento de crescimento. Um fator importante que contribuirá para o maior crescimento da produção nessas duas regiões refere-se ao fato de que no Sul e Sudeste a soja sofre a competição com o plantio da cana-de-açúcar e com o milho.

Em relação à produção de farelo, importante mencionar que na década de 90 ocorreu uma mudança na composição das exportações do complexo de soja, quando as vendas externas do grão passaram a ser mais significativas que as de farelo. Esta redução pode ser explicada principalmente pelas exportações para o mercado chinês, que a partir de 2001/2002 passou a importar um volume maior de soja em grão.

Dessa forma, as projeções indicam que a produção nacional de farelo deverá crescer a uma taxa média de 2% ao ano até 2022, inferior ao crescimento ocorrido nos últimos 10 anos, puxado em sua grande parte pelo mercado doméstico, que deverá atingir 16,4 milhões de toneladas, principalmente em decorrência do aumento da produção de carnes.

As exportações de farelo em 2022 deverão atingir 18,3 milhões de toneladas, incremento de 28% em relação às exportações realizadas em 2011.

A produção nacional de óleo de soja deverá crescer 2,1% ao ano até 2022, enquanto que o consumo doméstico crescerá a uma taxa de 2,9% ao ano, influenciado, principalmente, pelo Programa Nacional de Biodiesel. Este consumo deverá alcançar 7,1 milhões de toneladas naquele ano, sendo 47% destinados ao biodiesel. Já as exportações projetadas para 2022 deverão alcançar 606 mil toneladas.

A seguir apresentam-se, de forma sumária, as taxas de crescimento anual esperadas para a produção regional de grãos entre a safra colhida em 2011 e a safra esperada para 2022, bem como a participação regional na produção nacional projetada para 2022.

Quadro 82 - Projeção de Crescimento Acumulado e Participação Regional na Produção de Grãos (%)

REGIÃO	ESTADOS COMPONENTES	CRESCIMENTO - 2011 A 2022			PARTICIPAÇÃO EM 2022		
		ALGODÃO	MILHO	SOJA	ALGODÃO	MILHO	SOJA
Norte Amazônia	AC/RO/AM/RR/AP/PA/norte do MT	20	26	46	8	6	13
Centro-Oeste Cerrado	MS/GO/cerrado do MT	17	63	28	55	30	34
Nordeste Cerrado	BA/TO/PI/MA	15	18	95	34	6	15
Nordeste Litorâneo	SE/AL/PE/PB/RN /CE	42	15	0	0	3	0
Sudeste	ES/RJ/MG/SP	-27	37	18	2	19	6
Sul	PR/SC/RS	-97	32	8	1	36	32

Fonte: FIESP - Outlook Brasil 2022

Quanto à indústria da carne, discute-se, inicialmente, a produção bovina, considerando-se que a pecuária de corte passou por um processo de recuperação em relação a dois fatores relevantes, a saber: i) a crise após os casos de animais contaminados com febre aftosa no fim de 2005, que prolongou o ciclo de baixa dos preços da pecuária, com a elevação da taxa de abate de fêmeas em 2006 e 2007, resultando na redução do rebanho nacional, que passou de 205,9 milhões para 199,8 milhões de cabeças; e (ii) a partir de 2007, a recuperação dos preços ao produtor estimulou um movimento de retenção de matrizes e a lenta elevação da oferta de bezerros.

O documento preparado pela FIESP aponta para uma retomada no crescimento do ritmo de abate de animais até 2016, fazendo com que o preço real volte ao patamar de 2010. A partir daí, pressionado pelo aumento da demanda combinado com o lento ritmo de crescimento da oferta, os preços reais devem crescer acima da taxa de inflação.

Em resposta ao preço doméstico atrativo ao produtor, espera-se a retomada da curva ascendente da produção e das exportações brasileiras de carne bovina, que devem alcançar, respectivamente, 12,0 milhões e 2,7 milhões de toneladas – equivalente carcaça – em 2022.

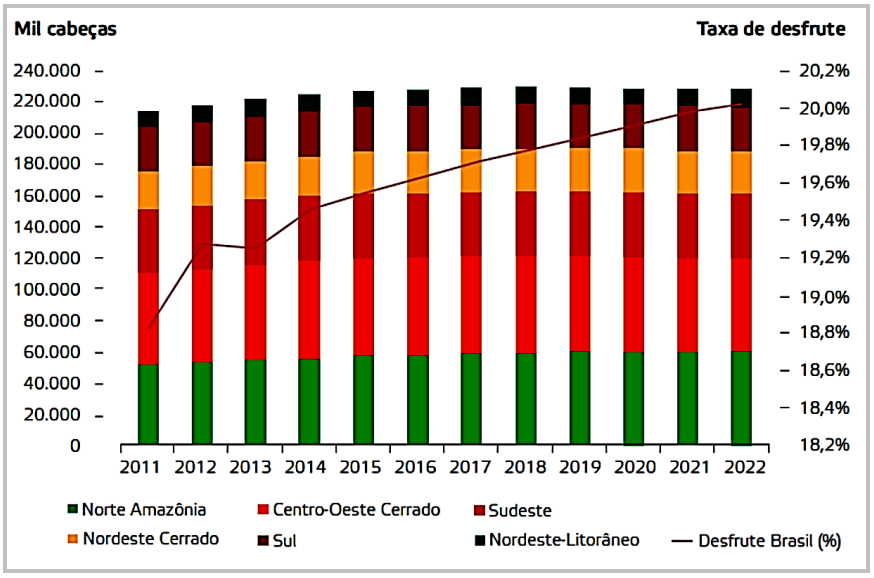
O consumo doméstico per capita de carne bovina deve sair de 42,6 em 2011 para 43,2 kg/hab./ano em 2022. Isso significa um adicional de 1,3 milhão de toneladas na demanda interna e uma taxa de crescimento anual de 4,3% para esse período.

Entre 2008 e 2011, a pecuária bovina de corte sofreu com a redução do ritmo das exportações, principalmente devido às restrições impostas pela União Europeia e pela retração na demanda mundial. Apesar de a taxa de crescimento das exportações líquidas estimada para o período de 2011 a 2022 ser superior ao ritmo de incremento do consumo doméstico, o impacto na produção é inferior a 1 milhão de toneladas.

Desse modo, as exportações, que representavam 15% da produção brasileira em 2011, passarão a 23% em 2022, sendo importante indutora do crescimento desse setor.

Os ganhos de produtividade e uma maior eficiência produtiva devem fazer com que a produção aumente sem necessitar de um crescimento expressivo do rebanho bovino.

A taxa de desfrute foi de 18,8% em 2011 e deve crescer a uma taxa de 0,4% ao ano entre 2012 e 2022. Ainda assim, essa taxa é inferior ao observado entre 2006 e 2007, ao redor de 23%, período em que houve uma elevada taxa de descarte de matrizes, prejudicando a oferta de animais para o abate nos anos recentes. Assim, espera-se um aumento no desfrute e na produção de carne sem comprometer a oferta futura de animais, conforme Ilustração 52.



Fonte e Elaboração: FIESP - Outlook Brasil 2022

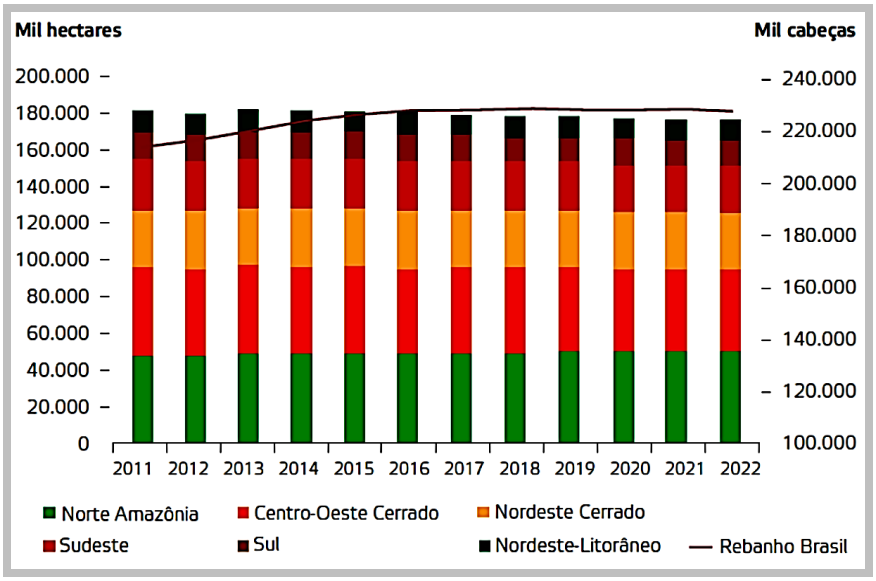
Ilustração 52 - Taxa de Desfrute e Rebanho Bovino por Região

Para atender à demanda projetada e seguindo o ritmo de crescimento recente, o rebanho brasileiro deve ser de 226,9 milhões de cabeças em 2022, significando uma taxa de crescimento de 0,4% ao ano entre 2012 e 2022. Comparativamente ao período de 2002 a 2011, essa taxa é 44% inferior, sendo mais um indicador do ganho de eficiência produtiva da pecuária de corte brasileira.

A bovinocultura destaca-se por ser a atividade que possui maior participação no uso da terra no Brasil. Ao mesmo tempo, os ganhos de produtividade e de eficiência produtiva tem permitido aumentar a produção de carne bovina e leite, reduzindo a área alocada para pastagens.

Em termos regionais, a análise dos dados do Censo Agropecuário de 1996 e 2006 apontou para uma redução de 18,9 milhões de hectares de pastagens nas regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste Cerrado e Nordeste Cerrado. No mesmo período, as áreas de grãos (primeira safra) e de cana-de-açúcar cresceram 9,2 milhões de hectares no Brasil.

Na Ilustração 53, a seguir, está apresentada a projeção para as áreas de pastagem nas regiões produtoras e para o quantitativo dos rebanhos bovinos, considerando-se o horizonte de 2022.



Fonte e Elaboração: FIESP - Outlook Brasil 2022

Ilustração 53 - Área de Pastagem e Rebanho Bovino por Região

Em relação à produção de carnes de aves, pode-se destacar, inicialmente, que o país, em 2011, apresentou-se como líder mundial em exportações e o segundo maior produtor de carne de frango, com 50% de participação no comércio internacional. Naquele ano, a carne de frango gerou US$ 7,5 bilhões em exportações, o que significou 8,4% das receitas dos embarques do agronegócio brasileiro. Entre 2002 e 2011, a produção de frango cresceu 6,3% ao ano, de 7,5 milhões para 13 milhões de toneladas, registrando um incremento de 10% ao ano das exportações e de 4,9% do consumo doméstico.

Até 2022, o ritmo de crescimento da produção deverá ser reduzido substancialmente, para 2,2% ao ano. Isso significará um volume total produzido de carne de frango de 16,8 milhões de toneladas.

Para o período projetado de 2012 a 2022, a demanda doméstica deverá crescer 1,6% ao ano, aumentando o consumo per capita de 47,5 para 50,7 kg/hab./ano. Para o mesmo período, a taxa de crescimento das exportações deve ser reduzida para 3,4%.

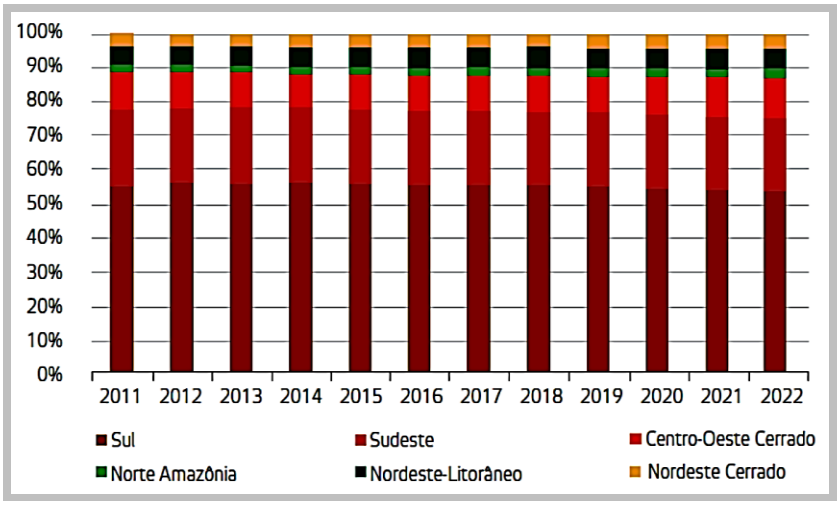
Ainda assim, a participação brasileira no mercado global de frango em 2022 deverá ser equivalente a 54% do total, considerando um comércio mundial de 10,9 milhões de toneladas de frango. Isso significará 5 pontos percentuais adicionais em relação à participação no mercado global verificada em 2010.

Em termos regionais, apesar de a Região Sul ser a mais dinâmica na produção de frango, ela deve perder 1 ponto percentual de participação na produção total do Brasil entre 2011 e 2022, passando a representar 54% do total produzido no país. Dinâmica semelhante é observada no Sudeste.

Em valores absolutos, a Região Sul irá ampliar a sua produção em 1,9 milhão de toneladas, seguida pelo Sudeste (652 mil toneladas), Centro-Oeste Cerrado (503 mil toneladas), Nordeste Litorâneo (312 mil toneladas), Nordeste Cerrado (280 mil toneladas) e Norte Amazônia (161 mil toneladas).

As maiores taxas de crescimento anuais ocorrerão no Nordeste Cerrado e no Centro-Oeste Cerrado, devido ao crescimento da produção de grãos nessas regiões e à consequente melhora na competitividade nacional.

A Ilustração 54 apresenta as projeções para a produção de carne de frango nas regiões produtoras.



Fonte e Elaboração: FIESP - Outlook Brasil 2022

Ilustração 54 - Produção de Carne de Frango por Região (%)

Adicionalmente é apresentado o Quadro 83 com um resumo do crescimento regional previsto para a produção de carne de frango e as respectivas participações na produção nacional projetada para 2022, no qual é possível constatar que a Região Nordeste Cerrado aparece com a maior taxa de crescimento acumulado no período entre 2011 e 2022, de 63%.

Quanto a sua participação regional, estará limitada, em 2022, a 4% da produção nacional.

Quadro 83 - Projeção de Crescimento Acumulado e Participação Regional na Produção de Carne de Frango (%)

REGIÃO	ESTADOS COMPONENTES	CRESCIMENTO 2011 A 2022	PARTICIPAÇÃO EM 2022
Norte Amazônia	AC/RO/AM/RR/AP/PA/norte do MT	57	3
Centro-Oeste Cerrado	MS/GO/cerrado do MT	35	11
Nordeste Cerrado	BA/TO/PI/MA	63	4
Nordeste Litorâneo	SE/AL/PE/PB/RN /CE	44	6
Sudeste	ES/RJ/MG/SP	22	22
Sul	PR/SC/RS	26	54

Fonte: FIESP - Outlook Brasil 2022

Nos últimos anos a suinocultura brasileira enfrentou baixos preços da carne e elevados custos de produção. Apesar da forte queda nos preços nominais ao produtor em 2009, o mercado de carne suína cresceu 6% naquele ano, puxado pelo incremento de 12% nas exportações. Em 2011, a demanda doméstica cresceu 2% em relação ao ano anterior, somada ao crescimento das exportações de 3,2%.

Para o período de 2012 a 2022, o documento da FIESP projeta um ritmo de crescimento da produção de 1,8% ao ano.

Em relação ao mercado doméstico, destaca-se que desde 2005 o consumo per capita vem crescendo, alcançando 14,3 kg/hab./ano em 2011, ou seja, 2,7 kg adicionais por habitante em relação a 2005.

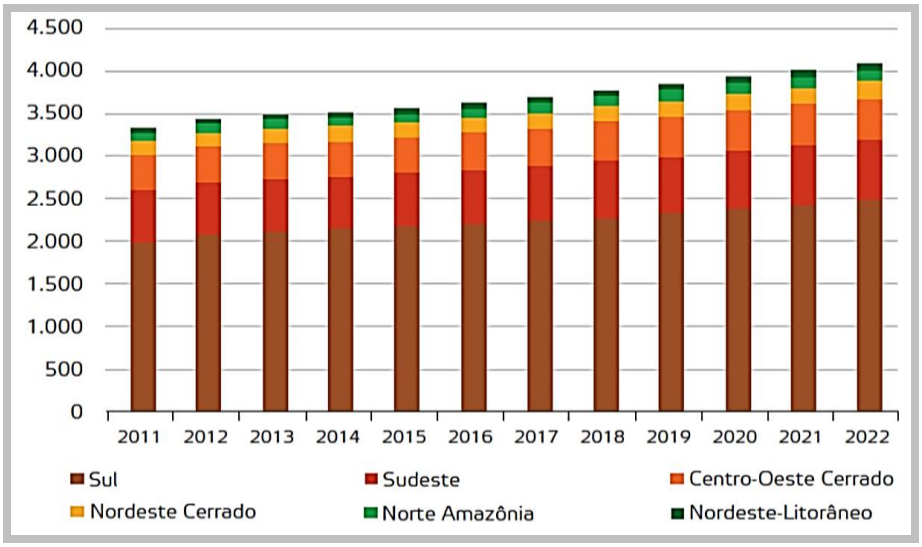
Projeta-se para 2022 uma ampliação para 15,7 kg/hab./ano, totalizando um volume de 3,4 milhões de toneladas. Vale ressaltar que o consumo de carne suína vem ganhando participação na demanda doméstica em relação às carnes bovina e de frango.

As exportações líquidas devem alavancar o crescimento futuro da produção, devendo aumentar o volume de embarques em 28%, para 700 mil toneladas de carne suína, em 2022. Isso representa uma taxa anual de crescimento de 1,3% para o período projetado, equivalente ao observado entre 2002 e 2011.

Mesmo sem grandes acordos comerciais, espera-se um aumento na participação do Brasil no comércio global de carne suína. Além disso, as exportações devem representar 17,2% da produção total em 2022, superior aos 16,4% observados em 2011.

Em termos regionais, assim como no caso da carne de frango, a Região Sul é a mais dinâmica na produção de carne suína, com participação de 60% do total em 2011. Espera-se que ela alcance 61% da produção total em 2022, aumentando a produção em 496 mil toneladas em relação a 2011. Isso significa uma taxa de crescimento anual de 1,8%.

A Ilustração 55, apresentada na sequência, aponta as projeções para a produção de carne suína nas regiões produtoras.



Fonte e Elaboração: FIESP - Outlook Brasil 2022

Ilustração 55 - Produção de Carne Suína por Região (em t)

Adicionalmente é apresentado o Quadro 84 com um resumo do crescimento regional previsto para a produção de carne suína e as respectivas participações na produção nacional projetada para 2022, no qual é possível constatar que a Região Nordeste Cerrado

aparece, conjuntamente com a Região Nordeste Litorâneo, com a maior taxa de crescimento acumulado no período entre 2011 e 2022, de 28%.

Quanto a sua participação regional, continuará ainda limitada, em 2022, a 5% da produção nacional.

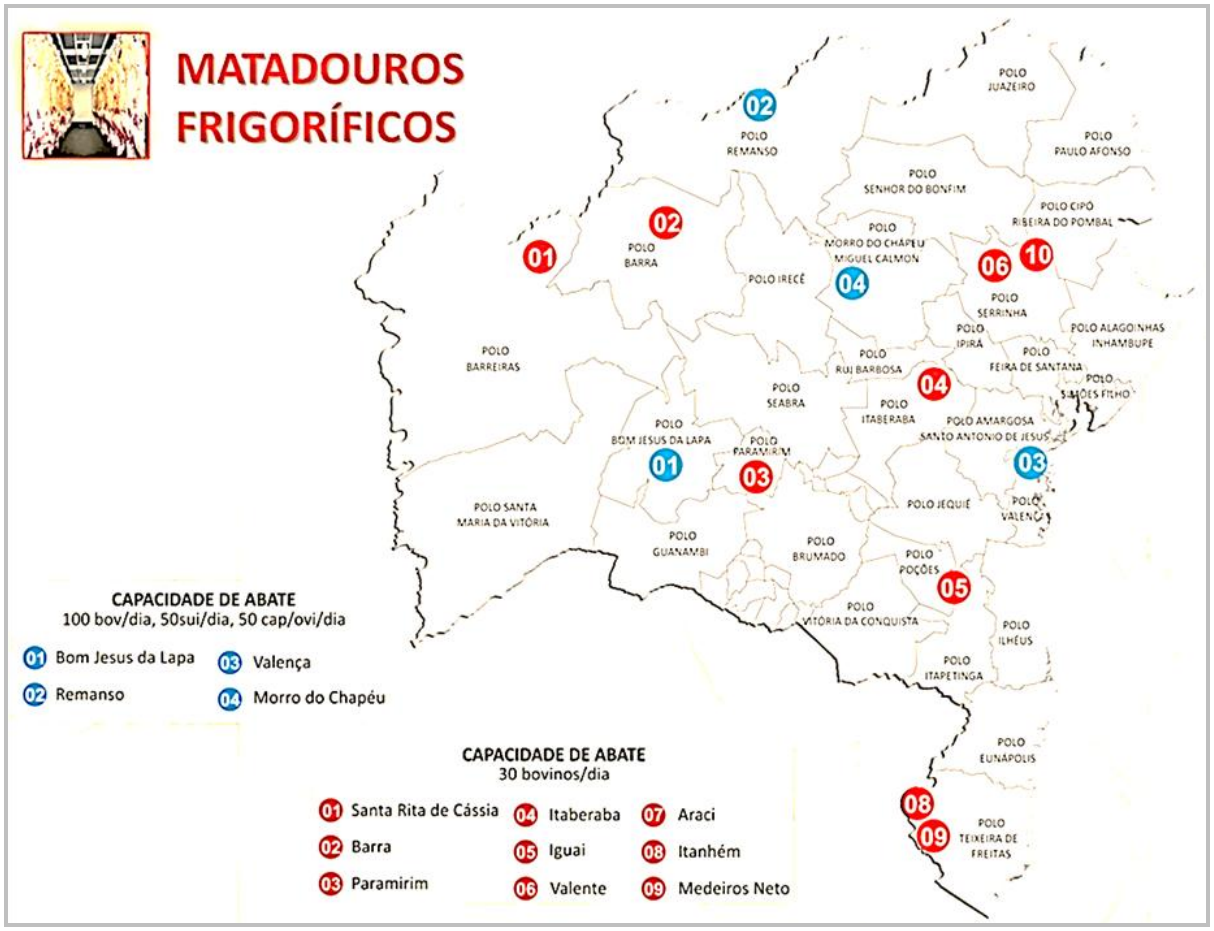
Quadro 84 - Projeção de Crescimento Acumulado e Participação Regional na Produção de Carne Suína (%)

REGIÃO	ESTADOS COMPONENTES	CRESCIMENTO 2011 A 2022	PARTICIPAÇÃO EM 2022
Norte Amazônia	AC/RO/AM/RR/AP/PA/norte do MT	23	3
Centro-Oeste Cerrado	MS/GO/cerrado do MT	18	12
Nordeste Cerrado	BA/TO/PI/MA	28	5
Nordeste Litorâneo	SE/AL/PE/PB/RN /CE	28	2
Sudeste	ES/RJ/MG/SP	16	17
Sul	PR/SC/RS	25	61

Fonte: FIESP - Outlook Brasil 2022

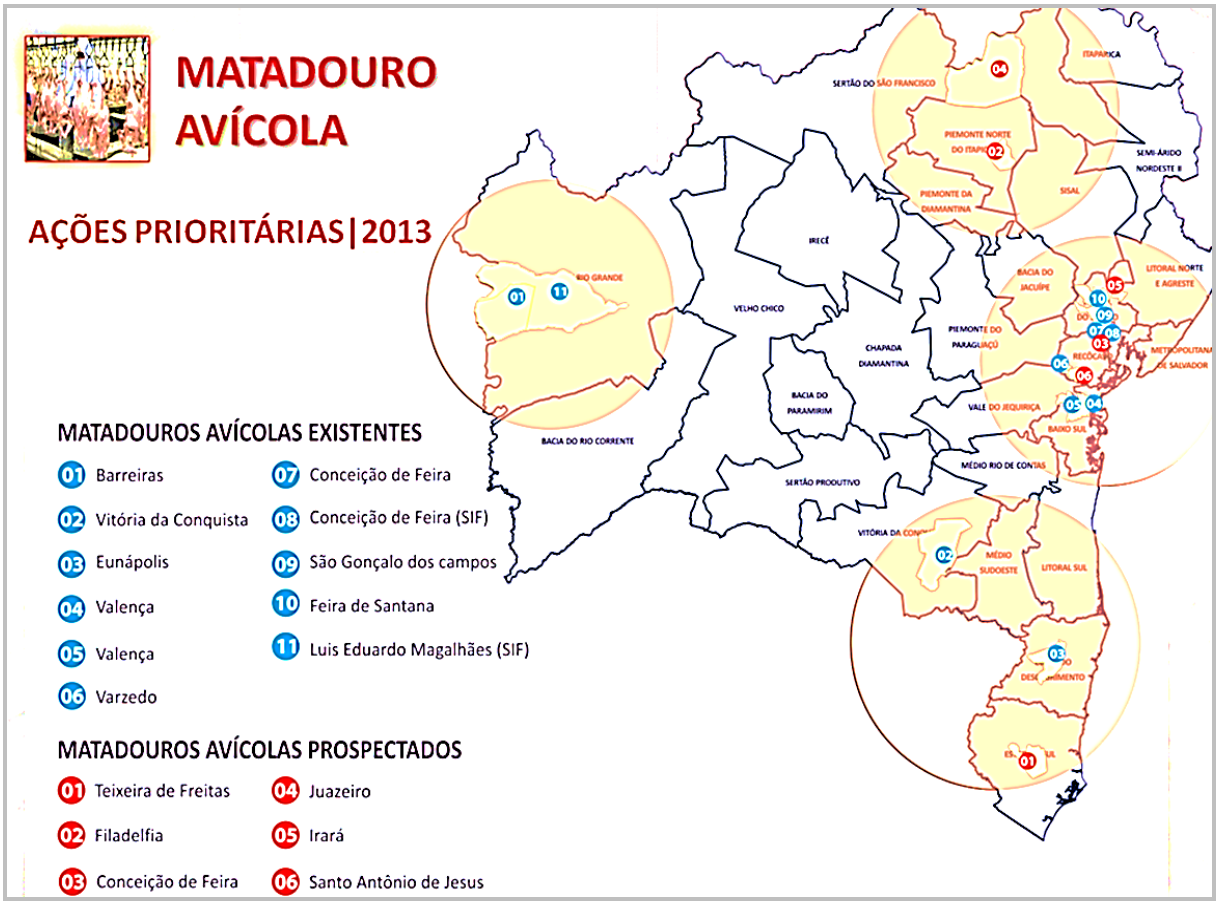
Ainda em relação à produção de carnes, são apresentadas as Ilustrações 56 e 57, nas quais é possível observar a localização dos frigoríficos de abate bovino, suíno, caprino, ovino e de aves instalados no Estado da Bahia, segundo informações da Secretaria de Agricultura.

Nas mesmas Ilustrações também estão indicadas as capacidades de abate instaladas em cada um desses frigoríficos.



Fonte e Elaboração: SEAGRI

Ilustração 56 - Matadouros Frigoríficos



Fonte e Elaboração: SEAGRI

Ilustração 56 - Matadouros Avícolas

Quanto à demanda nacional por fertilizantes do agronegócio de forma global, incluindo-se, nesse caso, as culturas de milho, soja, trigo, arroz, feijão, algodão, banana, batata, café, cacau, fumo, laranja, tomate, uva e reflorestamento, além da produção de carnes, o documento da FIESP indica que o uso de nutrientes, Nitrogênio, Fósforo e Potássio - NPK, crescerá 43% até o plantio da safra de 2021, saindo de 10,1 milhões de toneladas em 2010 para 14,5 milhões de toneladas naquele ano.

Outro meio de se referenciar esses valores, e mais comumente utilizado no mercado, é a quantificação de NPK na forma de produtos formulados. Nesse caso, considera-se não somente o volume dos macronutrientes NPK, mas também todos os demais micronutrientes e enchimentos que compõem o fertilizante. Em quantidade de produto, os números sairiam dos 24,5 milhões de toneladas atuais para 34,8 milhões em 2021.

Assim, nos próximos anos, serão necessários 10,2 milhões de toneladas adicionais para atender à demanda de fertilizantes no agronegócio brasileiro.

Em termos regionais, a demanda de fertilizantes projetada para a safra de 2021, a ser colhida em 2022, está apresentada no Quadro 85, no qual é possível verificar que a Região Nordeste Cerrado aparece apenas como a quarta maior demanda absoluta e registra a terceira maior variação dessa demanda no período.

Quadro 85 - Projeção da Demanda de Fertilizante por Região

Quantidade (em mil toneladas)

REGIÃO	ESTADOS COMPONENTES	2010	2021	VARIAÇÃO
Centro-Oeste e Norte Amazônia	MS/GO/MT/AC/RO/AM/RR/AP/PA	7.833	11.173	3.340
Nordeste Cerrado	BA/TO/PI/MA	2.241	3.571	1.330
Nordeste Litorâneo	SE/AL/PE/PB/RN/CE	663	1.347	684
Sudeste	ES/RJ/MG/SP	6.820	7.823	1.003
Sul	PR/SC/RS	6.959	10.844	3.885
TOTAL		**24.516**	**34.758**	**10.242**

Fonte: FIESP - Outlook Brasil 2022

Verifica-se, por outro lado, que este segmento é fortemente dependente de importações. Assim, considerando-se uma utilização de 80% da capacidade do parque industrial nacional, a produção de fertilizantes básicos deverá chegar a 17,5 milhões de toneladas em 2021, o que demandaria a importação de 17,3 milhões de toneladas de produtos.

Apesar do crescimento do volume de importações em relação ao que ocorre hoje, considerando-se os projetos de ampliação da capacidade de produção em andamento e aqueles planejados, a dependência do fertilizante importado passaria para cerca de 56%, perante os 71% de 2010.

Essa necessidade de importação corresponderá, em 2021, a 8,2 milhões de toneladas de nutrientes, distribuídos em: 1,4 milhão de toneladas de Nitrogênio, 1,8 milhão de toneladas de Fósforo (P2O5) e 4,9 milhões de toneladas de Potássio (K2O).

Adicionalmente é apresentado o Quadro 86 com um resumo da demanda regional de fertilizantes para o plantio da safra de 2021.

Quadro 86 - Projeção de Crescimento Acumulado e Participação Regional na Demanda de Fertilizantes (%)

REGIÃO	ESTADOS COMPONENTES	CRESCIMENTO 2011 A 2022	PARTICIPAÇÃO EM 2022
Centro-Oeste e Norte Amazônia	MS/GO/MT/AC/RO/AM/RR/AP/PA	43	32
Nordeste Cerrado	BA/TO/PI/MA	59	10
Nordeste Litorâneo	SE/AL/PE/PB/RN/CE	103	4
Sudeste	ES/RJ/MG/SP	15	23
Sul	PR/SC/RS	56	31

Fonte: FIESP - Outlook Brasil 2022

Finalmente, no Quadro 87, está apresentada a evolução das entregas de fertilizantes na Bahia, entre 2001 e 2011, no qual é possível verificar um crescimento de 143% no nitrogênio, 111% no fósforo e 100% no potássio.

Quadro 87 - Evolução das Entregas de Fertilizantes - Bahia

Quantidade (m³ ou toneladas)

ANO	2001	2003	2005	2007	2009	2011
Nitrogênio	65.117	108.541	103.338	138.838	129.401	158.182
Fósforo	123.103	158.161	167.378	198.047	215.211	259.299
Potássio	133.330	176.398	173.375	233.317	193.139	266.364

Fonte: ANDA

Indústria de Bebidas

A indústria de bebidas da Bahia tem sido alavancada pela presença do Aquífero São Sebastião. É dele que vem a água, matéria-prima para a produção cervejeira estadual da Ambev, Brasil Kirin, antiga Schincariol, Ricca e D'Ávila Bier. O Estado também se tornou importante produtor de bebidas não alcoólicas, a partir da comercialização do refrigerante Goob, do grupo peruano São Miguel.

Apesar de o Aquífero São Sebastião atingir vários municípios, em nenhum outro a relação com a água é tão forte quanto em Dias D'Ávila. Além de duas marcas de cerveja, a cidade abriga seis empresas que produzem água mineral. Indaiá, Dias d'Ávila, Itagy e Fonte da Vida são algumas das mais famosas. A Indaiá também produz sucos, energéticos, refrigerantes e néctar.

Grupo Petrópolis

Uma nova cervejaria do Grupo Petrópolis está sendo construída no município de Alagoinhas. A fábrica deve entrar em operação no segundo semestre de 2013, com a produção das cervejas Itaipava e Crystal.

A produção da fábrica de Alagoinhas, conjuntamente com a fábrica que está sendo implantada em Pernambuco, deverá abastecer a Região Nordeste e grande parte do Norte, além de complementar o abastecimento do Centro-Oeste, que já possui uma unidade em Rondonópolis, no Mato Grosso.

Grupo São Miguel

A Indústria São Miguel, do grupo peruano Añaños Alcázar, referida anteriormente, começou a operar uma fábrica de bebidas não alcoólicas, também no município de Alagoinhas. Foram investidos montantes expressivos para a produção do refrigerante nos sabores guaraná, cola, laranja e uva.

Brasil Kirin

Primeira fábrica da Brasil Kirin, antiga Schincariol, fora do Estado de São Paulo, a unidade do grupo em Alagoinhas está presente há 15 anos no Estado. Recentemente, a fábrica foi ampliada, dobrando sua capacidade de produção. A planta industrial cresceu 33 mil m² e a área total construída aumentou para mais de 110 mil m².

PepsiCo

Segunda maior empresa de alimentos e bebidas do mundo, a PepsiCo inaugurou recentemente a sua primeira fábrica na Bahia. Montada em Feira de Santana, a 110 km de Salvador, a unidade já produz os achocolatados Toddy e Mágico. A fábrica está instalada em um terreno de 70 mil metros m², com 15.500 metros m² de área construída.

Latapack-Ball (indústria de latas)

A expansão da indústria de bebidas na Região Metropolitana de Salvador gerou a necessidade de implantação de unidades de produção de latas de alumínio. Neste contexto, a Latapack-Ball inaugurou recentemente a sua segunda unidade na Bahia, em Alagoinhas. A fábrica entrou em operação no primeiro semestre de 2012. A outra unidade da empresa no Estado está localizada em Simões Filho.

Ainda em relação ao segmento industrial, apresenta-se no Quadro 88, na sequência, informações consolidadas relativas aos contingentes de mão de obra, salários médios pagos e sobre o número de estabelecimentos industriais instalados no Estado, referentes aos principais setores de atividade.

Quadro 88 - Dados Consolidados do Setor Industrial da Bahia - 2011

SEGMENTO	EMPRESAS		PESSOAL OCUPADO		SALÁRIO MÉDIO (SALARIO MÍNIMO)	
	2006	2011	2006	2011	2006	2011
Indústria Extrativa	483	563	7.248	13.072	5,0	5,2
Indútria de Transformação	12.579	14.071	171.133	211.641	3,8	2,7
Construção	5.339	8.358	82.426	175.596	2,7	2,4
Eletricidade e Gás	37	64	2.996	3.820	9,2	7,8
Água e Esgoto	291	430	12.971	17.644	3,6	4,0
TOTAL	**18.729**	**23.486**	**276.774**	**421.773**	-	-

Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas

Verifica-se que a indústria de transformação participa com o maior número de estabelecimentos e com o maior contingente do setor industrial baiano, seguida pelas atividades de construção e indústria extrativa. Em termos de salários pagos, a atividade de eletricidade e gás se posiciona na primeira posição do ranking, com a indústria extrativa aparecendo em segundo lugar.

Cabe finalmente apresentar um resumo das estatísticas elaboradas pela Superintendência de Desenvolvimento Industrial e Comercial - SUDIC a respeito dos empreendimentos industriais implantados e aqueles que estavam em implementação no período compreendido entre 2009 e 2012. Importante destacar que nessas estatísticas estão incluídas algumas empresas de serviços de logística, serviços de manutenção e outros relacionados à indústria e empresas distribuidoras.

Quadro 89 - Número de Empreendimentos no Setor Industrial da Bahia - 2009 a 2012

MUNICÍPIO	IMPLANTADO	AMPLIADO	IMPLANTAÇÃO	AMPLIAÇÃO	CO/TRA*	TOTAL
Complexo de Aratu	11	5	10	4	19	49
Camaçari e Dias D'Ávila	9	3	12	3	32	59
Pojuca	2	1	0	0	0	3
Salvador	2	0	2	1	0	5
Alagoinhas	3	1	0	0	1	5
Barreiras	4	1	0	2	0	7
Eunápolis	1	2	6	0	10	19
Ilhéus	5	0	4	0	2	11
Itapetinga	2	0	1	0	0	3
Jequié	2	2	3	1	4	12
Juazeiro	5	0	8	1	8	22
Luís Eduardo Magalhães	5	0	4	1	2	12
Santo Antônio de Jesus	6	0	1	0	1	8
Teixeira de Freitas	3	1	2	0	7	13
Vitória da Conquista	11	3	6	0	13	33
TOTAL	**71**	**19**	**59**	**13**	**99**	**261**

Fonte: SISM/SUDIC
*CO - Carta de Opção/TRA - Termo de Reserva de Área

O Quadro 90 resume o número de empregos, gerados e futuros, e os investimentos, realizados e a realizar, com a implantação e a ampliação dos empreendimentos destacados anteriormente, considerando-se o período 2009-2012.

Quadro 90 - Empregos e Investimentos nos Novos Empreendimentos no Setor Industrial da Bahia - 2009 a 2012

LOCALIZAÇÃO	EMPRESAS	%	EMPREGOS	%	INVESTIMENTO (R$ MIL)	%
Implantadas	**71**	**100**	**5.574**	**100**	**1.322.462**	**100**
RMS	24	34	2.433	44	914.250	69
Interior	47	66	3.141	56	408.212	31
Ampliadas	**19**	**100**	**5.465**	**100**	**1.080.986**	**100**
RMS	9	47	1.558	29	600.386	56
Interior	10	53	3.907	71	480.600	44
Em implantação	**59**	**100**	**6.772**	**100**	**2.547.007**	**100**
RMS	24	41	5.195	77	2.411.368	95
Interior	35	59	1.577	23	135.639	5
Em ampliação	**13**	**100**	**1.058**	**100**	**124.357**	**100**
RMS	8	62	789	75	90.627	73
Interior	5	38	269	25	33.730	27
CRO/TRA (previsão)	**99**	**100**	**13.000**	**100**	**7.200.000**	**100**
TOTAL	**261**		**31.869**		**12.274.812**	

Fonte: SISM/SUDIC
*CO - Carta de Opção/TRA - Termo de Reserva de Área

5.3.3. O Setor de Serviços

Inicialmente, a fim de caracterizar a gênese e a consolidação do setor de serviços da economia baiana, merecem destaque alguns pontos relativos a este setor apresentados no documento Política de Comércio e Serviço - Estado da Bahia 2012, elaborado pela SICM conjuntamente com a FECOMERCIO-BA, apresentados a seguir:

- o expressivo ritmo de crescimento industrial de 1965 a 1985, já assinalado anteriormente, acarretou o surgimento de um significativo setor de comércio e serviços, especialmente na Região Metropolitana de Salvador, no qual se destacaram os serviços relacionados à metalmecânica desencadeada pela implantação dos projetos industriais, especialmente petróleo e petroquímica;
- ainda em decorrência desse crescimento industrial, formou-se na Bahia um polo de engenharia consultiva e de projetos, um conjunto de empreiteiras na área de montagem industrial e um parque metalmecânico de construção de plataformas e componentes para produção de petróleo;
- os serviços decorrentes da construção civil foram acelerados pelas obras públicas e pela urbanização também nas décadas de 1960 e 1970, quando cresceram grupos econômicos do Estado no setor de construção, que depois se diversificaram e internacionalizaram-se;
- no contexto do incremento da massa salarial, cresceram as redes de lojas de varejo. No entanto, houve um encolhimento relativo do comércio atacadista e uma substituição de empresas comerciais locais por redes comerciais nacionais;

- os serviços pessoais urbanos foram expandidos também na proporção do crescimento da massa salarial, estendendo-se por segmentos em que o setor público não apresenta maior vigor para atender à demanda dos assalariados, a exemplo de educação e saúde privadas.

Além disso, o documento destaca que a falta de um maior dinamismo próprio do setor não é exclusivamente decorrente de problemas internos do setor terciário. Os fatores contribuintes seriam decorrentes do modo de inserção da Bahia na dinâmica de crescimento nacional nos últimos 50 anos.

Indica que na atividade de comércio, a insuficiência em determinados fatores estruturais, tais como: a oferta da infraestrutura logística e sua qualidade, as estratégias de preço tipo CIF uniforme no mercado nacional, a política tributária setorializada, a formatação da estrutura atacadista e a distribuição do mercado, teriam sido determinantes para o referido baixo dinamismo.

Neste contexto, o documento destaca que os investimentos programados para os troncos de infraestrutura, especialmente, ferrovias e portos de cabotagem, como a Ferrovia Oeste-Leste e a Ferrovia Centro-Atlântica, deverão proporcionar novas alternativas de modal e, portanto, novas oportunidades de intermodalidade, que deverão resultar no reposicionamento da infraestrutura na competitividade do setor de comércio na Bahia.

Ainda no sentido de ampliação do dinamismo do comércio baiano, cita-se a eliminação progressiva dos subsídios no diesel e a maior regulação das condições de trabalho no transporte rodoviário, que deverão resultar no encarecimento dos fretes rodoviários e, como consequência, na maior incidência do custo logístico na formação do custo total da comercialização, inviabilizando progressivamente o CIF uniforme. Poderão contribuir, também para uma posição de não uniformidade do preço CIF, o eventual deslocamento da tributação para o destino da carga e o crescimento das importações por portos fora do Sudeste do país, o que possibilitará a criação de cadeias comerciais autônomas a partir de portos regionais, rompendo a viabilidade da estratégia do CIF uniforme.

Quanto à questão tributária, o referido documento indica as mudanças no cenário fiscal, que já influem na competitividade do setor comercial, a saber: a inibição progressiva da guerra fiscal entre os Estados e a desverticalização da cadeia de operadores logísticos e atacadistas a partir de critérios tributários. O documento também indica que a presença de empresas atacadistas é elemento estratégico para a capacitação de elos comerciais, com diferentes articulações com a estrutura produtiva do Estado. Assim a Bahia precisaria organizar estruturas atacadistas robustas para competir nestes nichos.

Em relação ao último fator apontado como estrutural na indução do comércio estadual, a distribuição do mercado, o documento apresenta a Bahia como sendo a maior economia do Nordeste, o que poderia favorecer a implantação de centros de comércio.

Entretanto, nas condições atuais de distribuição geográfica do mercado da região Nordeste, o seu epicentro não estaria situado na Bahia e sim em Pernambuco. O Estado apresentaria o maior número de cidades com maior proximidade ponderada com os mercados da região Nordeste, ainda que Maceió leve uma pequena vantagem em relação a Recife como a capital mais central em relação ao mercado da região.

Deve-se considerar que apesar da Região Metropolitana de Salvador e seu entorno compor o maior centro de comércio da região, este polo não é ponderadamente próximo dos polos de produção e consumo da Região Nordeste.

A maior proximidade da Bahia com o Sudeste, do ponto de vista logístico, poderia ser um fator compensatório desta relativa desvantagem intrarregional. Mas para que isto se torne realidade, o Estado deverá consolidar um tronco logístico importante, ferroviário e de cabotagem, conforme já apontado, interligando a Região Metropolitana de Salvador ao Sudeste do país e, potencialmente, ao Brasil Central.

O documento destaca, ainda, alguns fatores estruturantes importantes para o maior dinamismo das demais atividades do setor de serviços da economia baiana, são eles:

- a necessidade de equacionamento de entraves tributários, trabalhistas e ambientais, de forma a adequar o Estado ao modelo atual de desverticalização da indústria e do comércio;
- a ampliação dos serviços associados ao conhecimento;
- a potencialização do crescimento e requalificação das cidades médias, impulsionados pelos incrementos de renda das classes C e D, resultando na reformulação das estruturas urbanas e os serviços sociais estruturantes;
- a política tributária municipal deveria estar associada a uma gestão coordenada pelo Estado, que trataria dos programas de incentivos setoriais, especialmente, aqueles associados aos grandes projetos estruturantes.

Cumprida a etapa de apresentação sumária da gênese do setor de serviços e de sua consolidação, bem como das macro proposições que se apresentam para um maior dinamismo do setor, deve-se dirigir a atenção para a sua atual configuração e para os seus aspectos mais relevantes.

Como já assinalado anteriormente, o setor serviços tem participado com, aproximadamente, 62% a 63% na formação da economia do Estado da Bahia. Conforme pode ser observado no Quadro 91, dentre as atividades que compõem o setor, o maior destaque cabe ao comércio.

As atividades agrupadas nas rubricas outros serviços e atividades administrativas e serviços complementares são as que se apresentavam, em 2011, na segunda e terceira posições no ranking do quantitativo de empresas do setor. As atividades de alojamento e alimentação, muito relacionadas ao turismo, aparecem também com algum destaque. O mesmo acontece com as atividades ligadas à educação e saúde.

Em termos de crescimento, as atividades imobiliárias foram as que mais se destacaram no período, no qual o quantitativo de estabelecimentos nesse segmento registrou incremento de 87%. Em seguida, se destacaram as atividades de transporte, armazenagem e correio e atividades profissionais, científicas e técnicas, com acréscimo de 45% e 43%, respectivamente.

Por sua vez, a atividade de alojamento e alimentação acusou crescimento de 29% entre 2006 e 2011. Cabe mencionar, ainda, que o comércio registrou incremento de apenas 10% no quantitativo de estabelecimentos.

Quadro 91 - Quantitativo de Empresas e Organizações do Setor de Serviços da Bahia - 2011

SEGMENTO	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Comércio; reparação de veículos automotores	108.392	109.703	114.181	116.871	123.408	119.564
Transporte, armazenagem e correio	4.442	4.655	4.941	5.265	6.232	6.457
Alojamento e alimentação	10.428	11.033	11.532	12.139	13.329	13.460
Informação e comunicação	3.176	3.092	3.043	3.037	3.136	3.072
Atividades financeiras	1.465	1.499	1.606	1.684	1.686	1.636
Atividades imobiliárias	901	1.023	1.196	1.343	1.521	1.687
Atividades profissionais, científicas e técnicas	5.740	6.202	6.867	7.355	8.071	8.211
Atividades administrativas	13.261	13.567	14.124	14.462	15.727	15.992
Administração pública, defesa e seguridade	912	912	933	970	996	1.068
Educação	8.494	9.473	9.115	9.682	9.379	8.577
Saúde humana e serviços sociais	6.720	7.030	7.585	7.856	8.627	8.478
Artes, cultura, esporte e recreação	2.324	2.387	2.499	2.640	2.929	2.887
Outras atividades de serviços	22.492	22.360	23.070	22.916	23.444	23.058
Serviços domésticos	-	-	-	-	-	-
Organismos internacionais	-	1	3	3	3	2
TOTAL	**188.747**	**192.937**	**200.695**	**206.223**	**218.488**	**214.149**

Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas

No Quadro 92, apresentado na sequência, está indicada a evolução do pessoal ocupado nas atividades do setor de serviços entre 2006 e 2011.

É possível observar que a administração pública era a atividade que mais concentrava o pessoal ocupado no setor de serviços, cerca de 29% do total em 2011, seguida pelo comércio com aproximadamente 28%, no mesmo ano.

Os serviços de educação e saúde reuniam, em 2011, 7% e 6%, respectivamente, enquanto as atividades relativas a alojamento e alimentação e transporte, armazenagem e correio absorviam, cada uma delas, aproximadamente, 5% do pessoal ocupado no setor.

Quanto ao crescimento do pessoal verificado em cada atividade no período, deve-se destacar a educação com um incremento de 105%, seguida da atividade que reúne profissionais, técnicos e cientistas com crescimento de 69% do pessoal ocupado, no período.

Outras atividades que experimentaram acréscimos importantes em seus quadros no período analisado foram a saúde com 63%, transporte, armazenagem e correio com 51%, atividades imobiliárias com 49% e alojamento e alimentação com 44%. Importante ressaltar que o aumento de pessoal ocupado no setor como um todo foi de 30%, entre 2006 e 2011.

Quadro 92 - Pessoal Ocupado nas Empresas e Organizações do Setor de Serviços da Bahia - 2011

SEGMENTO	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Comércio; reparação de veículos automotores	383.703	421.131	443.902	468.441	493.366	522.528
Transporte, armazenagem e correio	60.750	61.930	65.044	80.455	81.808	91.788
Alojamento e alimentação	65.730	71.233	77.005	81.416	89.811	94.636
Informação e comunicação	16.905	16.439	17.204	17.586	19.482	20.996
Atividades financeiras	6.947	7.548	8.282	8.603	7.952	7.144
Atividades imobiliárias	4.971	5.330	6.171	6.241	6.448	7.395
Atividades profissionais, científicas e técnicas	27.031	29.146	32.011	40.153	46.067	45.677
Atividades administrativas	131.741	143.613	148.811	170.414	182.347	188.092
Administração pública, defesa e seguridade	509.544	514.681	470.434	529.452	503.449	529.618
Educação	63.857	130.556	129.072	129.747	134.563	131.105
Saúde humana e serviços sociais	71.035	72.231	75.041	80.265	113.059	115.894
Artes, cultura, esporte e recreação	8.820	8.656	9.028	9.557	10.156	10.374
Outras atividades de serviços	61.917	59.033	62.287	66.183	70.666	72.357
Serviços domésticos	-	-	-	-	-	-
Organismos internacionais	-	-	4	6	6	-
TOTAL	**1.412.951**	**1.541.527**	**1.544.296**	**1.688.519**	**1.759.180**	**1.837.604**

Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas

No Quadro 93 está apresentada a evolução dos salários médios pagos no setor de serviços.

Verifica-se uma predominância da remuneração na faixa de 2 salários mínimos em grande parte das atividades. Isto ocorre nas atividades de comércio e imobiliária e nas atividades reunidas nas rubricas administrativa e outras atividades.

Aconteceu também, conforme o mesmo quadro, em praticamente todo o período analisado, nas atividades de transporte, armazenagem e correio e artes, cultura, esporte e recreação.

As atividades financeiras são aquelas que registraram, no período, os maiores salários médios, apesar de acusar um movimento decrescente, na faixa de 6 salários mínimos entre 2006 e 2007, 5 salários mínimos em 2008 e 4 salários mínimos entre 2009 e 2011.

O grupo de atividades da área de educação, com um salário médio de 4 mínimos, foi aquele melhor posicionado após as atividades financeiras. Durante todo o período esse grupo recebeu remuneração na faixa de 4 salários mínimos. Muito próximo dele, ficou a atividade de informação e comunicação, que registrou salários de 4 mínimos entre 2006 e 2010 e ligeira perda em 2011, para 3 salários mínimos.

A administração pública manteve-se na faixa de 3 salários mínimos ao longo do período, a exceção para o ano de 2007, quando registrou remuneração média de 4 salários mínimos.

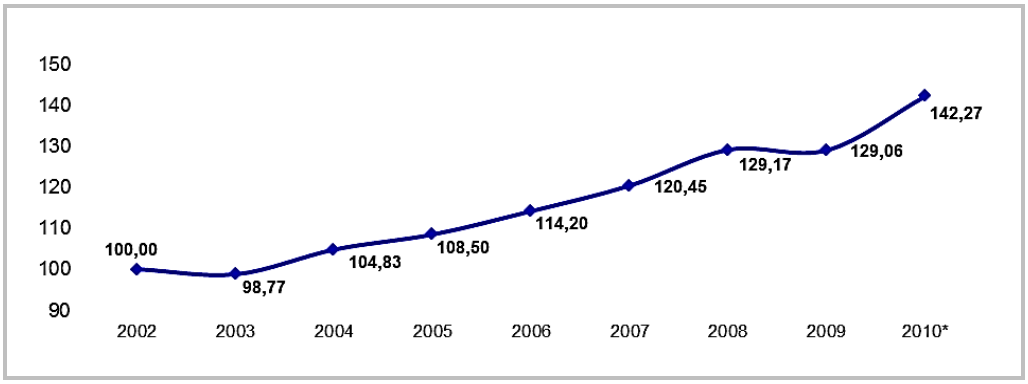
Quadro 93 - Salário Médio nas Empresas e Organizações do Setor de Serviços da Bahia - 2011

Em Salários Mínimos

SEGMENTO	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	2	2	2	2	2	2
Transporte, armazenagem e correio	3	3	2	2	2	2
Alojamento e alimentação	2	2	1	1	1	1
Informação e comunicação	4	4	4	4	4	3
Atividades financeiras	6	6	5	4	4	4
Atividades imobiliárias	2	2	2	2	2	2
Atividades profissionais, científicas e técnicas	3	3	3	3	3	3
Atividades administrativas	2	2	2	2	2	2
Administração pública	3	4	3	3	3	3
Educação	4	4	4	4	4	4
Saúde humana e serviços sociais	3	3	3	3	3	3
Artes, cultura, esporte e recreação	2	3	3	3	2	2
Outras atividades de serviços	2	2	2	2	2	2
Serviços domésticos	-	-	-	-	-	-
Organismos internacionais	-	-	5	5	5	-

Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas

Por ser a atividade de maior relevância do setor, cabem algumas considerações específicas sobre a evolução do desempenho do comércio. Conforme pode ser observado na Ilustração 58, o Valor Adicionado do comércio cresceu cerca de 42% entre 2002 e 2010, registrando pequena perda apenas no ano de 2003.



Fonte: SEI

Ilustração 58 - Desempenho do Comércio entre 2002 (base 100) e 2010

Em 2010, os grupos de comércio varejista baiano registraram, conforme o Quadro 94, o seguinte comportamento em relação ao ano anterior:

Quadro 94 - Crescimento dos Grupos do Comércio Varejista Baiano - Ano 2010

ATIVIDADES	ACUMULADO 2010[1] (Volume de vendas[2])
Indicador do Comércio Varejista*	10,1
1 - Combustíveis e lubrificantes	5,4
2 - Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	6,4
2.1 - Hipermercado e supermercado	6,7
3 - Tecidos, vestuário e calçados	8,4
4 - Móveis e eletrodomésticos	23,1
5 - Artigos Farm. med. ort. e de perfum.	12,4
6 - Equip. mat. p/ esc. inf. Comunicação	11,7
7 - Livros, jornais, rev. e papelaria	5,6
8 - Outros artigos de uso pessoal e domest.	7,9
9 - Veículos e motos, partes e peças	15
10 - Material de construção	14,6

Fonte: IBGE-PMC/SEI

*O Indicador do comércio varejista é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8.

[1] Compara a variação acumulada do período de referência com igual período do ano anterior.

[2] Resulta do deflacionamento dos valores nominais de vendas por índices de preços específicos para cada grupo de atividade.

Verifica-se que o grupo que mais avançou em relação ao período anterior foi o de móveis e eletrodomésticos, seguido do grupo de artigos médicos e de farmácia e do grupo de materiais para escritório, informática e comunicações.

De qualquer forma, a taxa de crescimento geral do comércio varejista foi de, aproximadamente, 10% em 2010. Dados mais recentes, divulgados pelo Boletim da Conjuntura Econômica preparado pela SEI, apontam para um crescimento próximo a 8% em 2011 e um incremento de cerca de 9,7% em 2012.

Outra importante atividade que demanda fortemente a oferta de serviços é o turismo. Um importante indicador desse segmento refere-se ao número de empresas que desenvolvem as atividades características do turismo.

Nesse sentido, o Quadro 95 apresenta o quantitativo dessas empresas na região da Baía de Todos-os-Santos, sendo que as atividades relacionadas à alimentação, transporte e terminais, e alojamento, totalizaram 4.472 empresas, ou seja, 82% dos empreendimentos formais da região. Importante mencionar a posição da capital Salvador com 83% das empresas de transporte e terminais, 82% dos alojamentos, 91% dos empreendimentos de alimentação, perfazendo uma participação global de 90% de todos os empreendimentos que desenvolvem as atividades relacionadas ao turismo.

Quadro 95 - Número de Empresas por Grupo das Atividades Características do Turismo na Região da Baía de Todos-os-Santos - 2012

Em Número de Empresas

MUNICÍPIOS	TRANSPORTE E TERMINAIS	ALOJAMENTO	ALIMENTAÇÃO	LOCADORA	AGÊNCIA DE TURISMO	CULTURA E LAZER	TOTAL
Cachoeira	7	9	17	1	0	3	37
Candeias	31	5	56	6	1	4	103
Itaparica	2	5	12	0	7	3	29
Jaguaripe	0	2	1	0	0	0	3
Madre de Deus	2	6	20	2	0	1	31
Maragogipe	1	6	10	0	1	2	20
Muritiba	4	1	7	0	0	1	13
Nazaré	6	3	15	2	1	0	27
Salinas da Margarida	0	4	2	0	1	0	7
Salvador	559	370	3.063	130	304	467	4.893
Santo Amaro	10	6	29	2	1	4	52
São Félix	0	3	5	0	0	0	8
São Francisco do Conde	4	1	17	0	0	1	23
Saubara	0	2	1	0	0	0	3
Simões Filho	39	4	70	14	2	14	143
Vera Cruz	5	23	27	0	6	3	64
TOTAL	**670**	**450**	**3.352**	**157**	**324**	**503**	**5.456**

Fonte: SEI

Outro importante indicador refere-se ao estoque formal de emprego nas atividades características do turismo. O Quadro 96 apresenta esse estoque na região da Baía de Todos-os-Santos, em 2011 e 2012, enquanto o Quadro 97 apresenta esse mesmo indicador no âmbito estadual, para os mesmos períodos.

Quadro 96 - Estoque Formal de Emprego nas Atividades Características do Turismo na Região da Baía de Todos-os-Santos - 2011 e 2012

Em Número de Empregados

ATIVIDADES	2011	2012	%
Transporte e Terminais	27.616	30.723	11,25
Alojamento	7.388	7.331	-0,77
Alimentação	28.961	31.114	7,43
Locação de Veículos	1.276	1.255	-1,65
Agência de Turismo	1.980	2.163	9,24
Cultura e Lazer	3.759	4.161	10,69
TOTAL	**70.980**	**76.747**	**8,12**

Fonte: MTE - RAIS/SEI

Quadro 97 - Estoque Formal de Emprego nas Atividades Características do Turismo - Estado da Bahia - 2011 e 2012

Em Número de Empregados

ATIVIDADES	2011	2012	%
Transporte e Terminais	45.949	53.960	17,43
Alojamento	26.108	27.088	3,75
Alimentação	52.602	57.357	9,04
Locação de Veículos	2.605	2.624	0,73
Agência de Turismo	3.594	3.748	4,28
Cultura e Lazer	6.153	6.917	12,42
TOTAL	**137.011**	**151.694**	**10,72**

Fonte: MTE - RAIS/SEI

Verifica-se que a atividade de alimentação é aquela que reúne o maior quantitativo de empregos formais na região da Baía de Todos-os-Santos, enquanto que as empresas de transporte e terminais são a maioria no Estado como um todo.

Importante registrar, também, que no Estado houve um crescimento de 3,75% no quantitativo do emprego formal entre 2011 e 2012, apesar da ligeira queda ocorrida no quantitativo de empregos formais na atividade de alojamento da região da Baía de Todos-os-Santos.

Em termos gerais, registrou-se um crescimento de, aproximadamente, 11% nos empregos das atividades características do turismo em termos estadual, contra 8% verificado na região da Baía de Todos-os-Santos, entre 2011 e 2012.

Com relação especificamente à hotelaria, admite-se que o seu desempenho possa ser medido pela taxa de ocupação e pela diária média, que acabam por mensurar a eficiência na captação da demanda e receita de hospedagem.

Com o objetivo de integrar esses dois indicadores, que não podem ser avaliados isoladamente, o segmento hoteleiro criou o RevPar (Revenue per Available Room), que significa a receita por apartamento disponível, obtida pelo agrupamento dos dois indicadores anteriormente mencionados, que representa a rentabilidade média por unidade de hospedagem.

O Quadro 95, na sequência, apresenta este indicador, apurado entre 22 meios de hospedagem, em 2011 e 2012.

Como se observa, a comparação entre os dois períodos avaliados, de janeiro a novembro de 2011 e 2012, indica que ocorreram variações positivas nos meses de janeiro, junho, julho, agosto e novembro de 2012, enquanto nos meses de março, abril, maio, setembro e outubro de 2012, períodos considerados fora de temporada, os resultados se apresentaram menos favoráveis do que em 2011.

Deve-se registrar que os meses de fevereiro e março foram fortemente influenciados pelo período do Carnaval, sendo que no ano de 2011 o Carnaval aconteceu em março, enquanto que em 2012 o Carnaval ocorreu em fevereiro.

Quadro 98 - RevPar Médio Mensal da Hotelaria de Salvador - Janeiro a Novembro - 2011/2012

Em R$ correntes

MÊS	2011	2012	%
Janeiro	150,81	150,85	0,03
Fevereiro	123,29	184,58	49,71
Março	204,50	116,64	-42,96
Abril	109,22	104,83	-4,02
Maio	108,37	96,81	-10,67
Junho	88,66	90,06	1,58
Julho	112,05	116,21	3,71
Agosto	113,80	123,42	8,45
Setembro	124,26	122,96	-1,05
Outubro	131,11	120,97	-7,73
Novembro	126,12	137,43	8,97

Fonte: SHRBS - Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares

Quanto ao fluxo do turismo doméstico, as estatísticas de 2012 apuradas pela SETUR com base nas informações referentes aos meios de hospedagem, indicam que o próprio Estado é o principal emissor de hóspedes domésticos em Salvador, com participação de cerca de 31%, seguido pelo Estado de São Paulo, com 19%.

Entretanto, no turismo realizado no interior da Bahia, São Paulo é o principal emissor de hóspedes, com participação de 32%, seguido pela Bahia com 19% dos hóspedes domésticos.

Verifica-se, ainda, que em Salvador, o Rio de Janeiro aparece como o terceiro maior emissor de hóspedes domésticos, com 10% do total, enquanto que no interior do Estado da Bahia aparece nessa posição o Estado de Minas Gerais.

Para finalizar apresenta-se no Quadro 99 a evolução do fluxo de turistas estrangeiros entre 2009 e 2010, considerando-se a origem e a via de acesso utilizada.

No referido Quadro é possível verificar a predominância acentuada da origem europeia e do uso da via aérea como principal meio de chegada, seguida pelas origens na América do Sul e América do Norte.

De qualquer forma, cabe destacar que a Argentina, em termos individuais, aparece como o principal emissor de turistas para o Estado da Bahia.

Quadro 99 - Fluxo de Turistas Estrangeiros, Segundo Origem e Via de Acesso - 2009/2010

Em Número de Turistas

MUNICÍPIOS	VIA AÉREA		VIA MARÍTIMA		TOTAL	
	2009	2010	2009	2010	2009	2010
África	360	428	29	39	389	467
América Central e Caribe	291	317	0	13	291	330
América do Norte	6.461	12.233	372	2.385	6.833	14.618
América do Sul	31.381	36.368	16	275	31.397	36.643
Ásia	549	1.069	14	578	563	1.647
Europa	101.863	109.711	1.941	2.187	103.804	111.898
Oceania	215	298	16	59	231	357
Não Identificados	1	6	0	0	1	6
TOTAL	**141.121**	**160.430**	**2.388**	**5.536**	**143.509**	**165.966**

Fonte: EMBRATUR/SEI

6. ESTRUTURAS DE ARMAZENAGEM NO ESTADO

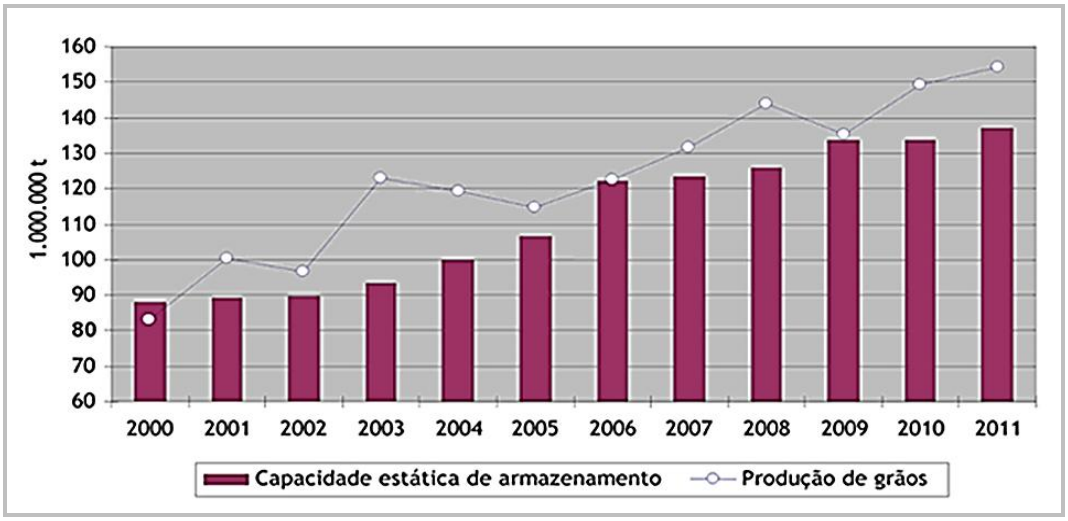
6.1. Armazenagem da Produção Agrícola

Estudos relativos à infraestrutura de apoio à produção agrícola brasileira, elaborados pelo Instituto de Economia Agrícola - IEA confirmam que a capacidade de armazenagem no Brasil não tem sido suficientemente adequada ao ritmo de crescimento das safras em determinadas regiões do país, principalmente naquelas de incorporação recente ao processo produtivo.

Para atender à demanda crescente por alimentos, o setor produtivo passou a ocupar regiões cada vez mais distantes dos grandes centros consumidores, exigindo-se, portanto, uma infraestrutura relativamente dispersa e onerosa, criando dificuldades crescentes nas formas de comercialização.

O IEA destaca, ainda, que o complexo armazenador brasileiro apresenta problemas decorrentes de sua estrutura arcaica e obsoleta. Atualmente, ainda, é uma pequena parcela da capacidade armazenadora, cerca de 15%, que está localizada nas unidades de produção. Embora tenham ocorrido avanços consideráveis, ainda é bastante baixa a capacidade de armazenagem nas unidades de produção quando comparada aos padrões internacionais.

A seguir apresenta-se a Ilustração 59, que indica a evolução da capacidade de armazenamento no país vis-à-vis à evolução da produção nacional de grãos, na qual é possível verificar que nas duas mais recentes safras, ocorreram defasagens acentuadas entre produção de grãos e capacidade estática de armazenamento.



Fonte: Elaboração IEA com dados da CONAB
*Dados preliminares

Ilustração 59 - Produção de Grãos e Capacidade Estática de Armazenamento no Brasil 2000-2011*

Deve-se destacar que, essa capacidade estática nacional apresentava a seguinte situação em relação ao tipo de armazenagem para o ano de 2012: 83% granel e 17% convencional.

Importante mencionar que a partir do ano de 2001, a CONAB passou a registrar no Sistema de Cadastro Nacional de Unidades Armazenadoras - SICARM as unidades de estocagem do país. Assim, todas as empresas prestadoras desse tipo de serviço estão

obrigadas a manter atualizados os dados de seus armazéns no cadastro administrado pela CONAB.

Observa-se, ainda, que a partir de 2006, a CONAB determinou que todos os produtos agrícolas que venham a ser beneficiados por qualquer instrumento de comercialização do governo federal deveriam ser armazenados em unidades cadastradas em seu sistema.

Verifica-se que, com a necessidade do cadastramento, muitas unidades sofreram impedimentos. Assim, são muitas as unidades armazenadoras com veto, ou seja, não atendem ao padrão de exigências da CONAB estabelecido para a manutenção dos grãos. As unidades consideradas aptas, que efetivamente obtiveram o cadastramento sem qualquer impedimento, representam pequena parcela em relação ao quantitativo da capacidade de armazenagem existente no país, conforme pode ser constatado no Quadro 100, a seguir.

Quadro 100 - Capacidade de Armazenagem Apta por Região (Avaliação CONAB) - 2012

Em %

REGIÃO	CREDENCIAMENTO SEM IMPEDIMENTO
Norte	3,14
Nordeste	2,98
Centro-Oeste	3,58
Sudeste	3,97
Sul	5,78

Fonte: CONAB

A distribuição regional da capacidade estática de armazenagem está indicada no Quadro 101. É possível constatar que 41,6% da capacidade estão instaladas na Região Sul, 34,3% na Região Centro-Oeste, 15,9% na Região Sudeste, 6,2% na Região Nordeste e 2,1% no Norte.

Quadro 101 - Distribuição Regional da Capacidade Estática Cadastrada de Armazenagem - 2012

Em Toneladas

REGIÃO	CONVENCIONAL		GRANEL		TOTAL	
	NÚMERO	CAPACIDADE	NÚMERO	CAPACIDADE	NÚMERO	CAPACIDADE
Norte	283	925.979	190	2.074.241	473	3.000.220
Nordeste	690	2.014.415	568	6.795.380	1.258	8.809.795
Centro-Oeste	1.006	4.431.124	2.995	44.663.410	4.001	49.094.534
Sudeste	1.946	9.364.963	972	13.387.008	2.918	22.751.971
Sul	2.789	8.253.625	6.077	51.216.287	8.866	59.469.912
TOTAL	**6.714**	**24.990.106**	**10.802**	**118.136.326**	**17.516**	**143.126.432**

Fonte: CONAB

As diferenças no porte das unidades armazenadoras podem ser verificadas no Quadro 102, a seguir.

Quadro 102 - Capacidade Estática Média Cadastrada de Armazenagem por Região - 2012

Em Toneladas

REGIÃO	CONVENCIONAL	GRANEL
Brasil	3.722	10.937
Norte	3.272	10.917
Nordeste	2.919	11.964
Centro-Oeste	4.405	14.913
Sudeste	4.812	13.773
Sul	2.959	8.248

Fonte: CONAB

Se forem consideradas as estimativas atuais para a produção de grãos na safra 2012/2013, verifica-se um déficit na capacidade estática de armazenagem, em termos nacionais, de aproximadamente 21%.

Neste contexto, os estudos do IEA destacam os seguintes gargalos e constrangimentos da armazenagem agrícola no país:

- em determinados períodos de grandes safras tem ocorrido o agravamento da situação de descompasso entre a oferta e a demanda de armazenagem, acarretando problemas na logística de movimentação das safras e congestionamentos nos portos;
- o crescimento da produção de mercadorias diferenciadas, como, por exemplo, os transgênicos, orgânicos e novos grãos, tais como canola, milheto e triticale, tem requerido maior demanda por células de armazenamento específicas;
- a falta e inadequação das unidades armazenadoras, tanto nos aspectos de qualidade como de localização geográfica, acaba por produzir verdadeiros vazio logísticos. Como consequência da migração de lavouras, muitas regiões do país tem registrado baixa oferta de armazenagem, enquanto outras até apresentam superávits;
- o cadastro de armazéns elaborado pela CONAB aponta um grande número de unidades armazenadoras com algum tipo de impedimento. Embora aparentemente não haja veto, a situação de funcionamento de muitas destas unidades não se apresenta em plena conformidade para a prestação de serviços e diminuição das perdas pós-colheita;
- no país, parcela representativa dos agricultores continua com elevado nível de endividamentos, resultando na baixa capacidade de investimento na ampliação e modernização da oferta de armazenagem. Para os pequenos produtores a contratação dos financiamentos é difícil por exigir um volume de produção compensatório;
- como já assinalado, a baixa capacidade de armazenamento nas propriedades rurais leva o produtor a comercializar prontamente as suas safras, independentemente da melhor ou pior condição comercial existente;
- em algumas regiões os grandes volumes de açúcar e de fertilizantes concorrem com o espaço armazenador de grãos. Estes produtos não têm sido normalmente considerados nas estatísticas de demanda de estocagem, o que tem mascarado as análises econômicas;
- a matriz de transporte centrada em caminhões provoca congestionamentos e demora na descarga nos armazéns/silos e nos portos.

Quanto à armazenagem no Estado da Bahia, o cadastro da CONAB se apresenta com a configuração indicada no Quadro 103.

É possível observar que da capacidade estática total de 4.032.246 t, apenas 35.543 t estão sendo consideradas pela CONAB como aptas, ou seja, possuem o credenciamento sem qualquer impedimento. Com se constata são apenas 12 dos 635 armazéns existentes no Estado.

Do total da capacidade de armazenagem considerada inapta pela CONAB, 3.996.703 t, os maiores quantitativos estão classificados como: i) com impedimento, que totaliza uma capacidade de armazenagem de 2.284.644 toneladas; e ii) SICAF - impedido e cadastro efetivado, que totaliza uma capacidade de armazenagem de 1.650.013 t.

Quadro 103 - Situação Atual dos Armazéns da Bahia no Cadastro CONAB - 2013

Em Toneladas

SITUAÇÃO CADASTRAL	CONVENCIONAL		GRANEL		TOTAL	
	NÚMERO	CAPACIDADE	NÚMERO	CAPACIDADE	NÚMERO	CAPACIDADE
Aptos						
Credenciado sem impedimento	12	35.543			12	35.543
Sub-total	**12**	**35.543**			**12**	**35.543**
Inaptos						
Cadastro Efetivado com impedimento	258	676.327	233	1.608.317	491	2.284.644
Cadastro Efetivado sem impedimento	2	4.539	3	12.640	5	17.179
Credenciado com impedimento						
SICAF - impedido e Cadastro Efetivado	44	111.725	52	1.538.288	96	1.650.013
SICAF - impedido e Credenciado	27	35.045			27	35.045
Descredenciado	3	6.682	1	3.140	4	9.822
Sub-total	**334**	**834.318**	**289**	**3.162.385**	**623**	**3.996.703**
TOTAL	**346**	**869.861**	**289**	**3.162.385**	**635**	**4.032.246**

Fonte: CONAB

A distribuição pelo Estado dessa capacidade estática de armazenagem cadastrada na CONAB pode ser observada no Quadro 104, a seguir.

Quadro 104 - Capacidade Estática dos Armazéns Cadastrados da Bahia na CONAB - 2013

Em Toneladas

MUNICÍPIO	CONVENCIONAL		GRANEL		TOTAL	
	NÚMERO	CAPACIDADE	NÚMERO	CAPACIDADE	NÚMERO	CAPACIDADE
Barra do Choça	1	304			1	304
Barreiras	41	91.788	51	501.709	92	593.497
Barrocas	1	2.541			1	2.541
Brumado	3	7.021			3	7.021
Campo Formoso	5	3.820			5	3.820
Candeias	1	4.860			1	4.860
Cansanção	1	3.997			1	3.997
Conceição do Coité	23	53.832			23	53.832
Correntina	32	96.562	35	352.823	67	449.385
Entre Rios	1	2.000			1	2.000
Feira de Santana	8	24.530			8	24.530
Formosa do Rio Preto	22	56.297	25	309.896	47	366.193
Guanambi	14	17.852	1	800	15	18.652
Ibicoara			1	6.773	1	6.773
Ilhéus			1	11.580	1	11.580
Irecê	8	31.365			8	31.365
Itabela	1	3.495			1	3.495
Itaberaba	1	2.030			1	2.030
Itamaraju	2	4.476			2	4.476
Ituberá	1	594			1	594
Jaborandi	1	1.200	9	54.871	10	56.071
Jacobina	3	12.023			3	12.023
Jequié	2	3.223			2	3.223
Juazeiro	1	102			1	102
Jussara	1	117			1	117
Luís Eduardo Magalhães	42	178.174	58	952.065	100	1.130.239
Monte Santo	2	1.671			2	1.671
Pintadas	1	25			1	25
Queimadas	1	2.067			1	2.067
Retirolândia	6	5.788			6	5.788
Riachão das Neves	3	4.310	16	267.236	19	271.546
Ribeira do Pombal	1	4.400			1	4.400
Salvador	19	48.386			19	48.386
Santaluz	18	24.560			18	24.560
Santa Maria da Vitória	1	2.000			1	2.000
São Desidério	57	118.774	89	700.672	146	819.446
São Domingos	4	9.020			4	9.020
São Félix	1	540			1	540
São Félix do Coribe	1	731			1	731
São Gabriel	2	3.825			2	3.825
Serra do Ramalho	2	3.366	1	1.310	3	4.676
Teixeira de Freitas	1	4.050			1	4.050
Valente	2	1.505			2	1.505
Várzea Nova	1	1.846			1	1.846
Vera Cruz			2	2.650	2	2.650
Vitória da Conquista	7	30.794			7	30.794
TOTAL	**346**	**869.861**	**289**	**3.162.385**	**635**	**4.032.246**

Fonte: CONAB

O município de Luís Eduardo Magalhães é aquele que se destaca com a maior capacidade estática disponível, com 1.130.239 t, distribuídas por 100 unidades de armazenagem, sendo 52 armazéns graneleiros, com um total de 952.065 t de capacidade. Em seguida aparecem os municípios de São Desidério e Barreiras, também na região oeste, produtora de grãos do Estado, com 819.446 t e 593.497 t de capacidade disponível, respectivamente, sendo 700.672 t e 501.709 t de armazéns graneleiros.

Existem ainda outros três municípios, também da região oeste, que devem ser destacados, Correntina, Formosa do Rio Preto e Riachão das Neves, cujas capacidades estáticas de armazenagem alcançam 449.385 t, 366.193 t e 271.546 t, respectivamente, sendo a maior parte disponível em armazéns graneleiros.

Verifica-se, ainda, que a maior disponibilidade de armazéns convencionais também acontece no município de Luís Eduardo Magalhães, com 42 unidades de armazenagem, totalizando 178.174 t de capacidade estática. Importante ressaltar que o município de Luís Eduardo Magalhães concentra, aproximadamente, 28% da capacidade estática de armazenagem total do Estado.

Nesse sentido, deve-se mencionar que os seis municípios citados anteriormente, ou seja, Luís Eduardo Magalhães, São Desidério, Barreiras, Correntina, Formosa do Rio Preto e Riachão das Neves reúnem 90% da capacidade estática de armazenagem cadastrada na CONAB no Estado da Bahia.

Na sequência, no Quadro 105, estão apresentados os armazéns credenciados e habilitados pela CONAB na Bahia. Como se observa, não há nenhum armazém graneleiro considerado apto pela CONAB.

Quadro 105 - Armazéns na Bahia Credenciados e Habilitados no SICARM da CONAB - 2013

Em Toneladas

ARMAZENADOR	MUNICÍPIO	TIPO	CAPACIDADE
CONAB	Entre Rios	Convencional	2.000
CONAB	Irecê	Convencional	2.700
CONAB	Irecê	Convencional	2.700
CONAB	Irecê	Convencional	2.700
CONAB	Irecê	Convencional	2.700
CONAB	Irecê	Convencional	6.300
CONAB	Irecê	Convencional	6.300
CONAB	Itaberaba	Convencional	2.030
CONAB	Ribeira do Pombal	Convencional	4.400
Tereza Alves Goes D. S. Luz	Santaluz	Convencional	1.258
Tereza Alves Goes D. S. Luz	Santaluz	Convencional	455
CONAB	Santa Maria da Vitória	Convencional	2.000
TOTAL			**35.543**

Fonte: CONAB

Na condição de certificadas, são 11 unidades de armazenagem, localizadas nos municípios de Correntina, Itabela e Luís Eduardo Magalhães, que somam 208.804 t, conforme pode ser observado no Quadro 106.

Quadro 106 - Armazéns na Bahia Certificados no SICARM da CONAB - 2013

Em Toneladas

ARMAZENADOR	MUNICÍPIO	TIPO	CAPACIDADE
Multigrain Armazéns Gerais S/A	Correntina	Graneleiro	36.008
Arms Gerais Forzza Ltda	Itabela	Convencional	3.495
COOPROESTE - Coop. Agrop. do Oeste da Bahia	Luís Eduardo Magalhães	Bateria de Silos	35.969
COOPROESTE - Coop. Agrop. do Oeste da Bahia	Luís Eduardo Magalhães	Silo	485
COOPROESTE - Coop. Agrop. do Oeste da Bahia	Luís Eduardo Magalhães	Convencional	1.800
COOPROESTE - Coop. Agrop. do Oeste da Bahia	Luís Eduardo Magalhães	Convencional	2.700
COOPROESTE - Coop. Agrop. do Oeste da Bahia	Luís Eduardo Magalhães	Convencional	2.880
COOPROESTE - Coop. Agrop. do Oeste da Bahia	Luís Eduardo Magalhães	Convencional	1.695
COOPROESTE - Coop. Agrop. do Oeste da Bahia	Luís Eduardo Magalhães	Convencional	1.440
Esa Arms Gerais Ltda	Luís Eduardo Magalhães	Estrutural	63.300
Multigrain Armazéns Gerais S/A	Luís Eduardo Magalhães	Graneleiro	55.032
TOTAL			**204.804**

Fonte: CONAB

6.2. Instalações de Armazenagem nos Portos da Bahia

O Porto de Salvador dispõe das instalações de armazenagem apresentadas no Quadro 106. Importante destacar que os armazéns 1 e 2 não foram apresentados, pois já foram desmobilizados para dar lugar à nova estação de passageiros.

Quadro 107 - Instalações de Armazenagem no Porto de Salvador

ARMAZÉM	DIMENSÕES (m)	ÁREA (m²)	USO
Armazém nº 3	100 x 20	2.000	Celulose
Armazém nº 4	90 x 20	1.800	Celulose
Armazém nº 5	150 x 20	3.000	Trigo
Armazém nº 6	100 x 20	2.000	Trigo
Armazém nº 7	70 x 20	1.400	Uso Múltiplo
Armazém nº 8	80 x 20	1.600	Trigo
TOTAL		**11.800**	

Fonte: CODEBA

Observa-se que existe ainda um armazém no cais de ligação, que faz parte do Terminal de Contêiner - TECON e, atualmente, está sendo reformado.

O Porto de Salvador dispõe também de pátios para estocagem, sendo que a maior parte foi arrendada ao TECON, que absorveu cerca de 118.000 m², à Ferbasa com 3.982 m², à TAM, que administra 13.521 m² e à Intermarítima com 20.000 m².

Existem, ainda, as instalações dos moinhos que, embora fora da área do Porto Organizado, completam o seu sistema de armazenagem de cargas, são elas:

- Moinho Salvador: possui capacidade estática para 20.000 t de trigo;
- Moinho Bahia, atualmente Moinho Canuelas: possui capacidade estática para 13.000 t de trigo.

Na área portuária de Aratu estão instaladas diversas unidades de armazenamento para granéis sólidos, líquidos e gasosos, sendo a maioria explorada por arrendatários ou por operadores portuários. A única instalação explorada pela própria CODEBA é o Pátio de Granéis Sólidos, localizado na retroárea do Terminal de Granéis Sólidos, com área total de 90.500 m².

As instalações arrendadas estão indicadas no Quadro 108, no qual estão apresentadas as respectivas empresas arrendatárias.

Quadro 108 - Instalações de Armazenagem Arrendadas no Porto de Aratu

ARRENDATÁRIO - USUÁRIO	ÁREA (m²)	USO
Braskem S/A	26.947	Líquidos a granel
Vopak do Brasil S/A	16.461	Líquidos a granel
Votorantim Cimentos/Cimex	3.028	Ocioso
Novelis do Brasil ltda/Alcan	3.097	Ocioso
Tequimar - Terminal Químico de Aratu	10.109	Líquidos a granel
Tequimar - Terminal Químico de Aratu	84.421	Líquidos a granel
Vopak do Brasil S/A	22.646	Líquidos a granel
Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados - FAFEN	45.402	Sólidos a granel
Magnesita Refratários S/A	12.686	Sólidos a granel
Paranapanema	31.304	Sólidos a granel
TOTAL	**256.100**	

Fonte: CODEBA

O Porto de Ilhéus dispõe das seguintes instalações de armazenagem:

- dois armazéns, A1 e A2, com 150 m x 50 m, com área de 8.000 m² cada um. Um dos armazéns é usado para produtos vegetais e o outro para produtos minerais;
- dois pátios de estocagem, um com 8.000 m² e o outro com 12.500 m².

Os Terminais Privativos da Baía de Todos-os-Santos que possuem ativos de armazenagem relevantes são: o Terminal Almirante Alves Câmara - TEMADRE, o Terminal Portuário de Cotegipe - TPC e o Terminal da Ford.

O TEMADRE, localizado no município de Madre de Deus, tem capacidade de estocagem de petróleo e de derivados de cerca de 700.000 m³ e faz parte do sistema logístico da Refinaria Landulpho Alves, da PETROBRAS.

Já o TPC, que tem por finalidade atual a movimentação de grãos, especialmente, trigo, soja em grãos e em farelo, e milho, dispõe das seguintes instalações de armazenagem:

- um armazém para grãos e farelo com capacidade de 100.000 t;
- um armazém para grãos e farelo com capacidade de 140.000 t;
- quatro silos verticais com capacidade estática de 7.500 t cada;
- sete silos verticais com capacidade estática de 18.000 t cada.

O Terminal da Ford possui uma área de armazenagem de 122.545 m² para estocagem de cerca de 6.024 veículos.

Quanto aos terminais privativos do sul do Estado, deve-se destacar o Terminal Marítimo de Belmonte, ligado à operação da empresa Veracel, com 30.000 m² de área para estocagem de madeira e o Terminal de Barcaças Luciano Villas Boas Machado, localizado em Caravelas, com área para armazenagem de madeira em pátio de 1.700 m².

6.3. Instalações Ferroviárias de Movimentação de Cargas na Bahia

O pátio de maior movimentação de vagões da Ferrovia Centro-Atlântica - FCA na Bahia é o COPEC. Esse pátio é responsável pela movimentação de carga geral não conteinerizada, com capacidade de 35 vagões/dia. O segundo pátio de maior capacidade no Estado, com 30 vagões/dia, é o de Candeias que movimenta veículos. Nos demais pátios, as capacidades variam em uma faixa de 8 vagões/dia a 15 vagões/dia. As características básicas dos pátios/terminais da FCA na Malha da Bahia estão indicadas no Quadro 109.

Quadro 109 - Terminais de Carga e Descarga da FCA

PÁTIO	TERMINAL	MERCADORIA	CAPACIDADE (Vagão/dia)
Barrinha	Mineração Caraíba	Cobre	8
Campo Formoso	Ferbasa	Cromita	15
Candeias	PETROBRAS	Veículos	30
Catiboaba	Magnesita	Granéis Minerais	20
Copec	BSC	Carga Geral Não Conteinerizada	35
Copec	Deten Química	Lab	8
Copec	Mineração Caraíba	Cobre	15
Irapui	Ferbasa	Cromita	18
Itiuba	Ferbasa	Cromita	20
Porto de Aratu	Magnesita	Granéis Minerais	20
Porto de Aratu	Dow Química	Produção agrícola	15

Fonte: ANTT

Estão em desenvolvimento projetos de terminais para captação de cargas, a saber:

- Terminal Intermodal de Camaçari - TERCAM, que tem como objetivo a promoção da consolidação de granéis sólidos produzidos em Camaçari, para o qual se estima o potencial de 400 mil t/ano;
- Centro de Distribuição de Candeias - CDCAN, que tem como objetivo o abastecimento de cloreto de potássio das misturadoras instaladas em Candeias, para o qual se estima o potencial de 200 mil t/ano;
- Terminal Intermodal da Bahia - Simões Filho - TIBA, que tem como objetivo o atendimento da demanda de carga geral, para o qual se estima o potencial de 540 mil t/ano.

Devem ser destacados, ainda, os pátios de carregamento previstos para serem implementados ao longo da Ferrovia de Integração Oeste-Leste, atualmente em construção:

- Terminal do Porto Sul, em Ilhéus, que fará interface com as instalações ferro-portuárias dos usuários da ferrovia;
- Polo de Cargas de Tanhaçu: pátio regulador dos trens de minério de ferro e de transbordo de cargas com a FCA;
- Polo de Caetité: pátio dos trens de minério de ferro;
- Polo de cargas de Barreiras: pátio de carregamento de produtos agrícolas;
- Polo de cargas de São Desidério: pátio de carregamento de produtos agrícolas.

Estão, ainda, em fase de estudos os seguintes terminais:

- Terminal de Jequié;
- Terminal de Guanambi;
- Terminal de Bom Jesus da Lapa.

6.3. Instalações Aeroviárias de Movimentação de Cargas na Bahia

A movimentação principal de carga aérea no Estado é realizada pelo Terminal de Logística de Carga - TECA do aeroporto internacional de Salvador. A configuração atual do TECA é composta de uma área total de 12.020 m², sendo 5.715 m² de área construída, o que permite ao equipamento uma capacidade de movimentação de 1.122 t.

A estrutura do complexo de terminais está organizada em dois grandes componentes:

- terminal internacional: área de importação, área de exportação, áreas de apoio operacional, plataformas e áreas externas;
- terminal de cargas nacional.

Importante destacar que, em termos de abrangência das operações realizadas nesse terminal de cargas, na exportação os principais municípios beneficiados pelo TECA tem sido: Juazeiro, Barreiras, Camaçari, Simões Filho e a própria região metropolitana de

Salvador. Já na importação, as empresas de Camaçari, Lauro de Freitas, Simões Filho, Feira de Santana, Ilhéus e Candeias, são atendidas, principalmente, pelo terminal de Salvador.

As características do TECA de Salvador estão apresentadas na Ilustração 60 apresentada na sequência, na qual é possível verificar a diferenciação entre o terminal de cargas nacionais e o terminal de cargas internacionais.

COMPLEXO DE TERMINAIS	
Descrição	m²
Área total dos lotes	12.020
Área construída	5.715,80
TERMINAL NACIONAL	
Descrição	m²
Área total	2.800
Área construída	730,8
TERMINAL INTERNACIONAL	
Importação	
Descrição	m²
Lado terrestre	2.540
Área de armazenagem	1.150
Câmaras frigoríficas	117,98
Cargas perigosas	117,98
Recebimento de importação	326,3
Área de conferência	269,69
Corredor de liberação de importação	145,25
Cargas em trânsito	223,7
Cargas perdidas	112
Lado AR	823,71
EXPORTAÇÃO	
Descrição	m²
Lado terrestre (área de armazenagem)	888,45
Lado AR	312,29
ÁREAS COMPLEMENTARES	
Áreas de apoio operacional (térreo)	140,51
Plataforma (docas)	218,92
Área externa (estacionamento)	2.232,25

Fonte: Infraero

Ilustração 60 - Características do Terminal de Carga do Aeroporto Internacional de Salvador

6.4. Instalações de Armazenagem nas Instalações Aduaneiras Interiores

A Bahia possui três Estações Aduaneiras Interiores - EADI, especializadas na guarda de mercadorias alfandegadas, todas localizadas na Região Metropolitana de Salvador, a saber:

- EADI Empório, administrada pela empresa Companhia Empório de Armazéns Gerais Alfandegados, localizada na área urbana de Salvador, que até recentemente era classificada como Porto Seco e a partir de 2013 foi elevada a categoria de Centro Logístico Industrial Aduaneiro - CLIA, sendo a primeira empresa nas Regiões Norte e Nordeste a obter este tipo de permissão operacional do governo federal. A CLIA é especializada na armazenagem de maquinários, peças para montagem, alimentos e eletrodomésticos;

- EADI Salvador, situada em Simões Filhos, administrada pela Columbia do Nordeste, destina-se à armazenagem de carga geral e produtos químicos, farmacêuticos e perigosos. Possui uma infraestrutura de armazenagem que contempla 20.000 m² de área de armazéns, 12.500 m² de área coberta de armazenagem alfandegada e 125.000 m² de área de pátio. O grupo adquiriu recentemente a CEFRINOR S.A., empresa de armazenagem de carga frigorificada, em especial de gêneros alimentícios, localizada ao lado da EADI Salvador. A empresa possui área de armazenagem de mais de 53.000 m³;
- EADI Intermarítima, localizada na zona portuária contígua ao TECON, sendo administrada pela empresa Intermarítima Portos e Logística S/A. Possui três centros de distribuição e exportação localizados no Centro Industrial de Aratu. A EADI é especializada, principalmente, no armazenamento de cargas conteinerizadas, que abrangem cargas gerais, químicas e perigosas, resfriadas, congeladas e alimentos.

6.5. Distritos Industriais - Áreas de Potencial Armazenagem Própria

A seguir apresenta-se a relação dos distritos industriais da Bahia, especificando-se a sua área e o número de empresas que os compõem:

- PIC - Camaçari: área de 304.789.537 m², com 120 empresas;
- CIA - Aratu: área de 250.433.947 m², com 147 empresas;
- Alagoinhas: área de 1.224.160 m², com 24 empresas;
- Barreiras: área de 1.174.953 m², com 8 empresas;
- Eunápolis: área de 499.968 m², com 14 empresas;
- Ilhéus: área de 3.674.174 m², com 76 empresas;
- Itapetinga: área de 445.010 m², com 9 empresas;
- Jequié: área de 2.489.262 m², 31 com empresas;
- Juazeiro: área de 3.626.012 m², com 36 empresas;
- Luís Eduardo Magalhães: área de 3.120.000 m², com 29 empresas;
- Santo Antônio de Jesus: área de 201.504 m², com 13 empresas;
- Teixeira de Freitas: área de 1.000.820 m², com 18 empresas;
- Vitória da Conquista: área de 6.075.000 m², com 58 empresas.

6.6. Condomínios Industriais

O mercado de condomínios industriais no país tem avançado a cada ano em ritmo acelerado. Ao longo das rodovias estaduais e federais, pode-se observar frequentes lançamentos e implementações de parques logísticos e novas áreas industriais. Estima-se que no Brasil serão entregues mais de 15,3 milhões m² de galpões de alto padrão até 2017, e a disponibilidade das áreas de armazenagem irá, no mínimo, triplicar de tamanho.

Segundo dados das empresas imobiliárias nacionais, no primeiro semestre de 2013, foram entregues mais 1,2 milhão m², 31% do previsto para 2013. Importante destacar que 80% destes novos empreendimentos foram entregues em São Paulo e Rio de Janeiro, seguidos pelos Estados de Pernambuco, Paraná, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Goiás e Bahia.

Neste contexto, cabe destacar que a grande maioria dos novos centros logísticos que estão sendo implementados foi locada em curto espaço de tempo, sendo que 100% foram locados antes de sua entrega, o que demonstra a carência por galpões logísticos mais eficientes, com localização estratégica e de alto padrão. Ressalte-se que a maior parte destes galpões está sendo construída de forma especulativa.

Em relação à distribuição regional desses novos projetos, verifica-se que a região sudeste do país continuará sendo a mais representativa no Brasil, absorvendo aproximadamente 74% das novas entregas, impulsionada principalmente por São Paulo, com participação de 50% e Rio de Janeiro com representatividade de 20%.

Nos Estados do Sul, como por exemplo, no Paraná, e na Região Nordeste do país, estão surgindo parques logísticos mais recentes. Em Pernambuco, estão sendo implementados principalmente na região de Suape, enquanto que no Ceará em áreas da capital.

Especificamente para a Bahia são projetados 1,3 milhão m² de novas instalações a serem entregues até o ano de 2017, principalmente entre 2013 e 2015, representando cerca de 4% das novas instalações a serem implementadas no país, neste período, posicionando o Estado na quinta colocação do ranking nacional.

Por outro lado, quando se considera todos os tipos de galpões de armazenamento industrial, independentemente de seu padrão de qualidade e, considerando também os projetos próprios desenvolvidos nas áreas dos Portos Secos, a Bahia aparece como o terceiro maior mercado do país, com 2,5 milhões m² de área construída, ficando atrás apenas de São Paulo com 35,5 milhões de m² e Rio de Janeiro com 5,5 milhões m².

6.7. ZPE Ilhéus - Área de Potencial Armazenagem Própria

Localizada na Rodovia Ilhéus-Uruçuca, km 12 (BA-262), com um terreno de 2.250 mil m², tendo seu projeto com 9.500 m² de área construída, na qual já foi aprovado o projeto arquitetônico, alvará de construção e licença ambiental. A ZPE Ilhéus também contará com o fácil acesso ao futuro Complexo Industrial de Ilhéus.

7. NÍVEL DE MOTORIZAÇÃO

Inicialmente, está apresentada no Quadro 110 a classificação adotada pelo DENATRAN - RENAVAN - SINET, em todo o território nacional, para a diferenciação dos diversos tipos de veículos que compõem a frota nacional.

Quadro 110 - Classificação dos Tipos de Veículos Segundo DENATRAN

Automóvel	veículo automotor destinado ao transporte de passageiros, com capacidade para até oito pessoas, exclusive o condutor
Caminhão	veículo automotor destinado ao transporte de carga, com carroçaria, e peso bruto total superior a 3.500 kg
Caminhão Trator	veículo automotor destinado a tracionar ou arrastar outro
Caminhonete	veículo automotor destinado ao transporte de carga, com peso bruto total de até 3.500 kg
Camioneta	veículo automotor, misto, com quatro rodas, com carroçaria, destinado ao transporte simultâneo ou alternativo de pessoas e carga no mesmo compartimento
Chassi Plataforma	veículo inacabado, com equipamento que permita seu deslocamento em vias de rolamento, preparado para receber carroçaria de ônibus
Ciclomotor	veículo de duas ou três rodas, provido de um motor de combustão interna, cuja cilindrada não exceda a 50 cm³
Micro-ônibus	veículo automotor de transporte coletivo com capacidade para até 20 passageiros
Motocicleta	veículo automotor de duas rodas, com ou sem sidecar, dirigido em posição montada
Motoneta	veículo automotor de duas rodas, dirigido por condutor em posição sentada
Ônibus	veículo automotor de transporte coletivo com capacidade para mais de 20 passageiros
Reboque	veículo destinado a ser engatado atrás de um veículo automotor
Semirreboque	veículo de um ou mais eixos que se apóia na sua unidade tratora ou é a ela ligado por meio de articulação
Sidecar	carro ou caçamba provido de uma roda acoplada na lateral da motocicleta
Trator com rodas	trator que se movimenta sobre rodas, podendo ter chassi rígido ou articulado
Triciclo	veículo rodoviário automotor de estrutura mecânica igual à motocicleta dotado de três rodas
Utilitários	veículo misto caracterizado pela versatilidade do seu uso, inclusive fora da estrada
Outros	argumento que não se enquadra em nenhuma definição estabelecida

Fonte: DENATRAN

As informações disponíveis sobra a frota total de veículos do Estado da Bahia indicam que ela cresceu, no período de 2001 a 2012, cerca de 226%.

Verifica-se que no ano de 2001, os cinco municípios que possuíam os maiores quantitativos de veículos eram, em ordem decrescente, Salvador, Feira de Santana, Vitória da Conquista, Itabuna e Juazeiro, com 352.606, 60.050, 29.751, 21.003, 19.665, respectivamente, representando aproximadamente 54,8% da frota estadual.

Em 2012, com uma única alteração em relação ao ano de 2001, os cinco municípios que possuíam as maiores frotas de veículos foram, também em ordem decrescente, Salvador, Feira de Santana, Vitória da Conquista, Juazeiro e Camaçari, com 744.590, 196.706, 95.289, 70.181, 62.857, respectivamente, reunindo cerca de 40,7% da frota estadual.

Em termos de representatividade de cada um dos tipos de veículos, considerando-se o primeiro e o último ano da série analisada, podem ser indicadas as seguintes participações em relação à frota total de veículos do Estado:

Quadro 111 - Participação dos Tipos de Veículos na Frota Estadual (%)

PÁTIO	2001	2012
Automóvel	60,78	45,22
Caminhão	5,54	3,47
Caminhão Trator	0,51	0,55
Caminhonete	1,74	8,08
Camioneta	11,92	2,60
Chassi Plataforma	0,08	0,01
Ciclomotor	0,01	0,10
Micro-ônibus	0,72	0,74
Motocicleta	14,25	31,61
Motoneta	1,44	4,15
Ônibus	1,48	1,09
Reboque	0,78	0,95
Semirreboque	0,68	0,84
Sidecar	0,02	0,02
Trator com rodas	0,01	0,01
Triciclo	0,01	0,04
Utilitários	0,01	0,52
Outros	0,02	0,00
TOTAL	**100,00**	**100,00**

Fonte: DENATRAN

A frota de automóveis, que em 2001 registrava a maior participação na composição da frota, manteve esta posição em 2012, porém com significativa redução de sua representatividade sofre a frota total devido, principalmente, ao crescimento da participação das motocicletas na frota estadual.

Em 2012, a frota de automóveis registrou a maior concentração de veículos no município de Salvador, com 512.032 veículos, seguido por Feira de Santana com 88.163 veículos, Vitória da Conquista com 42.932 veículos, Lauro de Freitas com 32.513 veículos e Camaçari com 29.481 veículos. Juntos estes cinco municípios registraram uma participação de 54,2% na frota estadual de automóveis, que alcançou naquele ano 1.301.065 veículos.

Em relação à frota de caminhões, apenas quatro municípios registravam uma frota superior a 3.000 veículos em 2012, a saber: Salvador com 17.130 veículos, Feira de Santana com 8.321 veículos, Vitória da Conquista com 4.018 veículos e Juazeiro com 3.046 veículos. Naquele ano a frota estadual de caminhões era de 99.905 veículos.

A frota estadual de caminhões tratores em 2012 limitou-se a 15.820 veículos, localizada predominantemente em Salvador, Feira de Santana, Camaçari, Luiz Eduardo Magalhães e Candeias, com 2.226, 1.690, 1.284, 1.095 e 1.050 veículos, respectivamente. Além destes, nenhum outro município possuía, naquele ano, frota de caminhões tratores superior a 1.000 veículos.

Quanto à frota de Caminhonetes, cujo quantitativo era de 232.418 veículos em 2012, verifica-se que se apresentou na 3ª colocação em termos de representatividade na frota estadual, comparativamente aos demais tipos de veículos, sendo superada apenas pelos automóveis e motocicletas. Os municípios de maior concentração deste tipo de veículo, naquele ano, foram: Salvador, Feira de Santana, Lauro de Freitas, Vitória da Conquista e Camaçari, com frotas de 31.460, 4.303, 2.645, 2.238 e 2.047 veículos, respectivamente.

No ano de 2012, a frota estadual de micro-ônibus somava 21.160 veículos, sendo que apenas os municípios de Salvador e Vitória da Conquista, com 3.854 e 1.1129 veículos, respectivamente, possuíam frota de micro-ônibus superior a 1.000 veículos.

Por sua vez, a frota estadual de ônibus, no mesmo ano, reunia 31.256 veículos, sendo que Salvador possuía 25% dessa frota, com 7.675 veículos, seguido pelos municípios de Camaçari, Vitória da Conquista e Feira de Santana, com 1.222, 1.209 e 1.201 veículos respectivamente, sendo que nenhum outro município possuía frota superior a 1.000 veículos.

Deve-se ressaltar o crescimento expressivo ocorrido na frota de motocicletas entre 2001 e 2012, cuja participação na frota total de veículos do Estado cresceu de 14,25% para 31,61%. Importante registrar que em 2012 a frota estadual de motocicletas alcançou um quantitativo de 909.410 veículos, sendo que os municípios de Salvador, Feira de Santana, Juazeiro, Vitória da Conquista e Jequié, primeiros no ranking, possuíam frotas de 97.110, 58.223, 27.838, 26.960 e 19143 veículos, respectivamente.

A frota desses cinco municípios reunida representou 25% da frota estadual de motocicletas.

A frota de reboques e semirreboques em 2012 era de 51.464 veículos, sendo que mais uma vez os maiores quantitativos estavam concentrados em Salvador, Feira de Santana e Camaçari, com 8.836, 4.880 e 2.442 veículos, respectivamente, aparecendo em seguida os municípios de Luiz Eduardo Magalhães e Candeias, com 2.309 e 2.251 veículos, respectivamente.

Nos Quadros de 112 a 120 estão apresentadas as frotas de veículos no Estado da Bahia com base na classificação realizada pelo DENATRAN, segundo cada um dos 27 Territórios de Identidade. Importante destacar que não foram indicados os bondes, quadriciclos e tratores de esteira, cujas frotas somavam 5 veículos em 2012.

Nos Quadros 12.A a 25.A do Anexo são apresentadas também as frotas de veículos de todos os 417 municípios do Estado da Bahia individualmente.

Quadro 112 - Frota Total de Veículos da Bahia

Por Territórios de Identidade (número de veículos)

TERRITÓRIO	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Bacia do Jacuípe	7.943	9.182	10.308	11.502	13.189	14.826	16.643	18.938	22.171	26.457	30.899	35.487
Bacia do Paramirim	3.235	3.880	4.572	5.319	6.242	7.333	8.404	9.546	10.843	17.124	20.054	22.923
Bacia do Rio Corrente	5.916	7.079	8.418	9.962	11.679	13.412	15.770	19.159	22.166	25.469	29.329	33.584
Bacia do Rio Grande	19.256	22.605	26.423	31.310	36.273	41.257	48.276	57.681	67.925	78.552	91.956	105.656
Baixo Sul	9.664	11.519	13.260	14.629	16.175	17.662	19.927	23.643	28.117	32.928	38.295	44.000
Chapada Diamantina	9.943	11.693	14.225	16.221	18.816	21.463	24.538	28.367	33.345	38.959	45.495	52.008
Costa do Descobrimento	20.035	22.868	25.657	28.873	32.399	35.613	39.705	45.771	52.494	59.781	66.936	74.703
Extremo Sul	18.964	21.539	24.834	27.431	30.790	34.491	39.687	48.275	56.652	66.729	76.893	85.653
Irecê	11.654	13.058	14.794	17.077	19.779	21.939	24.277	27.386	32.083	37.913	45.346	52.643
Itaparica	15.052	16.862	18.917	20.946	23.043	25.509	28.786	32.179	36.515	39.010	43.098	47.292
Litoral Norte e Agreste Baiano	23.887	27.631	31.209	35.512	39.968	45.759	52.308	60.515	70.449	81.504	92.489	104.306
Litoral Sul	39.831	43.538	48.471	52.567	57.712	62.726	69.646	79.773	89.968	101.006	111.526	122.411
Médio Rio de Contas	19.664	22.479	25.138	26.869	29.297	32.170	36.227	42.104	48.768	56.209	63.185	69.848
Médio Sudoeste da Bahia	8.528	9.918	11.253	12.657	14.159	15.994	18.203	21.286	24.862	25.201	28.807	31.945
Metropolitano de Salvador	394.946	425.113	451.521	478.947	514.338	555.830	606.489	662.831	725.038	797.243	863.146	934.089
Piemonte da Diamantina	12.062	13.541	14.825	16.086	17.970	19.858	22.116	24.787	28.312	32.238	36.602	41.775
Piemonte do Paraguaçu	8.590	10.002	11.986	13.233	14.921	16.978	19.207	22.229	25.586	28.976	32.862	37.202
Piemonte Norte do Itapicuru	10.118	11.460	12.640	14.084	15.927	17.866	20.089	23.004	27.024	31.326	35.916	40.871
Portal do Sertão	69.226	76.866	85.291	93.665	103.755	116.113	133.057	152.334	172.240	196.098	218.274	243.134
Recôncavo	31.044	35.095	38.886	43.188	47.973	53.634	61.288	69.200	78.909	89.769	101.753	114.571
Semiárido Nordeste II	10.972	13.214	15.282	17.585	19.685	22.062	24.818	28.328	33.194	38.958	45.294	51.176
Sertão do São Francisco	24.571	27.767	31.489	35.499	39.774	43.694	48.841	57.001	67.227	78.873	89.916	100.296
Sertão Produtivo	27.624	32.053	37.320	41.884	47.125	53.494	60.021	68.429	78.197	89.445	101.590	115.217
Sisal	20.427	23.234	26.320	29.125	33.019	37.283	41.940	46.930	54.483	63.794	75.138	87.097
Vale do Jequiriçá	12.087	13.786	15.719	16.986	18.586	20.199	22.531	25.946	30.200	34.972	39.859	44.842
Velho Chico	8.836	10.599	12.343	14.194	16.567	19.007	22.237	26.873	31.583	37.116	42.756	48.742
Vitória da Conquista	37.988	41.331	44.608	48.252	52.864	58.811	67.589	78.021	89.825	103.328	118.241	135.800
TOTAL	**882.063**	**977.912**	**1.075.709**	**1.173.603**	**1.292.025**	**1.424.983**	**1.592.620**	**1.800.536**	**2.038.176**	**2.308.978**	**2.585.655**	**2.877.271**

Fonte: DENATRAN

Quadro 113 - Frota de Automóveis da Bahia

Por Territórios de Identidade (número de veículos)

TERRITÓRIO	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Bacia do Jacuípe	2.737	3.089	3.264	3.566	3.918	4.294	4.712	5.201	6.034	7.552	8.704	10.094
Bacia do Paramirim	1.281	1.425	1.541	1.639	1.782	2.005	2.232	2.493	2.847	4.350	5.285	6.375
Bacia do Rio Corrente	1.731	1.911	2.046	2.175	2.340	2.613	2.941	3.363	3.770	4.232	4.898	5.835
Bacia do Rio Grande	7.681	8.427	9.425	10.756	12.288	13.924	16.140	18.408	21.150	24.278	28.562	33.363
Baixo Sul	4.545	5.113	5.585	6.003	6.488	6.998	7.577	8.342	9.442	10.756	12.291	14.008
Chapada Diamantina	4.105	4.609	5.237	5.683	6.308	7.016	7.820	8.751	10.138	11.801	13.854	16.590
Costa do Descobrimento	8.579	9.154	9.776	10.646	11.971	13.339	14.976	16.732	18.749	21.189	23.408	26.057
Extremo Sul	8.681	9.317	10.217	11.142	12.416	13.750	15.849	18.327	20.988	24.243	27.375	30.524
Irecê	4.914	5.454	6.036	6.646	7.446	8.160	8.871	9.849	11.398	13.379	16.043	19.107
Itaparica	7.843	8.569	9.305	10.192	11.075	12.114	13.451	14.766	16.431	17.186	18.772	20.539
Litoral Norte e Agreste Baiano	13.217	14.257	15.369	16.965	18.695	21.144	23.722	26.449	29.639	33.132	36.495	40.777
Litoral Sul	24.649	26.171	27.810	29.307	31.484	33.546	36.505	39.699	43.622	47.986	51.757	56.444
Médio Rio de Contas	9.435	10.105	10.823	11.186	12.000	12.951	14.112	15.327	17.487	19.580	21.634	23.946
Médio Sudoeste da Bahia	4.376	4.769	5.149	5.459	5.840	6.267	6.868	7.528	8.600	8.728	9.798	11.143
Metropolitano de Salvador	298.264	317.157	333.613	350.939	373.750	400.284	430.114	459.024	494.860	533.222	566.998	605.422
Piemonte da Diamantina	5.546	5.968	6.321	6.628	7.247	7.931	8.596	9.272	10.287	11.386	12.784	14.695
Piemonte do Paraguaçu	3.877	4.196	4.433	4.722	5.198	5.646	6.092	6.734	7.715	8.609	9.833	11.449
Piemonte Norte do Itapicuru	5.432	5.890	6.291	6.724	7.314	7.932	8.728	9.613	10.966	12.296	13.660	15.400
Portal do Sertão	39.349	42.404	45.662	49.096	53.273	58.279	64.535	70.046	76.750	84.673	92.487	102.870
Recôncavo	15.597	16.985	18.139	19.525	21.188	23.140	25.370	27.454	30.905	34.245	38.080	43.032
Semiárido Nordeste II	3.997	4.404	4.704	4.988	5.358	5.901	6.481	7.267	8.333	9.573	11.076	12.931
Sertão do São Francisco	11.804	12.791	14.013	15.193	16.218	17.082	18.202	19.620	22.064	25.205	28.164	31.883
Sertão Produtivo	9.990	10.914	11.999	13.015	14.215	15.914	17.504	19.296	21.922	24.868	28.731	33.877
Sisal	10.090	11.051	11.925	12.741	13.837	15.072	16.638	18.269	20.730	23.579	27.117	31.549
Vale do Jequiriçá	5.558	6.076	6.610	6.902	7.386	7.875	8.557	9.381	10.568	11.960	13.545	15.408
Velho Chico	2.906	3.236	3.460	3.758	4.178	4.577	5.000	5.665	6.649	7.737	9.012	10.851
Vitória da Conquista	19.974	21.339	22.429	23.836	25.731	27.982	30.818	33.847	38.378	43.413	48.938	56.896
TOTAL	**536.158**	**574.781**	**611.182**	**649.432**	**698.944**	**755.736**	**822.411**	**890.723**	**980.422**	**1.079.158**	**1.179.301**	**1.301.065**

Fonte: DENATRAN

Quadro 114 - Frota de Caminhões da Bahia

Por Territórios de Identidade (número de veículos)

TERRITÓRIO	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Bacia do Jacuípe	610	671	669	715	778	792	820	866	957	1.077	1.180	1.314
Bacia do Paramirim	277	316	360	400	442	491	521	562	618	860	957	1.031
Bacia do Rio Corrente	431	484	529	569	625	665	709	790	892	951	1.036	1.135
Bacia do Rio Grande	1.575	1.737	1.934	2.238	2.540	2.733	2.997	3.353	3.633	3.922	4.386	4.883
Baixo Sul	856	961	1.028	1.096	1.208	1.264	1.337	1.453	1.566	1.737	1.912	2.078
Chapada Diamantina	806	904	1.015	1.073	1.197	1.264	1.343	1.437	1.640	1.778	1.968	2.162
Costa do Descobrimento	1.268	1.524	1.535	1.573	1.674	1.761	1.844	1.923	2.002	2.114	2.273	2.450
Extremo Sul	1.071	1.154	1.241	1.327	1.416	1.487	1.667	1.813	1.931	2.146	2.394	2.611
Irecê	909	976	1.022	1.115	1.178	1.233	1.299	1.375	1.506	1.665	1.906	2.043
Itaparica	603	631	689	771	799	824	853	874	949	939	987	1.071
Litoral Norte e Agreste Baiano	1.662	1.810	1.867	2.009	2.131	2.288	2.445	2.571	2.703	2.934	3.122	3.300
Litoral Sul	2.212	2.332	2.431	2.514	2.662	2.792	2.896	3.018	3.183	3.436	3.761	3.997
Médio Rio de Contas	1.439	1.536	1.660	1.678	1.776	1.852	1.906	1.971	2.073	2.206	2.344	2.519
Médio Sudoeste da Bahia	688	753	785	809	878	930	946	980	1.025	1.016	1.109	1.138
Metropolitano de Salvador	13.465	14.262	14.626	14.956	15.634	16.524	17.641	18.889	20.358	22.879	24.687	25.802
Piemonte da Diamantina	903	949	993	1.055	1.128	1.184	1.243	1.270	1.315	1.372	1.460	1.567
Piemonte do Paraguaçu	595	652	667	687	745	803	834	898	976	1.046	1.143	1.247
Piemonte Norte do Itapicuru	671	710	753	776	835	903	930	977	1.042	1.124	1.225	1.351
Portal do Sertão	4.843	5.125	5.451	5.812	6.086	6.603	7.036	7.362	7.883	8.767	9.257	9.851
Recôncavo	3.011	3.252	3.402	3.591	3.809	3.959	4.131	4.211	4.267	4.485	4.812	5.138
Semiárido Nordeste II	624	688	722	746	754	763	764	796	817	922	1.048	1.122
Sertão do São Francisco	1.794	2.037	2.213	2.402	2.592	2.760	2.926	3.147	3.381	3.658	3.969	4.285
Sertão Produtivo	2.219	2.411	2.639	2.839	3.024	3.160	3.280	3.492	3.716	4.138	4.623	5.105
Sisal	1.402	1.464	1.562	1.611	1.714	1.805	1.898	1.993	2.143	2.371	2.660	2.928
Vale do Jequiriçá	1.170	1.241	1.280	1.306	1.362	1.397	1.476	1.562	1.646	1.807	1.985	2.104
Velho Chico	639	710	782	861	947	987	1.060	1.146	1.211	1.329	1.469	1.560
Vitória da Conquista	3.148	3.245	3.343	3.510	3.647	3.831	4.033	4.344	4.752	5.151	5.650	6.113
TOTAL	**48.891**	**52.535**	**55.198**	**58.039**	**61.581**	**65.055**	**68.835**	**73.073**	**78.185**	**85.830**	**93.323**	**99.905**

Fonte: DENATRAN

Quadro 115 - Frota de Caminhões Tratores da Bahia

Por Territórios de Identidade (número de veículos)

TERRITÓRIO	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Bacia do Jacuípe	24	26	31	37	42	49	48	52	59	77	94	111
Bacia do Paramirim	29	34	53	72	82	97	108	130	142	173	177	179
Bacia do Rio Corrente	13	18	21	19	27	32	31	37	42	51	58	79
Bacia do Rio Grande	320	352	410	516	621	696	814	1.019	1.141	1.368	1.688	1.924
Baixo Sul	14	12	13	20	20	26	25	26	31	39	43	50
Chapada Diamantina	35	45	58	61	67	71	78	94	103	129	156	169
Costa do Descobrimento	39	59	58	59	67	72	85	95	110	161	204	244
Extremo Sul	111	132	143	152	182	210	208	264	299	364	483	543
Irecê	41	50	48	55	64	68	65	61	69	79	97	111
Itaparica	57	61	74	72	76	69	69	71	83	52	53	61
Litoral Norte e Agreste Baiano	134	149	165	167	187	193	215	238	275	350	406	439
Litoral Sul	90	92	99	102	114	130	145	188	215	246	303	340
Médio Rio de Contas	100	112	110	123	129	137	173	206	221	305	344	352
Médio Sudoeste da Bahia	7	9	13	17	17	21	30	37	42	28	30	30
Metropolitano de Salvador	1.672	1.810	2.118	2.494	2.663	2.822	3.250	3.809	4.178	4.826	5.508	6.074
Piemonte da Diamantina	65	55	54	54	58	55	60	57	64	77	87	110
Piemonte do Paraguaçu	26	24	27	29	34	40	44	45	49	58	70	77
Piemonte Norte do Itapicuru	53	56	58	75	90	113	132	162	174	210	254	274
Portal do Sertão	669	686	727	768	805	897	1.035	1.236	1.398	1.648	1.859	1.919
Recôncavo	164	176	183	203	200	229	256	275	278	332	399	446
Semiárido Nordeste II	9	10	9	9	11	13	16	23	26	39	50	100
Sertão do São Francisco	107	114	108	114	95	105	119	133	139	166	179	201
Sertão Produtivo	249	272	326	366	383	409	429	498	529	596	670	776
Sisal	71	67	60	65	91	90	98	103	119	150	176	202
Vale do Jequiriçá	40	40	48	48	52	59	68	71	77	79	83	98
Velho Chico	54	57	65	76	83	81	74	85	100	121	143	158
Vitória da Conquista	312	303	290	281	305	323	356	412	456	547	667	753
TOTAL	**4.505**	**4.821**	**5.369**	**6.054**	**6.565**	**7.107**	**8.031**	**9.427**	**10.419**	**12.271**	**14.281**	**15.820**

Fonte: DENATRAN

Quadro 116 - Frota de Caminhonetes e Camionetas da Bahia

Por Territórios de Identidade (número de veículos)

TERRITÓRIO	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Bacia do Jacuípe	1.301	1.392	1.468	1.535	1.704	1.794	1.909	2.023	2.220	2.576	2.907	3.273
Bacia do Paramirim	818	926	967	1.033	1.136	1.234	1.367	1.495	1.633	2.343	2.749	3.140
Bacia do Rio Corrente	1.213	1.302	1.404	1.490	1.651	1.767	1.932	2.178	2.460	2.736	3.108	3.578
Bacia do Rio Grande	3.463	3.896	4.320	5.086	5.711	6.217	6.813	7.865	9.103	10.610	12.428	14.492
Baixo Sul	1.987	2.269	2.537	2.711	2.922	3.060	3.227	3.414	3.819	4.349	4.896	5.449
Chapada Diamantina	2.401	2.601	2.820	3.069	3.392	3.669	3.932	4.300	4.818	5.344	6.100	6.897
Costa do Descobrimento	2.820	3.054	3.157	3.419	3.801	4.149	4.466	4.931	5.507	6.209	6.885	7.705
Extremo Sul	2.873	3.043	3.199	3.390	3.772	4.057	4.551	5.216	5.945	6.861	7.891	8.858
Irecê	2.112	2.267	2.453	2.633	2.853	3.051	3.279	3.551	4.091	4.765	5.532	6.364
Itaparica	1.675	1.865	2.025	2.100	2.179	2.355	2.599	2.855	3.169	3.317	3.641	4.061
Litoral Norte e Agreste Baiano	2.983	3.224	3.439	3.778	4.175	4.620	5.065	5.567	6.169	6.904	7.775	8.641
Litoral Sul	6.127	6.511	7.069	7.538	8.058	8.561	9.088	9.666	10.483	11.633	12.781	13.874
Médio Rio de Contas	3.113	3.401	3.592	3.712	3.943	4.153	4.415	4.700	5.170	5.885	6.471	6.957
Médio Sudoeste da Bahia	1.795	1.909	1.970	2.136	2.252	2.363	2.515	2.725	3.032	2.861	3.303	3.717
Metropolitano de Salvador	42.487	45.352	47.671	50.369	53.789	57.586	61.776	66.880	73.069	82.561	91.453	101.745
Piemonte da Diamantina	2.109	2.203	2.258	2.358	2.556	2.749	2.939	3.166	3.397	3.713	4.079	4.583
Piemonte do Paraguaçu	1.384	1.496	1.553	1.632	1.775	1.953	2.063	2.220	2.467	2.708	3.057	3.461
Piemonte Norte do Itapicuru	1.603	1.705	1.803	1.965	2.137	2.305	2.479	2.726	3.042	3.410	3.902	4.428
Portal do Sertão	8.936	9.383	9.921	10.516	11.341	12.428	13.644	14.842	16.178	18.013	19.836	22.101
Recôncavo	4.203	4.343	4.497	4.871	5.196	5.556	5.921	6.340	6.959	7.727	8.625	9.597
Semiárido Nordeste II	1.318	1.442	1.502	1.592	1.700	1.839	1.946	2.138	2.404	2.756	3.152	3.516
Sertão do São Francisco	4.890	5.306	5.733	6.236	6.702	7.054	7.445	8.006	8.824	9.906	10.919	11.866
Sertão Produtivo	4.924	5.431	5.949	6.368	6.989	7.634	8.198	8.992	9.883	10.964	12.354	13.861
Sisal	2.993	3.196	3.420	3.588	3.870	4.133	4.431	4.761	5.200	5.900	6.789	7.731
Vale do Jequiriçá	2.140	2.297	2.441	2.553	2.695	2.832	3.054	3.265	3.655	4.110	4.538	5.001
Velho Chico	1.792	2.013	2.186	2.340	2.597	2.789	3.029	3.310	3.712	4.224	4.784	5.435
Vitória da Conquista	7.021	7.314	7.565	8.006	8.524	9.171	9.928	10.705	11.928	13.405	15.037	16.859
TOTAL	**120.481**	**129.141**	**136.919**	**146.024**	**157.420**	**169.079**	**182.011**	**197.837**	**218.337**	**245.790**	**274.992**	**307.190**

Fonte: DENATRAN

Quadro 117 - Frota de Ônibus e Micro-ônibus da Bahia

Por Territórios de Identidade (número de veículos)

TERRITÓRIO	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Bacia do Jacuípe	183	216	224	253	305	332	361	394	446	570	658	744
Bacia do Paramirim	94	117	134	144	191	199	211	236	279	524	567	595
Bacia do Rio Corrente	139	165	201	219	261	284	316	345	394	434	493	524
Bacia do Rio Grande	253	294	321	362	449	512	583	651	728	860	1.005	1.116
Baixo Sul	138	181	213	231	290	343	395	464	558	645	763	908
Chapada Diamantina	206	263	314	365	446	522	597	658	835	961	1.124	1.229
Costa do Descobrimento	500	558	627	746	905	944	1.020	1.028	1.052	1.118	1.257	1.340
Extremo Sul	324	372	397	465	489	555	604	681	748	828	959	1.170
Irecê	109	136	163	179	215	244	262	294	354	481	612	740
Itaparica	268	314	364	383	422	471	525	572	640	684	753	806
Litoral Norte e Agreste Baiano	629	708	806	945	1.092	1.212	1.338	1.544	1.718	1.916	2.151	2.338
Litoral Sul	1.029	958	983	1.070	1.131	1.143	1.197	1.305	1.486	1.587	1.635	1.719
Médio Rio de Contas	251	323	354	387	428	435	438	505	603	688	811	891
Médio Sudoeste da Bahia	199	283	333	404	420	453	481	525	580	439	484	535
Metropolitano de Salvador	9.153	9.786	10.168	10.416	10.860	11.429	12.375	13.245	13.898	15.209	16.418	17.208
Piemonte da Diamantina	171	195	234	255	307	358	385	417	471	535	611	684
Piemonte do Paraguaçu	138	156	188	206	239	286	319	363	436	508	586	643
Piemonte Norte do Itapicuru	278	313	331	368	417	438	464	516	578	633	703	754
Portal do Sertão	1.476	1.604	1.678	1.812	1.953	2.074	2.287	2.538	2.755	3.021	3.342	3.543
Recôncavo	775	923	1.003	1.139	1.335	1.465	1.675	1.864	2.025	2.225	2.486	2.664
Semiárido Nordeste II	242	280	312	348	417	440	477	516	604	707	831	903
Sertão do São Francisco	533	686	831	972	1.196	1.310	1.434	1.595	1.909	2.195	2.466	2.669
Sertão Produtivo	418	475	533	592	721	804	887	966	1.161	1.358	1.558	1.735
Sisal	454	500	549	585	709	795	853	958	1.099	1.248	1.478	1.624
Vale do Jequiriçá	199	222	257	291	367	413	443	489	570	669	773	854
Velho Chico	172	242	277	303	354	420	482	548	671	739	865	958
Vitória da Conquista	1.078	1.158	1.242	1.361	1.545	1.811	1.960	2.202	2.496	2.784	3.128	3.522
TOTAL	**19.409**	**21.428**	**23.037**	**24.801**	**27.464**	**29.692**	**32.369**	**35.419**	**39.094**	**43.566**	**48.517**	**52.416**

Fonte: DENATRAN

Quadro 118 - Frota de Motocicletas e Motonetas da Bahia

Por Territórios de Identidade (número de veículos)

TERRITÓRIO	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Bacia do Jacuípe	3.015	3.696	4.543	5.266	6.285	7.382	8.592	10.174	12.196	14.274	16.931	19.456
Bacia do Paramirim	705	1.019	1.463	1.954	2.505	3.175	3.808	4.425	5.103	8.584	9.992	11.252
Bacia do Rio Corrente	2.341	3.142	4.151	5.410	6.665	7.937	9.712	12.302	14.430	16.850	19.451	22.062
Bacia do Rio Grande	5.288	7.105	9.062	11.119	13.125	15.362	18.731	23.681	29.000	33.696	39.161	44.142
Baixo Sul	2.059	2.909	3.801	4.463	5.123	5.824	7.198	9.749	12.475	15.128	18.047	21.085
Chapada Diamantina	2.305	3.161	4.634	5.800	7.215	8.680	10.491	12.797	15.428	18.505	21.752	24.330
Costa do Descobrimento	6.522	8.142	10.029	11.783	13.237	14.517	16.308	19.865	23.738	27.404	31.019	34.643
Extremo Sul	5.514	7.051	9.061	10.283	11.710	13.517	15.805	20.732	25.262	30.441	35.451	39.175
Irecê	3.493	4.081	4.965	6.320	7.857	9.004	10.293	12.010	14.373	17.180	20.696	23.712
Itaparica	4.457	5.269	6.295	7.243	8.291	9.460	11.052	12.769	14.905	16.513	18.506	20.270
Litoral Norte e Agreste Baiano	4.759	6.894	8.864	10.873	12.777	15.231	18.327	22.750	28.325	34.384	40.344	46.247
Litoral Sul	4.937	6.599	9.066	10.887	12.975	15.122	18.191	24.041	28.828	33.601	38.480	42.898
Médio Rio de Contas	4.987	6.609	8.164	9.318	10.519	12.097	14.571	18.679	22.432	26.630	30.577	34.095
Médio Sudoeste da Bahia	1.370	2.086	2.870	3.683	4.570	5.739	7.107	9.190	11.256	11.815	13.704	14.948
Metropolitano de Salvador	24.060	30.068	35.725	41.111	47.643	55.765	67.377	83.919	99.524	116.229	132.156	147.723
Piemonte da Diamantina	3.068	3.952	4.736	5.489	6.387	7.275	8.556	10.235	12.372	14.695	17.041	19.504
Piemonte do Paraguaçu	2.484	3.381	5.010	5.831	6.780	8.078	9.658	11.743	13.685	15.739	17.814	19.901
Piemonte Norte do Itapicuru	1.954	2.634	3.229	3.983	4.899	5.884	6.999	8.595	10.743	13.101	15.515	17.923
Portal do Sertão	12.068	15.504	19.393	22.989	27.344	32.584	40.842	51.993	62.474	74.367	85.117	95.840
Recôncavo	6.708	8.754	10.891	12.974	15.243	18.132	22.631	27.583	32.810	38.816	45.113	51.078
Semiárido Nordeste II	4.695	6.279	7.894	9.742	11.272	12.910	14.914	17.326	20.689	24.561	28.634	31.952
Sertão do São Francisco	5.165	6.507	8.235	10.177	12.541	14.896	18.144	23.814	30.105	36.826	43.149	48.108
Sertão Produtivo	9.435	12.079	15.307	18.049	21.029	24.740	28.788	34.074	39.752	46.111	51.991	57.958
Sisal	5.149	6.662	8.453	10.146	12.356	14.890	17.468	20.246	24.518	29.732	35.911	41.898
Vale do Jequiriçá	2.873	3.783	4.930	5.720	6.534	7.410	8.701	10.924	13.394	16.025	18.558	20.958
Velho Chico	3.174	4.214	5.432	6.678	8.220	9.961	12.366	15.836	18.916	22.554	25.971	29.160
Vitória da Conquista	5.810	7.292	9.003	10.415	12.157	14.621	19.251	25.023	30.078	35.971	42.350	48.594
TOTAL	**138.395**	**178.872**	**225.206**	**267.706**	**315.259**	**370.193**	**445.881**	**554.475**	**666.811**	**789.732**	**913.431**	**1.028.912**

Fonte: DENATRAN

Quadro 119 - Frota de Reboques e Semirreboques da Bahia

Por Territórios de Identidade (número de veículos)

TERRITÓRIO	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Bacia do Jacuípe	70	89	104	126	154	179	197	222	251	319	392	450
Bacia do Paramirim	31	43	53	76	102	127	147	188	202	259	280	291
Bacia do Rio Corrente	44	53	60	74	102	106	118	132	164	189	232	299
Bacia do Rio Grande	655	762	907	1.160	1.421	1.666	1.999	2.388	2.738	3.229	3.905	4.695
Baixo Sul	60	70	78	98	113	132	146	163	179	198	243	302
Chapada Diamantina	83	107	144	166	184	229	259	301	346	388	456	509
Costa do Descobrimento	275	342	415	562	655	727	873	1.000	1.109	1.270	1.498	1.802
Extremo Sul	385	463	563	649	774	879	946	1.159	1.342	1.608	1.988	2.346
Irecê	74	92	104	124	153	162	179	194	217	261	305	360
Itaparica	136	141	151	170	185	198	214	242	290	264	311	393
Litoral Norte e Agreste Baiano	492	575	673	741	864	1.004	1.080	1.218	1.367	1.564	1.761	2.021
Litoral Sul	719	792	908	1.025	1.137	1.274	1.442	1.628	1.839	2.103	2.310	2.544
Médio Rio de Contas	275	313	340	370	403	440	496	566	613	709	761	810
Médio Sudoeste da Bahia	92	104	119	130	159	190	208	238	267	246	288	324
Metropolitano de Salvador	5.035	5.797	6.406	7.251	8.316	9.184	10.756	12.599	13.619	15.262	16.765	18.051
Piemonte da Diamantina	192	210	221	241	278	291	312	330	355	407	463	535
Piemonte do Paraguaçu	83	94	103	120	144	166	186	210	232	268	295	341
Piemonte Norte do Itapicuru	100	116	128	143	180	232	291	330	372	439	530	580
Portal do Sertão	1.770	1.988	2.218	2.398	2.610	2.826	3.121	3.609	3.987	4.607	5.150	5.609
Recôncavo	558	639	722	825	933	1.063	1.186	1.320	1.474	1.661	1.890	2.159
Semiárido Nordeste II	80	104	130	149	161	182	202	236	285	345	421	544
Sertão do São Francisco	258	298	317	356	367	412	478	551	630	698	807	964
Sertão Produtivo	378	456	547	629	728	789	889	1.016	1.107	1.239	1.412	1.580
Sisal	260	287	339	374	428	477	525	567	629	741	880	994
Vale do Jequiriçá	105	123	146	158	178	200	216	231	253	276	309	339
Velho Chico	93	117	124	156	163	167	200	237	266	323	385	447
Vitória da Conquista	619	656	690	772	846	921	1.040	1.178	1.366	1.595	1.891	2.175
TOTAL	**12.922**	**14.831**	**16.710**	**19.043**	**21.738**	**24.223**	**27.706**	**32.053**	**35.499**	**40.468**	**45.928**	**51.464**

Fonte: DENATRAN

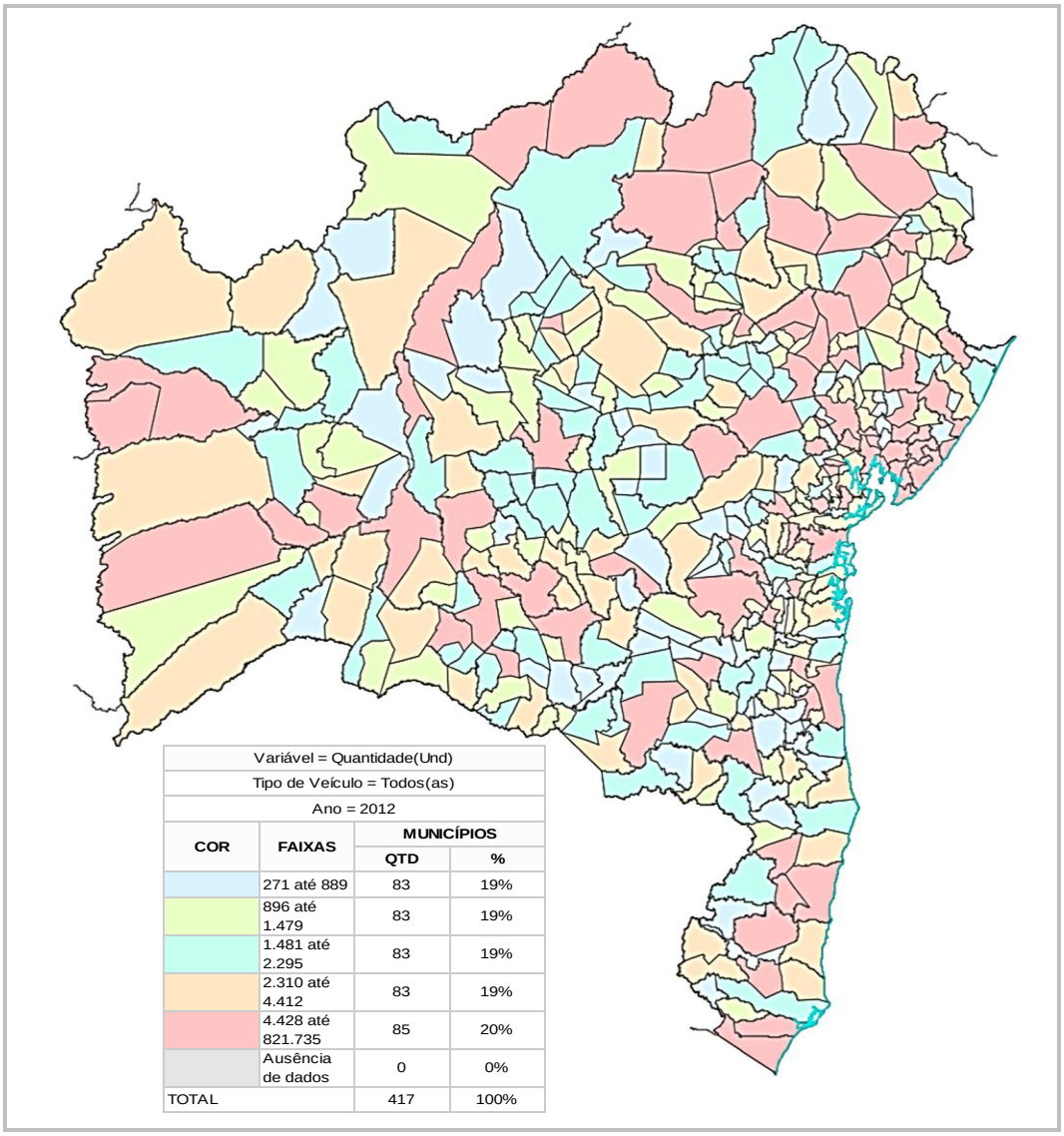
Quadro 120 - Frota de Outros Veículos da Bahia (Inclui Chassi Plataforma, Ciclomotor, Sidecar, Trator com Rodas, Triciclo, Utilitário e Outros)

Por Territórios de Identidade (número de veículos)

TERRITÓRIO	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Bacia do Jacuípe	3	3	5	4	3	4	4	6	8	12	33	45
Bacia do Paramirim	0	0	1	1	2	5	10	17	19	31	47	60
Bacia do Rio Corrente	4	4	6	6	8	8	11	12	14	26	53	72
Bacia do Rio Grande	21	32	44	73	118	147	199	316	432	589	821	1.041
Baixo Sul	5	4	5	7	11	15	22	32	47	76	100	120
Chapada Diamantina	2	3	3	4	7	12	18	29	37	53	85	122
Costa do Descobrimento	32	35	60	85	89	104	133	197	227	316	392	462
Extremo Sul	5	7	13	23	31	36	57	83	137	238	352	426
Irecê	2	2	3	5	13	17	29	52	75	103	155	206
Itaparica	13	12	14	15	16	18	23	30	48	55	75	91
Litoral Norte e Agreste Baiano	11	14	26	34	47	67	116	178	253	320	434	542
Litoral Sul	61	76	98	117	144	153	177	224	308	410	497	595
Médio Rio de Contas	64	80	95	95	99	105	116	150	169	206	243	278
Médio Sudoeste da Bahia	1	5	14	19	23	31	48	63	60	68	91	110
Metropolitano de Salvador	803	874	1.187	1.404	1.676	2.228	3.192	4.459	5.529	7.053	9.159	12.062
Piemonte da Diamantina	8	9	8	6	9	15	25	40	51	53	77	97
Piemonte do Paraguaçu	3	3	5	6	6	6	11	16	26	40	64	83
Piemonte Norte do Itapicuru	27	36	47	50	55	59	66	85	107	113	127	161
Portal do Sertão	115	172	241	274	343	422	557	708	815	1.002	1.226	1.401
Recôncavo	28	23	49	60	69	90	118	153	191	278	348	457
Semiárido Nordeste II	7	7	9	11	12	14	18	26	36	55	82	108
Sertão do São Francisco	20	28	39	49	63	75	93	135	175	219	263	320
Sertão Produtivo	11	15	20	26	36	44	46	95	127	171	251	324
Sisal	8	7	12	15	14	21	29	33	45	73	127	171
Vale do Jequiriçá	2	4	7	8	12	13	16	23	37	46	68	80
Velho Chico	5	9	16	21	24	24	25	45	57	88	126	172
Vitória da Conquista	26	24	46	71	109	151	203	310	371	462	580	888
TOTAL	**1.287**	**1.488**	**2.073**	**2.489**	**3.039**	**3.884**	**5.362**	**7.517**	**9.401**	**12.156**	**15.876**	**20.494**

Fonte: DENATRAN

A Ilustração 61 apresenta a distribuição espacial da frota de veículos no Estado, em 2012.



Variável = Quantidade(Und)			
Tipo de Veículo = Todos(as)			
Ano = 2012			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	271 até 889	83	19%
	896 até 1.479	83	19%
	1.481 até 2.295	83	19%
	2.310 até 4.412	83	19%
	4.428 até 821.735	85	20%
	Ausência de dados	0	0%
TOTAL		417	100%

Fonte: SET/DETRAN

Ilustração 61 - Distribuição Espacial da Frota Total de Veículos da Bahia em 2012

8. MOVIMENTOS DE EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

Inicialmente, estão apresentados no Quadro 121 os movimentos de importação e exportação, em nível nacional, registrados em moeda norte-americana, no período compreendido entre os anos de 1996 e 2012. No mesmo quadro é possível observar as variações ocorridas em relação ao período imediatamente anterior.

Quadro 121 - Exportações e Importações do Brasil

Valor em USD Milhões FOB

ANO	EXPORTAÇÃO	%	IMPORTAÇÃO	%	SALDO	CORR. COMÉRCIO
1996	47.747	-	53.346	-	-5.599	101.093
1997	52.994	11	59.747	12	-6.753	112.741
1998	51.140	-3	57.763	-3	-6.623	108.903
1999	48.013	-6	49.302	-15	-1.289	97.315
2000	55.119	15	55.851	13	-732	110.970
2001	58.287	6	55.602	0	2.685	113.889
2002	60.439	4	47.243	-15	13.196	107.682
2003	73.203	21	48.326	2	24.877	121.529
2004	96.678	32	62.836	30	33.842	159.514
2005	118.529	23	73.600	17	44.929	192.129
2006	137.807	16	91.351	24	46.456	229.158
2007	160.649	17	120.621	32	40.028	281.270
2008	197.942	23	173.197	44	24.745	371.139
2009	152.995	-23	127.647	-26	25.348	280.642
2010	201.915	32	181.679	42	20.236	383.594
2011	256.040	27	226.246	25	29.794	482.286
2012	242.580	-5	223.149	-1	19.431	465.729

Fonte: MIDIC/SECEX

Como se verifica, a exceção dos anos de 1998, 1999, 2009 e 2012, as exportações brasileiras cresceram em relação ao período anterior em todo o período analisado. Por sua vez, as importações registraram perdas em relação ao período imediatamente anterior em 1998, 1999, 2002, 2009 e 2012.

Registre-se que o crescimento acumulado no período, em moeda norte-americana, foi de 408% para as exportações contra 318% para as importações.

Os saldos comerciais foram crescentes entre 2001 e 2006, decrescendo significativamente em 2007 e 2008, voltando a crescer, com taxa mais modesta em 2009. Até 2012 experimentou oscilações positivas e negativas, limitando-se ao nível de US$ 19,4 bilhões.

A corrente de comércio apresentou-se crescente no período de 1999 e 2001, decresceu em 2002, voltando a crescer de fora consistente entre 2003 e 2008. Voltou a reduzir-se em 2009, para retomar a trajetória de crescimento até 2012.

Entre 1996 e 2012 a variação da corrente de comércio foi de 361%.

Nos Quadros 122 e 123 é possível observar as exportações e importações dos principais estados brasileiros nos dois últimos anos.

Quadro 122 - Exportações dos Principais Estados Brasileiros

Valor em USD Mil FOB

ESTADO	2011	%	2012	%
São Paulo	59.909.271	23,4	59.349.643	24,5
Minas Gerais	41.392.937	16,2	33.429.310	13,8
Rio de Janeiro	29.445.494	11,5	28.761.109	11,9
Paraná	17.394.228	6,8	17.709.585	7,3
Rio Grande do Sul	19.427.102	7,6	17.385.724	7,2
Pará	18.336.604	7,2	14.795.449	6,1
Mato Grosso	11.099.523	4,3	13.864.959	5,7
Espírito Santo	15.158.503	5,9	12.160.681	5,0
Bahia	11.016.299	4,3	11.267.769	4,6
Santa Catarina	9.051.047	3,5	8.920.648	3,7
Goiás	5.605.193	2,2	7.135.690	2,9
Mato Grosso do Sul	3.916.261	1,5	4.212.753	1,7
Demais estados	14.287.112	5,6	13.586.454	5,6
TOTAL	**256.039.575**	**100,0**	**242.579.776**	**100,0**

Fonte: MIDIC/SECEX

Observa-se que a Bahia participou em 2011 e 2012 com 4,3% e 4,6% das exportações brasileiras, respectivamente, posicionando-se na nona posição do ranking nacional.

Quadro 123 - Importações dos Principais Estados Brasileiros

Valor em USD Mil FOB

ESTADO	2011	%	2012	%
São Paulo	82.183.538	36,3	77.821.663	34,9
Rio de Janeiro	18.987.702	8,4	20.438.710	9,2
Paraná	18.767.573	8,3	19.387.102	8,7
Rio Grande do Sul	15.662.160	6,9	15.370.297	6,9
Santa Catarina	14.840.947	6,6	14.550.221	6,5
Amazonas	12.729.820	5,6	13.394.873	6,0
Minas Gerais	13.028.427	5,8	12.053.647	5,4
Espírito Santo	10.738.219	4,7	8.697.620	3,9
Bahia	7.745.146	3,4	7.761.318	3,5
Maranhão	6.281.387	2,8	7.060.363	3,2
Pernambuco	5.534.250	2,4	6.592.346	3,0
Goiás	5.728.429	2,5	5.124.601	2,3
Demais estados	14.018.302	6,2	14.896.369	6,7
TOTAL	**226.245.898**	**100,0**	**223.149.130**	**100,0**

Fonte: MIDIC/SECEX

Em relação às importações, as participações baianas em 2011 e 2012 foram de 3,4% e 3,5%, respectivamente, o que levou o Estado, mais uma vez, a nona posição do ranking nacional.

Quanto à distribuição da balança comercial entre as Regiões do país, verifica-se, conforme pode ser observado nos Quadros 124 e 125, que a Região Sudeste permaneceu

mantendo a liderança no período entre 2009 e 2012, tanto nos movimentos de exportação como nos movimentos de importação.

Quadro 124 - Exportações Brasileiras por Região

Participação em %

REGIÃO	2009	2010	2011	2012
Sudeste	53,5	57,2	57,0	55,1
Sul	21,5	18,4	17,9	18,1
Centro-Oeste	9,2	7,7	8,1	10,5
Nordeste	7,6	7,9	7,4	7,7
Norte	6,6	7,5	8,1	7,3
Não declarada	1,5	1,3	1,5	1,2
TOTAL	**100**	**100,0**	**100**	**100,0**

Fonte: MIDIC/SECEX

Quadro 125 - Importações Brasileiras por Região

Participação em %

REGIÃO	2009	2010	2011	2012
Sudeste	58,7	56,1	55,2	53,3
Sul	20,7	21,6	21,8	22,1
Centro-Oeste	5,8	5,6	5,8	5,8
Nordeste	8,5	9,7	10,7	11,7
Norte	6,3	7,0	6,5	7,0
Não declarada	0,1	0,1	0,1	0,1
TOTAL	**100,0**	**100,0**	**100**	**100,0**

Fonte: MIDIC/SECEX

O Nordeste, nas exportações, a exceção do ano de 2010, manteve-se na quarta posição no ranking nacional, com participações em torno de 7,5%. Nas importações, o Nordeste superou a Região Centro-Oeste em todo o período analisado, permanecendo na terceira posição no ranking nacional, com participações entre 8,5% e 11,7%.

Importante registrar também que, enquanto as exportações da Região Nordeste oscilaram de forma crescente e decrescente, as importações foram sempre crescentes entre 2009 e 2012.

As exportações e importações da Região Nordeste por Estado, entre 2009 e 2012, podem sem observadas nos Quadro 126 e 127.

Quadro 126 - Exportações da Região Nordeste por Estado

Valor em USD Mil FOB

ESTADO	2009	%	2010	%	2011	%	2012	%
Bahia	7.010.800,0	60,4	8.886.017,4	56,0	11.016.299,2	58,5	11.267.769,5	60,0
Maranhão	1.232.814,0	10,6	2.920.267,0	18,4	3.047.103,1	16,2	3.024.687,7	16,1
Pernambuco	1.080.168,0	9,3	1.112.498,3	7,0	1.198.969,5	6,4	1.319.976,3	7,0
Ceará	823.972,0	7,1	1.269.498,6	8,0	1.403.295,8	7,5	1.266.967,3	6,7
Alagoas	824.053,0	7,1	971.015,1	6,1	1.371.546,6	7,3	1.014.421,5	5,4
Rio Grande do Norte	258.104,0	2,2	284.738,2	1,8	281.181,4	1,5	261.223,8	1,4
Paraíba	158.201,0	1,4	217.833,4	1,4	225.191,0	1,2	243.369,1	1,3
Piauí	167.466,0	1,4	129.184,8	0,8	164.346,2	0,9	225.729,2	1,2
Sergipe	60.730,0	0,5	76.600,7	0,5	122.398,9	0,7	149.073,2	0,8
TOTAL	**11.616.308**	**100,0**	**15.867.654**	**100,0**	**18.830.331**	**100,0**	**18.773.218**	**100,0**

Fonte: MIDIC/SECEX

Verifica-se que em todo o período, o Estado da Bahia registrou ganhos em sua participação nas exportações da Região Nordeste, passando de 43,3% em 2009 para 60,0% em 2012. Ressalte-se, ainda, que o crescimento das exportações da Bahia foi de 141% no período.

Cabe registrar também que a presença do Estado do Maranhão na segunda posição do ranking, ao longo do período analisado, decorreu principalmente das exportações de minério de ferro da Vale do Rio Doce realizadas por aquele Estado.

Quadro 127 - Importações da Região Nordeste por Estado

Valor em USD Mil FOB

ESTADO	2009	%	2010	%	2011	%	2012	%
Bahia	4.672.581,0	43,3	6.705.937,3	38,1	7.745.146,0	32,1	7.761.317,5	29,9
Maranhão	1.993.436,0	18,5	3.817.083,6	21,7	6.281.386,7	26,0	7.060.362,5	27,2
Pernambuco	1.981.372,0	18,4	3.272.666,1	18,6	5.534.249,8	22,9	6.592.345,8	25,4
Ceará	1.230.480,0	11,4	2.169.200,8	12,3	2.400.713,5	9,9	2.863.713,1	11,0
Paraíba	433.710,0	4,0	685.203,9	3,9	1.018.045,1	4,2	619.553,9	2,4
Alagoas	112.432,0	1,0	247.497,8	1,4	451.518,7	1,9	433.850,3	1,7
Sergipe	153.310,0	1,4	179.782,3	1,0	301.844,2	1,3	275.079,0	1,1
Rio Grande do Norte	149.928,0	1,4	319.394,8	1,8	242.597,8	1,0	222.318,2	0,9
Piauí	68.477,0	0,6	188.775,4	1,1	158.333,7	0,7	170.621,4	0,7
TOTAL	**10.795.726**	**100,0**	**17.585.542**	**100,0**	**24.133.835**	**100,0**	**25.999.162**	**100,0**

Fonte: MIDIC/SECEX

O Estado da Bahia também aparece na primeira posição no ranking das importações da Região Nordeste no período analisado. Entretanto, o Estado vem perdendo representatividade nas importações da Região, passando de 43,3% em 2009, para 29,9% em 2012.

Os principais municípios exportadores da Bahia, considerando-se as empresas com endereço fiscal na Bahia, estão apresentados no Quadro 128.

Quadro 128 - Municípios Exportadores

Valor em USD Mil FOB

MUNICÍPIO	2009	%	2010	%	2011	%	2012	%
Camaçari	1.851.018	27,5	2.384.315	28,1	2.339.570	22,3	2.485.162	22,6
São Francisco do Conde	880.332	13,1	1.407.921	16,6	2.047.650	19,5	2.156.501	19,6
Luís Eduardo Magalhães	538.035	8,0	486.287	5,7	927.483	8,8	1.240.962	11,3
Mucuri	627.120	9,3	923.021	10,9	940.052	8,9	792.875	7,2
Dias d'Ávila	544.237	8,1	607.397	7,2	874.968	8,3	545.143	5,0
Eunápolis	428.389	6,4	441.277	5,2	491.527	4,7	516.913	4,7
Barreiras	156.473	2,3	262.495	3,1	285.383	2,7	408.811	3,7
Maragogipe	-	-	-	-	-	-	381.803	3,5
Ilhéus	225.945	3,4	268.803	3,2	255.965	2,4	222.133	2,0
Jacobina	111.948	1,7	145.401	1,7	164.294	1,6	215.464	2,0
Correntina	125.066	1,9	132.103	1,6	269.452	2,6	207.530	1,9
Feira de Santana	96.044	1,4	120.898	1,4	160.430	1,5	185.852	1,7
Salvador	122.067	1,8	121.329	1,4	200.680	1,9	170.990	1,6
Candeias	149.485	2,2	163.101	1,9	199.706	1,9	152.041	1,4
São Desidério	110.813	1,6	82.729	1,0	154.500	1,5	138.740	1,3
Cachoeira	65.386	1,0	78.126	0,9	108.047	1,0	122.815	1,1
Itagibá	-	-	76	0,0	103.722	1,0	122.076	1,1
Simões Filho	96.649	1,4	99.589	1,2	116.688	1,1	116.489	1,1
Barrocas	75.999	1,1	76.161	0,9	88.908	0,8	106.960	1,0
Pojuca	76.407	1,1	95.428	1,1	107.264	1,0	105.602	1,0
Vitória da Conquista	58.638	0,9	76.731	0,9	-	-	-	-
Juazeiro	57.255	0,9	-	-	-	-	-	-
Demais municípios	323.628	4,8	514.865	6,1	674.754	6,4	585.201	5,3
TOTAL*	**6.720.934**	**100,0**	**8.488.052**	**100,0**	**10.511.044**	**100,0**	**10.980.061**	**100,0**

Fonte: MIDIC/SECEX/SEI

*Valores referentes à soma de empresas com endereço fiscal no Estado da Bahia

Verifica-se que o município de Camaçari, conforme já assinalado em capítulo anterior, se destaca na indústria de transformação, com forte presença na química e petroquímica, um dos principais setores exportadores do Estado em 2012, além da automotiva, que se apresentou, no mesmo ano, na oitava posição no ranking dos maiores setores exportadores da Bahia. São realizadas, também, por esse município exportações de pastas químicas de madeira.

No município de São Francisco do Conde, conforme também já registrado, está instalada a Refinaria Landulpho Alves. Cabe ressaltar que o segmento industrial de petróleo e derivados é aquele de maior participação nas exportações da Bahia. Merece destaque, ainda, a exportações de grãos e mamão realizadas pelo município de Luiz Eduardo Magalhães e, da mesma foram, as exportações de celulose, papel e mamão de Mucuri.

O município de Dias d'Ávila, na quinta posição dos exportadores em 2012, registra importante movimento de vendas internacionais de cátodos e fios de cobre.

Complementarmente, estão apresentadas no Quadro 129 as exportações dos cinco principais municípios baianos em 2010 e 2011, que representaram, em termos de valor, 67,9% do total estadual em 2011.

Quadro 129 - Produtos dos Cinco Principais Municípios Exportadores

MUNICÍPIO	PESO (TONELADAS)			VALOR (US$ MIL FOB)			PART. %
	2010	2011	VAR. %	2010	2011	VAR.%	ESTADO
Camaçari							
Automóveis com motor explosão, 1.500 < cm³ <= 3000, até 6	52.549	45.576	-13,3	464.024	428.863	-7,6	4,1
Pasta química de madeira, para dissolução	409.961	402.129	-1,9	311.866	374.978	20,2	3,6
P-xileno	169.266	141.565	-16,4	165.716	218.447	31,8	2,1
Propeno (propileno) não saturado	166.475	153.090	-8,0	196.450	213.720	8,8	2,0
Outros éteres acíclicos e seus derivados halogenados etc	145.387	137.261	-5,6	138.615	162.892	17,5	1,6
Demais	691.969	459.389	-33,6	1.107.645	940.670	-15,1	9,0
Total do município	1.635.606	1.339.010	-18,1	2.384.315	2.339.570	-1,9	22,3
São Francisco do Conde							
Fuel-oil	2.731.957	3.035.445	11,1	1.246.540	1.924.171	54,4	18,3
Consumo de bordo - combustíveis e lubrif. para embarcações	183.651	151.306	-17,6	87.300	93.846	7,5	0,9
Outros óleos de petróleo ou de minerais betumin	-	18.342	-	-	14.568	-	0,1
Óleos lubrificantes sem aditivos	6.209	6.560	5,7	4.513	7.785	72,5	0,1
Propeno (propileno) não saturado	-	5.291	-	-	5.240	-	0,0
Demais	123.323	1.511	-98,8	69.569	2.039	-97,1	0,0
Total do município	3.045.141	3.218.455	5,7	1.407.921	2.047.650	45,4	19,5
Mucuri							
Pasta quím. madeira de n/ conif. a soda/sulfato, semi/branq	1.310.650	1.346.288	2,7	791.090	815.026	3,0	7,8
Papel Kraft, fibra proc. mec <= 10%, 40 g/m² <= p <= 150 g/m²	87.017	73.868	-15,1	74.539	66.890	-10,3	0,6
Papel Kraft, fibra mec <= 10%, 40 g/m² <= p <= 150 g/m²	63.860	56.802	-11,1	55.489	54.213	-2,3	0,5
Mamões (papaias) frescos	1.093	2.487	127,5	1.711	3.780	120,9	0,0
Carbonato de cálcio	474	537	13,3	156	144	-7,4	0,0
Demais	239	-	-	35	-	-	-
Total do município	1.463.094	1.479.983	1,2	923.021	940.052	1,8	9,0
Luís Eduardo Magalhães							
Outros grãos de soja, mesmo triturados	605.423	759.889	25,5	236.448	386.267	63,4	3,7
Bagaços e outros resíduos sólidos, da extr. do óleo de soja	498.164	723.122	45,2	171.642	276.881	61,3	2,6
Algodão simplesmente debulhado, não cardado nem penteado	36.807	106.115	188,3	64.631	238.948	269,7	2,3
Café não torrado, não descafeinado, em grão	899	1.868	107,8	2.847	9.025	217,0	0,1
Mamões (papaias) frescos	4.373	3.312	-	5.442	4.451	-	0,0
Demais	3.018	11.647	285,9	5.276	9.054	71,6	0,1
Total do município	1.148.685	1.605.953	39,8	486.287	924.624	90,1	8,8
Dias d'Ávila							
Catodos de cobre refinado/seus elementos, em forma bruta	44.780	53.867	20,3	325.067	495.716	52,5	4,7
Outros resid./desperd. de outros metais prec. etc	465	413	-11,1	80.051	153.084	91,2	1,5
Fios de cobre refinado, maior dimensão da sec. transv > 6 mm	15.919	15.508	-2,6	124.604	146.408	17,5	1,4
Outros fios de cobre refinado	3.848	5.629	46,3	29.716	51.952	74,8	0,5
Desperdícios e resíduos, de cobre	18.732	8.519	-	46.915	24.477	-	0,2
Demais	293	702	139,6	1.044	3.331	219,1	0,0
Total do município	84.037	84.638	0,7	607.397	874.968	44,1	8,3
TOTAL*	**7.376.563**	**7.728.039**	**4,8**	**5.808.942**	**7.126.865**	**22,7**	**67,9**

Fonte: MIDIC/SECEX/SEI
*Valores referentes à soma de empresas com endereço fiscal no Estado da Bahia

O Quadro 130, por sua vez, apresenta os principais municípios importadores da Bahia, também considerando para a sua formação, as empresas com endereço fiscal na Bahia.

Quadro 130 - Municípios Importadores

Valor em USD Mil FOB

MUNICÍPIO	2009	%	2010	%	2011	%	2012	%
Camaçari	1.984.203	42,6	2.763.140	41,2	3.240.208	41,8	3.770.072	48,5
Dias d'Ávila	699.868	15,0	1.103.890	16,5	1.208.674	15,6	1.063.816	13,7
São Francisco do Conde	385.440	8,3	702.914	10,5	959.719	12,4	614.387	7,9
Salvador	430.246	9,2	496.552	7,4	482.236	6,2	512.548	6,6
Ilhéus	376.927	8,1	420.414	6,3	377.574	4,9	400.188	5,2
Candeias	188.172	4,0	387.572	5,8	430.468	5,6	356.892	4,6
Simões Filho	150.453	3,2	208.281	3,1	246.502	3,2	191.954	2,5
Feira de Santana	77.967	1,7	111.880	-	136.218	1,8	149.357	1,9
Conceição do Jacuípe	29.703	0,6	66.738	1,0	85.535	1,1	120.570	1,6
Lauro de Freitas	51.713	1,1	86.551	1,3	106.865	1,4	106.959	1,4
Itabuna	51.036	1,1	50.859	0,8	49.245	0,6	84.632	1,1
Luís Eduardo Magalhães	11.375	0,2	30.131	0,4	81.070	1,0	79.824	1,0
Alagoinhas	-	-	9.489	0,1	52.169	0,7	53.547	0,7
Catu	33.026	0,7	26.670	0,4	26.827	0,3	42.590	0,5
Itajuípe	7.079	0,2	10.485	0,2	15.388	0,2	20.470	0,3
Itagibá	63.777	1,4	31.495	0,5	26.833	0,3	18.670	0,2
Pojuca	23.767	0,5	43.380	0,6	15.723	0,2	14.359	0,2
Cachoeira	10.257	0,2	-	-	13.054	0,2	13.425	0,2
São Sebastião do Passé	2.262	0,0	11.366	0,2	14.487	0,2	13.300	0,2
Itapetinga	4.694	0,1	12.472	0,2	15.033	0,2	12.082	0,2
Madre de Deus	4.143	0,1	11.247	-	-	-	-	-
Demais municípios	72.599	1,6	121.829	1,8	164.863	2,1	127.602	1,6
TOTAL*	**4.658.707**	**100,0**	**6.707.356**	**98,2**	**7.748.690**	**100,0**	**7.767.245**	**100,0**

Fonte: MIDIC/SECEX/SEI

*Valores referentes à soma de empresas com endereço fiscal no Estado da Bahia

Mais uma vez Camaçari se destaca em razão da indústria química e petroquímica presente no município, que se apresenta como grande importadora de matéria-prima, principalmente a nafta, e das importações de automóveis efetivada pelo segmento automotivo local.

Por sua vez, o município de Dias d'Ávila, segundo posicionado no ranking estadual, é responsável por expressivas importações de sulfetos de cobre e de produtos de cobre na forma bruta. Já São Francisco do Conde, terceiro posicionado no mesmo ranking, registra importações significativas de petróleo, derivados e nafta.

Salvador se destaca por ser o porto de entrada das importações de trigo do Estado, enquanto que Ilhéus figura na quinta posição do ranking dos municípios importadores em razão das aquisições de cacau e de insumos para a indústria de informática, como por exemplo, placas de microprocessamento, roteadores digitais e discos rígidos.

Complementarmente, estão apresentadas no Quadro 131 as exportações dos cinco principais municípios baianos em 2010 e 2011.

Quadro 131 - Produtos dos Cinco Principais Municípios Importadores

MUNICÍPIO	PESO (TONELADAS)			VALOR (US$ MIL FOB)			PART. %
	2010	2011	VAR. %	2010	2011	VAR.%	ESTADO
Camaçari							
Automóveis com motor explosão, 1.500< cm³ <= 3000, até 6	74.069	79.532	7,4	820.242	878.938	7,2	11,3
Naftas para petroquímica	944.163	553.278	-41,4	644.997	533.618	-17,3	6,9
Outros veículos automóveis com motor diesel, para carga <= 5t	22.424	28.574	27,4	239.519	317.603	32,6	4,1
Outros óleos de "palmiste"	88.826	69.586	-21,7	89.419	126.570	41,5	1,6
Outros querosenes	85.766	94.466	10,1	82.523	120.741	46,3	1,6
Demais	538.279	658.808	22,4	886.440	1.262.454	42,4	16,2
Total do município	1.753.526	1.484.245	-15,4	2.763.140	3.239.924	17,3	41,7
Dias d'Ávila							
Sulfetos de minérios de cobre	467.898	457.662	-2,2	1.046.642	1.141.290	9,0	14,7
Desperdícios e resíduos, de cobre	760	4.872	541,4	5.682	39.388	593,2	0,5
Ácido sulfúrico	40.636	147.836	-	3.201	14.960	-	0,2
Tubos de cobre refinado, não aletados nem ranhurados	1.547	1.237	-20,1	12.049	12.884	6,9	0,2
Poli (epsilon caprolactona)	774	678	-	3.375	3.371	-	0,0
Demais	6.800	5.989	-11,9	32.941	19.650	-40,3	0,3
Total do município	518.414	618.274	19,3	1.103.890	1.231.543	11,6	15,8
São Francisco do Conde							
Naftas para petroquímica	487.353	770.603	58,1	337.590	728.076	115,7	9,4
Óleos brutos de petróleo	435.325	107.206	-75,4	273.401	102.278	-62,6	1,3
Betume de petróleo	82.171	44.005	-46,4	38.431	25.682	-33,2	0,3
Outros aparelhos e dispositivos p/ trat. mater. modif. temperat.	0	769	-	0	13.282	-	0,2
Álcool etílico com teor água <= 1% volume	0	11.438	-	0	10.841	-	0,1
Demais	14.738	13.467	-	53.491	79.234	-	1,0
Total do município	1.019.587	947.488	-7,1	702.914	959.393	36,5	12,3
Salvador							
Trigo (exc. trigo duro ou para semeadura), e trigo com centeio	570.845	528.186	-7,5	136.869	164.226	20,0	2,1
Outros circuitos integrados	8	7	-19,0	29.573	25.088	-15,2	0,3
Tela para microcomputadores portáteis, policromática	177	181	2,1	15.486	14.702	-5,1	0,2
Papel jornal, em rolos/fls. p <=57 g/m², fibra proc. mec >= 65%	8.859	10.529	18,9	5.345	7.340	37,3	0,1
Outras unidades de discos ópticos	133	176	-	6.985	6.693	-	0,1
Demais	70.609	72.552	2,8	302.294	267.431	-11,5	3,4
Total do município	650.632	611.632	-6,0	496.552	485.481	-2,2	6,2
Candeias							
Outros cloretos de potássio	169.380	281.458	66,2	60.008	129.380	115,6	1,7
Diidrogeno-ortofosfato de amônio, incl. mist. hidrogen. etc	102.161	165.572	62,1	48.854	106.313	117,6	1,4
Coque de petróleo calcinado	20.999	24.489	16,6	28.586	33.112	15,8	0,4
Acetona não contendo outras funções oxigenadas	27.736	28.266	1,9	22.350	29.518	32,1	0,4
Outros adubos/fertilizantes miner. quim. com nitrogênio e fósforo	18.843	25.590	-	8.240	16.692	-	0,2
Demais	247.035	273.582	10,7	219.534	115.395	-47,4	1,5
Total do município	586.154	798.956	36,3	387.572	430.409	11,1	5,5
TOTAL*	**4.528.312**	**4.460.594**	**-1,5**	**5.454.068**	**6.346.750**	**16,4**	**81,7**

Fonte: MIDIC/SECEX/SEI
*Valores referentes à soma de empresas com endereço fiscal no Estado da Bahia

Verifica-se que os cinco municípios representaram, em termos de valor, 81,7% do total importado pelo Estado da Bahia em 2011.

Importante registrar que no ano de 2011, o município de Candeias figurou na quinta posição do ranking dos maiores importadores, com destaque para as aquisições de fertilizantes, principalmente de cloreto de potássio.

Quanto às exportações estaduais de produtos industrializados, tem havido predomínio dos manufaturados sobre os semimanufaturados, conforme pode ser verificado no Quadro 132.

Quadro 132 - Exportações por Fator Agregado

Valor em USD Mil FOB

PRODUTOS	2009	%	2010	%	2011	%	2012	%
Básicos	1.632.551	23,3	1.749.273	19,7	2.668.719	24,2	2.815.122	25,0
Produtos Industrializados	5.292.088	75,5	7.024.319	79,0	8.221.545	74,6	8.335.437	74,0
Semimanufaturados	2.197.707	31,3	2.604.879	29,3	3.012.066	27,3	2.634.448	23,4
Manufaturados	3.094.381	44,1	4.419.440	49,7	5.209.479	47,3	5.700.989	50,6
Operações Especiais	86.161	1,2	112.425	1,3	126.035	1,1	117.210	1,0
TOTAL	**7.010.800**	**100,0**	**8.886.017**	**100,0**	**11.016.299**	**100,0**	**11.267.769**	**100,0**

Fonte: MIDIC/SECEX

Adicionalmente, no Quadro 133 estão detalhadas as exportações pelos principais segmentos.

Quadro 133 - Exportações por Principais Segmentos

Valor em USD Mil FOB

SEGMENTOS	2009	%	2010	%	2011	%	2012	%
Petróleo e derivados	775.676	11,1	1.349.983	15,2	1.958.677	17,8	2.134.776	18,9
Químicos e petroquímicos	1.333.896	19,0	1.748.595	19,7	1.792.015	16,3	1.788.467	15,9
Papel e celulose	1.283.567	18,3	1.674.800	18,8	1.802.770	16,4	1.678.618	14,9
Soja e derivados	968.635	13,8	927.637	10,4	1.281.473	11,6	1.429.714	12,7
Algodão e seus subprodutos	216.217	3,1	292.797	3,3	669.968	6,1	718.045	6,4
Metalúrgicos	623.057	8,9	649.419	7,3	891.007	8,1	609.545	5,4
Metais preciosos	-	-	304.406	3,4	412.396	3,7	430.297	3,8
Automotivo	416.577	5,9	545.344	6,1	481.805	4,4	426.071	3,8
Embarcações e est. flutuantes	-	-	-	-	-	-	381.773	3,4
Borracha e suas obras	186.362	2,7	223.645	2,5	318.097	2,9	340.949	3,0
Cacau e derivados	234.193	3,3	296.245	3,3	284.571	2,6	242.851	2,2
Café e especiarias	116.626	1,7	133.587	1,5	187.268	1,7	155.426	1,4
Minerais	271.469	3,9	35.226	0,4	166.965	1,5	154.703	1,4
Couros e peles	86.594	1,2	109.818	1,2	129.336	1,2	133.174	1,2
Frutas e suas preparações	114.766	1,6	132.398	1,5	140.391	1,3	132.800	1,2
Sisal e derivados	69.748	1,0	65.346	0,7	85.470	0,8	85.412	0,8
Calçados e suas partes	74.009	1,1	93.863	1,1	80.961	0,7	82.841	0,7
Máquinas, aparrelhos e mat. elétricos	44.315	0,6	78.471	0,9	81.183	0,7	67.657	0,6
Milho e derivados	-	-	-	-	-	-	61.179	0,5
Fumo e derivados	20.973	0,3	26.332	0,3	31.554	0,3	38.943	0,3
Móveis e semelhantes	12.566	0,2	13.130	0,1	15.132	0,1	7.829	0,1
Demais segmentos	161.554	2,3	184.977	2,1	205.261	1,9	166.700	1,5
TOTAL	**7.010.800**	**100,0**	**8.886.017**	**100,0**	**11.016.299**	**100,0**	**11.267.769**	**100,0**

Fonte: MIDIC/SECEX

Os principais destinos das exportações dos principais segmentos em 2012 foram:

- petróleo e derivados: Antilhas Holandesas, Países Baixos, Cingapura e Argentina;
- químicos e petroquímicos: Estados Unidos, Argentina, Países Baixos, China;
- papel e celulose: China, Estados Unidos, Bélgica, Países Baixos (Holanda) e Itália;
- soja e derivados: China, Alemanha, França, Romênia e Japão;
- algodão e subprodutos: China, Coréia do Sul, Indonésia, Vietnã e Turquia:

- metalúrgicos: China, Argentina, Costa Rica, Japão e Países Baixos (Holanda);
- metais preciosos: Canadá, Suíça, Coréia do Sul, Alemanha e Reino Unido;
- automotivo: Argentina, Venezuela, México, Peru e Colômbia;
- embarcações: Países Baixos (Holanda);
- borracha: Estados Unidos, México, Venezuela, Argentina e Chile;
- cacau e derivados: Argentina, Estados Unidos, Chile, Países Baixos e Canadá;
- café e especiarias: Alemanha, Estados Unidos, Bélgica, França e Espanha;
- minerais: Finlândia, Alemanha, Espanha, Estados Unidos e Itália;
- couros e peles: Itália, Hong Kong, China, Taiwan (Formosa) e Alemanha;
- frutas: Países Baixos (Holanda), Espanha, Portugal, Alemanha e Reino Unido;
- sisal e derivados: Estados Unidos, China, Portugal, México e Canadá;
- calçados: Argentina, Paraguai, Peru, Colômbia e Chile;
- máquinas e material elétrico: Estados Unidos, Japão, Países Baixos, México e Venezuela;
- milho e derivados: Marrocos, Tunísia, Cuba, Japão e República Dominicana;
- fumo e derivados: Indonésia, Países Baixos (Holanda), Alemanha, Bélgica e República Dominicana;
- móveis e semelhantes: Venezuela, Chile, Argentina, Peru e Angola.

As importações estaduais por categoria de uso estão apresentadas no Quadro 134.

Quadro 134 - Importações por Categorias de Uso

Valor em USD Mil FOB

CATEGORIAS	2009	%	2010	%	2011	%	2012	%
Bens intermediários	1.959.168	41,9	2.884.600	43,0	3.534.965	45,6	3.401.256	43,8
Insumos industriais		0,0		0,0	2.927.999	37,8	2.721.078	35,1
Alimentos e bebidas para indústria		0,0		0,0	454.771	5,9	509.502	6,6
Peças e equipamentos de transporte		0,0		0,0	152.181	2,0	170.675	2,2
Bens diversos		0,0		0,0	14	0,0	1	0,0
Combustíveis e lubrificantes	966.282	20,7	1.420.113	21,2	1.574.333	20,3	1.624.430	20,9
Bens de consumo	710.582	15,2	1.043.724	15,6	1.199.298	15,5	1.399.617	18,0
Bens de consumo duráveis	630.744	13,5	927.163	13,8	1.048.230	13,5	1.240.488	16,0
Bens de consumo não duráveis	79.838	1,7	116.561	-	151.068	-	159.129	2,1
Bens de capital	1.036.549	22,2	1.357.501	20,2	1.436.550	18,5	1.336.016	17,2
Bens de capital		0,0		0,0	971.385	12,5	994.081	12,8
Equipamentos de transporte de uso industrial		0,0		0,0	465.165	6,0	341.934	4,4
TOTAL	**4.672.581**	**100,0**	**6.705.937**	**100,0**	**7.745.146**	**100,0**	**7.761.318**	**100,0**

Fonte: MIDIC/SECEX

O detalhamento das importações baianas, por produto está apresentado no Quadro 135.

Quadro 135 - Importações por Produto - Volume e Valor

Peso em Toneladas e Valor em USD Mil FOB

PRODUTOS (NCM)	PESO		VALOR	
	2011	2012	2011	2012
Naftas para petroquímica	1.324.336	1.348.840	1.262.204	1.299.455
Automóveis com motor explosão, 1.500<cm³<=3000, até 6 passag.	79.532	88.662	878.938	996.690
Sulfetos de minérios de cobre	457.683	253.563	1.118.479	564.693
Catodos de cobre refinado/seus elementos, em forma bruta	212	40.668	1.975	328.464
Outros veículos automóveis com motor diesel, para carga <=5t	28.574	15.174	317.603	184.514
Trigo (exceto trigo duro ou para semeadura), e trigo com centeio	528.186	683.433	164.226	182.826
Outros cloretos de potássio	371.131	346.423	173.974	170.607
Óleos brutos de petróleo	107.281	137.783	102.348	142.389
Cacau inteiro ou partido, em bruto ou torrado	32.516	54.882	90.869	137.992
Outros veículos automóveis com motor explosão, carga<=5t	8.010	11.989	79.858	130.351
Outros querosenes	94.649	90.631	121.066	118.901
Outros inseticidas, apresentados de outro modo	1.111	2.283	39.338	105.062
Desperdícios e resíduos, de cobre	4.971	13.920	39.937	103.073
Diidrogeno-ortofosfato de amônio, incl. mist. hidrogen. etc	221.983	171.494	144.476	100.182
Automóveis com motor explosão, cm³>3.000, até 6 passageiros	5.217	7.308	58.760	84.150
Outros óleos de "palmiste"	69.586	65.036	126.570	80.903
Borracha natural tecnicam. especif. (tsnr), em outs. formas	18.090	20.073	84.727	70.672
Outros minérios de titânio e seus concentrados	38.648	53.804	16.094	69.612
Fósforo branco	12.005	15.735	42.427	54.723
Placas de microprocessam. com disposit. dissipação de calor	23	70	11.169	52.168
Pasta de cacau, total ou parcialmente desengordurada	6.028	10.864	25.043	49.918
Geradores de corrente alternada, pot>750 kVA	5.186	6.467	41.457	47.565
Fios de alta tenacidade de náilon	11.412	9.263	55.016	42.925
Outros motores de explosão, para veíc. cap. 87, sup. 1.000 cm³	5.111	2.895	73.765	38.906
Outs. pigmentos tipo rutilo, com dióxido titânio>=80% seco	13.404	9.411	40.360	35.194
Automóveis com motor explosão, 1.000<cm³<=1.500, até 6 passag.	-	6.091	-	33.727
Coques de hulha, de linhita ou de turfa	108.916	110.203	32.001	30.681
Borracha de butadieno (br), em chapas, folhas, tiras etc	6.830	8.274	27.161	29.976
Unidades de discos magnéticos, para discos rígidos	313	251	30.523	29.713
Acetona não contendo outras funções oxigenadas	41.937	25.481	44.705	27.349
Malte não torrado, inteiro ou partido	47.844	49.400	22.585	24.248
Outras escavadoras com capacidade de carga >=19 m³	5.159	5.489	20.723	24.205
Ferramentas de embutir/estampar/puncionar, de met. comuns	1.271	3.478	8.028	24.139
Betume de petróleo	44.085	37.925	25.746	23.869
Metanol (álcool metílico)	105.404	58.820	39.144	23.818
Outros ácidos graxos monocarbox. ind. e óleos acid. refin	10.226	14.607	19.324	21.998
Tereftalato de polietileno em forma primária	16.310	13.514	27.416	21.941
Outros aparelhos videofônicos de gravação/reprodução	4.527	2.570	31.711	21.709
Moldes para moldagem de borrracha/plástico, por injecao etc	342	1.005	7.098	21.578
Guindastes de pórtico	-	4.609	-	21.431
Demais Produtos	1.338.769	1.308.973	2.298.302	2.189.001
TOTAL	**5.176.817**	**5.111.360**	**7.745.146**	**7.761.318**

Fonte: MIDIC/SECEX

Em relação às importações por categorias de uso é possível verificar a expressiva concentração de importações de bens intermediários, que registra uma participação superior a 40% no período analisado, notadamente os insumos industriais.

Quanto aos produtos analisados individualmente, verifica-se a predominância das importações de nafta tanto em peso como em valor. Considerando o peso das importações, o trigo apresentou-se, em 2012, na segunda posição do ranking estadual, enquanto que os automóveis se posicionaram na segunda posição em termos de valor importado, no mesmo ano.

As principais origens das importações baianas, considerando-se o peso e o valor agregado, em 2012 e 2011, estão indicadas no Quadro 136, a seguir, no qual é possível observar que a Argentina apresentou-se em 2012 como o maior parceiro da Bahia no que se refere às importações. Neste contexto, deve-se destacar, ainda, o Chile, a China e os Estados Unidos.

Quadro 136 - Origens das Importações - Volume e Valor

Peso em Toneladas e Valor em USD Mil FOB

PAÍSES	PESO		VALOR	
	2011	2012	2011	2012
Argentina	646.273	746.776	1.227.676	1.197.746
Chile	562.946	318.609	1.039.344	741.567
China	132.908	183.190	599.264	698.208
Estados Unidos	382.163	361.815	664.678	680.838
Argélia	823.529	693.428	733.092	622.866
México	80.800	144.788	455.580	583.963
Alemanha	103.737	151.555	198.005	269.975
Espanha	170.604	256.246	231.061	257.877
Canadá	157.445	157.171	182.211	252.019
Marrocos	51.280	319.241	33.409	242.935
Venezuela	245.470	232.898	154.138	200.339
Indonésia	101.137	97.539	208.076	186.157
Nigéria	29.641	134.799	30.509	140.621
Federação da Rússia	281.580	170.450	242.821	130.875
Costa do Marfim	24.620	44.618	74.134	124.851
Arábia Saudita	54.765	110.402	60.033	118.781
Coréia do Sul	38.007	23.688	88.917	92.052
Colômbia	80.595	114.152	43.453	89.455
Noruega	40.942	62.470	26.064	82.311
Índia	12.297	55.379	54.508	66.679
Itália	17.920	13.284	64.655	61.317
Malásia	125.842	19.689	213.771	61.132
Taiwan (Formosa)	12.038	14.368	55.075	61.125
França	31.836	17.308	67.128	57.430
Portugal	69.721	18.514	64.490	57.412
Peru	111.545	108.061	102.033	56.685
Bélgica	76.088	93.602	33.814	47.832
África do Sul	10.589	41.888	70.533	46.984
Uruguai	127.636	97.109	52.778	44.313
Costa Rica	184	144	43.222	42.026
Demais países	572.678	308.181	630.674	444.944
TOTAL	**5.176.817**	**5.111.360**	**7.745.146**	**7.761.318**

Fonte: MIDIC/SECEX

Finalmente, são apresentadas nos Quadros 137 e 138, as principais empresas baianas exportadoras e importadoras, nos anos de 2010 e 2011.

Quadro 137 - Principais Empresas Exportadoras

Valor em USD Mil FOB

EMPRESAS	2009	%	2010	%
Petróleo Brasileiro S/A	1.421.328	16,0	2.060.382	18,7
Braskem S/A	980.034	11,0	1.008.201	9,2
Bahia Sul Celulose S/A	921.119	10,4	936.128	8,5
Paranapanema S/A	606.456	6,8	872.261	7,9
Ford Motor Company Brasil Ltda.	554.716	6,2	506.969	4,6
Veracel Celulose S/A	441.277	5,0	491.527	4,5
Bunge Alimentos S/A	309.734	3,5	473.588	4,3
Bahia Specialty Cellulose S/A	311.866	3,5	374.978	3,4
Cargill Agrícola S/A	280.764	3,2	289.777	2,6
Multigrain S/A	137.080	1,5	241.931	2,2
ADM do Brasil Ltda.	171.000	1,9	180.590	1,6
Jacobina Mineração e Comércio Ltda.	145.401	1,6	164.294	1,5
Amaggi & Ld Commodities S/A	0	0,0	155.480	1,4
Companhia Brasileira de Estireno	119.361	1,3	151.904	1,4
Pirelli Pneus Ltda.	117.486	1,3	148.645	1,3
Sem Cadastro	85.832	1,0	143.131	1,3
Dow Brasil S/A	98.605	1,1	113.920	1,0
Continental do Brasil Produtos Automotivos Ltda.	82.789	0,9	111.134	1,0
Mastrotto Brasil S/A	78.122	0,9	107.951	1,0
Cia de Ferro Ligas da Bahia - Ferbasa	95.615	1,1	107.438	1,0
Mirabela Mineração do Brasil Ltda.	0	0,0	103.722	0,9
Agrícola Xingu S/A	46.719	0,5	89.908	0,8
Mineração Fazenda Brasileiro S/A	76.149	0,9	88.908	0,8
MFX do Brasil Equipamentos de Petróleo Ltda.	18.647	0,2	78.243	0,7
Oxiteno Nordeste S/A Indústria e Comércio	92.892	1,0	77.368	0,7
Louis Dreyfus Commodities Brasil S/A	89.947	1,0	76.426	0,7
EISA - Empresa Interagrícola S/A	31.107	0,4	75.066	0,7
Noble Brasil S/A	13.962	0,2	73.766	0,7
SLC Agrícola Ltda.	53.190	0,6	66.803	0,6
Proquigel Química S/A	46.495	0,5	62.420	0,6
Joanes Industrial S/A Produtos Químicos e Vegetais	76.053	0,9	62.380	0,6
Chadler Industrial da Bahia S/A	67.068	0,8	57.017	0,5
Elekeiroz S.A.	80.114	0,9	46.713	0,4
Borrachas Vipal S/A	22.109	0,2	43.929	0,4
Unicafé Companhia de Comércio Exterior	25.993	0,3	38.982	0,4
Xerox Comércio e Indústria Ltda.	47.774	0,5	38.823	0,4
Magnesita Refratários S/A	13.306	0,1	36.999	0,3
Ituiutaba Bioenergia Ltda.	0	0,0	30.639	0,3
Deten Química S/A	25.848	0,3	30.493	0,3
Cromex S/A	20.041	0,2	30.137	0,3
Outras empresas	1.080.025	12,2	1.167.329	10,6
TOTAL	**8.886.017**	**100,0**	**11.016.299**	**100,0**

Fonte: MIDIC/SECEX

Quadro 138 - Principais Empresas Importadoras

Valor em USD Mil FOB

EMPRESAS	2009	%	2010	%
Ford Motor Company Brasil Ltda.	1.334.156	19,9	1.545.824	19,9
Paranapanema S/A	1.094.960	16,3	1.217.515	15,7
Petróleo Brasileiro S/A	716.842	10,7	956.758	12,3
Braskem S/A	702.932	10,5	586.590	7,6
Continental do Brasil Produtos Automotivos Ltda.	90.792	1,4	171.241	2,2
Oleoquímica Indústria e Comércio de Produtos	89.154	1,3	149.046	1,9
Deten Química S/A	85.494	1,3	147.159	1,9
Kordsa Brasil S.A	42.421	0,6	91.504	1,2
M. Dias Branco S/A Indústria e Comércio	67.051	1,0	89.270	1,1
Fertipar Fertilizantes do Nordeste Ltda.	57.659	0,9	84.468	1,1
Semp Toshiba Informática Ltda.	107.117	1,6	80.719	1,0
Mosaic Fertilizantes do Brasil S/A	47.190	0,7	77.908	1,0
MK Eletrodomésticos Ltda.	51.116	0,8	69.740	0,9
Cargill Agrícola S/A	101.673	1,5	68.241	0,9
DuPont do Brasil S.A.	7.915	0,1	66.620	0,9
Handytech Informática e Eletrônica Ltda.	68.971	1,0	63.856	0,8
Pirelli Pneus Ltda.	45.424	0,7	57.404	0,7
Oxiteno Nordeste S/A Indústria e Comércio	70.278	1,0	55.616	0,7
Graftech Brasil Participações Ltda.	6.690	0,1	48.707	0,6
Gamesa Eólica Brasil Ltda.	131	0,0	48.443	0,6
Proquigel Química S/A	34.769	0,5	48.108	0,6
Monsanto Nordeste Indústria e Comércio	48.324	0,7	47.834	0,6
Águia S/A	54.602	0,8	46.264	0,6
Cromex S/A	34.830	0,5	46.143	0,6
Roullier Brasil Ltda.	30.745	0,5	43.198	0,6
Renco Equipamentos S/A	25.312	0,4	39.335	0,5
Aulik Indústria e Comércio Ltda.	35.858	0,5	39.008	0,5
Kuka Systems do Brasil Ltda.	0	0,0	38.921	0,5
ADM do Brasil Ltda.	17.503	0,3	38.870	0,5
Fertilizantes Heringer S/A	26.333	0,4	38.694	0,5
Yara Brasil Fertilizantes S/A	11.627	0,2	36.445	0,5
SQM Vitas Brasil Agroindústria, Importação e Exportação Ltda.	0	0,0	34.354	0,4
Qbex Computadores Ltda.	27.382	0,4	34.237	0,4
Dax Oil Refino S/A	7.464	0,1	31.928	0,4
Bridgestone do Brasil Indústria e Comércio Ltda.	22.062	0,3	31.003	0,4
Bunge Fertilizantes S/A	2.764	0,0	29.943	0,4
Moinho Canuelas Ltda.	23.127	0,3	29.198	0,4
Mirabela Mineração do Brasil Ltda.	31.495	0,5	26.833	0,3
Latapack-Ball Embalagens Ltda.	23.100	0,3	26.817	0,3
Primo Schincariol Ind. de Cervejas e Refrigerantes	6.566	0,1	25.946	0,3
Demais Empresas	1.454.108	21,7	1.357.547	17,5
TOTAL	**6.705.937**	**100,0**	**7.767.257**	**100,0**

Fonte: MIDIC/SECEX

Em 2010 e 2011, a principal empresa exportadora da Bahia foi a PETROBRAS, enquanto que a principal empresa importadora foi a Ford.

9. INDICADORES SOCIAIS DE DESENVOLVIMENTO

Os indicadores relativos às condições de saúde predominantes no Estado da Bahia, segundo os Territórios de Identidade, estão apresentados no Quadro 139. Em 2012, existiam 13.966 estabelecimentos de saúde no Estado, o que representava 9,9 unidades por 10 mil habitantes,

Os Territórios com maior número de estabelecimentos naquele ano eram, nesta ordem, Metropolitana de Salvador, Litoral Sul, Portal do Sertão, Vitória da Conquista e Recôncavo.

Quanto à taxa de mortalidade infantil deve-se destacar os menores índices apurados para os Territórios do Recôncavo, Piemonte de Paraguaçu, Piemonte Norte do Itapicuru, Extremo Sul e Vale de Jequiriçá, de 12,4, 13,7, 13,9, 14,3, 14,7 ocorrências por mil nascidos vivos, respectivamente. Importante destacar que em 2012 a taxa de mortalidade infantil da Região Nordeste foi de 19,6 ocorrências, enquanto que a taxa de mortalidade infantil brasileira foi de 12,9 ocorrências por mil nascidos vivos.

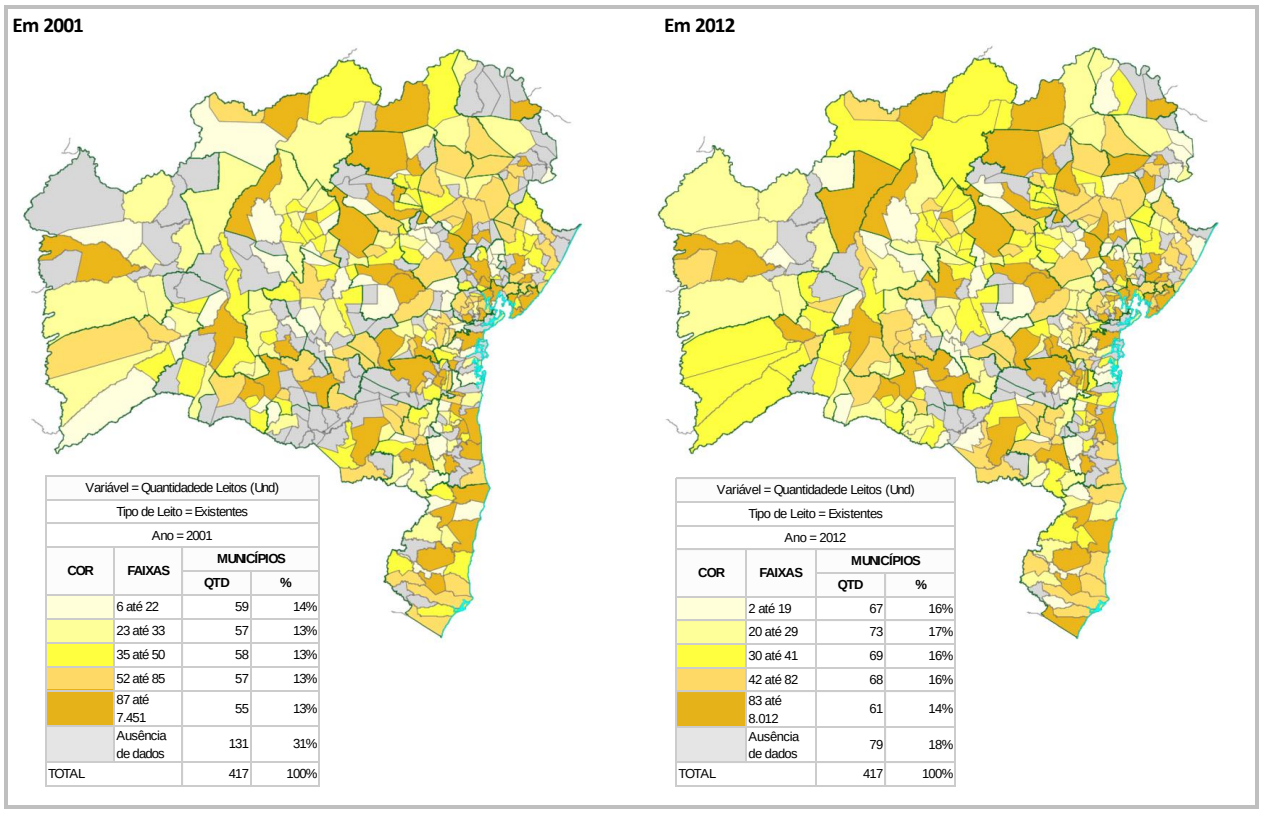
Quadro 139 - Indicadores de Saúde - Em 2012

Por Território de Identidade

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE	TAXA DE MORTALIDADE MATERNA (POR 100 MIL NASCIDOS VIVOS)	TAXA DE MORTALIDADE INFANTIL EM < 1 ANO (POR MIL NASCIDOS VIVOS)
Estado da Bahia	13.966	53,4	16,9
Irecê	369	31,2	15,6
Velho Chico	313	17,3	18,9
Chapada Diamantina	354	73,5	19,7
Sisal	481	60,3	15,9
Litoral Sul	886	52,8	21,0
Baixo Sul	271	45,2	24,9
Extremo Sul	499	84,2	14,3
Médio Sudoeste da Bahia	267	28,5	19,7
Vale de Jequiriçá	288	48,3	14,7
Sertão do São Francisco	343	94,8	16,2
Bacia do Rio Grande	430	0,0	15,2
Bacia do Paramirim	187	102,1	17,4
Sertão Produtivo	529	34,3	17,8
Piemonte do Paraguaçu	225	26,4	13,7
Bacia do Jacuípe	212	103,0	18,9
Piemonte da Diamantina	235	30,8	15,7
Semiárido Nordeste II	275	55,9	18,5
Litoral Norte e Agreste Baiano	565	78,1	17,9
Portal do Sertão	835	7,2	14,8
Vitória da Conquista	725	60,4	18,2
Recôncavo	592	12,6	12,4
Médio Rio de Contas	381	36,7	16,3
Bacia do Rio Corrente	170	35,4	15,6
Itaparica	290	220,6	21,0
Piemonte Norte do Itapicuru	249	26,2	13,9
Metropolitana de Salvador	3.590	62,9	16,3
Costa do Descobrimento	405	80,8	18,4

Fonte: SESAB/SEPLAN/IBGE

Ainda em relação aos indicadores de saúde, apresenta-se, na sequência, a Ilustração 62, contendo a comparação do número de leitos existentes nos municípios baianos em 2001 e 2012.



Variável = Quantidadede Leitos (Und)			
Tipo de Leito = Existentes			
Ano = 2001			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	6 até 22	59	14%
	23 até 33	57	13%
	35 até 50	58	13%
	52 até 85	57	13%
	87 até 7.451	55	13%
	Ausência de dados	131	31%
TOTAL		417	100%

Variável = Quantidadede Leitos (Und)			
Tipo de Leito = Existentes			
Ano = 2012			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	2 até 19	67	16%
	20 até 29	73	17%
	30 até 41	69	16%
	42 até 82	68	16%
	83 até 8.012	61	14%
	Ausência de dados	79	18%
TOTAL		417	100%

Fonte: SEI

Ilustração 62 - Distribuição Espacial do Número de Leitos Hospitalares da Bahia

Os índices de educação em 2010 apurados pelo IBGE para os Territórios de Identidade estão apresentados no Quadro 140, na sequência.

Em relação aos indicadores referentes à taxa de analfabetismo das pessoas com 15 anos ou mais, os Territórios de Identidade Semiárido Nordeste II, Bacia do Paramirim, Vale de Jequiriçá, Bacia do Jacuípe e Sisal apresentam as piores situações.

Quando o intervalo do analfabetismo fica limitado às pessoas de 15 a 29 anos, os piores resultados são encontrados nos Territórios de Identidade Semiárido Nordeste II, Baixo Sul, Sisal, Sertão do São Francisco e Itaparica.

As melhores taxas de escolarização líquida do ensino fundamental em 2010 foram encontradas, nesta ordem, nos Territórios de Identidade Portal do Sertão, Chapada Diamantina, Recôncavo, Piemonte Norte do Itapicuru, Costa do Descobrimento. Por outro lado, os territórios que possuíam as maiores dificuldades no ensino fundamental eram Sertão do São Francisco, Litoral Sul, Itaparica, Bacia do Rio Grande e Médio Sudoeste da Bahia.

As melhores taxas de escolarização líquida do ensino médio, no mesmo ano, estavam presentes nos Territórios de Identidade Bacia do Rio Grande, Metropolitana de Salvador, Irecê, Bacia do Paramirim e Bacia do Rio Corrente, enquanto que as piores taxas foram

apuradas nos Territórios Baixo Sul, Litoral Norte e Agreste Baiano, Médio Sudoeste da Bahia, Sisal e Semiárido Nordeste II.

Importante registrar que, enquanto todos os Territórios possuíam taxa de escolarização líquida no ensino fundamental superior a 91%, nenhum deles alcançava uma taxa de escolarização líquida no ensino médio superior a 45%, em 2010.

Quanto às taxas médias estaduais, conforme indicado no Quadro 140, prevalecia o seguinte panorama no ano de 2010:

- taxa de analfabetismo de pessoas de 15 anos ou mais: 14,7%;
- taxa de analfabetismo de pessoas de 15 a 29 anos: 4,4%;
- escolarização líquida no ensino fundamental: 92,7%;
- escolarização líquida no ensino médio: 37,9%.

Quadro 140 - Indicadores de Educação (%) - Em 2010

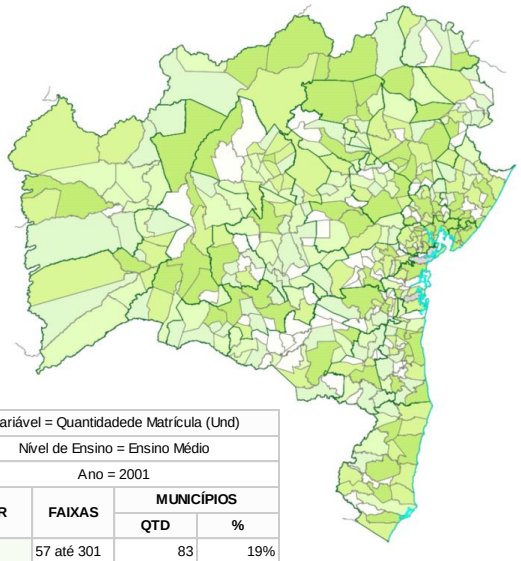
Por Território de Identidade

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	TAXA DE ANALFABETISMO DAS PESSOAS		ESCOLARIZAÇÃO ENSINO FUNDAMENTAL		ESCOLARIZAÇÃO ENSINO MÉDIO	
	15 ANOS OU MAIS	15 A 29 ANOS	LÍQUIDA	BRUTA	LÍQUIDA	BRUTA
Estado da Bahia	14,7	4,4	92,7	122,6	37,9	93,0
Irecê	17,1	5,0	93,1	116,6	43,0	87,8
Velho Chico	20,0	5,5	92,7	123,9	37,3	84,5
Chapada Diamantina	18,3	4,8	93,9	118,6	38,8	84,7
Sisal	22,3	7,0	93,4	127,0	31,9	77,8
Litoral Sul	15,6	5,1	91,0	121,0	35,6	90,1
Baixo Sul	21,0	7,5	92,6	127,4	29,2	81,2
Extremo Sul	17,3	3,6	92,0	113,5	38,9	76,7
Médio Sudoeste da Bahia	20,6	5,5	91,9	119,4	31,3	80,0
Vale de Jequiriçá	22,8	6,0	92,3	125,3	35,7	87,9
Sertão do São Francisco	17,9	6,8	90,7	118,4	36,4	86,3
Bacia do Rio Grande	15,3	4,1	91,7	113,5	44,8	101,0
Bacia do Paramirim	23,2	5,5	93,0	117,4	41,7	86,6
Sertão Produtivo	18,8	3,9	93,6	122,5	38,2	84,2
Piemonte do Paraguaçu	20,4	6,0	93,4	121,9	34,8	76,1
Bacia do Jacuípe	22,4	5,8	92,7	124,1	33,3	76,9
Piemonte da Diamantina	18,7	4,9	92,9	129,2	33,4	83,0
Semiárido Nordeste II	26,9	8,4	93,0	122,2	32,6	74,7
Litoral Norte e Agreste Baiano	15,9	5,7	93,0	124,5	30,9	83,1
Portal do Sertão	11,5	3,4	94,5	129,3	38,7	98,0
Vitória da Conquista	19,4	4,5	92,8	121,6	36,9	86,9
Recôncavo	14,3	4,3	93,9	126,1	39,7	97,0
Médio Rio de Contas	19,8	5,8	92,6	128,3	34,9	91,3
Bacia do Rio Corrente	21,9	5,4	92,5	118,9	39,7	83,9
Itaparica	17,7	6,5	91,5	120,4	38,5	89,8
Piemonte Norte do Itapicuru	18,8	5,8	93,8	125,5	38,9	91,0
Metropolitana de Salvador	4,3	1,6	92,2	123,1	43,2	117,8
Costa do Descobrimento	15,1	4,6	93,8	118,0	38,9	87,2

Fonte: SEPLAN/IBGE

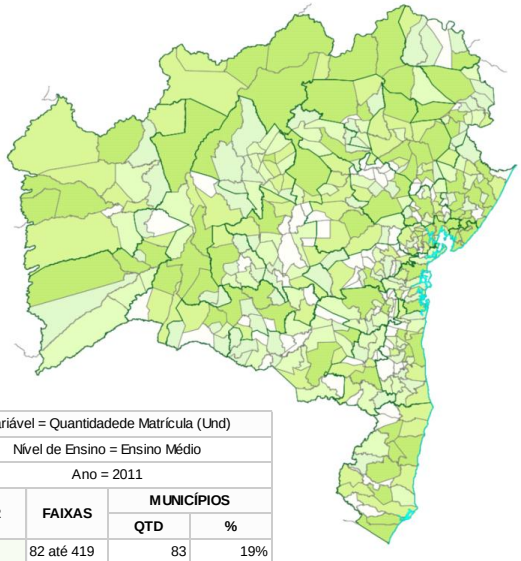
Na sequência, está apresentada a Ilustração 63, contendo a comparação do número de matrículas no ensino médio nos municípios baianos em 2001 e 2011.

Em 2001



Variável = Quantidadede Matrícula (Und)			
Nível de Ensino = Ensino Médio			
Ano = 2001			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	57 até 301	83	19%
	303 até 433	83	19%
	439 até 626	83	19%
	628 até 1.153	83	19%
	1.155 até 189.826	83	19%
	Ausência de dados	2	0%
TOTAL		417	100%

Em 2011



Variável = Quantidadede Matrícula (Und)			
Nível de Ensino = Ensino Médio			
Ano = 2011			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	82 até 419	83	19%
	422 até 614	83	19%
	616 até 843	85	20%
	850 até 1.413	83	19%
	1.415 até 110.757	83	19%
	Ausência de dados	0	0%
TOTAL		417	100%

Fonte: SEI

Ilustração 63 - Distribuição Espacial do Número de Matrículas no Ensino Médio da Bahia

Outro ponto a ser observado refere-se à infraestrutura de saneamento instalada no Estado da Bahia. O Quadro 141, na sequência, apresenta a situação de esgotamento sanitário e coleta de lixo existente no ano de 2010.

Do total de 4.094.405 domicílios existentes no Estado em 2010, aproximadamente 52% possuía acesso a algum tipo de esgotamento sanitário, enquanto que 76% eram atendidos pelos serviços de coleta de lixo.

Quanto aos Territórios de Identidade, os que mais se destacavam no atendimento de serviços de esgotamento sanitário naquele ano eram Metropolitana de Salvador, Médio Sudoeste da Bahia, Itaparica, Litoral Sul e Médio Rio de Contas, com coberturas de 87,5%, 75,2%, 67,1%, 66,2% e 64,1%, respectivamente.

As mais baixas coberturas de esgotamento sanitário, também em 2010, estavam situadas nos Territórios de Identidade de Bacia do Rio Corrente, Chapada Diamantina, Velho Chico, Bacia do Paramirim e Bacia do Rio Grande com 11,5%, 14,6%, 16,5%, 17,0% e 19,9%, respectivamente.

Em relação aos serviços de coleta de lixo no ano de 2010, os Territórios de Identidade que mais se destacavam eram Metropolitana de Salvador, Costa do Descobrimento, Litoral Sul, Portal do Sertão e Extremo Sul, com 95,6%, 87,8%, 82,4%, 81,4% e 81,2, respectivamente.

No mesmo ano, os serviços de coleta de lixo eram mais deficientes nos Territórios de Identidade Bacia do Paramirim, Velho Chico, Bacia do Rio Corrente, Sisal e Chapada Diamantina, com 43,3%, 50,0%, 51,2%, 54,5% e 55,1%, respectivamente.

Quadro 141 - Indicadores de Saneamento - Em 2010

Por Território de Identidade

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	NÚMERO DE DOMICÍLIOS	COM ACESSO A ESGOTAMENTO SANITÁRIO	% COM ESGOTAMENTO SANITÁRIO	COM ACESSO A COLETA DE LIXO	% COM COLETA DE LIXO
Estado da Bahia	4.094.405	2.119.343	51,8	3.120.364	76,2
Irecê	114.004	14.366	12,6	78.173	68,6
Velho Chico	95.337	15.683	16,5	47.678	50,0
Chapada Diamantina	102.324	14.939	14,6	56.379	55,1
Sisal	163.413	54.463	33,3	89.135	54,5
Litoral Sul	231.981	153.514	66,2	191.043	82,4
Baixo Sul	101.430	42.237	41,6	65.288	64,4
Extremo Sul	122.906	61.813	50,3	99.796	81,2
Médio Sudoeste da Bahia	70.604	53.076	75,2	56.781	80,4
Vale de Jequiriçá	88.536	24.586	27,8	57.600	65,1
Sertão do São Francisco	133.716	59.896	44,8	86.627	64,8
Bacia do Rio Grande	108.803	21.599	19,9	76.019	69,9
Bacia do Paramirim	42.942	7.285	17,0	18.578	43,3
Sertão Produtivo	121.960	37.454	30,7	70.748	58,0
Piemonte do Paraguaçu	75.351	27.133	36,0	51.967	69,0
Bacia do Jacuípe	70.704	28.162	39,8	46.521	65,8
Piemonte da Diamantina	69.122	22.537	32,6	51.310	74,2
Semiárido Nordeste II	115.891	28.955	25,0	64.598	55,7
Litoral Norte e Agreste Baiano	178.618	63.672	35,6	123.484	69,1
Portal do Sertão	250.739	108.755	43,4	204.103	81,4
Vitória da Conquista	193.280	71.423	37,0	132.173	68,4
Recôncavo	167.122	73.167	43,8	121.864	72,9
Médio Rio de Contas	106.238	68.054	64,1	85.381	80,4
Bacia do Rio Corrente	56.050	6.459	11,5	28.684	51,2
Itaparica	46.666	31.290	67,1	33.784	72,4
Piemonte Norte do Itapicuru	75.744	25.842	34,1	52.627	69,5
Metropolitana de Salvador	1.089.188	952.550	87,5	1.040.728	95,6
Costa do Descobrimento	101.736	50.433	49,6	89.295	87,8

Fonte: SEPLAN/IBGE

Segundo dados da Embasa, o crescimento no abastecimento de água no Estado da Bahia teria alcançado 173,2% entre 2001 e 2010, com destaque para os abastecimentos das classes Comercial e Residencial, cujos crescimentos teriam atingido 172,4% e 175,3%, respectivamente, conforme pode ser verificado no Quadro 142.

Quadro 142 - Abastecimento de Água no Estado

Em mil m³

CLASSES	2001		2010		2010/2001
	VOLUME	%	VOLUME	%	%
Comercial	20.453	7,8	35.271	7,8	72,4
Industrial	1.965	0,8	2.469	0,5	25,6
Pública	10.521	4,0	14.425	3,2	37,1
Residencial	228.250	87,4	400.087	88,5	75,3
TOTAL	**261.189**	**100,0**	**452.252**	**100,0**	**73,2**

Fonte: EMBASA

Interessante observar os dados da PNAD/IBGE para os anos de 2001 e 2009, que dão indicações sobre o panorama de abastecimento de água, tanto no meio rural como no meio urbano, no Estado da Bahia. Conforme apresentado no Quadro 143, houve um aumento de 27% no número de imóveis abastecidos com água no Estado no período.

Quadro 143 - Abastecimento de Água no Estado, Segundo o Meio

Em mil Unidades

SITUAÇÃO DO IMÓVEL	FORMA DE ABASTECIMENTO	2001		2009		2009/2001
		QUANTIDADE	%	QUANTIDADE	%	%
Rural	Outra Forma com	117	3,5	312	7,3	166,0
	Outra Forma sem	679	20,1	453	10,5	-33,3
	Rede Geral com Canalização	164	4,8	424	9,9	158,6
	Rede Geral sem Canalização	107	3,2	70	1,6	-34,5
Urbano	Outra Forma com	31	0,9	56	1,3	82,5
	Outra Forma sem	147	4,3	57	1,3	-61,3
	Poço ou Nascente	0	0,0	-	0,0	0,0
	Rede Geral com Canalização	1.935	57,1	2.891	67,2	49,4
	Rede Geral sem Canalização	206	6,1	36	0,8	-82,5
TOTAL		**3.385**	**100,0**	**4.299**	**100,0**	**27,0**

Fonte: PNAD/IBGE

Deve-se destacar, também, os indicadores de moradia por Territórios de Identidade, que indicam, além da proporção dos domicílios com acesso à rede de água, a proporção dos domicílios com acesso à energia elétrica e o déficit estimado de moradias, conforme apresentado no Quadro 144 na sequência.

Deve-se destacar, inicialmente, que a proporção do número de moradias com acesso à rede de água no Estado em 2010 foi de 80,3%.

Deve-se registrar que as menores coberturas da rede de água entre os Territórios de Identidade situavam-se em Baixo Sul, Sisal, Bacia do Jacuípe, Vale de Jequiriçá e Sertão Produtivo, enquanto as maiores coberturas estavam presentes em Metropolitana de Salvador, Irecê, Itaparica, Litoral Norte e Agreste Baiano e Litoral Sul.

Por sua vez, a proporção do número de moradias atendidas com energia elétrica no Estado alcançou 96,4%, no mesmo ano, representando uma cobertura elétrica residencial bastante expressiva. As maiores coberturas da rede elétrica estavam instaladas em Metropolitana de Salvador, Portal do Sertão, Recôncavo, Litoral Norte e Agreste Baiano e Irecê, enquanto as mais reduzidas podiam ser encontradas em Baixo Sul, Sertão do São Francisco, Bacia do Paramirim, Piemonte do Paraguaçu e Velho Chico.

Como indicado, o quantitativo do déficit habitacional baiano naquele ano alcançou 394.670 moradias, representando um déficit relativo de 9,6% em todo o Estado da Bahia. Os Territórios com maior déficit habitacional relativo em 2010 eram Baixo Sul, Piemonte Norte do Itapicuru, Piemonte do Paraguaçu, Velho Chico e Litoral Sul e os Territórios com menor déficit relativo eram Irecê, Bacia do Paramirim, Semiárido Nordeste II, Vitória da Conquista e Vale de Jequiriçá.

Quadro 144 - Indicadores de Moradia - Em 2010

Por Território de Identidade

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	DÉFICIT HABITACIONAL (NÚMERO)	DÉFICIT HABITACIONAL RELATIVO (%)	% DOMICÍLIOS COM ACESSOA A ENERGIA ELÉTRICA	% DOMICÍLIOS COM ACESSO A REDE DE ÁGUA
Estado da Bahia	394.670	9,6	96,4	80,3
Irecê	6.800	6,0	96,9	85,8
Velho Chico	13.580	14,2	91,9	69,9
Chapada Diamantina	8.020	7,8	94,5	75,8
Sisal	13.035	7,9	94,2	64,7
Litoral Sul	29.990	12,9	95,0	80,8
Baixo Sul	16.430	16,2	91,0	62,1
Extremo Sul	13.123	10,6	96,1	71,7
Médio Sudoeste da Bahia	7.393	10,4	95,5	80,8
Vale de Jequiriçá	6.676	7,5	96,1	67,1
Sertão do São Francisco	12.946	9,6	91,1	71,3
Bacia do Rio Grande	12.556	11,5	94,7	76,0
Bacia do Paramirim	2.654	6,2	91,2	71,5
Sertão Produtivo	9.512	7,8	95,3	67,7
Piemonte do Paraguaçu	11.066	14,6	91,5	75,2
Bacia do Jacuípe	5.818	8,2	92,3	65,7
Piemonte da Diamantina	8.670	12,5	96,4	78,3
Semiárido Nordeste II	7.249	6,3	92,6	71,1
Litoral Norte e Agreste Baiano	18.490	10,3	97,2	81,1
Portal do Sertão	19.549	7,8	99,0	77,4
Vitória da Conquista	14.588	7,5	95,9	68,8
Recôncavo	16.257	9,7	98,7	72,2
Médio Rio de Contas	9.593	9,0	95,1	79,5
Bacia do Rio Corrente	5.868	10,4	93,8	73,4
Itaparica	4.274	9,1	96,7	81,4
Piemonte Norte do Itapicuru	11.613	15,3	96,5	76,7
Metropolitana de Salvador	96.514	8,8	99,7	97,8
Costa do Descobrimento	12.406	12,1	96,2	74,4

Fonte: SEPLAN/IBGE

O detalhamento dos indicadores de consumo de energia elétrica nos Territórios de Identidade, no ano de 2010, está apresentado no Quadro 145, na sequência.

É possível verificar que a Região Metropolitana de Salvador foi a maior consumidora do Estado, respondendo por 40,4% de todo o consumo estadual. Em seguida, figuravam os Territórios Portal do Sertão, Litoral Sul, Bacia do Rio Grande e Recôncavo, porém com participações individuais inferiores a 7% no consumo total do Estado.

Em relação às classes de consumo no próprio território, no ano de 2010, o quadro apresenta os seguintes destaques: i) Territórios com as maiores participações de consumo de energia elétrica comercial: Costa do Descobrimento e Metropolitana de Salvador; ii) Territórios com as maiores participações de consumo de energia elétrica industrial: Piemonte Norte do Itapicuru e Piemonte da Diamantina; iii) Territórios com as maiores participações de consumo de energia elétrica residencial: Bacia do Paramirim e Bacia do Jacuípe; iv) Territórios com as maiores participações de consumo de energia elétrica rural: Sertão do São Francisco e Bacia do Rio Corrente; e v) Territórios com as maiores participações de consumo de energia elétrica de outros tipos (pública e outros): Semiárido Nordeste II e Recôncavo.

Quadro 145 - Indicadores de Energia Elétrica

Por Território de Identidade

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA TOTAL (KWh) (2010)	% NO CONSUMO DE ENERGIA DO ESTADO (2010)	% ENERGIA ELÉTRICA COMERCIAL (2011)	% ENERGIA ELÉTRICA INDUSTRIAL (2011)	% ENERGIA ELÉTRICA RESIDENCIAL (2011)	% ENERGIA ELÉTRICA RURAL (2011)	% ENERGIA ELÉTRICA OUTROS TIPOS (2011)
Irecê	275.180.150	1,8	9,0	3,7	39,2	23,2	24,9
Velho Chico	228.201.122	1,5	9,8	5,2	39,2	29,1	16,7
Chapada Diamantina	231.385.638	1,5	8,3	3,4	40,5	29,9	17,9
Sisal	342.542.273	2,3	8,6	24,1	39,8	4,1	23,4
Litoral Sul	730.665.013	4,8	19,7	21,3	40,0	4,0	15,0
Baixo Sul	188.580.917	1,3	18,0	5,8	50,9	10,5	14,8
Extremo Sul	376.273.985	2,5	16,7	18,6	42,2	9,3	13,2
Médio Sudoeste da Bahia	224.328.155	1,5	7,5	43,0	33,4	5,0	11,1
Vale de Jequiriçá	154.800.394	1,0	11,0	3,1	51,8	11,4	22,7
Sertão do São Francisco	512.448.658	3,4	9,4	6,1	28,1	45,7	10,7
Bacia do Rio Grande	637.107.217	4,2	10,9	26,8	23,3	31,0	8,0
Bacia do Paramirim	64.930.915	0,4	10,1	3,3	55,9	5,0	25,7
Sertão Produtivo	405.022.606	2,7	9,2	35,3	30,7	12,0	12,8
Piemonte do Paraguaçu	153.849.522	1,0	11,8	7,2	44,0	11,5	25,5
Bacia do Jacuípe	108.173.931	0,7	10,4	6,2	54,4	5,5	23,5
Piemonte da Diamantina	219.259.637	1,5	8,1	47,2	30,5	2,9	11,3
Semiárido Nordeste II	193.808.638	1,3	10,3	3,0	51,1	6,4	29,2
Litoral Norte e Agreste	563.791.667	3,7	21,5	19,1	36,7	6,4	16,3
Portal do Sertão	1.029.577.461	6,8	17,4	31,5	33,2	4,0	13,9
Vitória da Conquista	500.124.088	3,3	16,5	13,7	46,2	8,1	15,5
Recôncavo	625.787.990	4,2	10,8	28,0	30,9	4,3	26,0
Médio Rio de Contas	261.107.146	1,7	16,5	15,0	46,7	6,3	15,5
Bacia do Rio Corrente	170.599.647	1,1	7,6	6,0	30,2	41,1	15,1
Itaparica	142.290.366	0,9	16,1	4,5	42,9	18,3	18,2
Piemonte Norte do Itapicuru	266.539.937	1,8	6,8	49,2	27,4	4,3	12,3
Metropolitana de Salvador	6.091.389.449	40,4	26,1	28,4	33,8	0,1	11,6
Costa do Descobrimento	374.361.962	2,5	27,9	14,8	39,6	5,0	12,7

Fonte: SEI/SEPLAN

Os Quadros 146 e 147 apresentados na sequência, elaborados a partir de dados da Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia - COELBA, detalha a evolução do consumo de energia elétrica por tipo de consumidor e do número de consumidores entre 2001 e 2012. Observa-se que, o consumo total de energia elétrica no Estado cresceu cerca de 66% no período, enquanto que o número de consumidores aumentou em 74,1% no período.

Tanto em 2001, como no ano de 2012, o consumo residencial superou os consumos comercial e industrial no Estado. Interessante notar que, em todas as classes, tanto o consumo de energia, como o número de consumidores, com exceção da classe outros, cresceram em termos absolutos entre 2001 e 2012.

Registre-se que, apesar do crescimento numérico, as participações relativas do consumo de energia e do número de consumidores comerciais e industriais decresceram em 2012, quando comparada àquelas registradas em 2001. Já a participação da classe residencial, tanto no consumo, como no número de consumidores, acusou crescimento em 2012.

Quanto ao consumo rural absoluto, observa-se que ocorreu crescimento expressivo no consumo de energia elétrica e no número de consumidores entre 2001 e 2012, principalmente, no que se refere aos índices de energia consumida. Até mesmo a participação relativa registrou crescimento nos dois casos.

Quadro 146 - Evolução do Consumo de Energia Elétrica no Estado

Em kWh

CLASSES	2001		2010		2012/2001
	VOLUME	%	VOLUME	%	%
Comercial	1.727.019.141	19,4	2.830.147.011	19,2	63,9
Industrial	2.285.188.407	25,7	2.815.723.795	19,1	23,2
Outros	18.942.936	0,2	14.333.829	0,1	-24,3
Pública	1.383.918.265	15,6	2.231.000.040	15,1	61,2
Residencial	2.811.845.422	31,7	5.503.355.518	37,3	95,7
Rural	654.077.449	7,4	1.355.658.537	9,2	107,3
TOTAL	**8.880.991.620**	**100,0**	**14.750.218.730**	**100,0**	**66,1**

Fonte: COELBA

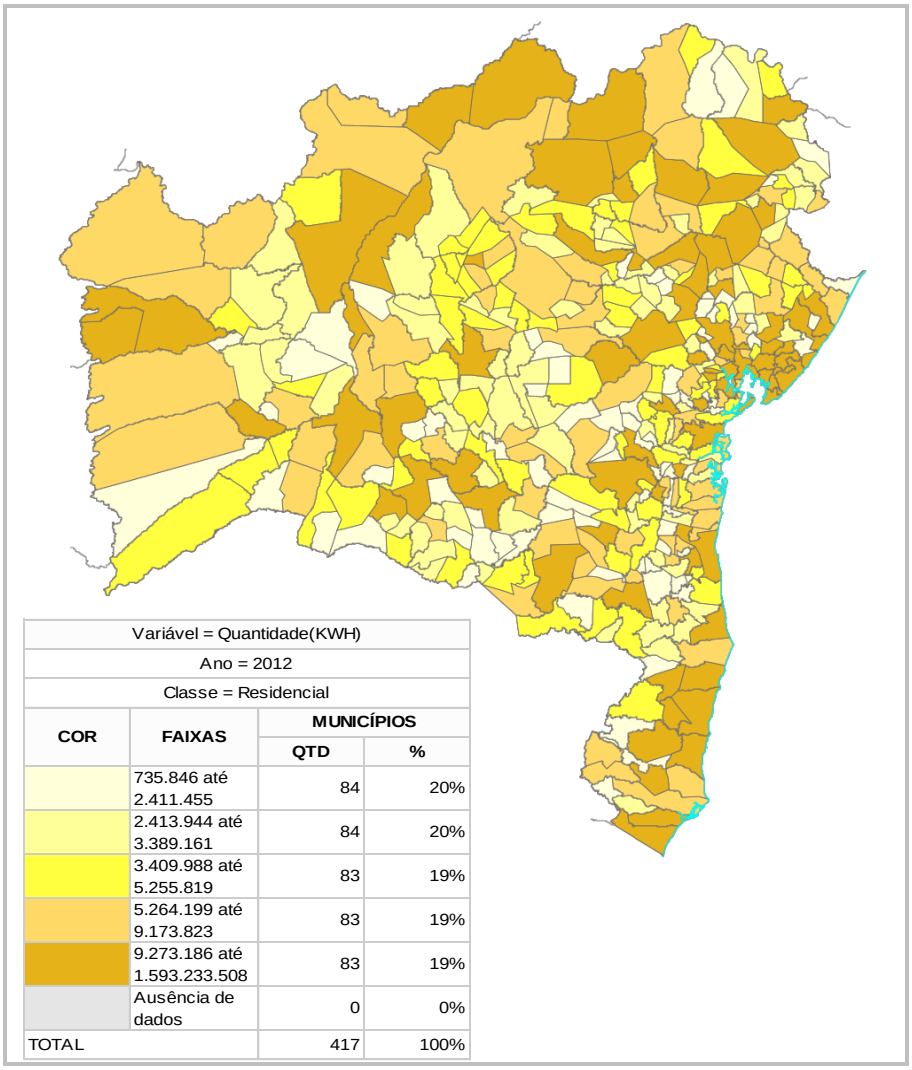
Quadro 147 - Número de Consumidores de Energia Elétrica no Estado

Em Unidades

CLASSES	2001		2010		2012/2001
	VOLUME	%	VOLUME	%	%
Comercial	229.443	7,7	318.491	6,1	38,8
Industrial	16.054	0,5	19.968	0,4	24,4
Outros	429	0,0	395	0,0	-7,9
Pública	48.550	1,6	72.517	1,4	49,4
Residencial	2.602.370	87,0	4.589.586	88,2	76,4
Rural	93.563	3,1	205.094	3,9	119,2
TOTAL	**2.990.409**	**100,0**	**5.206.051**	**100,0**	**74,1**

Fonte: COELBA

A título ilustrativo apresenta-se a distribuição do consumo de energia por município em 2012.



Variável = Quantidade(KWH)			
Ano = 2012			
Classe = Residencial			
COR	FAIXAS	MUNICÍPIOS	
		QTD	%
	735.846 até 2.411.455	84	20%
	2.413.944 até 3.389.161	84	20%
	3.409.988 até 5.255.819	83	19%
	5.264.199 até 9.173.823	83	19%
	9.273.186 até 1.593.233.508	83	19%
	Ausência de dados	0	0%
TOTAL		417	100%

Fonte: SEI

Ilustração 64 - Consumo de Energia Residencial na Bahia em 2012

Complementarmente, apresenta-se, na sequência, o Quadro 148 que indica os 20 maiores IDHMs do Estado da Bahia.

Cabe, entretanto, mencionar, que o IDH pretende ser uma medida geral, sintética, do desenvolvimento humano, sendo calculado a partir dos parâmetros saúde, educação e renda. No Brasil, o índice tem sido utilizado pelo governo federal e por administrações regionais através do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M).

Quanto aos indicadores da Bahia, verifica-se que o município de Salvador, seguido dos municípios de Lauro de Freitas, Barreiras, Eduardo Magalhães e Feira de Santana são aqueles que mais se destacam. Importante registrar, também, que a Bahia situa-se na 22ª posição no ranking nacional do IDHM - 2010, com um índice de 0,660, bem inferior ao índice nacional, de 0,727.

Quadro 148 - Índice de Desenvolvimento Humano - IDHM - 2010

20 Maiores IDHM

MUNICÍPIOS	IDHM	IDHM RENDA	IDHM LONGEVIDADE	IDHM EDUCAÇÃO
Brasil	0,727	0,739	0,816	0,637
Estado da Bahia	0,660	0,663	0,783	0,555
Salvador	0,759	0,772	0,835	0,679
Lauro de Freitas	0,754	0,781	0,827	0,663
Barreiras	0,721	0,695	0,807	0,668
Luís Eduardo Magalhães	0,716	0,754	0,826	0,59
Feira de Santana	0,712	0,71	0,82	0,619
Itabuna	0,712	0,695	0,807	0,643
Madre de Deus	0,708	0,67	0,794	0,667
Santo Antônio de Jesus	0,7	0,677	0,815	0,622
Cruz das Almas	0,699	0,659	0,796	0,65
Camaçari	0,694	0,681	0,798	0,616
Candeias	0,691	0,652	0,823	0,616
Irecê	0,691	0,661	0,776	0,643
Ilhéus	0,69	0,688	0,808	0,59
Teixeira de Freitas	0,685	0,683	0,8	0,588
Alagoinhas	0,683	0,681	0,79	0,592
Vitória da Conquista	0,678	0,681	0,788	0,581
Catu	0,677	0,66	0,814	0,578
Eunápolis	0,677	0,687	0,791	0,572
Juazeiro	0,677	0,657	0,796	0,594
Dias d'Ávila	0,676	0,651	0,811	0,584

Fonte: PNUD

Finalmente, faz-se necessário destacar que no Quadro 26.A, no Anexo, estão apresentados os respectivos indicadores de todos os 417 municípios do Estado da Bahia.

10. OS INVESTIMENTOS PÚBLICOS EM INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTE

O Estado da Bahia tem se destacado por ser um dos pioneiros nos estudos relativos à sua capacidade de infraestrutura de logística. Foi o primeiro Estado a desenvolver um Programa de Logística Estadual, o PELT 2004.

Nesse sentido, é importante apresentar os programas de infraestrutura logística previstos no Plano Plurianual Estadual - PPA 2012-2015, de forma a identificar as prioridades estabelecidas pelo governo estadual para essa área.

Inicialmente, deve-se destacar que o montante dos recursos previstos no PPA 2012-2015 alcançam o valor de R$ 143,06 bilhões, para fazer frente aos gastos com Manutenção Administrativa, no valor de R$ 56,14 bilhões, às Operações Especiais, no montante de R$ 30,17 bilhões e aos Compromissos do PPA, no valor de R$ 56,74 bilhões. A principal rubrica dos Compromissos do PPA refere-se aos gastos do Poder Executivo, previstos em R$ 55,19 bilhões. Para o Programa de Logística Integrada de Transporte, que faz parte dos gastos do Poder Executivo, estão previstos recursos de R$ 1,26 bilhões para o período.

O Programa de Logística Integrada foi elaborado considerando as seguintes ações estruturantes:

- implantação da Ferrovia Oeste-Leste, que possibilitará a ampliação do escoamento de grãos do oeste baiano e minérios da região de Caetité, além de atrair fluxos dos estados de Goiás e Tocantins até Ilhéus, onde encontrará no Porto Sul um ponto de escoamento;
- implantação do novo terminal portuário do Porto Sul, ponto de escoamento da produção do oeste baiano destinada à exportação;
- promoção de ações na área de concessões rodoviárias, requalificação da malha ferroviária existente e melhoria da hidrovia do São Francisco;
- modernização e ampliação da capacidade portuária;
- modernização dos aeroportos e aeródromos em municípios importantes;
- implantação de plataformas logísticas, que deverão ser implantadas em conexões intermodais, ampliando o suporte à agropecuária e à indústria;
- superação dos entraves regulatórios.

Os principais indicadores que se pretende alcançar estão apresentados no Quadro 149.

Quadro 149 - Plano Plurianual Estadual - PPA 2012-2015

Investimentos para a Infraestrutura Logística

INDICADOR	UNIDADE DE MEDIDA	REFERÊNCIA DATA	REFERÊNCIA ÍNDICE	ÍNDICE ESPERADO COM PPA
Índice de expansão da malha rodoviária	nº índice	2011	100,00	106,00
Rodovias em boas condições de trafegabilidade	%	2011	48,74	68,38
Terminais hidroviários em boas condições de operação	%	2011	56,25	100,00
Terminais aeroviários em boas condições de operação	%	2011	79,49	90,24

Fonte: PPA - Bahia

A seguir estão apresentados os diversos Compromissos definidos no PPA para o programa de infraestrutura logística:

- Expandir, recuperar e manter a malha rodoviária estadual, promovendo uma maior integração das rodovias e produzindo caminhos mais racionais e eficientes. Metas:
  - Implantar 271,9 km de acessos viários a sedes municipais;
  - Manter 8.740 km de rodovias em condições de trafegabilidade;
  - Recuperar 2.459,4 km de rodovias;
  - Implantar e pavimentar 967,3 km de rodovias;
  - Construir e recuperar 2.474 m de pontes, viadutos e passarelas;
  - Restaurar e manter 1.108 km de rodovias;
- Expandir e recuperar os terminais hidroviários, rodoviários e aeroviários, aumentando a competitividade da produção baiana e melhorando a mobilidade de pessoas. Metas:
  - Construir 4 terminais aeroviários nos Territórios de Identidade Velho Chico, Semiárido Nordeste II, Vitória da Conquista e Piemonte Norte do Itapicuru;
  - Ampliar 22 terminais aeroviários nos Territórios de Identidade Irecê (1), Sertão Produtivo (2), Velho Chico (2), Piemonte do Paraguaçu (1), Chapada Diamantina (1), Piemonte da Diamantina (2), Litoral Sul (1), Portal do Sertão (1), Extremo Sul (1), Médio Rio de Contas (1), Médio Sudoeste da Bahia (1), Bacia do Rio Corrente (1), Sertão do São Francisco (2), Itaparica (1), Bacia do Rio Grande (3) e Costa do Descobrimento (1);
  - Construir 12 terminais hidroviários nos Territórios de Identidade de Litoral Sul (3), Recôncavo (1), Baixo Sul (3), Metropolitano de Salvador (4) e Extremo Sul (1);
  - Recuperar 14 terminais hidroviários nos Territórios de Identidade Litoral Sul (1), Metropolitano de Salvador (7), Baixo Sul (2), Costa do Descobrimento (1) e Recôncavo (3);
  - Construir 1 terminal rodoviário no Território de Identidade Metropolitano de Salvador;
  - Recuperar 2 terminais rodoviários nos Territórios de Identidade Sisal e Itaparica;
  - Recuperar 8 terminais aeroportuários nos Territórios de Identidade Velho Chico, Bacia do Rio Grande, Chapada Diamantina, Sertão Produtivo, Litoral Sul, Piemonte da Diamantina, Sertão do São Francisco e Itaparica;
- Desenvolver ações integradas para melhorar a segurança nas rodovias. Meta:
  - Reduzir em 80% o número de acidentes de trânsito nas rodovias estaduais.
- Regular e fiscalizar os serviços públicos concedidos, permissionados, autorizados e delegados, transferidos aos municípios e/ou à iniciativa privada, nas áreas de

transporte rodoviário intermunicipal de passageiros, terminais e rodovias pedagiadas, garantindo a eficiência, a qualidade e o bom atendimento à população. Meta:
  - Realizar 137,6 mil ações de fiscalização;
- Planejar o atendimento das demandas futuras nos diversos modais, de forma a identificar e viabilizar os principais investimentos necessários em infraestrutura de logística de transportes. Metas:
  - Elaborar 50 projetos de infraestrutura de transportes;
  - Elaborar 10 estudos/planos em logística de transportes;
- Elaborar estudos para integração do transporte hidroviário com o rodoviário, ferroviário e aeroviário visando ao escoamento da produção e transporte de passageiros. Meta:
  - Elaborar 3 estudos de transporte para os Territórios de Identidade Velho Chico (2) e Metropolitano de Salvador (1);
- Promover o fortalecimento da cadeia produtiva naval e a melhoria da infraestrutura náutica e de lazer, de serviços e de transporte. Meta:
  - Implantação de infraestrutura para 5 marinas nos Territórios de Identidade de Baixo Sul (1) e Metropolitano de Salvador (4);
- Promover as atividades portuárias e navais para fomentar o desenvolvimento sustentável e a desconcentração das atividades econômicas. Metas:
  - Implantar infraestrutura em 2 empreendimentos na área naval no Território de Identidade Metropolitano de Salvador;
  - Implantar infraestrutura em 1 empreendimento na área portuária no Território de Identidade Litoral Sul;
- Promover a atração de investimentos privados em projetos de reconhecido interesse do Estado, viabilizando a implementação de Parcerias Público-Privadas - PPP;
- Promover a intermodalidade logística para revitalização das áreas dos rios que integram a Bacia do Rio São Francisco em território baiano.

Merecem destaque, ainda, os investimentos em transporte programados pelo governo federal no PAC 2 para o Estado da Bahia.

Conforme destacado no 8º Balanço do Programa, em agosto de 2013, a situação dos principais projetos do Eixo Transporte e dos projetos relacionados à mobilidade urbana que estão alocados ao Eixo Cidade Melhor é a seguinte:

- Aeroporto Barreiras - ampliação e reforma da pista, ampliação da área de taxiamento, construção de pátio e obras complementares:
  - Município: Barreiras;
  - Previsto: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;
  - Estágio: Ação Preparatória;
- Aeroporto de Ilhéus - construção do app/grupamento de navegação aérea (estruturado):
  - Município: Ilhéus;
  - Previsto 2011-2014: R$ 2.720.000,00;
  - Estágio: Concluído;
- Aeroporto de Ilhéus - projeto de infraestrutura e implantação do Mop:
  - Município: Ilhéus;

  - Previsto 2011-2014: R$ 2.090.000,00;
  - Estágio: Em obras;
- Aeroporto Salvador - Ampliação do Pátio de Aeronaves:
  - Município: Salvador;
  - Previsto 2011-2014: R$ 17.560.000,00;
  - Estágio: Concluído;
- Aeroporto Salvador - Nova Torre de Controle:
  - Município: Salvador;
  - Previsto 2011-2014: R$ 16.140.000,00;
  - Estágio: Em obras;
- Aeroporto Salvador - Reforma e Adequação do Terminal de Passageiros:
  - Município: Salvador;
  - Previsto 2011-2014: R$ 93.530.000,00;
  - Estágio: Em obras;
- Aeroporto Vitória da Conquista - Construção de novo aeroporto:
  - Município: Vitória da Conquista;
  - Previsto 2011-2014: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;
  - Estágio: Em licitação de obra;
- Aquisição de Carros Contraincêndio de Aeródromos - CCI - vários Estados:
  - Previsto para o país 2011-2014: R$ 64.600.000,00;
  - Estágio: Em execução;
- Porto Sem Papel - Fase 2 - Concentrador de Dados e Portal de Informações Portuárias - vários Estados:
  - Municípios da Bahia: Ilhéus, Salvador e Candeias;
  - Previsto para o país 2011-2014: R$ 92.000.000,00;
  - Estágio: Em execução;
- Cadeia Logística Portuária Inteligente - vários Estados:
  - Município da Bahia: Salvador;
  - Previsto para o país 2011-2014: R$ 115.000.000,00;
  - Estágio: Em execução;
- Implantação das Áreas de Apoio Logístico Portuário - AALPs - Estudos, Projetos e Documentação de Apoio - vários Estados:
  - Previsto para o país: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;
  - Estágio: Ação preparatória;
- Infraport - Sistemas de Apoio a Gestão Portuária - vários Estados:
  - Município da Bahia: Salvador;
  - Previsto para o país 2011-2014: R$ 30.000.000,00;
  - Estágio: Em execução;
- Porto de Salvador - Adaptação de Armazém para Terminal Marítimo de Passageiros:
  - Município: Salvador;
  - Previsto 2011-2014: R$ 36.000.000,00;
  - Estágio: Em obras;
- Porto de Salvador - Ampliação do quebra-mar:
  - Município: Salvador;
  - Previsto: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;

  - Estágio: Em licitação de obras;
- Programa de Conformidade Gerencial de Resíduos Sólidos e Efluentes Líquidos dos Portos Marítimos Brasileiros - vários Estados:
  - Previsto país 2011-2014: R$ 118.000.000,00;
  - Estágio: Em execução;
- Programa Federal de Apoio a Regularização e Gestão Ambiental Portuária - PRGAP - Fase I - Estudos - vários Estados:
  - Previsto 2011-2014: R$ 11.700.000,00;
  - Estágio: Em execução;
- Sistema de Gerenciamento de Tráfego Marítimo - VTMIS - Fase 1 - vários Estados:
  - Previsto 2011-2014: R$ 146.300.000,00;
  - Estágio: Em execução;
- 3ª Etapa de Concessões de Rodovias Federais - Fase 2 - BR-101/ES/BA - Trecho div. RJ/ES - Entr. BA-698 (acesso a Mucuri/BA) - BA/ES:
  - Município da Bahia: Mucuri;
  - Previsto para os 2 Estados 2011-2014: R$ 2.146.300.000,00;
  - Estágio: Concluído;
- BR-101/BA - Duplicação Eunápolis - Entroncamento BR-418-BA:
  - Municípios: Caravelas, Alcobaça, Nova Viçosa;
  - Previsto: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;
  - Estágio: Ação Preparatória;
- BR-101/NE - Trecho BA Duplicação Divisa SE/BA - Feira de Santana - BA:
  - Municípios: Alagoinhas, Amélia Rodrigues, Araçás, Entre Rios, Esplanada, Feira de Santana, Rio Real e Teodoro Sampaio;
  - Previsto: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;
  - Estágio: Ação Preparatória;
- BR-116/BA - Adequação - Divisa PE/BA - Feira de Santana - BA:
  - Municípios: Abaré, Chorrochó, Canudos, Euclides da Cunha, Quijingue, Tucano, Araci, Teofilândia, Serrinha, Santa Bárbara e Feira de Santana;
  - Previsto: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;
  - Estágio: Ação preparatória;
- BR-135/PI/BA/MG - Trecho BA -Construção - BA:
  - Municípios: Angical, Barreiras, Cocos, Coribe, Correntina, Feira da Mata, Formosa do Rio Preto, Jaborandi, Riachão das Neves, Santa Rita de Cássia, São Desidério;
  - Previsto 2011-2014: R$ 348.040.000,00;
  - Previsto pós 2014: R$ 43.000.000,00;
  - Estágio: Em obras;
- BR-235/BA - Construção Div. SE/BA - Div. BA/PI - Barragem (km 471,1) - Nova Remanso (km 537) - BA:
  - Previsto 2011-2014: R$ 100.000.000,00;
  - Estágio: Concluído;
- BR-235/BA - Construção Div. SE/BA - Div. BA/PI - Canché (km 159,6) - Uauá (km 231) - BA:
  - Previsto 2011-2014: R$ 120.000.000,00;
  - Concluído;

- BR-235/BA - Construção Div. SE/BA - Div. BA/PI - Div. PE/BA (km 357,4) - Barragem (km 471,1) - BA:
  - Previsto: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;
  - Estágio: Ação preparatória;
- BR-235/BA - Construção Div. SE/BA - Div. BA/PI - Div. SE/BA (km 0) - Canché (km 159,6) - BA:
  - Previsto: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;
  - Estágio: Ação preparatória;
- BR-235/BA - Construção Div. SE/BA - Div. BA/PI - Nova Remanso (km 537) - Div. BA/PI (km 663,6) - BA:
  - Previsto: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;
  - Estágio: Ação preparatória;
- BR-235/BA - Construção Div. SE/BA - Div. BA/PI - Uauá (km 231) - Div. PE/BA (km 357,4) - BA:
  - Previsto: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;
  - Estágio: Ação preparatória;
- BR-242/BA - Adequação - Travessia Urbana de Luís Eduardo Magalhães - BA:
  - Município: Luís Eduardo Magalhães;
  - Previsto 2011-2014: R$ 63.200.000,00;
  - Estágio: Em obras;
- BR-242/BA - Construção do Contorno de Barreiras - BA:
  - Município: Barreiras;
  - Previsto 2011-2014: R$ 21.000.000,00;
  - Estágio: Concluído;
- BR-242/BA - Construção Entr. BA-460 - Div. BA/TO - BA:
  - Município: Barreiras;
  - Previsto 2011-2014: R$ 53.220.000,00;
  - Previsto pós 2014: R$ 50.000.000,00;
  - Estágio: Em obras;
- BR-324/BA (BA 524) - Duplicação do Acesso ao Porto de Aratu - BA:
  - Previsto: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;
  - Estágio: Ação preparatória;
- BR-324/BA - Construção Via Expressa ao Porto de Salvador - BA:
  - Município: Salvador;
  - Previsto 2011-2014: R$ 202.780.000,00;
  - Estágio: Em obras (conclusão);
- BR-407/BA - Adequação - Travessia Urbana de Juazeiro - BA:
  - Município: Juazeiro;
  - Previsto 2011-2014: R$ 70.000.000,00;
  - Previsto pós 2014: R$ 6.600.000,00;
  - Estágio: Em obras;
- BR-415/BA - Duplicação Ilhéus - Itabuna - BA:
  - Municípios: Ilhéus e Itabuna;

  - Previsto: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;
  - Estágio: Ação preparatória;
- BR-418/BA - Construção Caravelas - Entr. BR-101/BA - BA:
  - Municípios: Alcobaça e Caravelas;
  - Previsto: R$ 43.750.000,00;
  - Estágio: Em obras;
- Estudos e projetos a executar - BA:
  - Previsto: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;
  - Estágio: Ação preparatória;
- Estudos e projetos concluídos - BA:
  - Previsto 2011-2014: R$ 52.867.969,03;
  - Estágio: Concluído;
- Estudos e projetos em execução - BA:
  - Previsto 2011-2014: R$109.594.385,01;
  - Estágio: Em execução;
- Manutenção e Operação rodoviária a executar - BA:
  - Previsto: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;
  - Estágio: Ação Preparatória;
- Manutenção e Operação rodoviária em execução – BA:
  - Previsto 2011-2014: R$ 501.634.410,21;
  - Estágio: Em obras;
- Manutenção, Sinalização e Controle de Velocidade concluídos - BA:
  - Previsto 2011-2014: R$ 341.686.828,13;
  - Estágio: Concluído;
- Equipamentos para Recuperação de Estradas Vicinais - caminhões-caçamba - BA - Concluído:
  - Previsto 2011-2014: R$5.214.000,00;
  - Estágio: Concluído;
- Equipamentos para Recuperação de Estradas Vicinais - caminhões-caçamba - BA - Em execução:
  - Municípios: vários municípios;
  - Previsto 2011-2014: R$ 93.750.000,00;
  - Estágio: Em execução;
- Equipamentos para Recuperação de Estradas Vicinais - Motoniveladoras - BA - Em Licitação:
  - Municípios: vários municípios;
  - Previsto: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;
  - Estágio: Em licitação de projeto;
- Equipamentos para Recuperação de Estradas Vicinais - Motoniveladoras - BA - Concluído:
  - Municípios: vários municípios;
  - Previsto 2011-2014: R$ 112.225.000,00;
  - Estágio: Concluído;

- Equipamentos para Recuperação de Estradas Vicinais - Retroescavadeiras - BA - Em execução:
  - Municípios: vários municípios;
  - Previsto 2011-2014: R$8.280.000,00;
  - Estágio: Em execução;
- Equipamentos para Recuperação de Estradas Vicinais - Retroescavadeiras - BA - Concluído:
  - Municípios: vários municípios;
  - Previsto 2011-2014: R$ 56.321.000,00;
  - Estágio: Concluído;
- Trecho da Ferrovia de Integração Oeste Leste - Construção Ilhéus/BA - Caetité/BA - BA:
  - Municípios: Barreiras e Ilhéus;
  - Previsto país 2011-2014: R$1.854.600.000,00;
  - Estágio: Em obras;
- Trecho da Ferrovia de Integração Oeste Leste - Construção Ilhéus/BA - Caetité/BA - Lote 1 - BA:
  - Município: Ubaitaba, Uruçuca, Aurelino Leal e Gongogi;
  - Previsto país 2011-2014: R$ 365.200.000,00;
  - Estágio: Em obras;
- Trecho da Ferrovia de Integração Oeste Leste - Construção Ilhéus/BA - Caetité/BA - Lote 2 - BA:
  - Municípios: Aiquara, Jequié e Itagi;
  - Previsto 2011-2014: R$ 520.114.987,44;
  - Estágio: Em obras;
- Trecho da Ferrovia de Integração Oeste-Leste - Construção Ilhéus/BA - Caetité/BA - Lote 3 - BA:
  - Município: Manoel Vitorino, Mirante e Tanhaçu;
  - Previsto 2011-2014: R$ R$ 277.171.216,67;
  - Estágio: Em obras;
- Trecho da Ferrovia de Integração Oeste-Leste - Construção Ilhéus/BA - Caetité/BA - Lote 4 - BA:
  - Municípios: Brumado, Lagoa Real, e Ibiassucê;
  - Previsto 2011-2014: R$ 612.084.947,72;
  - Estágio: Em obras;
- Trecho da Ferrovia de Integração Oeste-Leste - Construção Caetité/BA - Barreiras/BA - BA:
  - Previsto 2011-2014: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação -RDC;
  - Estágio: Em licitação de obra;
- Variante Ferroviária Camaçari/BA - Aratu/BA - BA:
  - Municípios: Camaçari, Salvador e Simões Filho;
  - Previsto 2011-2014: R$120.100.000,00;
  - Estágio: Em obras;
- Corredor do rio São Francisco - Dragagem e sinalização - PNMH - BA MG PE:
  - Municípios da Bahia: Juazeiro, Sobradinho, Sento Sé, Remanso, Pilão Arcado, Xique-Xique, Barra, Ibotirama, Paratinga, Sítio do Mato, Bom Jesus da Lapa, Malhada e Carinhanha;

  - Previsto: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;
  - Estágio: Ação Preparatória;
- Corredor do rio São Francisco - Dragagem Meleiro, Limoeiro e Outros pontos críticos - BA:
  - Municípios: Pilão Arcado, Xique-Xique, Barra e Ibotirama;
  - Previsto 2011-2014: R$11.340.000,00;
  - Estágio: Em execução;
- Corredor do rio São Francisco - Estudos e projetos de terminais de carga - BA MG PE:
  - Municípios da Bahia: Juazeiro, Sobradinho, Sento Sé, Remanso, Pilão Arcado, Xique-Xique, Barra, Ibotirama, Paratinga, Sítio do Mato, Bom Jesus da Lapa, Malhada e Carinhanha;
  - Previsto: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;
  - Estágio: Ação Preparatória;
- Implantação de BRT:
  - Município: Feira de Santana;
  - Previsto: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;
  - Estágio: Ação Preparatória;
- Metrô - Salvador/BA - Trecho Aeroporto - Acesso Norte:
  - Município: Salvador;
  - Previsto: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;
  - Estágio: Ação Preparatória;
- Metrô - Salvador/BA - Trecho Aeroporto - Acesso Norte:
  - Município: Salvador;
  - Previsto 2011-2014: R$ 245.300.000,00;
  - Estágio: Em obras;
- Metrô de Salvador - Trecho Lapa - Acesso Norte:
  - Município: Salvador;
  - Previsto 2011-2014: R$ 58.050.000,00;
  - Estágio: Em obras;
- Trem de Subúrbio de Salvador - Trecho Calçada a Paripe - Modernização do sistema de trens metropolitanos:
  - Município: Salvador;
  - Estágio: Concluído;
- Vias Estruturantes de Salvador - Sistema de Corredores Transversais:
  - Município: Salvador;
  - Previsto: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;
  - Estágio: Ação preparatória;
- Reestruturação dos corredores de transporte público coletivo:
  - Município: Vitória da Conquista;
  - Previsto: Valor não divulgado em razão da possibilidade de uso do Regime Diferenciado de Contratação - RDC;
  - Estágio: Ação preparatória.

11. PROJETOS PROPOSTOS NO PNLT - 2012 PARA A BAHIA

A elaboração do Plano Nacional de Logística e Transporte - PNLT, em 2007, veio fornecer instrumentos de análise para o planejamento de intervenções públicas e privadas na infraestrutura e na organização dos transportes, em nível nacional.

O PNLT, também, tem sido utilizado como base para a elaboração dos Planos Plurianuais Estaduais (PPA), e como eventual subsídio para a definição da composição do portfólio de projetos integrantes do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

Em setembro de 2012 foi oficializada a atualização do PNLT, com informações levantadas em 2011, cujo escopo total se constituiu em 1.167 projetos, conforme a seguir descritos:

- 111 projetos avaliados e considerados como prioritários em função de sua viabilidade econômica;
- 237 projetos avaliados como tendo menor viabilidade econômica, mas cuja implantação justifica-se igualmente em função de outros aspectos, como valores e interesses de caráter sociopolítico, ambiental, tecnológico ou desenvolvimento regional. Adotou-se o nome de "projetos sociopolíticos" para este bloco;
- 231 projetos não avaliados por pertencerem ao PAC e com previsão de implantação já definida;
- 588 projetos não avaliados em função da não disponibilidade de informações.

Deve-se destacar que os projetos do PNLT estão distribuídos pelo território nacional, segundo Eixos Logísticos, conforme apresentado na Ilustração 65, a seguir.



Fonte: PNLT

Ilustração 65 - Vetores Logísticos do PNLT - Setembro/2012

Como pode ser observado, o Estado da Bahia está localizado no Vetor Logístico NE Meridional, sendo que uma pequena parcela de seu território está situada no Vetor NE Setentrional e outra pequena parte, no extremo sul, encontra-se no Vetor Leste.

No Quadro 150, apresentado na sequência, estão indicados os projetos avaliados no PNLT como prioritários para o Estado da Bahia.

Quadro 150 - Plano Nacional de Logística e Transporte - PNLT - Setembro/2012

Bahia - Projetos Prioritários

MODO	NOME	TIPO DE INTERVENÇÃO	INVESTIMENTO TOTAL (R$ mil)	EXTENSÃO (km)	TIRE (%) a.a.	PERÍODO DE IMPLANTAÇÃO
Hidroviário	Hidrovias dos rios Grande e Corrente	Melhorias	50.166	350	> 24	Até 2015
Rodoviário	AL-220: São Miguel dos Campos/AL a Arapicara/AL	Terceira faixa	87.578	55	8 a 12	Até 2018
Rodoviário	BR-020: Riachão das Neves/BA a Campo Alegre de Lourdes/BA	Pavimentação	608.670	337	> 24	Até 2015
Rodoviário	BR-030: Cocos/BA - Maraú/BA	Implantação e Pavimentação	1.027.546	394	8 a 12	2020 a 2023
Rodoviário	BR-235: Campo Alegre de Lourdes/BA a Remanso/BA	Implantação e Pavimentação	329.920	127	8 a 12	2016 a 2019
Rodoviário	BR-242: Luís Eduardo Magalhães/BA a Ibotirama/BA	Terceira faixa	513.761	320	12 a 16	Até 2015
Rodoviário	BR-242: Ibotirama/BA a Castro Alves /BA	Terceira faixa	788.206	491	12 a 16	Até 2015
Rodoviário	BR-101: Eunápolis/BA a Feira de Santana/BA	Duplicação	2.473.642	507	16 a 24	Até 2015
Rodoviário	BR-101: Eunápolis/BA a Feira de Santana/BA	Duplicação	2.473.642	507	16 a 24	Até 2015

Fonte: PNLT

Complementarmente, são apresentados, a seguir, os demais projetos propostos pelo PNLT, não prioritários, excluindo-se aqueles que já constam do PAC 2.

Modal Aeroviário

- Novo Aeroporto de Ilhéus:
  - Características: Área do terminal de 6.000m² e extensão da pista de 3.000 m;
  - Tipo de Intervenção: Construção;
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 150.000;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Pós 2015;
- Nova Pista, Terminal de Passageiros e Cargas e Acesso Rodoviário do Aeroporto de Porto Seguro:
  - Tipo de Intervenção: Construção e ampliação;
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 150.000;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Pós 2015;

- Aeroporto Internacional Deputado Luís Eduardo Magalhães - INFRAERO:
  - Tipo de Intervenção: Construção/Melhorias;
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 63.909;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Pós 2015;
- Aeroporto Internacional Deputado Luís Eduardo Magalhães - INFRAERO:
  - Características: Novo Terminal de Carga Doméstica;
  - Tipo de Intervenção: Construção;
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 84.330;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Pós 2015;
- Aeroporto Internacional Deputado Luís Eduardo Magalhães - INFRAERO:
  - Características: Novo Terminal de Carga Internacional;
  - Tipo de Intervenção: Construção;
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 10.260;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Pós 2015;
- Novo Aeroporto de Vitória da Conquista:
  - Características: Área do Terminal de 1.200 m² e extensão da pista de 2.200 m;
  - Tipo de Intervenção: Construção;
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 80.000;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Pós 2015.

Modal Ferroviário

- Acesso ferroviário a Feira de Santana/BA (FCA em Conceição da Feira/BA):
  - Características: 30 km de ferrovia;
  - Tipo de Intervenção: Construção;
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 135.000;
  - Taxa Interna de Retorno: Abaixo de 8%;
  - Período de Implantação Recomendado: Não prioritário;
- Acesso ferroviário ao Porto de Salvador/BA:
  - Características: Remodelagem do acesso ferroviário ao Porto de Salvador/BA com 2 km (de Calçada ao Porto de Salvador);
  - Tipo de Intervenção: Recuperação e remodelagem;
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 60.000;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Não avaliado;
- Acesso ferroviário Dias Branco/BA:
  - Características: Construção de acesso ferroviário ao Porto Privado de Dias Branco/BA com 4 km;

  - Tipo de Intervenção: Construção;
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 30.000;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Não avaliado;
- Contorno ferroviário - Cachoeira/BA - São Félix/BA:
  - Características: Construção de contorno ferroviário Cachoeira/BA - São Félix/BA, com 17 km de variante ferroviária com a inclusão de ponte com 600 m;
  - Tipo de Intervenção: Construção;
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 110.200;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Não avaliado;
- Ferrovia Bahia-Oeste: Urandi/BA a Salvador/BA:
  - Características: Construção da Ferrovia Bahia-Oeste: Urandi/BA (Divisa MG/BA) - Brumado/BA - Salvador/BA, com 637 km da Linha da FCA);
  - Tipo de Intervenção: Construção;
  - Status: Concedido, sem informação sobre o Status;
  - Valor (R$ mil): 2.866.500;
  - Taxa Interna de Retorno: Abaixo de 8%;
  - Período de Implantação Recomendado: Não prioritário;
- Linha Centro/BA (Bitola Métrica) - Juazeiro/BA a Salvador/BA:
  - Características: Recuperação e remodelagem da Linha Centro/BA (Bitola Métrica) - Juazeiro/BA-Alagoinhas/BA-Camaçari/BA-Salvador/BA (Porto de Aratu), incluindo acesso ao Porto de Juazeiro, com 600 km;
  - Tipo de Intervenção: Recuperação e remodelagem;
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 1.620.000;
  - Taxa Interna de Retorno: Abaixo de 8%;
  - Período de Implantação Recomendado: Não prioritário;
- Trem de passageiros - Conceição da Feira/BA a Alagoinhas/BA:
  - Características: Remodelagem para operação de trem de passageiros entre Conceição da Feira/BA - Alagoinhas/BA, 238 km - Trem Regional;
  - Tipo de Intervenção: Recuperação e remodelagem;
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 220.550;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Não avaliado.

Modal Portuário

- Acesso Ferroviário e Rodoviário ao Novo Porto de Ilhéus:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 1.200.000;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Ampliação do Terminal de Graneis Líquidos do Porto de Aratu:
  - Status: Planejado;

  - Valor (R$ mil): 72.000;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Ampliação do Terminal de Graneis Sólidos do Porto de Aratu:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 90.000;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Ampliação do TGL - Dragagem/Aterro Hidráulico para Formação de Retroárea no Porto de Aratu:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 15.000;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Derrocagem do Leito Marinho na Bacia do Berço Sul do TGL do Porto de Aratu:
  - Status: Planejado:
  - Valor (R$ mil): 10.410;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Estrutura de Acostagem e Instalações de Armazenagem do Terminal de Grãos do Porto de Aratu:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 100.000;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Instalação de Central de Resíduos e Estação de Tratamento de Resíduos Tóxicos no Porto de Aratu:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 6.566;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Prolongamento de Rolamento da Empilhadeira de Granéis Sólidos no Porto de Aratu:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 13.525;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Ampliação da Retroárea do Porto de Ilhéus:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 16.575;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Construção do Novo Berço com 12 m de profundidade no Porto de Ilhéus:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 58.100;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Construção do Terminal de Passageiros de Cruzeiros Marítimos no Porto de Ilhéus:
  - Status: Planejado;

  - Valor (R$ mil): 7.500;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Contenção do Cais para Possibilitar o Aprofundamento para Cota de 12 m no Porto de Ilhéus:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 8.500;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Dragagem de Aprofundamento do Leito Marinho para Cota de 12 m no Porto de Ilhéus:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 25.900;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Reforço Estrutural de Berços no Porto de Ilhéus:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 15.000;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Dragagem do Porto de Salvador:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 61.000;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Ampliação do Cais de Água de Meninos no Porto de Salvador:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 90.000;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Cais Água de Meninos - Ponta Norte: Contenção do Berço 610 e Dragagem de Aprofundamento para 15 m no Porto de Salvador:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 22.543;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Cais Água de Meninos–Ponta Norte: Reforço Estrutural do Berço 610 (para Instalação de Portêiner) no Porto de Salvador:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 13.000;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Construção de dois Berços de Atracação e Obras Complementares no Porto de Salvador:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 121.000;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;

- Construção do Novo Terminal de Contêineres no Porto de Salvador:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 132.700;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Construção do Terminal de Passageiros de Cruzeiros Marítimos no Porto de Salvador
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 6.500;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Contenção Plataforma de Acostagem e Derrocagem do Cais Comercial–Ponta Sul no Porto de Salvador:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 16.000;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Dragagem de Aprofundamento para 12 m, no Cais Comercial-Ponta Sul no Porto de Salvador:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 14.528;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015;
- Via Expressa Portuária de Salvador/BA (5,1 km) - Complementação do PAC no Porto de Salvador:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 194.900;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Até 2015.

Modal Rodoviário

- BA-001: Canavieiras a Belmonte - Construção e pavimentação de trecho de 32 km, incluindo a construção de ponte sobre o rio Jequitinhonha em Belmonte:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 108.944;
  - Taxa Interna de Retorno: Abaixo de 8%;
  - Período de Implantação Recomendado: Não prioritário;
- BA-001: Caravelas a Nova Viçosa - Construção e pavimentação do trecho de 22 km:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 62.920;
  - Taxa Interna de Retorno: Abaixo de 8%;
  - Período de Implantação Recomendado: Não prioritário;
- BA-001: Porto Seguro a Prado - Construção e pavimentação do trecho de 100 km:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 286.000;
  - Taxa Interna de Retorno: Abaixo de 8%;
  - Período de Implantação Recomendado: Não prioritário;

- BA-160: Ibotirama a Bom Jesus da Lapa - Recuperação do trecho de 154,9 km:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 101.614;
  - Taxa Interna de Retorno: Abaixo de 8%;
  - Período de Implantação Recomendado: Não prioritário;
- BR-122: Boninal a Paramirim - Construção e pavimentação do trecho de 90 km:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 234.540;
  - Taxa Interna de Retorno: Abaixo de 8%;
  - Período de Implantação Recomendado: Não prioritário;
- BR-122: Campo Formoso a América Dourada - Construção e pavimentação do trecho de 176,5 km:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 504.790;
  - Taxa Interna de Retorno: Abaixo de 8%;
  - Período de Implantação Recomendado: Não prioritário;
- BR-122: Juazeiro a Campo Formoso - Pavimentação do trecho de 33 km:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 59.532;
  - Taxa Interna de Retorno: Abaixo de 8%;
  - Período de Implantação Recomendado: Não prioritário;
- BR-122: Paramirim a Caetité - Implantação e pavimentação do trecho de 86 km:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 224.116;
  - Taxa Interna de Retorno: Abaixo de 8%;
  - Período de Implantação Recomendado: Não prioritário;
- BR-235: Remanso a Casa Nova - Recuperação do trecho de 179,6 km:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 117.818;
  - Taxa Interna de Retorno: Abaixo de 8%;
  - Período de Implantação Recomendado: Não prioritário;
- BR-251: Buerarema e Ilhéus - Pavimentação de 48,6 km:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 87.674;
  - Taxa Interna de Retorno: Abaixo de 8%;
  - Período de Implantação Recomendado: Não prioritário;
- BR-251: Pau-Brasil a Potiraguá - Itarantim/BA - Pavimentação dos trechos: Pau-Brasil/BA (entroncamento BR-251/BA-667) - Potiraguá/BA (entroncamento BR-251/BA-670) com 56 km, e Itarantim/BA (entroncamento BR-251/BA-270) - Divisa BA/MG (entroncamento BR-251/BA-130) com 41 km:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 174.988;
  - Taxa Interna de Retorno: Abaixo de 8%;
  - Período de Implantação Recomendado: Não prioritário;
- BR-324: Umburanas a Sento Sé - Construção e pavimentação de 218 km:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 623.480;
  - Taxa Interna de Retorno: Abaixo de 8%;

  - Período de Implantação Recomendado: Não prioritário;
- BR-324: Umburanas a Sento Sé - Construção e pavimentação de 218 km:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 623.480;
  - Taxa Interna de Retorno: Abaixo de 8%;
  - Período de Implantação Recomendado: Não prioritário;
- BR-367: Porto Seguro - Construção de terceira faixa do trecho entre o entroncamento BR-367/BR-101 e a sede do município de Porto Seguro, com 62,6 km:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 100.410;
  - Taxa Interna de Retorno: Abaixo de 8%;
  - Período de Implantação Recomendado: Não prioritário.

Terminais Rodoviários

- Centro Logístico Intermodal em Luiz Eduardo Magalhães/BA:
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 1.968;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Não avaliado;
- Centros Logísticos Intermodais na Bahia (Vitória da Conquista - Feira de Santana - Teixeira de Freitas - Eunapólis - Brumado):
  - Status: Planejado;
  - Valor (R$ mil): 12.600;
  - Taxa Interna de Retorno: Não avaliado;
  - Período de Implantação Recomendado: Não avaliado.

Finalmente, cabe destacar que o valor total dos investimentos programados pelo PNLT para o Estado da Bahia, considerando projetos do PAC para o Estado, alcançou o montante de R$ 33,3 bilhões.

12. PROJEÇÕES DAS VARIÁVEIS POPULAÇÃO, FROTA DE VEÍCULOS E PIB

Esta etapa dos estudos consistiu na elaboração de projeções para as variáveis População, Frota de Veículos e PIB, para o horizonte de 2035. Importante destacar que as projeções foram realizadas para cada um dos 27 Territórios de Identidade, conforme apresentado nos quadros seguintes. Ressalte-se, ainda, que as séries históricas correspondentes e os respectivos processos de evolução foram apresentados anteriormente.

Foram, também, considerados na construção do cenário mais provável para a economia baiana alguns elementos de convicção, dentre os quais podem ser destacados:

- capacidade exportadora;
- mercado consumidor potencial;
- parque industrial instalado de grandes dimensões com possibilidade de gerar integração vertical e horizontal com novas indústrias;
- potencial para implantação e/ou expansão das chamadas indústrias limpas;
- perspectivas para o agronegócio;
- perspectivas de oferta de energia;
- pontos estratégicos de escoamento/recebimento de insumos e produtos, ligando o Estado ao país e ao resto do mundo;
- perspectivas de implantação de uma nova configuração para os portos e ferrovias do Estado;
- existência de complexos universitários com razoável oferta de cursos;
- presença de centros de formação empresarial;
- estrutura de comercialização moderna, centrada em grande número de *shoppings centers* e supermercados;
- oferta expressiva de serviços para a produção e o consumo;
- presença de serviços de apoio ao comércio internacional;
- disponibilidade de infraestrutura hoteleira e gastronômica com qualidade;
- região com grande oferta de áreas propícias para o turismo;

A conjugação deste largo espectro de oportunidades para o crescimento da economia certamente produzirá um incremento das atividades nos próximos anos. Assim, pode-se esperar para o médio e longo prazos um quadro econômico mais favorável, que poderá resultar na implementação de novos empreendimentos, principalmente aqueles relacionados à infraestrutura, item relegado a segundo plano, nos últimos anos, em termos de novos investimentos.

Destaca-se, ainda, que para a elaboração das projeções para as variáveis População, Frota de Veículos e PIB, adotou-se o ferramental clássico disponibilizado pelos modelos econométricos, seguido da avaliação qualitativa dos resultados apurados para calibração dos sistemas utilizados. Essas avaliações consideraram também os inúmeros levantamentos realizados sobre o processo evolutivo da economia baiana e de seus indicadores sociais, bem como as expectativas de crescimento das diversas cadeias produtivas detectadas nas muitas análises e entrevistas realizadas. Os modelos foram

testados até que foram obtidos resultados considerados satisfatórios e consistentes com a base de dados.

Os quadros com as projeções dessas variáveis estão apresentados na sequência.

Projeção da População

Quadro 151 - Taxas de Crescimento Acumuladas da População (%)

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2013 A 2015 (3 anos)	2016 A 2020 (5 anos)	2021 A 2025 (5 anos)	2026 A 2030 (5 anos)	2031 A 2035 (5 anos)	2013 A 2035 (23 anos)	2013 A 2035 (média anual)
Bacia do Jacuípe	-0,52	-0,88	-0,89	-0,89	-0,90	-4,02	-0,18
Bacia do Paramirim	0,98	1,62	1,59	1,57	1,54	7,51	0,32
Bacia do Rio Corrente	0,14	0,23	0,23	0,23	0,23	1,05	0,05
Bacia do Rio Grande	4,63	7,38	6,87	6,43	6,04	35,52	1,33
Baixo Sul	1,59	2,60	2,54	2,48	2,42	12,17	0,50
Chapada Diamantina	0,30	0,50	0,50	0,50	0,50	2,32	0,10
Costa do Descobrimento	3,27	5,28	5,01	4,77	4,56	25,08	0,98
Extremo Sul	2,43	3,95	3,80	3,66	3,53	18,60	0,74
Irecê	1,16	1,90	1,87	1,83	1,80	8,86	0,37
Itaparica	2,39	3,89	3,74	3,61	3,48	18,32	0,73
Litoral Norte e Agreste Baiano	2,34	3,81	3,67	3,54	3,42	17,96	0,72
Litoral Sul	-0,41	-0,69	-0,70	-0,70	-0,71	-3,17	-0,14
Médio Rio de Contas	-1,53	-2,59	-2,66	-2,73	-2,80	-11,72	-0,54
Médio Sudoeste da Bahia	0,03	0,06	0,06	0,06	0,06	0,26	0,01
Metropolitano de Salvador	2,80	4,54	4,34	4,16	4,00	21,47	0,85
Piemonte da Diamantina	0,73	1,21	1,20	1,18	1,17	5,61	0,24
Piemonte do Paraguaçu	2,67	4,33	4,15	3,99	3,83	20,46	0,81
Piemonte Norte do Itapicuru	1,09	1,79	1,76	1,73	1,70	8,33	0,35
Portal do Sertão	2,47	4,02	3,86	3,72	3,59	18,94	0,76
Recôncavo	1,50	2,47	2,41	2,35	2,30	11,51	0,48
Semiárido Nordeste II	0,48	0,80	0,79	0,78	0,78	3,68	0,16
Sertão do São Francisco	2,08	3,40	3,29	3,19	3,09	15,98	0,65
Sertão Produtivo	3,97	6,37	5,99	5,65	5,35	30,47	1,16
Sisal	1,19	1,97	1,93	1,89	1,86	9,15	0,38
Vale do Jequiriçá	-4,69	-8,21	-8,94	-9,82	-10,89	-35,99	-1,92
Velho Chico	1,31	2,15	2,11	2,06	2,02	10,02	0,42
Vitória da Conquista	0,72	1,18	1,17	1,16	1,14	5,49	0,23
TOTAL	**1,68**	**2,75**	**2,67**	**2,60**	**2,54**	**12,85**	**0,53**

Quadro 152 - Projeção da População Residente nos Territórios de Identidade da Bahia

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2015	2020	2025	2030	2035
Bacia do Jacuípe	235.202	233.137	231.072	229.007	226.942
Bacia do Paramirim	165.845	168.527	171.210	173.892	176.575
Bacia do Rio Corrente	201.279	201.739	202.199	202.659	203.119
Bacia do Rio Grande	429.747	461.459	493.172	524.884	556.597
Baixo Sul	368.712	378.314	387.917	397.519	407.122
Chapada Diamantina	373.744	375.624	377.504	379.384	381.264
Costa do Descobrimento	362.482	381.617	400.752	419.887	439.022
Extremo Sul	433.992	451.124	468.257	485.389	502.522
Irecê	410.643	418.458	426.273	434.088	441.903
Itaparica	173.881	180.643	187.406	194.168	200.931
Litoral Norte e Agreste Baiano	653.151	678.066	702.981	727.896	752.811
Litoral Sul	767.366	762.048	756.731	751.413	746.096
Médio Rio de Contas	357.265	348.022	338.780	329.537	320.295
Médio Sudoeste da Bahia	247.318	247.455	247.593	247.730	247.868
Metropolitano de Salvador	3.602.383	3.765.923	3.929.463	4.093.003	4.256.543
Piemonte da Diamantina	232.448	235.263	238.078	240.893	243.708
Piemonte do Paraguaçu	277.660	289.690	301.720	313.750	325.780
Piemonte Norte do Itapicuru	266.679	271.456	276.234	281.011	285.789
Portal do Sertão	909.320	945.860	982.400	1.018.940	1.055.480
Recôncavo	591.247	605.822	620.397	634.972	649.547
Semiárido Nordeste II	411.198	414.468	417.738	421.008	424.278
Sertão do São Francisco	511.846	529.261	546.676	564.091	581.506
Sertão Produtivo	474.926	505.186	535.446	565.706	595.966
Sisal	594.009	605.689	617.369	629.049	640.729
Vale do Jequiriçá	278.792	255.902	233.012	210.122	187.232
Velho Chico	378.230	386.365	394.500	402.635	410.770
Vitória da Conquista	703.635	711.967	720.300	728.632	736.965
TOTAL	**14.412.995**	**14.809.085**	**15.205.175**	**15.601.265**	**15.997.355**

Projeção da Frota de Veículos

Quadro 153 - Taxas de Crescimento Acumuladas da Frota Total de Veículos (%)

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2013 A 2015 (3 anos)	2016 A 2020 (5 anos)	2021 A 2025 (5 anos)	2026 A 2030 (5 anos)	2031 A 2035 (5 anos)	2013 A 2035 (23 anos)	2013 A 2035 (média anual)
Bacia do Jacuípe	20,21	28,03	21,89	17,96	15,23	154,98	4,16
Bacia do Paramirim	22,36	30,45	23,35	18,93	15,91	171,41	4,44
Bacia do Rio Corrente	22,17	30,24	23,22	18,84	15,86	169,96	4,41
Bacia do Rio Grande	21,78	29,81	22,96	18,67	15,74	166,98	4,36
Baixo Sul	20,23	28,04	21,90	17,97	15,23	155,08	4,16
Chapada Diamantina	21,33	29,30	22,66	18,47	15,59	163,51	4,30
Costa do Descobrimento	19,65	27,37	21,49	17,69	15,03	150,62	4,08
Extremo Sul	21,17	29,12	22,55	18,40	15,54	162,32	4,28
Irecê	20,00	27,77	21,74	17,85	15,15	153,30	4,13
Itaparica	18,63	26,17	20,74	17,18	14,66	142,83	3,93
Litoral Norte e Agreste Baiano	20,75	28,64	22,26	18,21	15,40	159,08	4,23
Litoral Sul	18,41	25,91	20,58	17,07	14,58	141,12	3,90
Médio Rio de Contas	19,34	27,01	21,27	17,54	14,92	148,28	4,04
Médio Sudoeste da Bahia	20,02	27,81	21,76	17,87	15,16	153,52	4,13
Metropolitano de Salvador	15,74	22,67	18,48	15,60	13,49	120,70	3,50
Piemonte da Diamantina	18,58	26,12	20,71	17,16	14,64	142,48	3,93
Piemonte do Paraguaçu	20,45	28,30	22,06	18,07	15,31	156,79	4,19
Piemonte Norte do Itapicuru	19,95	27,72	21,70	17,83	15,13	152,95	4,12
Portal do Sertão	19,49	27,18	21,37	17,61	14,97	149,40	4,06
Recôncavo	19,45	27,14	21,35	17,59	14,96	149,15	4,05
Semiárido Nordeste II	20,57	28,43	22,14	18,12	15,34	157,68	4,20
Sertão do São Francisco	20,28	28,11	21,94	17,99	15,25	155,51	4,17
Sertão Produtivo	20,09	27,88	21,80	17,90	15,18	153,99	4,14
Sisal	19,70	27,43	21,53	17,71	15,05	151,06	4,09
Vale do Jequiriçá	19,19	26,83	21,15	17,46	14,87	147,10	4,01
Velho Chico	22,01	30,07	23,12	18,78	15,81	168,77	4,39
Vitória da Conquista	19,09	26,71	21,08	17,41	14,83	146,35	4,00
TOTAL	**18,62**	**26,16**	**20,73**	**17,17**	**14,66**	**142,73**	**3,93**

Quadro 154 - Projeção da Frota Total de Veículos

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2015	2020	2025	2030	2035
Bacia do Jacuípe	42.661	54.617	66.573	78.529	90.485
Bacia do Paramirim	28.048	36.590	45.132	53.674	62.216
Bacia do Rio Corrente	41.029	53.438	65.846	78.255	90.663
Bacia do Rio Grande	128.668	167.021	205.374	243.727	282.080
Baixo Sul	52.900	67.734	82.567	97.401	112.234
Chapada Diamantina	63.100	81.586	100.073	118.559	137.046
Costa do Descobrimento	89.379	113.840	138.300	162.761	187.221
Extremo Sul	103.787	134.011	164.234	194.458	224.681
Irecê	63.169	80.713	98.256	115.800	133.343
Itaparica	56.103	70.787	85.472	100.156	114.841
Litoral Norte e Agreste Baiano	125.949	162.020	198.091	234.162	270.233
Litoral Sul	144.944	182.498	220.053	257.607	295.162
Médio Rio de Contas	83.357	105.872	128.387	150.902	173.417
Médio Sudoeste da Bahia	38.342	49.003	59.665	70.326	80.988
Metropolitano de Salvador	1.081.146	1.326.241	1.571.336	1.816.431	2.061.526
Piemonte da Diamantina	49.538	62.477	75.416	88.355	101.294
Piemonte do Paraguaçu	44.810	57.491	70.171	82.852	95.532
Piemonte Norte do Itapicuru	49.025	62.615	76.205	89.795	103.385
Portal do Sertão	290.513	369.478	448.443	527.408	606.373
Recôncavo	136.860	174.007	211.155	248.302	285.450
Semiárido Nordeste II	61.702	79.244	96.787	114.329	131.872
Sertão do São Francisco	120.640	154.547	188.454	222.361	256.268
Sertão Produtivo	138.359	176.930	215.500	254.071	292.641
Sisal	104.258	132.859	161.461	190.062	218.664
Vale do Jequiriçá	53.446	67.785	82.125	96.464	110.804
Velho Chico	59.472	77.354	95.237	113.119	131.002
Vitória da Conquista	161.722	204.926	248.130	291.334	334.538
TOTAL	**3.412.926**	**4.305.684**	**5.198.442**	**6.091.200**	**6.983.958**

Quadro 155 - Taxas de Crescimento Acumuladas da Frota de Automóveis (%)

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2013 A 2015 (3 anos)	2016 A 2020 (5 anos)	2021 A 2025 (5 anos)	2026 A 2030 (5 anos)	2031 A 2035 (5 anos)	2013 A 2035 (23 anos)	2013 A 2035 (média anual)
Bacia do Jacuípe	18,51	26,03	20,65	17,12	14,62	141,88	3,92
Bacia do Paramirim	19,55	27,26	21,42	17,64	15,00	149,91	4,06
Bacia do Rio Corrente	17,74	25,12	20,07	16,72	14,32	136,03	3,81
Bacia do Rio Grande	20,13	27,93	21,83	17,92	15,20	154,33	4,14
Baixo Sul	17,09	24,33	19,57	16,36	14,06	131,03	3,71
Chapada Diamantina	18,77	26,34	20,85	17,25	14,71	143,92	3,95
Costa do Descobrimento	18,39	25,89	20,57	17,06	14,57	141,00	3,90
Extremo Sul	19,59	27,30	21,45	17,66	15,01	150,18	4,07
Irecê	18,36	25,86	20,55	17,04	14,56	140,79	3,90
Itaparica	16,87	24,05	19,39	16,24	13,97	129,31	3,68
Litoral Norte e Agreste Baiano	18,44	25,95	20,60	17,08	14,59	141,38	3,91
Litoral Sul	15,25	22,05	18,07	15,30	13,27	116,89	3,43
Médio Rio de Contas	16,09	23,10	18,77	15,80	13,64	123,37	3,56
Médio Sudoeste da Bahia	15,64	22,54	18,39	15,54	13,45	119,89	3,49
Metropolitano de Salvador	13,91	20,36	16,91	14,47	12,64	106,66	3,21
Piemonte da Diamantina	15,88	22,84	18,59	15,68	13,55	121,75	3,52
Piemonte do Paraguaçu	16,79	23,96	19,33	16,20	13,94	128,74	3,66
Piemonte Norte do Itapicuru	17,06	24,29	19,55	16,35	14,05	130,82	3,71
Portal do Sertão	16,49	23,60	19,09	16,03	13,82	126,44	3,62
Recôncavo	16,63	23,77	19,20	16,11	13,87	127,51	3,64
Semiárido Nordeste II	17,48	24,79	19,87	16,57	14,22	133,98	3,77
Sertão do São Francisco	15,90	22,86	18,61	15,69	13,56	121,89	3,53
Sertão Produtivo	17,79	25,17	20,11	16,74	14,34	136,40	3,81
Sisal	17,19	24,45	19,65	16,42	14,10	131,79	3,72
Vale do Jequiriçá	16,20	23,24	18,86	15,87	13,69	124,23	3,58
Velho Chico	18,24	25,71	20,45	16,98	14,51	139,82	3,88
Vitória da Conquista	16,62	23,75	19,19	16,10	13,87	127,40	3,64
TOTAL	**15,66**	**22,57**	**18,41**	**15,55**	**13,46**	**120,08**	**3,49**

Quadro 156 - Projeção da Frota de Automóveis

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2015	2020	2025	2030	2035
Bacia do Jacuípe	11.962	15.075	18.189	21.302	24.415
Bacia do Paramirim	7.622	9.699	11.777	13.854	15.932
Bacia do Rio Corrente	6.870	8.596	10.321	12.047	13.773
Bacia do Rio Grande	40.079	51.272	62.465	73.658	84.851
Baixo Sul	16.402	20.392	24.382	28.372	32.362
Chapada Diamantina	19.704	24.895	30.085	35.276	40.466
Costa do Descobrimento	30.849	38.836	46.823	54.810	62.797
Extremo Sul	36.503	46.469	56.434	66.400	76.365
Irecê	22.616	28.464	34.312	40.160	46.008
Itaparica	24.003	29.777	35.550	41.324	47.097
Litoral Norte e Agreste Baiano	48.297	60.829	73.362	85.894	98.427
Litoral Sul	65.050	79.393	93.736	108.079	122.422
Médio Rio de Contas	27.799	34.221	40.643	47.065	53.487
Médio Sudoeste da Bahia	12.886	15.790	18.694	21.598	24.502
Metropolitano de Salvador	689.650	830.030	970.410	1.110.790	1.251.170
Piemonte da Diamantina	17.029	20.918	24.807	28.697	32.586
Piemonte do Paraguaçu	13.371	16.576	19.780	22.984	26.188
Piemonte Norte do Itapicuru	18.028	22.407	26.787	31.167	35.546
Portal do Sertão	119.836	148.112	176.388	204.664	232.940
Recôncavo	50.189	62.118	74.046	85.975	97.903
Semiárido Nordeste II	15.191	18.957	22.724	26.490	30.256
Sertão do São Francisco	36.952	45.401	53.849	62.298	70.746
Sertão Produtivo	39.904	49.949	59.994	70.039	80.084
Sisal	36.972	46.011	55.050	64.089	73.128
Vale do Jequiriçá	17.905	22.066	26.227	30.388	34.549
Velho Chico	12.830	16.128	19.426	22.725	26.023
Vitória da Conquista	66.351	82.108	97.866	113.623	129.381
TOTAL	**1.504.848**	**1.844.488**	**2.184.127**	**2.523.766**	**2.863.405**

Quadro 157 - Taxas de Crescimento Acumuladas da Frota de Caminhões (%)

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2013 A 2015 (3 anos)	2016 A 2020 (5 anos)	2021 A 2025 (5 anos)	2026 A 2030 (5 anos)	2031 A 2035 (5 anos)	2013 A 2035 (23 anos)	2013 A 2035 (média anual)
Bacia do Jacuípe	13,32	19,59	16,38	14,07	12,34	102,10	3,11
Bacia do Paramirim	19,37	27,05	21,29	17,55	14,93	148,54	4,04
Bacia do Rio Corrente	16,47	23,57	19,07	16,02	13,81	126,26	3,62
Bacia do Rio Grande	18,01	25,43	20,28	16,86	14,43	138,05	3,84
Baixo Sul	15,21	22,00	18,03	15,28	13,25	116,57	3,42
Chapada Diamantina	16,24	23,28	18,89	15,89	13,71	124,49	3,58
Costa do Descobrimento	11,46	17,14	14,63	12,76	11,32	87,87	2,78
Extremo Sul	15,60	22,49	18,36	15,51	13,43	119,59	3,48
Irecê	14,32	20,88	17,27	14,73	12,84	109,79	3,28
Itaparica	11,01	16,54	14,19	12,43	11,05	84,45	2,70
Litoral Norte e Agreste Baiano	13,43	19,73	16,48	14,15	12,39	102,94	3,13
Litoral Sul	11,56	17,27	14,73	12,84	11,38	88,62	2,80
Médio Rio de Contas	10,66	16,05	13,83	12,15	10,83	81,69	2,63
Médio Sudoeste da Bahia	10,30	15,56	13,47	11,87	10,61	78,96	2,56
Metropolitano de Salvador	13,22	19,46	16,29	14,01	12,29	101,35	3,09
Piemonte da Diamantina	10,94	16,43	14,11	12,37	11,01	83,86	2,68
Piemonte do Paraguaçu	13,61	19,97	16,64	14,27	12,49	104,34	3,16
Piemonte Norte do Itapicuru	12,81	18,92	15,91	13,73	12,07	98,19	3,02
Portal do Sertão	13,85	20,28	16,86	14,43	12,61	106,21	3,20
Recôncavo	10,17	15,38	13,33	11,76	10,53	77,95	2,54
Semiárido Nordeste II	9,91	15,03	13,06	11,55	10,36	75,98	2,49
Sertão do São Francisco	15,09	21,85	17,93	15,20	13,20	115,67	3,40
Sertão Produtivo	13,98	20,45	16,98	14,51	12,67	107,21	3,22
Sisal	13,18	19,41	16,26	13,98	12,27	101,08	3,09
Vale do Jequiriçá	11,49	17,17	14,65	12,78	11,33	88,06	2,79
Velho Chico	15,61	22,50	18,37	15,52	13,43	119,65	3,48
Vitória da Conquista	12,94	19,10	16,04	13,82	12,14	99,22	3,04
TOTAL	**13,46**	**19,77**	**16,50**	**14,17**	**12,41**	**103,16**	**3,13**

Quadro 158 - Projeção da Frota de Caminhões

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2015	2020	2025	2030	2035
Bacia do Jacuípe	1.489	1.781	2.072	2.364	2.656
Bacia do Paramirim	1.231	1.564	1.897	2.230	2.562
Bacia do Rio Corrente	1.322	1.633	1.945	2.257	2.568
Bacia do Rio Grande	5.762	7.228	8.693	10.159	11.624
Baixo Sul	2.394	2.921	3.447	3.974	4.500
Chapada Diamantina	2.513	3.098	3.683	4.268	4.853
Costa do Descobrimento	2.731	3.199	3.667	4.135	4.603
Extremo Sul	3.018	3.697	4.376	5.055	5.733
Irecê	2.336	2.823	3.311	3.798	4.286
Itaparica	1.189	1.386	1.582	1.779	1.975
Litoral Norte e Agreste Baiano	3.743	4.482	5.220	5.959	6.697
Litoral Sul	4.459	5.229	5.999	6.769	7.539
Médio Rio de Contas	2.787	3.235	3.682	4.129	4.577
Médio Sudoeste da Bahia	1.255	1.451	1.646	1.841	2.037
Metropolitano de Salvador	29.213	34.898	40.583	46.268	51.953
Piemonte da Diamantina	1.738	2.024	2.310	2.595	2.881
Piemonte do Paraguaçu	1.417	1.700	1.982	2.265	2.548
Piemonte Norte do Itapicuru	1.524	1.812	2.101	2.389	2.678
Portal do Sertão	11.216	13.490	15.765	18.039	20.314
Recôncavo	5.660	6.531	7.402	8.273	9.143
Semiárido Nordeste II	1.233	1.419	1.604	1.789	1.974
Sertão do São Francisco	4.931	6.009	7.086	8.164	9.241
Sertão Produtivo	5.819	7.009	8.198	9.388	10.578
Sisal	3.314	3.957	4.601	5.244	5.888
Vale do Jequiriçá	2.346	2.748	3.151	3.554	3.957
Velho Chico	1.803	2.209	2.615	3.021	3.427
Vitória da Conquista	6.904	8.223	9.541	10.860	12.178
TOTAL	**113.348**	**135.754**	**158.160**	**180.566**	**202.971**

Quadro 159 - Taxas de Crescimento Acumuladas da Frota de Caminhões Tratores (%)

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2013 A 2015 (3 anos)	2016 A 2020 (5 anos)	2021 A 2025 (5 anos)	2026 A 2030 (5 anos)	2031 A 2035 (5 anos)	2013 A 2035 (23 anos)	2013 A 2035 (média anual)
Bacia do Jacuípe	19,18	26,83	21,15	17,46	14,86	147,07	4,01
Bacia do Paramirim	25,09	33,43	25,06	20,04	16,69	192,38	4,78
Bacia do Rio Corrente	19,12	26,75	21,11	17,43	14,84	146,59	4,00
Bacia do Rio Grande	22,25	30,33	23,27	18,88	15,88	170,59	4,43
Baixo Sul	19,49	27,18	21,37	17,61	14,97	149,42	4,06
Chapada Diamantina	20,28	28,11	21,94	17,99	15,25	155,52	4,17
Costa do Descobrimento	19,92	27,68	21,68	17,82	15,12	152,70	4,11
Extremo Sul	20,16	27,96	21,85	17,93	15,21	154,57	4,15
Irecê	13,87	20,30	16,88	14,44	12,62	106,36	3,20
Itaparica	0,17	0,28	0,28	0,28	0,28	1,29	0,06
Litoral Norte e Agreste Baiano	18,35	25,84	20,53	17,03	14,55	140,65	3,89
Litoral Sul	19,99	27,77	21,73	17,85	15,15	153,27	4,13
Médio Rio de Contas	20,81	28,71	22,30	18,24	15,42	159,52	4,24
Médio Sudoeste da Bahia	25,91	34,30	25,54	20,34	16,90	198,64	4,87
Metropolitano de Salvador	19,51	27,20	21,39	17,62	14,98	149,54	4,06
Piemonte da Diamantina	9,50	14,46	12,63	11,21	10,08	72,82	2,41
Piemonte do Paraguaçu	18,10	25,55	20,35	16,91	14,46	138,80	3,86
Piemonte Norte do Itapicuru	23,00	31,16	23,76	19,20	16,11	176,30	4,52
Portal do Sertão	19,31	26,98	21,25	17,52	14,91	148,08	4,03
Recôncavo	15,94	22,92	18,65	15,72	13,58	122,24	3,53
Semiárido Nordeste II	17,78	25,16	20,10	16,74	14,34	136,31	3,81
Sertão do São Francisco	11,89	17,71	15,04	13,08	11,56	91,14	2,86
Sertão Produtivo	16,83	24,01	19,36	16,22	13,96	129,01	3,67
Sisal	17,48	24,80	19,87	16,58	14,22	134,00	3,77
Vale do Jequiriçá	15,55	22,43	18,32	15,48	13,41	119,23	3,47
Velho Chico	16,13	23,14	18,79	15,82	13,66	123,63	3,56
Vitória da Conquista	15,54	22,42	18,31	15,48	13,40	119,13	3,47
TOTAL	**19,17**	**26,81**	**21,14**	**17,45**	**14,86**	**146,99**	**4,01**

Quadro 160 - Projeção da Frota de Caminhões Tratores

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2015	2020	2025	2030	2035
Bacia do Jacuípe	132	168	203	239	274
Bacia do Paramirim	224	299	374	448	523
Bacia do Rio Corrente	94	119	144	170	195
Bacia do Rio Grande	2.352	3.066	3.779	4.493	5.206
Baixo Sul	60	76	92	108	125
Chapada Diamantina	203	260	318	375	432
Costa do Descobrimento	293	374	455	536	617
Extremo Sul	652	835	1.017	1.200	1.382
Irecê	126	152	178	203	229
Itaparica	75	75	76	76	76
Litoral Norte e Agreste Baiano	520	654	788	922	1.056
Litoral Sul	408	521	635	748	861
Médio Rio de Contas	425	547	669	791	913
Médio Sudoeste da Bahia	38	51	64	77	90
Metropolitano de Salvador	7.259	9.233	11.208	13.183	15.157
Piemonte da Diamantina	120	138	155	173	190
Piemonte do Paraguaçu	91	114	137	161	184
Piemonte Norte do Itapicuru	337	442	547	652	757
Portal do Sertão	2.290	2.907	3.525	4.143	4.761
Recôncavo	517	636	754	873	991
Semiárido Nordeste II	118	147	177	207	236
Sertão do São Francisco	225	265	305	344	384
Sertão Produtivo	907	1.124	1.342	1.560	1.777
Sisal	237	296	355	414	473
Vale do Jequiriçá	113	139	164	189	215
Velho Chico	183	226	268	311	353
Vitória da Conquista	870	1.065	1.260	1.455	1.650
TOTAL	**18.870**	**23.929**	**28.989**	**34.049**	**39.108**

Quadro 161 - Taxas de Crescimento Acumuladas da Frota de Caminhonetes Camionetas (%)

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2013 A 2015 (3 anos)	2016 A 2020 (5 anos)	2021 A 2025 (5 anos)	2026 A 2030 (5 anos)	2031 A 2035 (5 anos)	2013 A 2035 (23 anos)	2013 A 2035 (média anual)
Bacia do Jacuípe	15,25	22,05	18,07	15,30	13,27	116,90	3,43
Bacia do Paramirim	18,64	26,18	20,75	17,18	14,66	142,89	3,94
Bacia do Rio Corrente	17,03	24,26	19,52	16,33	14,04	130,59	3,70
Bacia do Rio Grande	19,49	27,19	21,38	17,61	14,97	149,43	4,06
Baixo Sul	15,71	22,62	18,45	15,58	13,48	120,42	3,50
Chapada Diamantina	16,78	23,95	19,32	16,19	13,94	128,67	3,66
Costa do Descobrimento	16,84	24,03	19,37	16,23	13,96	129,13	3,67
Extremo Sul	18,08	25,52	20,33	16,90	14,45	138,63	3,86
Irecê	16,80	23,98	19,34	16,21	13,95	128,83	3,67
Itaparica	15,21	22,00	18,04	15,28	13,25	116,62	3,42
Litoral Norte e Agreste Baiano	17,48	24,80	19,87	16,58	14,22	134,04	3,77
Litoral Sul	14,64	21,29	17,55	14,93	12,99	112,26	3,33
Médio Rio de Contas	14,44	21,03	17,38	14,81	12,90	110,73	3,30
Médio Sudoeste da Bahia	12,97	19,14	16,07	13,84	12,16	99,47	3,05
Metropolitano de Salvador	15,13	21,91	17,97	15,23	13,22	116,03	3,41
Piemonte da Diamantina	14,08	20,56	17,06	14,57	12,72	107,91	3,24
Piemonte do Paraguaçu	15,34	22,16	18,14	15,36	13,31	117,58	3,44
Piemonte Norte do Itapicuru	16,45	23,54	19,05	16,00	13,80	126,08	3,61
Portal do Sertão	15,93	22,90	18,63	15,71	13,57	122,10	3,53
Recôncavo	14,72	21,39	17,62	14,98	13,03	112,89	3,34
Semiárido Nordeste II	16,06	23,06	18,74	15,78	13,63	123,12	3,55
Sertão do São Francisco	15,36	22,19	18,16	15,37	13,32	117,73	3,44
Sertão Produtivo	16,64	23,78	19,21	16,11	13,88	127,56	3,64
Sisal	15,31	22,13	18,12	15,34	13,30	117,39	3,44
Vale do Jequiriçá	14,84	21,54	17,72	15,05	13,08	113,80	3,36
Velho Chico	17,08	24,32	19,56	16,36	14,06	130,98	3,71
Vitória da Conquista	13,64	20,01	16,67	14,29	12,50	104,59	3,16
TOTAL	**15,70**	**22,62**	**18,45**	**15,57**	**13,47**	**120,37**	**3,50**

Quadro 162 - Projeção da Frota de Caminhonetes Camionetas

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2015	2020	2025	2030	2035
Bacia do Jacuípe	3.772	4.604	5.436	6.267	7.099
Bacia do Paramirim	3.725	4.701	5.676	6.651	7.627
Bacia do Rio Corrente	4.187	5.203	6.219	7.235	8.251
Bacia do Rio Grande	17.317	22.024	26.732	31.440	36.147
Baixo Sul	6.305	7.731	9.158	10.584	12.011
Chapada Diamantina	8.054	9.984	11.913	13.842	15.771
Costa do Descobrimento	9.003	11.166	13.329	15.492	17.655
Extremo Sul	10.460	13.129	15.799	18.469	21.138
Irecê	7.433	9.216	10.998	12.781	14.563
Itaparica	4.679	5.708	6.738	7.767	8.797
Litoral Norte e Agreste Baiano	10.152	12.670	15.188	17.706	20.224
Litoral Sul	15.906	19.291	22.677	26.063	29.449
Médio Rio de Contas	7.962	9.636	11.311	12.986	14.660
Médio Sudoeste da Bahia	4.199	5.003	5.807	6.611	7.414
Metropolitano de Salvador	117.143	142.807	168.470	194.134	219.797
Piemonte da Diamantina	5.228	6.303	7.378	8.454	9.529
Piemonte do Paraguaçu	3.992	4.876	5.761	6.646	7.530
Piemonte Norte do Itapicuru	5.156	6.370	7.584	8.797	10.011
Portal do Sertão	25.621	31.487	37.354	43.220	49.087
Recôncavo	11.010	13.365	15.721	18.076	20.431
Semiárido Nordeste II	4.081	5.022	5.963	6.904	7.845
Sertão do São Francisco	13.688	16.725	19.762	22.799	25.836
Sertão Produtivo	16.167	20.011	23.855	27.699	31.543
Sisal	8.915	10.888	12.860	14.833	16.806
Vale do Jequiriçá	5.743	6.980	8.218	9.455	10.692
Velho Chico	6.364	7.911	9.459	11.006	12.554
Vitória da Conquista	19.159	22.992	26.826	30.659	34.493
TOTAL	**355.421**	**435.805**	**516.189**	**596.574**	**676.958**

Quadro 163 - Taxas de Crescimento Acumuladas da Frota de Ônibus e Micro-ônibus (%)

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2013 A 2015 (3 anos)	2016 A 2020 (5 anos)	2021 A 2025 (5 anos)	2026 A 2030 (5 anos)	2031 A 2035 (5 anos)	2013 A 2035 (23 anos)	2013 A 2035 (média anual)
Bacia do Jacuípe	19,50	27,20	21,38	17,62	14,98	149,51	4,06
Bacia do Paramirim	23,12	31,29	23,84	19,25	16,14	177,24	4,54
Bacia do Rio Corrente	19,97	27,75	21,72	17,84	15,14	153,12	4,12
Bacia do Rio Grande	20,84	28,74	22,33	18,25	15,43	159,77	4,24
Baixo Sul	21,88	29,92	23,03	18,72	15,77	167,76	4,38
Chapada Diamantina	22,70	30,83	23,56	19,07	16,02	174,00	4,48
Costa do Descobrimento	16,39	23,47	19,01	15,97	13,77	125,69	3,60
Extremo Sul	17,61	24,96	19,97	16,65	14,27	135,04	3,79
Irecê	20,67	28,55	22,21	18,17	15,38	158,46	4,22
Itaparica	18,09	25,53	20,34	16,90	14,46	138,67	3,86
Litoral Norte e Agreste Baiano	20,15	27,95	21,84	17,93	15,20	154,45	4,15
Litoral Sul	12,55	18,58	15,67	13,55	11,93	96,22	2,98
Médio Rio de Contas	17,76	25,13	20,09	16,73	14,33	136,14	3,81
Médio Sudoeste da Bahia	14,65	21,29	17,55	14,93	12,99	112,29	3,33
Metropolitano de Salvador	12,75	18,84	15,85	13,68	12,04	97,72	3,01
Piemonte da Diamantina	19,83	27,58	21,62	17,78	15,09	152,03	4,10
Piemonte do Paraguaçu	21,57	29,57	22,82	18,58	15,67	165,34	4,34
Piemonte Norte do Itapicuru	17,02	24,24	19,51	16,32	14,03	130,47	3,70
Portal do Sertão	16,12	23,14	18,79	15,82	13,66	123,62	3,56
Recôncavo	19,54	27,24	21,41	17,64	14,99	149,81	4,06
Semiárido Nordeste II	19,29	26,96	21,23	17,51	14,90	147,92	4,03
Sertão do São Francisco	21,64	29,65	22,87	18,61	15,69	165,93	4,35
Sertão Produtivo	20,36	28,19	21,99	18,03	15,27	156,07	4,17
Sisal	19,33	27,00	21,26	17,53	14,92	148,20	4,03
Vale do Jequiriçá	20,68	28,56	22,22	18,18	15,38	158,57	4,22
Velho Chico	21,87	29,91	23,02	18,71	15,76	167,65	4,38
Vitória da Conquista	18,82	26,40	20,89	17,28	14,73	144,31	3,96
TOTAL	**16,98**	**24,19**	**19,48**	**16,30**	**14,02**	**130,19**	**3,69**

Quadro 164 - Projeção da Frota de Ônibus e Micro-ônibus

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2015	2020	2025	2030	2035
Bacia do Jacuípe	889	1.131	1.373	1.615	1.856
Bacia do Paramirim	733	962	1.191	1.420	1.650
Bacia do Rio Corrente	629	803	978	1.152	1.326
Bacia do Rio Grande	1.349	1.736	2.124	2.511	2.899
Baixo Sul	1.107	1.438	1.769	2.100	2.431
Chapada Diamantina	1.508	1.973	2.438	2.903	3.368
Costa do Descobrimento	1.560	1.926	2.292	2.658	3.024
Extremo Sul	1.376	1.720	2.063	2.406	2.750
Irecê	893	1.148	1.403	1.658	1.913
Itaparica	952	1.195	1.438	1.681	1.924
Litoral Norte e Agreste Baiano	2.809	3.594	4.379	5.164	5.949
Litoral Sul	1.935	2.294	2.654	3.013	3.373
Médio Rio de Contas	1.049	1.313	1.577	1.840	2.104
Médio Sudoeste da Bahia	613	744	875	1.005	1.136
Metropolitano de Salvador	19.401	23.057	26.712	30.368	34.023
Piemonte da Diamantina	820	1.046	1.272	1.498	1.724
Piemonte do Paraguaçu	782	1.013	1.244	1.475	1.706
Piemonte Norte do Itapicuru	882	1.096	1.310	1.524	1.738
Portal do Sertão	4.114	5.066	6.019	6.971	7.923
Recôncavo	3.185	4.052	4.920	5.787	6.655
Semiárido Nordeste II	1.077	1.368	1.658	1.948	2.239
Sertão do São Francisco	3.247	4.209	5.172	6.135	7.098
Sertão Produtivo	2.088	2.677	3.265	3.854	4.443
Sisal	1.938	2.461	2.984	3.508	4.031
Vale do Jequiriçá	1.031	1.325	1.619	1.914	2.208
Velho Chico	1.167	1.517	1.866	2.215	2.564
Vitória da Conquista	4.185	5.290	6.395	7.500	8.605
TOTAL	**61.317**	**76.152**	**90.987**	**105.823**	**120.658**

Quadro 165 - Taxas de Crescimento Acumuladas da Frota de Motocicletas e Motonetas (%)

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2013 A 2015 (3 anos)	2016 A 2020 (5 anos)	2021 A 2025 (5 anos)	2026 A 2030 (5 anos)	2031 A 2035 (5 anos)	2013 A 2035 (23 anos)	2013 A 2035 (média anual)
Bacia do Jacuípe	22,41	30,51	23,38	18,95	15,93	171,79	4,45
Bacia do Paramirim	25,05	33,39	25,03	20,02	16,68	192,09	4,77
Bacia do Rio Corrente	24,55	32,85	24,73	19,83	16,55	188,24	4,71
Bacia do Rio Grande	24,07	32,33	24,43	19,63	16,41	184,51	4,65
Baixo Sul	23,89	32,13	24,32	19,56	16,36	183,13	4,63
Chapada Diamantina	24,72	33,04	24,83	19,89	16,59	189,53	4,73
Costa do Descobrimento	21,75	29,77	22,94	18,66	15,73	166,74	4,36
Extremo Sul	23,56	31,78	24,11	19,43	16,27	180,61	4,59
Irecê	22,63	30,75	23,52	19,04	16,00	173,46	4,47
Itaparica	21,63	29,64	22,86	18,61	15,69	165,81	4,34
Litoral Norte e Agreste Baiano	23,96	32,21	24,37	19,59	16,38	183,69	4,64
Litoral Sul	24,51	32,81	24,70	19,81	16,53	187,88	4,71
Médio Rio de Contas	23,31	31,51	23,96	19,33	16,20	178,72	4,56
Médio Sudoeste da Bahia	25,94	34,33	25,55	20,35	16,91	198,86	4,88
Metropolitano de Salvador	23,11	31,29	23,83	19,25	16,14	177,21	4,54
Piemonte da Diamantina	22,35	30,44	23,34	18,92	15,91	171,34	4,44
Piemonte do Paraguaçu	23,84	32,09	24,29	19,54	16,35	182,79	4,63
Piemonte Norte do Itapicuru	23,80	32,04	24,27	19,53	16,34	182,48	4,62
Portal do Sertão	24,22	32,49	24,52	19,69	16,45	185,65	4,67
Recôncavo	23,65	31,87	24,17	19,47	16,29	181,29	4,60
Semiárido Nordeste II	22,74	30,88	23,59	19,09	16,03	174,32	4,49
Sertão do São Francisco	24,83	33,16	24,90	19,94	16,62	190,40	4,75
Sertão Produtivo	22,81	30,95	23,64	19,12	16,05	174,87	4,50
Sisal	22,90	31,05	23,69	19,16	16,08	175,54	4,51
Vale do Jequiriçá	23,14	31,32	23,85	19,26	16,15	177,43	4,54
Velho Chico	24,75	33,06	24,85	19,90	16,60	189,73	4,74
Vitória da Conquista	24,10	32,37	24,45	19,65	16,42	184,77	4,66
TOTAL	**23,60**	**31,82**	**24,14**	**19,45**	**16,28**	**180,92**	**4,60**

Quadro 166 - Projeção da Frota de Motocicletas e Motonetas

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2015	2020	2025	2030	2035
Bacia do Jacuípe	23.816	31.082	38.348	45.614	52.880
Bacia do Paramirim	14.071	18.770	23.468	28.167	32.866
Bacia do Rio Corrente	27.479	36.507	45.535	54.563	63.591
Bacia do Rio Grande	54.766	72.472	90.178	107.884	125.590
Baixo Sul	26.121	34.515	42.909	51.303	59.697
Chapada Diamantina	30.345	40.369	50.394	60.418	70.443
Costa do Descobrimento	42.178	54.735	67.293	79.850	92.408
Extremo Sul	48.404	63.785	79.166	94.547	109.928
Irecê	29.077	38.018	46.960	55.901	64.843
Itaparica	24.654	31.960	39.267	46.573	53.880
Litoral Norte e Agreste Baiano	57.328	75.795	94.263	112.730	131.198
Litoral Sul	53.411	70.932	88.454	105.975	123.497
Médio Rio de Contas	42.043	55.289	68.536	81.782	95.029
Médio Sudoeste da Bahia	18.825	25.287	31.749	38.211	44.673
Metropolitano de Salvador	181.869	238.779	295.689	352.599	409.509
Piemonte da Diamantina	23.863	31.128	38.393	45.658	52.923
Piemonte do Paraguaçu	24.646	32.554	40.462	48.370	56.278
Piemonte Norte do Itapicuru	22.189	29.299	36.409	43.519	50.629
Portal do Sertão	119.048	157.727	196.407	235.086	273.766
Recôncavo	63.156	83.287	103.417	123.548	143.678
Semiárido Nordeste II	39.217	51.326	63.434	75.543	87.651
Sertão do São Francisco	60.056	79.968	99.881	119.793	139.706
Sertão Produtivo	71.178	93.211	115.244	137.277	159.310
Sisal	51.491	67.480	83.468	99.457	115.445
Vale do Jequiriçá	25.808	33.892	41.976	50.060	58.144
Velho Chico	36.376	48.403	60.430	72.457	84.484
Vitória da Conquista	60.305	79.824	99.342	118.861	138.379
TOTAL	**1.271.718**	**1.676.394**	**2.081.070**	**2.485.746**	**2.890.422**

Quadro 167 - Taxas de Crescimento Acumuladas da Frota de Reboque e Semirreboque (%)

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2013 A 2015 (3 anos)	2016 A 2020 (5 anos)	2021 A 2025 (5 anos)	2026 A 2030 (5 anos)	2031 A 2035 (5 anos)	2013 A 2035 (23 anos)	2013 A 2035 (média anual)
Bacia do Jacuípe	21,58	29,59	22,83	18,59	15,67	165,47	4,34
Bacia do Paramirim	26,47	34,88	25,86	20,55	17,05	202,93	4,94
Bacia do Rio Corrente	20,60	28,46	22,16	18,14	15,35	157,91	4,21
Bacia do Rio Grande	22,37	30,46	23,35	18,93	15,92	171,47	4,44
Baixo Sul	19,55	27,25	21,42	17,64	14,99	149,87	4,06
Chapada Diamantina	22,29	30,38	23,30	18,90	15,89	170,89	4,43
Costa do Descobrimento	21,60	29,60	22,84	18,59	15,68	165,58	4,34
Extremo Sul	21,15	29,09	22,54	18,39	15,53	162,14	4,28
Irecê	19,72	27,45	21,54	17,72	15,05	151,17	4,09
Itaparica	15,84	22,79	18,56	15,66	13,54	121,45	3,52
Litoral Norte e Agreste Baiano	19,72	27,46	21,54	17,72	15,06	151,20	4,09
Litoral Sul	19,71	27,45	21,54	17,72	15,05	151,15	4,09
Médio Rio de Contas	18,47	25,98	20,62	17,10	14,60	141,58	3,91
Médio Sudoeste da Bahia	19,54	27,25	21,41	17,64	14,99	149,84	4,06
Metropolitano de Salvador	20,35	28,18	21,98	18,02	15,27	156,00	4,17
Piemonte da Diamantina	15,88	22,84	18,59	15,68	13,55	121,74	3,52
Piemonte do Paraguaçu	20,24	28,06	21,91	17,97	15,23	155,18	4,16
Piemonte Norte do Itapicuru	23,22	31,40	23,90	19,29	16,17	177,99	4,55
Portal do Sertão	18,45	25,96	20,61	17,09	14,59	141,44	3,91
Recôncavo	19,42	27,10	21,32	17,58	14,95	148,89	4,05
Semiárido Nordeste II	20,03	27,81	21,76	17,87	15,16	153,55	4,13
Sertão do São Francisco	18,50	26,02	20,65	17,11	14,61	141,84	3,92
Sertão Produtivo	19,93	27,70	21,69	17,83	15,13	152,82	4,12
Sisal	18,96	26,56	20,99	17,35	14,78	145,35	3,98
Vale do Jequiriçá	17,97	25,39	20,25	16,84	14,41	137,78	3,84
Velho Chico	19,96	27,73	21,71	17,84	15,14	152,99	4,12
Vitória da Conquista	18,64	26,19	20,75	17,19	14,67	142,91	3,94
TOTAL	**20,11**	**27,91**	**21,82**	**17,91**	**15,19**	**154,21**	**4,14**

Quadro 168 - Projeção da Frota de Reboque e Semirreboque

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2015	2020	2025	2030	2035
Bacia do Jacuípe	547	709	871	1.033	1.195
Bacia do Paramirim	368	496	625	753	882
Bacia do Rio Corrente	361	463	566	669	771
Bacia do Rio Grande	5.745	7.495	9.245	10.995	12.745
Baixo Sul	361	459	558	656	755
Chapada Diamantina	622	812	1.001	1.190	1.379
Costa do Descobrimento	2.191	2.840	3.488	4.137	4.786
Extremo Sul	2.842	3.669	4.496	5.323	6.150
Irecê	431	549	668	786	904
Itaparica	455	559	663	767	870
Litoral Norte e Agreste Baiano	2.420	3.084	3.748	4.412	5.077
Litoral Sul	3.046	3.881	4.717	5.553	6.389
Médio Rio de Contas	960	1.209	1.458	1.707	1.957
Médio Sudoeste da Bahia	387	493	598	704	809
Metropolitano de Salvador	21.724	27.845	33.967	40.088	46.210
Piemonte da Diamantina	620	762	903	1.045	1.186
Piemonte do Paraguaçu	410	525	640	755	870
Piemonte Norte do Itapicuru	715	939	1.164	1.388	1.612
Portal do Sertão	6.644	8.368	10.093	11.818	13.542
Recôncavo	2.578	3.277	3.976	4.675	5.373
Semiárido Nordeste II	653	835	1.016	1.198	1.379
Sertão do São Francisco	1.142	1.440	1.737	2.034	2.331
Sertão Produtivo	1.895	2.420	2.945	3.470	3.995
Sisal	1.182	1.497	1.811	2.125	2.439
Vale do Jequiriçá	400	501	603	705	806
Velho Chico	536	685	834	982	1.131
Vitória da Conquista	2.580	3.256	3.932	4.608	5.283
TOTAL	**61.816**	**79.068**	**96.321**	**113.574**	**130.827**

Quadro 169 - Taxas de Crescimento Acumuladas da Frota de Outros Veículos (%)

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2013 A 2015 (3 anos)	2016 A 2020 (5 anos)	2021 A 2025 (5 anos)	2026 A 2030 (5 anos)	2031 A 2035 (5 anos)	2013 A 2035 (23 anos)	2013 A 2035 (média anual)
Bacia do Jacuípe	18,88	26,47	20,93	17,31	14,75	144,76	3,97
Bacia do Paramirim	25,05	33,39	25,03	20,02	16,68	192,07	4,77
Bacia do Rio Corrente	20,16	27,97	21,85	17,93	15,21	154,59	4,15
Bacia do Rio Grande	24,76	33,08	24,86	19,91	16,60	189,86	4,74
Baixo Sul	25,32	33,67	25,19	20,12	16,75	194,08	4,80
Chapada Diamantina	22,74	30,88	23,59	19,09	16,03	174,35	4,49
Costa do Descobrimento	24,52	32,82	24,71	19,81	16,54	187,96	4,71
Extremo Sul	24,77	33,08	24,86	19,91	16,60	189,87	4,74
Irecê	24,44	32,73	24,66	19,78	16,52	187,38	4,70
Itaparica	22,18	30,25	23,23	18,85	15,86	170,03	4,42
Litoral Norte e Agreste Baiano	25,58	33,95	25,34	20,22	16,82	196,09	4,84
Litoral Sul	23,03	31,20	23,78	19,21	16,12	176,60	4,53
Médio Rio de Contas	19,36	27,04	21,28	17,55	14,93	148,46	4,04
Médio Sudoeste da Bahia	25,68	34,06	25,40	20,26	16,85	196,88	4,85
Metropolitano de Salvador	23,43	31,64	24,03	19,38	16,23	179,62	4,57
Piemonte da Diamantina	24,16	32,43	24,49	19,67	16,44	185,21	4,66
Piemonte do Paraguaçu	22,86	31,01	23,67	19,14	16,07	175,28	4,50
Piemonte Norte do Itapicuru	20,44	28,28	22,05	18,07	15,30	156,70	4,19
Portal do Sertão	24,63	32,93	24,78	19,86	16,57	188,81	4,72
Recôncavo	23,37	31,57	24,00	19,35	16,21	179,17	4,57
Semiárido Nordeste II	22,13	30,21	23,20	18,83	15,85	169,70	4,41
Sertão do São Francisco	24,71	33,03	24,83	19,89	16,59	189,46	4,73
Sertão Produtivo	23,66	31,89	24,18	19,47	16,30	181,39	4,60
Sisal	21,56	29,56	22,82	18,58	15,67	165,30	4,34
Vale do Jequiriçá	24,76	33,07	24,85	19,91	16,60	189,79	4,74
Velho Chico	22,19	30,26	23,23	18,85	15,86	170,09	4,42
Vitória da Conquista	23,10	31,27	23,82	19,24	16,13	177,08	4,53
TOTAL	**23,59**	**31,81**	**24,13**	**19,44**	**16,28**	**180,83**	**4,59**

Quadro 170 - Projeção da Frota de Outros Veículos

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2015	2020	2025	2030	2035
Bacia do Jacuípe	53	68	82	96	110
Bacia do Paramirim	75	100	125	150	175
Bacia do Rio Corrente	87	111	135	159	183
Bacia do Rio Grande	1.299	1.728	2.158	2.588	3.017
Baixo Sul	150	201	252	302	353
Chapada Diamantina	150	196	242	288	335
Costa do Descobrimento	575	764	953	1.142	1.330
Extremo Sul	532	707	883	1.059	1.235
Irecê	256	340	424	508	592
Itaparica	111	145	178	212	246
Litoral Norte e Agreste Baiano	681	912	1.143	1.374	1.605
Litoral Sul	732	960	1.189	1.417	1.646
Médio Rio de Contas	332	422	511	601	691
Médio Sudoeste da Bahia	138	185	232	279	327
Metropolitano de Salvador	14.888	19.598	24.308	29.018	33.728
Piemonte da Diamantina	120	159	199	238	277
Piemonte do Paraguaçu	102	134	165	197	228
Piemonte Norte do Itapicuru	194	249	304	358	413
Portal do Sertão	1.746	2.321	2.896	3.471	4.046
Recôncavo	564	742	920	1.098	1.276
Semiárido Nordeste II	132	172	212	251	291
Sertão do São Francisco	399	531	663	794	926
Sertão Produtivo	401	528	656	784	912
Sisal	208	269	331	392	454
Vale do Jequiriçá	100	133	166	199	232
Velho Chico	210	274	337	401	465
Vitória da Conquista	1.093	1.435	1.777	2.119	2.460
TOTAL	**25.328**	**33.384**	**41.440**	**49.497**	**57.553**

Projeção do PIB

O PIB foi projetado com base na moeda de 2012, considerando-se a seguinte evolução para o IPCA - IBGE:

- Variação do IPCA em 2013: 5,6%;
- Variação do IPCA em 2014: 5,1%;
- Variação do IPCA em 2015: 4,8%;
- Variação anual do IPCA no período de 2016 a 2020: 4,0% aa;
- Variação anual do IPCA a partir de 2021: 3,5% aa.

Quadro 171 - Taxas de Crescimento Acumuladas do PIB a Preços de 2012 (%)

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2013 A 2015 (3 anos)	2016 A 2020 (5 anos)	2021 A 2025 (5 anos)	2026 A 2030 (5 anos)	2031 A 2035 (5 anos)	2013 A 2035 (23 anos)
Bacia do Jacuípe	16,98	30,72	32,83	25,50	32,83	258,39
Bacia do Paramirim	11,49	20,67	22,62	17,72	22,62	148,05
Bacia do Rio Corrente	15,58	28,14	30,20	23,51	30,20	226,89
Bacia do Rio Grande	13,86	24,97	26,99	21,06	26,99	191,38
Baixo Sul	27,61	51,12	53,56	40,93	53,56	598,28
Chapada Diamantina	17,33	31,38	33,50	26,00	33,50	266,73
Costa do Descobrimento	19,82	36,06	38,25	29,58	38,25	330,79
Extremo Sul	11,16	20,07	22,01	17,25	22,01	142,41
Irecê	11,49	20,67	22,62	17,72	22,62	148,05
Itaparica	3,44	6,49	8,21	6,52	8,21	39,58
Litoral Norte e Agreste Baiano	10,49	18,88	20,79	16,31	20,79	131,51
Litoral Sul	6,59	11,95	13,76	10,86	13,76	75,67
Médio Rio de Contas	12,84	23,11	25,10	19,62	25,10	171,95
Médio Sudoeste da Bahia	18,39	33,37	35,51	27,52	35,51	292,92
Metropolitano de Salvador	11,83	21,28	23,23	18,19	23,23	153,82
Piemonte da Diamantina	18,74	34,03	36,19	28,03	36,19	302,06
Piemonte do Paraguaçu	15,93	28,78	30,85	24,00	30,85	234,49
Piemonte Norte do Itapicuru	13,18	23,73	25,72	20,10	25,72	178,28
Portal do Sertão	26,47	48,87	51,27	39,25	51,27	551,72
Recôncavo	7,23	13,08	14,90	11,75	14,90	83,94
Semiárido Nordeste II	17,68	32,04	34,17	26,51	34,17	275,26
Sertão do São Francisco	9,18	16,52	18,40	14,47	18,40	111,16
Sertão Produtivo	15,23	27,50	29,55	23,01	29,55	219,45
Sisal	13,18	23,73	25,72	20,10	25,72	178,28
Vale do Jequiriçá	10,16	18,28	20,19	15,85	20,19	126,24
Velho Chico	7,23	13,08	14,90	11,75	14,90	83,94
Vitória da Conquista	20,54	37,43	39,64	30,62	39,64	351,07
TOTAL	**13,30**	**24,55**	**27,39**	**22,13**	**29,28**	**198,16**

Quadro 172 - Taxas de Crescimento Anual do PIB a Preços de 2012 (%)

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2013 A 2015 (3 anos)	2016 A 2020 (5 anos)	2021 A 2025 (5 anos)	2026 A 2030 (5 anos)	2031 A 2035 (5 anos)	2013 A 2035 (23 anos)
Bacia do Jacuípe	5,37	5,50	5,84	5,84	5,84	5,71
Bacia do Paramirim	3,69	3,83	4,16	4,16	4,16	4,03
Bacia do Rio Corrente	4,94	5,08	5,42	5,42	5,42	5,29
Bacia do Rio Grande	4,42	4,56	4,89	4,89	4,89	4,76
Baixo Sul	8,47	8,61	8,96	8,96	8,96	8,82
Chapada Diamantina	5,47	5,61	5,95	5,95	5,95	5,82
Costa do Descobrimento	6,21	6,35	6,69	6,69	6,69	6,56
Extremo Sul	3,59	3,73	4,06	4,06	4,06	3,93
Irecê	3,69	3,83	4,16	4,16	4,16	4,03
Itaparica	1,13	1,27	1,59	1,59	1,59	1,46
Litoral Norte e Agreste Baiano	3,38	3,52	3,85	3,85	3,85	3,72
Litoral Sul	2,15	2,28	2,61	2,61	2,61	2,48
Médio Rio de Contas	4,11	4,25	4,58	4,58	4,58	4,45
Médio Sudoeste da Bahia	5,79	5,93	6,27	6,27	6,27	6,13
Metropolitano de Salvador	3,80	3,93	4,27	4,27	4,27	4,13
Piemonte da Diamantina	5,89	6,03	6,37	6,37	6,37	6,24
Piemonte do Paraguaçu	5,05	5,19	5,53	5,53	5,53	5,39
Piemonte Norte do Itapicuru	4,21	4,35	4,68	4,68	4,68	4,55
Portal do Sertão	8,14	8,28	8,63	8,63	8,63	8,50
Recôncavo	2,35	2,49	2,82	2,82	2,82	2,69
Semiárido Nordeste II	5,58	5,72	6,05	6,05	6,05	5,92
Sertão do São Francisco	2,97	3,11	3,44	3,44	3,44	3,30
Sertão Produtivo	4,84	4,98	5,31	5,31	5,31	5,18
Sisal	4,21	4,35	4,68	4,68	4,68	4,55
Vale do Jequiriçá	3,28	3,42	3,75	3,75	3,75	3,62
Velho Chico	2,35	2,49	2,82	2,82	2,82	2,69
Vitória da Conquista	6,42	6,56	6,91	6,91	6,91	6,77
TOTAL	**4,25**	**4,49**	**4,96**	**5,11**	**5,27**	**4,87**

Quadro 173 - Projeções do PIB a Preços de Mil de Reais de 2012

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	2015	2020	2025	2030	2035
Bacia do Jacuípe	1.434.049	1.874.656	2.490.122	3.307.652	4.393.585
Bacia do Paramirim	822.045	991.995	1.216.369	1.491.492	1.828.843
Bacia do Rio Corrente	2.351.847	3.013.565	3.923.683	5.108.662	6.651.514
Bacia do Rio Grande	8.904.941	11.128.719	14.131.918	17.945.562	22.788.356
Baixo Sul	4.556.903	6.886.521	10.574.790	16.238.416	24.935.355
Chapada Diamantina	3.235.602	4.250.930	5.674.853	7.575.744	10.113.371
Costa do Descobrimento	5.033.824	6.849.000	9.468.870	13.090.888	18.098.396
Extremo Sul	5.785.039	6.946.222	8.474.865	10.339.915	12.615.403
Irecê	2.452.459	2.959.481	3.628.868	4.449.660	5.456.101
Itaparica	2.760.154	2.939.412	3.180.748	3.441.899	3.724.491
Litoral Norte e Agreste Baiano	7.374.434	8.766.539	10.589.352	12.791.179	15.450.830
Litoral Sul	8.108.867	9.078.246	10.327.269	11.748.138	13.364.497
Médio Rio de Contas	3.974.470	4.893.042	6.120.973	7.657.059	9.578.632
Médio Sudoeste da Bahia	2.387.603	3.184.237	4.315.097	5.847.573	7.924.296
Metropolitano de Salvador	87.264.047	105.832.893	130.421.075	160.721.836	198.062.380
Piemonte da Diamantina	1.930.812	2.587.943	3.524.611	4.800.293	6.537.690
Piemonte do Paraguaçu	1.900.531	2.447.473	3.202.600	4.190.709	5.483.682
Piemonte Norte do Itapicuru	2.253.849	2.788.663	3.505.976	4.407.801	5.541.597
Portal do Sertão	15.519.382	23.104.155	34.950.031	52.869.481	79.976.524
Recôncavo	15.871.312	17.947.235	20.621.680	23.694.663	27.225.573
Semiárido Nordeste II	2.814.565	3.716.307	4.986.016	6.689.534	8.975.073
Sertão do São Francisco	4.659.984	5.429.977	6.429.146	7.612.173	9.012.888
Sertão Produtivo	3.806.894	4.853.676	6.288.002	8.146.189	10.553.495
Sisal	3.549.910	4.392.265	5.522.066	6.942.479	8.728.258
Vale do Jequiriçá	2.081.460	2.462.045	2.959.142	3.556.604	4.274.696
Velho Chico	2.112.085	2.388.340	2.744.244	3.153.183	3.623.061
Vitória da Conquista	8.252.692	11.341.428	15.837.319	22.115.440	30.882.291
TOTAL	**211.199.759**	**263.054.963**	**335.109.684**	**429.934.222**	**555.800.878**


transplan
planejamento e projetos s.a


CONCREMAT
engenharia


APPE
ASSESSORIA PARA
PROJETOS ESPECIAIS